

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SPORT CLUB  
INTERNACIONAL (1997-2002)**

**FRANCISCO XAVIER FREIRE RODRIGUES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Porto Alegre, 2003**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FRANCISCO XAVIER FREIRE RODRIGUES

A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SPORT CLUB  
INTERNACIONAL (1997-2002)

Dissertação de Mestrado em sociologia  
apresentada como requisito parcial para obtenção  
do título de Mestre em Sociologia no Programa de  
Pós-Graduação em Sociologia da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Enno D. Liedke Filho

Porto Alegre, 2003

FRANCISCO XAVIER FREIRE RODRIGUES

A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SPORT CLUB INTERNACIONAL  
(1997-2002)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Dissertação aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Carlos dos Anjos  
PPGS/IFCH/UFRGS

---

Prof. Dr. Benedito Tadeu Cesar  
PPGCP/IFCH/UFRGS

---

Prof. Dr. Élio Salvador Carravetta  
PPGCMH/ESEF/UFRGS  
PPGTD/IPA

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho....

... a João e Socorro, meus amados pais.

.... a Manuel, Netinha, Assis, Joãozinho, Saúde,  
Francisco, Damião, Damiana, Raimundo, Cornélio e  
Janaína, meus queridos irmãos.

... a Thaís, Tássia, Marcos Santos, Nunes, Nicolás, Aline,  
Amanda e Emanuele, meus amados e inesquecíveis  
sobrinhos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos inúmeros conselheiros que obtive ao longo deste processo de aprendizagem.

Aos meus pais, João e Socorro, de quem herdei a vida e a coragem de construir caminhos na busca por uma vida melhor, pelo apoio sem o qual não seria possível a realização deste trabalho.

Aos meus irmãos, Manuel, Netinha, Assis, Joãozinho, Saúde, Francisco, Damião, Damiana, Raimundo, Cornélio e Janaína, pelo apoio, virtual, mas permanente ao longo desses dois anos, eles me deram coragem e incentivo nas horas difíceis.

Aos professores do PPGS/UFRGS, pelas aulas e orientações de como seguir na aventura de produzir conhecimento sociológico.

Ao meu orientador, professor Enno Liedke Filho, que além das magníficas e insubstituíveis orientações, soube ampliar suas funções, não se limitando as contribuições de ordem acadêmica.

Aos colegas de mestrado que, neste percurso de dois anos, souberam me estimular, apresentando novos roteiros, sobretudo nos momentos em que a empreitada parecia desconfortável. Agradeço especialmente ao amigo gremista Cesar, pela amizade e pelas observações críticas ao trabalho, desde de sua fase de projeto.

Aos professores José Carlos dos Anjos e Benedito Tadeu Cesar, pelas valiosas arguições nas ocasiões de defesa do projeto e da dissertação.

Ao professor Elio Carravetta, por ter me acolhido como pesquisador no SC Internacional, além de me conceder materiais importantíssimos ao desenvolvimento da pesquisa.

Ao SC Internacional, pela recepção franca e respeitosa, demonstrando que além de uma entidade futebolística, é uma instituição comprometida com a dimensão pedagógica e civilizatória do futebol, o motivou ainda mais meu interesse em investigar o processo de formação profissional do jogador.

A CAPES, pelo financiamento dos meus estudos, através da concessão de um bolsa durante dois anos, sem a qual não seria possível a realização deste trabalho.

A UFRGS e ao PPGS/UFRGS, pela oportunidade a mim concedida de cursar uma pós-graduação de qualidade.

## RESUMO

O trabalho investiga o processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional (1997-2002) sob o modelo globalista, desnaturalizando a profissão como resultado apenas de “vocação” e “dom”. Verifica o nível sócio-econômico-educacional dos jogadores. Identifica os critérios técnicos e sociais na seleção de jogadores que ingressam no clube, bem como as fontes sociais das motivações e expectativas profissionais dos atletas. Analisa a concepção dos jogadores sobre o fim do “Passe”. As motivações profissionais são: possibilidade de ganhar altos salários, jogar na seleção brasileira, incentivo da família e dom. As expectativas são jogar no (a/s): profissionais do Internacional, seleção brasileira, futebol do eixo Rio-São Paulo e exterior. Habilidade, força física, estatura elevada, capacidade técnica e disposição de treinamentos são critérios para se tornar jogador de futebol. A pesquisa revela que a formação do jogador consiste num processo de ensino-aprendizagem teórico-prático, disciplinado por meio de treino físicos, técnicos e táticos e aprimoramento do talento. Não se trata apenas do despertar e lapidar aptidões e atributos naturais (dom, vocação). Constitui um processo civilizatório de incorporação de um *habitus* futebolístico típico deste clube. As duas concepções dominantes entre os atletas sobre o fim do “Passe” são antagônicas: (1) liberdade de trabalho e (2) desemprego.

**Palavras-chave:** Futebol, formação profissional, Jogador de futebol, SC Internacional.

## ABSTRACT

The work investigates the process of the soccer player's formation in International SC (1997-2002) under the model global, denaturalizing the profession as just resulted of "vocation" and "talent". It verifies the partner-economical-education level of the players. It identifies the technical and social criteria in the players' selection that enter in the club, as well as the social sources of the motivations and the athletes' professional expectations. It analyzes the players' conception on the end of the "Pass". The professional motivations are: possibility to win high wages, to play in the Brazilian selection, incentive of the family and talent. The expectations are to play in the: professionals of the International, Brazilian selection, soccer of the Rio-São Paulo area and external. Ability, forces physics, high stature, technical capacity and disposition of trainings are criteria to turn soccer player. The research reveals that the player's formation consists of a theoretical-practical teaching-learning process, disciplined through training physicists, technicians and tactical and improvement of the talent. It is not just treated of the awakening and to cut the natural aptitudes and attributes (talent, vocation). It constitutes a process civilizing of incorporation of a habitus typical futebolístico of this club. The two dominant conceptions among the athletes on the end of the "Pass" are antagonistic: (1) work freedom and (2) unemployment.

**Keywords:** Soccer, professional formation, soccer player, International SC.

## SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS .....	12
INTRODUÇÃO.....	14
1 POR UMA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	21
<b>1.1 Um breve relato histórico sobre o futebol no Brasil.....</b>	<b>21</b>
1.1.1 Os primeiros chutes: os clubes urbanos e ingleses.....	21
1.1.2 Amadorismo e elitismo: futebol como distinção social.....	23
1.1.3 Democratização e profissionalismo.....	24
1.1.4 Consagração do “estilo brasileiro” de jogar futebol.....	25
1.1.5 Modernização e comercialização do futebol.....	27
<b>1.2 O que as ciências sociais brasileiras têm a dizer sobre futebol.....</b>	<b>28</b>
1.2.1 Os primeiros estudos: os clássicos.....	29
1.2.2 A produção recente: autores e temas.....	34
1.2.3 Correntes teóricas e desafios teórico-metodológicos.....	40
1.2.4 Lacuna na literatura.....	44
2 SOCIOLOGIA DO ESPORTE, SOCIOLOGIA DO TRABALHO E TEORIA SOCIAL .....	46
<b>2.1 A sociologia do esporte.....</b>	<b>46</b>
2.1.1 A construção social do esporte moderno.....	48
2.1.2 Do <i>homos ludens</i> ao <i>homos economicus</i> : esporte-lazer e esporte profissional.....	50
2.1.3 Jogo é jogo, treino é treino.....	52
<b>2.2 Teoria social e a análise do esporte.....</b>	<b>55</b>
2.2.1 A construção social da corporalidade.....	55
2.2.2 Disciplina, poder e corpo: notas sobre a teoria de Michel Foucault.....	59
2.2.2.1 Poder e corpo.....	59
2.2.2.2 Disciplina e a produção do corpo na modernidade.....	60
2.2.2.3 A produção social do soldado e do jogador de futebol.....	62
2.2.3 Campo e <i>habitus</i> : aplicando a teoria de Bourdieu à análise do futebol.....	63
2.2.3.1 Conceito de campo.....	63
2.2.3.2 <i>Habitus</i> – conceituação.....	65

2.2.3.3 Autonomização do campos artístico e futebolístico: profissionalização do artista e do jogador de futebol.....	66
2.2.4 Desporto e civilização: a perspectiva de Norbert Elias e Eric Dunning.....	68
2.2.5 Dom e vocação: o cientista e o jogador de futebol.....	70
<b>2.3 A sociologia do trabalho aplicada ao futebol.....</b>	<b>73</b>
2.3.1 Formação profissional na perspectiva da sociologia do trabalho.....	73
<b>2.4 Futebol: um caso específico de profissionalização?.....</b>	<b>75</b>
2.4.1 A teoria mecanicista.....	76
2.4.2 A teoria globalista.....	76
<b>3 PROFISSIONALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO..</b>	<b>80</b>
<b>3.1 Profissionalização no futebol brasileiro.....</b>	<b>80</b>
3.2 Modernização no futebol brasileiro.....	84
3.2.1 O Estado brasileiro e o futebol.....	85
3.2.2 O Clube dos Treze.....	89
3.2.3 A Lei Zico.....	90
3.2.4 A Lei Pelé.....	92
<b>3.3 O futebol científico no Brasil.....</b>	<b>93</b>
3.3.1 A Copa do Mundo de 1966: o futebol-força e a crise do futebol-arte.....	96
3.4 Os centros de treinamentos e o jogador de laboratório.....	98
3.5 Manuais de conduta: o jogador disciplinar.....	101
3.6 Futebol se aprende na escola.....	103
<b>4 MODERNIZAÇÃO E FUTEBOL CIENTÍFICO NO SPORT CLUB INTERNACIONAL.....</b>	<b>110</b>
4.1 O Sport Club Internacional: um breve histórico.....	110
4.1.1 A fundação do Sport Club Internacional.....	110
4.1.2 O princípio democrático: aceitação de jogadores negros.....	111
4.1.3 Democracia e profissionalização: o caso Tesourinha.....	113
4.2 O processo de modernização no Sport Club Internacional.....	116
4.2.1 O futebol científico chega ao Beira-Rio.....	116

4.2.2 A intervenção da psicologia na formação de jogadores.....	117
4.2.3 Os projeto do “Super Coordenador Técnico” João Paulo Medina.....	118
4.2.4 Novos modelos de treinamento.....	118
4.3 A escolinha de futebol do Sport Club Internacional.....	121
<b>4.4 O sistema holístico de recrutamento e formação de jogadores: Comparando o SC Internacional e o Ajax F.C.....</b>	<b>124</b>
<b>5 A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SC INTERNACIONAL.....</b>	<b>129</b>
5.1 Elementos do processo de formação do jogador de futebol.....	129
5.1.1 Idade dos jogadores.....	129
5.1.2 Categorias.....	130
5.1.3 Escolaridade dos jogadores e dos pais.....	131
5.1.3.1 Escolaridade dos jogadores.....	131
5.1.3.2 Escolaridade dos pais dos jogadores.....	133
5.1.4 Renda familiar e do jogador.....	134
5.1.5 Concepção dos jogadores sobre aprendizagem de futebol.....	136
5.1.6 Motivação profissional.....	141
5.1.7 Expectativa profissional.....	143
5.2 Mecanismos de seleção e agenciamento de jogadores.....	145
5.2.1 Seleção de talentos para categorias de base: as peneiras.....	147
5.2.2 Seleção para reforço da equipe profissional: as contratações.....	147
5.2.3 Concepção dos jogadores sobre os critérios para se tornar jogador de futebol..	148
5.3 Poder e controle no processo de formação do jogador de futebol.....	150
5.3.1 Sacrifícios na formação do jogador de futebol.....	150
5.3.2 Mecanismos de disciplinamento do jogador de futebol.....	152
5.3.3 Punições.....	154
5.3.4 O passe como mecanismo de controle: a visão dos jogadores sobre o fim do passe.....	155
5.4 O sistema holístico e o novo jogador de futebol no SC Internacional.....	159
5.4.1 Os novos modelos de treinamento, o cine-vídeo, a psicologia e o serviço social.....	159

5.4.2 Relação técnico-jogador.....	160
5.4.3 Esquemas táticos.....	161
5.4.4 Dom e aprendizagem.....	163
5.4.5 A construção do <i>habitus</i> futebolístico do Sport Club Internacional.....	165
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>180</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>190</b>

## LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Gráfico 01: Níveis de idade.....	129
Gráfico 02: Idade dos atletas.....	129
Gráfico 03: Categorias.....	130
Gráfico 04: Grau de escolaridade dos atletas.....	131
Gráfico 05: Níveis de escolaridade.....	131
Gráfico 06: Escolaridade dos pais.....	133
Gráfico 07: Escolaridade das mães.....	133
Gráfico 08: Renda dos pais.....	134
Gráfico 09: Renda do atleta.....	134
Gráfico 10: Concepção geral sobre aprendizagem de futebol.....	137
Gráfico 11: Aprendizagem de futebol.....	137
Gráfico 12: Motivação Profissional.....	145
Gráfico 13: Expectativa Profissional.....	148
Gráfico 14: Mecanismo de Agenciamento.....	150
Gráfico 15: Critérios de Seleção.....	152
Gráfico 16: Critérios de Seleção de Jogadores.....	152
Gráfico 17: Sacrifícios na Formação do Jogador.....	154
Gráfico 18: Mecanismo de Disciplinamento.....	156
Gráfico 19: Tipo de Punição.....	158
Gráfico 20: Avaliação do Fim do Passe.....	160
Gráfico 21: Visão Geral sobre o Fim do Passe.....	160
Gráfico 22: Relação Técnico-Jogador.....	165
Gráfico 23: Método de Trabalho do Técnico.....	166
Gráfico 24: Esquema Tático.....	166
Gráfico 25: Dom, Disciplinamento e Técnica no SC Internacional.....	168
Gráfico 26: Dom e Disciplinamento no SC Internacional.....	168
Gráfico 27: <i>Habitus</i> Futebolístico do Sc Internacional.....	171
Gráfico 28: Estilo de Jogo do SC Internacional.....	171
Quadro 01: Mapa Histórico-Sociológico do Futebol Brasileiro.....	25
Quadro 02: Homo Ludens e Homo Economicus.....	51
Quadro 03: Média Salarial no Futebol Brasileiro - 1997.....	68
Quadro 04: Escolinha de Futebol.....	129

Quadro 05: Renda do Atleta e Renda Familiar.....	140
Quadro 06: Nº de Jogadores e Faixa Salarial no Futebol Brasileiro – 2001.....	146
Tabela 01: Níveis de escolaridade e escolinha de futebol.....	190
Tabela 02: Categoria e concepção aprendizagem de futebol .....	191
Tabela 03: Categoria e aprendizagem de futebol.....	191
Tabela 04: Escolinha de futebol e período no SC Internacional.....	192
Tabela 05: Motivação profissional.....	193
Tabela 06: Expectativa profissional.....	193
Tabela 07: Escolinha de futebol e expectativa profissional.....	194
Tabela 08: Mecanismo de agenciamento de atletas.....	194
Tabela 09: Critérios de seleção .....	195
Tabela 10: Sacrifícios na formação do jogador de futebol.....	195
Tabela 11: Punições.....	196
Tabela 12: Visão geral do fim do passe.....	197
Tabela 13: Categoria e concepção sobre fim do passe.....	198
Tabela 14: Modelos de treinamento.....	198
Tabela 15: Nova estrutura do futebol no SC Internacional.....	199
Tabela 16: Estrutura globalista.....	199
Tabela 17: Modernização do departamento de futebol.....	200
Tabela 18: Dom e aprendizagem de futebol no SC Internacional.....	200
Tabela 19: Marca do SC Internacional no futebol brasileiro.....	201

## INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa investigou a formação profissional do jogador<sup>1</sup> de futebol no Sport Club Internacional, no qual foi adotada em 1997 a perspectiva da teoria globalista<sup>2</sup> no processo de recrutamento e formação de jogadores.

O Sport Clube Internacional foi fundado no dia 4 de abril de 1909, na casa de João Leopoldo Serafim, na Avenida Redenção, 141, atualmente João Pessoa, número 211, em Porto Alegre – RS. No ato de fundação estavam presentes os irmãos Henrique Poppe, José Poppe, Luiz Poppe e mais 40 pessoas. O primeiro presidente do clube foi João Leopoldo Seferin, um jovem de apenas 18 anos, funcionário da Farmácia Fischer. No dia 4 de abril de 1909, os três jovens irmãos comerciantes paulistas realizam esta reunião aberta com o objetivo de formar um time<sup>3</sup> de futebol, ou *football*, como era chamado na época. Henrique Poppe Leão, José Thomáz Poppe Leão e Luiz Madeira Poppe não eram aceitos como jogadores em outros clubes de Porto Alegre – RS pelo fato de serem paulistas e não pertencerem à elite local. Por isso decidiram fundar seu próprio time (BRAGA, 2000, p. 15-18, OSTERMANN, 1999). Da reunião de fundação participaram comerciários, estudantes, operários, funcionários públicos, gente de todas as classes sociais. Era o nascimento do “clube do povo” do Rio Grande do Sul, o Sport Club Internacional (OSTERMANN, 1999, p.18-19).

No dia 11 de abril de 1909 aconteceu a reunião na qual foi escolhido o nome do time. Devido ao fato de os irmãos Poppe serem paulistas e torcedores do Internacional paulista, o novo time veio a ser chamado Internacional. As cores escolhidas foram o vermelho e o branco, sendo a primeira camisa listrada na vertical (INTER 80- Gigante da Felicidade, s.d.).

O primeiro campo do Internacional localizava-se na Rua Arlindo. Em 1910 passa para a Várzea e depois, em 1931, para a Chácara dos Eucaliptos no Menino Deus. Em abril de 1969, foi inaugurado o Estádio do Beira-Rio, construído numa área publicada aterrada

---

<sup>1</sup> O termo jogador é frequentemente usado para designar todos os praticantes do futebol, sem distinção entre amador ou profissional. Já atleta, costuma ser utilizado para designar o indivíduo que se submete aos exercícios e treinamentos constantes com a finalidade de se tornar profissional do esporte. No entanto, nesta pesquisa, jogador e atleta foram tomados como sinônimos, tendo o mesmo sentido.

<sup>2</sup> Globalista e holismo são expressões utilizadas como sinônimos neste trabalho, ambas designam a teoria que orienta o novo sistema de formação e preparação de jogadores de futebol no SC Internacional a partir de 1997 e no Ajax FC, caracterizado sobretudo pela preocupação com uma formação ampla do jogador, o jogador cidadão, tendo como base um trabalho multidisciplinar.

<sup>3</sup> Neste trabalho, optamos por utilizar as expressões “time” e “clube” como sinônimos. Tais palavras serão utilizadas no sentido de associações esportivas, equipes de futebol, clubes esportivos e/ou entidade futebolística.

próximo ao Rio Guaíba, com doações da torcida e de jogadores. Sua capacidade é de 85 mil torcedores (DIENSTMANN e DENARDIN, 1999, p.151).

Dentro do cenário futebolístico nacional, o SC Internacional se apresenta como um grande clube, tendo sido três vezes campeão do campeonato brasileiro (1975, 1976 e 1979) e uma vez campeão da Copa do Brasil (1992). Sua tradição e o reconhecimento no futebol brasileiro se devem aos títulos conquistados e à tradicional revelação de novos jogadores talentosos para o futebol nacional e mesmo internacional. Entre os principais jogadores oriundos das categorias de base do SC Internacional encontram-se Falcão, Dunga, André, Taffarel, entre outros.

Atualmente, o trabalho nas categorias de base<sup>4</sup> do plantel do clube tem se tornado exemplo para outros clubes nacionais. O clube possui aproximadamente 1.200 jovens nas categorias de base, sendo que entre eles 350 treinam nas seleções. Estima-se que cada um dos 350 atletas corresponde a um gasto de em média R\$ 2,5 mil por mês, com alimentação, transporte, educação, saúde e outros serviços. O SC Internacional abriga também 70 jovens atletas, oriundos do interior do estado ou de outros estados brasileiros no alojamento do Beira-Rio. Com oito campos de treinamentos, o Complexo Beira-Rio é um dos melhores do país. Os gastos anuais com as categorias de base chegam a 11 milhões de reais<sup>5</sup> (<http://www.internacional.com.br>, acesso em 10/09/2001).

Sob a coordenação do professor Élio Carravetta, no SC Internacional desde 1997 as categorias de base do Internacional têm produzido grandes revelações no futebol, como André, Argel, Fábio Rochemback e outros. Este último rendeu ao clube cerca de 11, 7 milhões<sup>6</sup> pelo seu passe vendido ao Barcelona da Espanha em 2001.

O ano de 1997 marca o início de um novo projeto de formação de atletas no SC Internacional. Na gestão do presidente Pedro Paulo Záchia, o coordenador de futebol João Paulo Medina implanta um programa de trabalho inovador que busca articular diferentes disciplinas na formação de equipes e no treinamento de jogadores. Trata-se de um trabalho interdisciplinar envolvendo comissões técnicas e comissões de apoio, como psicólogos, assistentes sociais, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, objetivando a construção global do

---

<sup>4</sup> Categorias de Base são as categorias amadoras de jogadores, geralmente formadas por jovens atletas em formação. As categorias escolinha, infantil, juvenil e júnior formam as categorias de base.

<sup>5</sup> Dados fornecidos pela InterCentre: Centro de Informação e Formação em Futebol, Sport Club Internacional (2001).

<sup>6</sup> Dados da InterCenter: Centro de Informação e Formação em Futebol, Sport Club Internacional (2001).

jogador, tendo como objetivo principal desenvolver as diferentes dimensões do atleta: psicológica, relacional, cultural, cognitiva, técnica e física. É um esforço educativo/civilizatório e disciplinador, tendo a teoria globalista de treinamento esportivo como orientação deste novo trabalho de formação de jogadores no SC Internacional.

Os programas de treinamentos são elaborados com a participação de todos os setores envolvidos na produção do espetáculo futebolístico. Mudou a concepção de jogador na política de formação do SC Internacional, sendo este a partir de então considerado um ser cognoscitivo, dotado de competência e autonomia para tomar decisões em situações novas. A noção de polivalência do jogador também é contemplada como central neste projeto. A meta do SC Internacional passa a ser formar um jogador e um cidadão inteligente e não apenas uma simples força de trabalho, dando-se mais ênfase ao papel educativo geral do futebol. Este programa requer o desenvolvimento das diversas dimensões do ser humano: técnicas, habilidades, emoção, criatividade, política e cultural. Retomaremos esta discussão posteriormente.

O nosso objeto de estudo foi o processo de formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional no período de 1997 a 2002 sob orientação do modelo globalista, implantada naquela data.

Nosso intuito foi mostrar que existe um processo de ensino-aprendizagem na formação do jogador de futebol, desnaturalizando as noções de dom e de vocação como cerne da profissão de jogador de futebol, típicas do modelo tradicional (mecanicista) de treinamento/formação de jogadores anterior ao modelo globalista..

O objetivo principal do presente trabalho consistiu em investigar o significado sócio-profissional do processo de formação do jogador no SC Internacional (1997-2002) sob orientação da teoria globalista, desnaturalizando a profissão como resultado apenas de “vocação” e “dom”. Pretendeu-se: (a) explicar o processo de formação profissional do jogador de futebol, mostrando que se trata de ensino-aprendizagem, disciplinamento e aprimoramento do talento e não apenas de despertar e lapidar as aptidões naturais (dom, vocação); (b) verificar o nível sócio-econômico-educacional e a origem social dos jogadores em formação; (c) identificar os **critérios técnicos**: (i) habilidade, (ii) preparo físico, (iii) estatura; e os **critérios sociais**: (i) tradição familiar, (ii) indicação de dirigentes/jogadores, considerados na seleção dos jovens que ingressam no clube; (d) verificar como o clube prepara os jovens das categorias de base para o mercado de trabalho interno ao clube e externo ao mesmo, separando as dimensões teóricas (cursos) e práticas (treinamentos); (e) investigar as fontes

sociais das motivações e expectativas profissionais dos jogadores de futebol no SC Internacional nas categorias de base e no plantel profissional, e (f) analisar a concepção destes atletas sobre o fim do “passe”.

Nessa pesquisa assumiu-se que a produção social do jogador de futebol não é resultado apenas de “vocações” ou “dom” naturais, mas também e principalmente de um processo de formação profissional. A formação do jogador de futebol busca constituir um *habitus*, por meio do disciplinamento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas do atleta, além da administração do seu potencial genético.

O disciplinamento dos atletas e as relações de poder inerentes ao controle do técnico sobre os jogadores foram analisados à luz da sociologia do poder de Michel Foucault (1987, 2001). Questionamos sobre o funcionamento do poder a partir das coerções presentes nos condicionamentos físicos, técnicos e táticos: Qual o controle do técnico sobre os jogadores? Através de que mecanismos o treinador disciplina o jogador? Como os diferentes tipos de treinamentos manipulam e disciplinam os corpos dos atletas? Até que ponto as “concentrações” são um controle social que transcendem a esfera do trabalho?

A construção do *habitus* futebolístico através deste disciplinamento constitui, no nosso entender, um processo de formação profissional. A incorporação de esquemas e padrões de jogo pelos atletas faz parte do nosso estudo. Indagamos acerca da interiorização do *habitus* de um dado clube pelo jogador, especialmente sobre a reprodução e a criação do *habitus* por parte dos atletas.

Entendemos formação profissional no futebol como resultado de um processo pedagógico e civilizatório caracterizado pela regulamentação, controle, institucionalização e racionalização desta profissão.

Utilizamos procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos.

**a) Universo da pesquisa:** O universo da pesquisa foi constituído de três categorias de jogadores do Sport Club Internacional no período de 1997 a 2002. As categorias foram: **Juvenil**<sup>7</sup>, **Júnior**<sup>8</sup> e **Profissional**<sup>9</sup>. Cada categoria pode ser composta por cerca de 30 jogadores. Aplicamos questionários a 56 atletas, sendo 20 dos juvenis, 20 dos júniores e 16 atletas profissionais.

**b) Área de abrangência:** O Sport Club Internacional – RS (1997-2002).

<sup>7</sup> Formada por jogadores com idade entre 15 e 17 anos.

<sup>8</sup> Categoria formada por jogadores entre 18, 19 e 20 anos.

<sup>9</sup> Atletas que atuam pela equipe principal sob contrato de trabalho profissional. São os profissionais da bola.

**c) Amostragem:** Foram selecionados 40 atletas entre as duas categorias inferiores (20 da juvenil e 20 da júnior) e 16 profissionais, 01 treinador, 01 coordenador técnico, 01 dirigente e um jornalista do jornal Zero Hora.

**c) Técnicas de pesquisa:** Estudo de caso, Questionário, Entrevista e Análise de conteúdo. Esta última como técnica de análise. Utilizou-se do SPSS para efetuar análises quantitativas dos dados.

**d) Forma de coleta e interpretação dos dados:** A coleta dos dados contou com questionários - observação direta extensiva - recaindo perguntas fechadas ou semi-abertas, permitindo ao pesquisador obter respostas curtas e relatá-las com precisão e coerência.

A interpretação dos dados (respostas dos jogadores, técnicos e preparadores físicos do Sport Club Internacional) e informações cedidas pelo clube incluiu: classificação, codificação, tabulação de respostas, análise estatística dos dados e análise do conteúdo quantificável.

Este se realizou em vários lugares do Beira-Rio: sala de reuniões, vestiários, sala de imprensa e nos campos de treinamentos.

Algumas entrevistas foram realizadas ainda em dezembro de 2001, mas os questionários foram aplicados entre junho e julho de 2002. Entre os atletas das categorias juvenil e júnior, utilizamos a auto-aplicação. Reunimos vinte atletas de cada categoria na sala de reuniões para aplicação dos questionários. A escolha destes atletas não obedeceu a critérios estabelecidos anteriormente, sendo o critério principal a disponibilidade do atleta em responder ao questionário.

No caso dos jogadores profissionais também a escolha foi aleatória, sendo através do contato direto para marcar entrevistas.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro, intitulado “Por uma sociologia do futebol brasileiro” divide-se em duas partes. A primeira consiste num breve relato histórico sobre o futebol brasileiro, destacando cinco fases distintas. A segunda parte realiza um balanço acerca da produção acadêmica nas ciências sociais sobre o futebol brasileiro, destacando os primeiros estudos, as correntes teóricas, a produção recente, os principais temas e autores e ainda aponta uma lacuna na literatura sociológica sobre o futebol.

O segundo capítulo, cujo título é “Sociologia do esporte, sociologia do trabalho e teoria social”, divide-se em três partes distintas. A primeira trata da Sociologia do Esporte, enfatizando temas relevantes como a construção social do esporte; o *homos ludens* e o *homos economicus*; esporte-lazer; esporte de alto rendimento e as diferenças entre jogo e treino no futebol moderno. A segunda parte deste capítulo consiste numa breve incursão pela teoria

social contemporânea. Trata de questões como a construção social da corporalidade; disciplina; corpo e poder na teoria de Michel Foucault; a produção social do soldado e um paralelo com a produção do jogador de futebol; campo esportivo e *habitus*; autonomização do campo esportivo e do campo artístico como um processo de profissionalização; desporto e civilização em Norbert Elias e Eric Dunning e dom e vocação. A terceira e última parte deste capítulo destaca algumas teorias sobre formação profissional a partir da sociologia do trabalho. Analisa duas teorias sobre treinamento esportivo, com ênfase especial nas teorias mecanicista e globalista.

O terceiro capítulo tem como título “Profissionalização e modernização no futebol brasileiro”. Está dividido em cinco momentos básicos. O primeiro analisa o processo de profissionalização no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva histórico-sociológica. O segundo aborda a modernização no futebol brasileiro, detendo-se em fatos marcantes como o advento do Clube dos Treze, a Lei Zico e a Lei Pelé. O terceiro momento investiga o futebol científico no Brasil. Os dois últimos analisam os centros de treinamentos como elementos da nova fase do futebol mundial e do advento e expansão das escolinhas de futebol no Brasil, respectivamente.

O quarto capítulo “Modernização no Sport Club Internacional”, trata particularmente do processo de modernização no SC Internacional, entendendo a reestruturação do departamento de futebol, em 1997, como o cerne dessa modernização. Na primeira parte, realiza-se uma breve abordagem histórica, destacando a fundação, a aceitação de negros como jogadores e a relação entre democracia e profissionalismo a partir da trajetória do atleta Tesourinha.

O processo de modernização implementado a partir de 1997, sob a coordenação de João Paulo Medina é tema central de uma segunda parte deste capítulo. O advento do futebol científico no Beira-Rio, a intervenção da psicologia na formação de jogadores, os novos modelos de treinamento, a escolinha de futebol do SC Internacional são outros temas abordados. Por último, analisa-se, sumariamente, o sistema holístico de recrutamento e formação de jogadores no Ajax FC e no SC Internacional.

O quinto capítulo intitula-se “A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional”. É nele que apresentamos os principais dados da pesquisa empírica, em que analisa um conjunto de variáveis, como idade, categorias, escolaridade dos atletas e dos pais, nível de renda familiar e dos jogadores, motivação profissional, concepção sobre aprendizagem de futebol, expectativa profissional, critérios de seleção e agenciamento de atletas, sacrifícios, punições e concepção dos jogadores sobre o fim do passe.

Discute-se também a relação técnico-jogador, a importância do dom e da aprendizagem na formação do jogador de futebol e a construção do *habitus* futebolístico do SC Internacional.

A última parte deste trabalho é a conclusão, na qual se apresentam as principais constatações e conclusões da pesquisa.

# 1 POR UMA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

## 1.1 Um breve relato histórico sobre o futebol no Brasil

A história do futebol no Brasil pode ser dividida em diferentes períodos. Levine (1982, p. 23) utiliza a seguinte periodização: (a) primeira fase (1894-1904), (b) fase amadora (1905-1933), (c) fase do profissionalismo (1933-1950), (d) fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol (1950-1970). Tomaremos como base esta periodização histórica, porém buscaremos avançar em termos de fatos e acontecimentos marcantes de cada época. Nosso objetivo não é reproduzir narrativas históricas sobre o futebol brasileiro, mas apresentar, sumariamente, o contexto no qual se desenvolve o futebol no Brasil, permitindo ao leitor compreender a relação futebol e sociedade em cada momento definido.

### 1.1.1 Os primeiros chutes: os clubes urbanos e ingleses

A primeira fase é marcada pela chegada do futebol ao país e pela criação de clubes urbanos por imigrantes europeus que aqui moravam. Trata-se do pontapé inicial. O futebol surge no Brasil no final do século XIX, quando Charles Miller retorna da Inglaterra, em 1894, trazendo consigo materiais próprios desse esporte, como bolas, camisas, calções e chuteiras. É Charles Miller quem introduz o futebol no Brasil, inicialmente no estado de São Paulo, entre os jovens da elite paulistana. O elitismo é uma marca do nascimento do futebol no Brasil. Negros e mulatos eram excluídos dessa “nobre prática esportiva”, sendo um privilégio dos membros da elite nacional. O futebol aparece como elemento da modernidade, ou seja, “uma novidade moderna e elegante” (PEREIRA, 2000, p. 16), sendo “um produto de importação” (LOPES, 1994, p. 29).

Como afirma Helal (1990, p. 38), “De início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como focos de irradiação o meio industrial e aristocrático, ligados aos hábitos de lazer da colônia européia”. Importa frisar a importância do São Paulo Athletic Club, fundado no ano de 1888, a quem Charles Miller se filiou, organizando a prática futebolística em São Paulo. Nesta fase, o futebol era praticado nos

colégios de elite paulistas e cariocas Alfredo Gomes, Anglo-brasileiro (CALDAS, 1990, p. 23), além de outros estados.

No Rio de Janeiro, sabe-se que o advento do futebol se deve ao descendente de ingleses Oscar Cox, que retornou da Suíça em 1897, onde teve contato com este esporte. Mais do que a introdução do futebol neste estado, Cox cumpriu o papel de difusor dos jogos de bola, organizando jogos e despertando o interesse na juventude pelo futebol. Alguns relatos históricos sugerem que antes da chegada de Cox o futebol já era praticado por ingleses nas fábricas e nos colégios da cidade (PEREIRA, 2000, p. 21). No entanto, a prática futebolística não contava ainda com um sistema de regras definido, sendo um jogo praticamente “selvagem”<sup>10</sup>. Cox se filiou ao Payssandu Cricket Club, fundado por ingleses em 1892.

A Igreja Católica e os colégios incentivaram a prática futebolística nesse período,

[...] no Brasil foram justamente os colégios que muito cedo se tornaram as forjas de futebolistas: em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, o futebol era quase uma matéria obrigatória. A Igreja Católica, fator de enorme importância, parece não ter levantado nenhuma objeção. Deve-se até salientar o fato de que numerosos padres deram impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzáles, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte (ROSENFELD, 1993, p. 78).

Nesta fase, é importante destacar a fundação do The Bangu Athletic Club, em 1904, por ingleses funcionários da Companhia Progresso Industrial Ltda, uma fábrica de tecidos localizada no bairro Bangu. Esse clube, o mais famoso clube de fábrica, logo teve que aceitar jogadores-operários para completar o número de jogadores exigido, pois os funcionários eram insuficientes para formar duas equipes necessárias à disputa de um *match*, como era chamado na época.

O critério de escolha do jogador baseava-se principalmente em três aspectos: no seu desempenho profissional, no tempo de serviço na empresa e no comportamento pessoal. Ao ser escolhido, o jogador-operário passaria imediatamente a desempenhar um tipo de trabalho mais leve, onde pudesse economizar suas energias para concentra-las no futebol. Nos dias de treino, ele tinha autorização dos diretores da empresa para deixar o trabalho mais cedo, com uma condição: dirigir-se ao campo de futebol, a fim de realizar os treinos coletivos (CALDAS, 1990, p. 29).

---

<sup>10</sup> Pode-se dizer que o futebol não era ainda um campo autônomo, dotado de regras especiais definidas por seus atores.

Na verdade, estava dado um dos primeiros e mais importantes passos na democratização do futebol, bem como na difusão do esporte entre os operários, os quais mais tarde seriam exatamente os operários da bola, profissionais do futebol.

### 1.1.2 Amadorismo e elitismo: futebol como distinção social

O período elitista do futebol brasileiro corresponde ao amadorismo. Trata-se do futebol como símbolo de distinção social, um bem restrito à elite econômica e cultural. A fase amadora, geralmente datada de 1905 a 1933, caracteriza-se pelo elitismo na platéia e na composição dos times (LOPES, 1994, p. 70) e pela ampla divulgação na imprensa (LEVINE, 1982, p. 25). Aqui, temos mais um momento no qual a configuração predominante pode ser entendida como “tradicional”. Nesta fase, o estilo de jogo era essencialmente ofensivo, o ataque como meta principal, pois a beleza do jogo estava em primeiro lugar. Jogava-se o futebol puro, por simples prazer. O cenário do futebol era o seguinte:

[...] os rapazes de terno e gravata, as moças com chapéus e flores. Os jogadores eram sócios dos clubes e freqüentavam suas festas e bailes. Os filhos jogavam, as filhas e os pais ficavam na tribuna: os ‘grandes’ clubes de futebol – o Botafogo, campeão de 1914 e 1915, o América, campeão de 1916, o Fluminense, tricampeão de 1917, 1918 e 1919 – eram uma segunda casa para essas boas famílias. Uma diferença social fazia-se sentir nos encontros entre ‘grandes’ e ‘pequenos’ clubes, mas era visto como normal o confronto entre clubes provenientes das diferentes fontes ‘ingleses’ de introdução do futebol (LOPES, 1994, p. 70).

O amadorismo vigorou como concepção de prática esportiva preferida pela aristocracia, herança da classe dos lazeres de uma elite inglesa. O futebol era praticado por jogadores originários da elite, ligados às escolas ou empresas e por alguns atletas operários de determinadas empresas.

O racismo predominou por muito tempo, proibindo negros na seleção brasileira e em vários times. O racismo no futebol brasileiro pode ser percebido se tomarmos o exemplo da seleção brasileira de 1919, formada apenas por jogadores brancos, pois o então presidente Epitácio Pessoa proibia a convocação de jogadores negros (CALDAS, 1990, p. 102)

Este período coincide com o futebol de fábricas, no qual o futebol era usado como mecanismo de diversão e disciplina para os trabalhadores, bem como veículo publicitário importante na divulgação da imagem e prestígio das empresas (ANTUNES, 1994, p. 106-107). O que melhor define esta fase é o amadorismo “(...) herdado da concepção aristocrática de

uma prática esportiva oriunda da classe dos lazeres, vinda da Inglaterra e reservada a uma elite, e o esporte ‘paternalista’, representado pelas equipes de empresas” (LOPES, 1994, p. 66).

Este período inclui ainda a famosa fase da clandestinidade e da inserção de negros no futebol. Marca também os anos românticos e o falso amadorismo.

A partir de 1917 começou a cobrança de ingressos no futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro. A finalidade do dinheiro consistia em cobrir custos com bolas, uniformes, chuteiras e, posteriormente, pagamento de salários dos atletas. A revolução vascaína no Rio de Janeiro, em 1923, configura-se como acontecimento fundamental no processo de popularização do futebol no Brasil. Na verdade, o Clube de Regatas Vasco da Gama contribuiu com o processo de democratização no futebol brasileiro quando venceu o campeonato carioca naquele ano com uma equipe formada basicamente por jogadores negros, mulatos ou brancos pobres. Tal fato representou “(...) muita humilhação para os times grã-finos, cujos times eram formados, em sua grande maioria, por jovens estudantes e profissionais de alto nível da elite carioca” (CALDAS, 1990, p. 44). De fato, considerando o contexto elitista no qual o futebol estava inserido, podemos sugerir a tese de que a conquista vascaína representou uma vitória popular no futebol carioca diante do elitismo do Flamengo, Fluminense e Botafogo, até então dominantes naquele estado.

### 1.1.3 Democratização e profissionalismo

A fase do início do profissionalismo, datada na literatura oficial de 1933 a 1950, é caracterizada pela regulamentação do futebol como profissão através da legislação social e trabalhista do governo Vargas 1930-1936. É nas primeiras décadas do século XX que começa a popularização do futebol. Sua democratização e consagração como elemento da cultura nacional dá-se a partir dos anos 1930, tendo como marco a profissionalização em 1933 (MOURA, 1998, p. 19).

A passagem do amadorismo para o futebol profissional é marcada pela entrada em cena de jogadores de origens populares nos grandes clubes, apesar dos obstáculos quase intransponíveis que tiveram que enfrentar. Os jogadores negros e mestiços são os pioneiros no que viria a ser conhecido como o “estilo brasileiro de jogar futebol” (FREYRE, 1957, 1964, 1971a, RODRIGUES FILHO, 1964). Esses serão os atletas socialmente identificados como os criadores e a razão de ser do chamado *futebol-arte*, uma das peculiaridades brasileiras nesse esporte (LOPES, 1998, p. 19). A forma espontânea de jogar, caracterizada pela astúcia,

criatividade e improviso, segundo a narrativa que domina o imaginário social sobre o futebol, nos diferenciaria dos países europeus. Essa técnica futebolística (a “ginga brasileira”) seria considerada um elemento importante na construção da identidade nacional.

O leitor deve ter em mente que o processo de democratização funcional do futebol<sup>11</sup>, identificado como a entrada em cena de jogadores mestiços e negros nessa modalidade esportiva, não necessariamente teve início no período datado acima. Pois, basta lembrar o caso do Vasco da Gama, equipe campeã do campeonato do Rio de Janeiro em 1923, sendo formada basicamente por negros.

O profissionalismo possibilita a inserção de atletas mestiços, negros e mulatos nos grandes clubes sem que sejam considerados critérios sociais ou étnicos. A técnica torna-se o critério mais importante na seleção de atletas. Os jogadores de cor são aceitos no clube, porém sem participar da vida social, criando-se “uma nítida divisão entre o campo de futebol e o clube” (ROSENFELD, 1993, p. 87). É neste sentido que se pode articular dois aspectos simultâneos no futebol dentro do período considerado: profissionalismo e democratização. A conversão do futebol em trabalho, consequência direta da profissionalização, significa a abertura de um canal de emancipação social de negros, mulatos e pobres brancos.

O futebol torna-se espetáculo de massa. Trata-se do processo de transição do elitismo à popularização do futebol brasileiro. É nesta fase que o Brasil cria seus primeiros mitos futebolísticos. Por exemplo, Friedenreich, moreno que se tornou herói nacional ao marcar o gol da vitória brasileira contra o Uruguai em 1919. Estava aberto um dos caminhos na democratização e popularização do futebol. Outros ídolos de cor foram Leônidas da Silva, Domingos da Guia que, de certa forma, encarnaram a ideologia da “democracia racial”, tão contestada posteriormente.

#### 1.1.4 Consagração do “estilo brasileiro” de jogar futebol

O futebol possui regras universais, mas é adaptado aos países de forma peculiar. As diferenças que mais tarde viriam a marcar o estilo brasileiro de jogar futebol começam a se tornar explícitas a partir da década de 30, não apenas através da participação brasileira nas

---

<sup>11</sup> Democratização funcional significa também que a elite dirigente migra da prática futebolística para organização e direção dos clubes. Com isso muda-se o perfil dos praticantes do futebol. Para uma análise mais acurada da democratização funcional do futebol brasileiro, ver Damo (2002a).

Copas do Mundo, mas também quando times nacionais enfrentavam equipes estrangeiras, seja no Brasil ou no exterior.

A fase do reconhecimento tem início na década de 1950 e se consolida nos anos 70. No Mundial de 1950 o Brasil apresentou um belo estilo de jogo, terminou a competição em segundo lugar, consolidando seu estilo de jogar futebol, tendo como arquitetos os jogadores negros e mulatos. Era o futebol-arte, feito de magia, ginga e improviso que constrói a identidade nacional, tendo Leônidas, Domingos e Fausto como principais expressões (RODRIGUES FILHO, 1964).

Acerca do estilo brasileiro de jogar futebol, pode-se aludir à narrativa de Lopes:

[...] em que ele pode melhor aparecer e caracterizar-se através da criação de jogadas... talvez a caracterização desse estilo torne-se mais visível tal qual ele se incorporou no jogo mais ‘lento’ e ‘cerebral’ do meio campo Didi (eleito o melhor jogador da copa de 1958 pela crônica esportiva internacional): não somente ele é o inventor do chute a gol denominado ‘folha seca’, mas também a sua postura corporal ereta, seus dribles de corpo sutil e seus passes e lançamentos a longa distância ‘de curva’, que resultam em um estilo de jogo do menor esforço aparente, do uso da inteligência e da astúcia mais que da força (LOPES, 1994, p. 76).

Esse estilo se configura no chamado “futebol-arte”, caracterizado especialmente pela astúcia, improviso, elasticidade, individualidade e capacidade de criação. Há quem atribua tal estilo à nossa formação étnico-cultural. É o caso de Freyre (1957, 1964, 1971a), para quem o futebol brasileiro expressa a mulatice e a brasilidade. A mistura das três raças seria responsável pela ginga de nossos atletas dentro de campo, fundando um estilo próprio de jogar futebol.

Para sintetizar esta brevíssima abordagem do processo de construção do estilo brasileiro, é necessário apontar traços que marcam a diferenciação entre futebol brasileiro e futebol europeu. O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo, dionisíaco, barroco, futebol-arte. Por outro lado, o futebol europeu é racional, eficiência, competitivo, cultura, coletivo, aprendizado, rigidez, força, apolíneo, clássico, escola, futebol-força (DAMO, 2002a, p. 125).

O estilo brasileiro de jogar entra em crise a partir das últimas décadas do século XX, quando o processo de modernização e comercialização do espetáculo futebolístico implica na necessidade cada vez maior de vitórias. A preparação física é intensificada, formando jogadores mais fortes do que habilidosos. O polêmico debate entre futebol-arte e futebol-força divide os especialistas no assunto, criando correntes antagônicas: (a) futebol-arte, liderada por

João Saldanha e, (b) futebol-força, moderno, liderada por Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira (GIL, 1994).

#### 1.1.5 Modernização e comercialização do futebol

Desejamos acrescentar uma outra fase na historiografia sociológica do futebol brasileiro: fase da modernização, podendo ser datada de 1970 aos nossos dias. Esta se caracteriza pelo crescimento de recursos financeiros no futebol, televisionamento das partidas, crescimento no nível salarial dos jogadores e do êxodo de jogadores brasileiros para o futebol europeu nas últimas décadas do século XX. O surgimento do Clube dos Treze, a Lei Zico, a Lei Pelé e o fim do Passe são elementos que caracterizam esta fase recente do futebol brasileiro.

A principal característica desta nova fase é a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado, nas camisas dos times e o televisionamento ao vivo de partidas de futebol que teve início em 1980. A mudança no estilo brasileiro de jogar torna-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotam novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo. Podemos aludir aqui ao futebol-força, ou futebol científico, sendo ambos conseqüências da crescente comercialização do futebol. O advento do futebol científico e a expansão das escolinhas de futebol são objetos de análises dos capítulos 3 e 4. Neles, o leitor poderá conferir discussões sobre os centros de treinamento como laboratório de formação de jogadores, bem como os manuais de conduta e o controle que os clubes modernos exercem sobre seus jogadores.

Com a finalidade de orientar melhor o leitor, apresentamos um quadro que caracteriza de modo sucinto o desenvolvimento do futebol no Brasil, além de resumir a primeira parte do presente capítulo.

**QUADRO 1 - Mapa Histórico-Sociológico do Futebol Brasileiro**

<b>FASE</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO</b>
Os primeiros tempos	1894-1905	.Clubes urbanos .Futebol nas escolas de elite .Incentivo da igreja .Futebol de fábrica .Diversão e disciplinamento da juventude aristocrática
Amadorismo aristocrático	1905-1933	.Elitismo .Racismo .A divulgação na imprensa .Disciplinamento de operários .Profissionalismo “marrom” .Revolução vascaína
Democratização e profissionalismo	1933-1950	.Popularização do futebol .Profissionalização .Democracia racial .Futebol-arte
Consagração do estilo brasileiro	1950-1970	.Reconhecimento internacional .A conquista das copas (1958, 62 e 70)
Modernização e comercialização	1970-2002	.Comercialização .Publicidade .A TV .Futebol-força .Os CTS .As conquistas do Tetra (1994) e do Penta (2002)

**Fonte:** Elaboração Própria – 2002

## 1.2 O que as ciências sociais brasileiras têm a dizer sobre futebol

O interesse das ciências sociais pelo campo esportivo no Brasil tem como pano de fundo algumas pesquisas acerca do meio urbano desenvolvidas na metade dos anos 70 e princípios da década de 1980. Atualmente, temos abundante bibliografia e um movimento crescente de produção de teses e dissertações sobre o esporte no Brasil. Neste campo, o futebol ocupa lugar privilegiado, sendo não apenas objeto de inúmeras investigações como também tema de “grade curricular de curso de ensino de graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro a partir de 1994. Antes, em maio de 1990, foi fundado o Núcleo de Sociologia do Futebol, no departamento de Ciências Sociais” (TOLEDO, 2001, p.134-135). O espaço de discussão do fenômeno esportivo se alarga a cada ano na universidade brasileira. A Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-RJ apresenta uma área de pesquisa denominada “Antropologia do Esporte”. A Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo tem desenvolvido uma série de pesquisas articulando fenômenos esportivos e questões urbanas. A Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos apresenta uma sub-área de pesquisa em “Antropologia do Esporte”, coordenada por Luiz Henrique de Toledo. Universidades como UNISINOS<sup>12</sup>, UFRGS<sup>13</sup> e UFRN<sup>14</sup> têm acolhido pesquisadores preocupados com o esporte, especialmente com o futebol.

A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), nas últimas reuniões anuais, tem apresentado fóruns especiais de pesquisas referentes ao universo esportivo, tendo como principais responsáveis os professores Simoni Lahud Guedes (UFF) e Arlei Damo (UNISC). E mais recentemente, foi marcado um verdadeiro gol de placa. A ANPOCS<sup>15</sup> aprovou o Grupo de Trabalho “Esporte, Política e Cultura”, coordenado por Ronaldo Helal (UERJ) e José Jairo Vieira (UFV). Pode-se assegurar que um campo de produção sociológica sobre o futebol está praticamente consolidado no Brasil.

### 1.2.1 Os primeiros estudos: os clássicos

Mesmo de cunho jornalístico, pode-se dizer que a mais significativa obra sobre o futebol no Brasil é “O negro no futebol brasileiro<sup>16</sup>” de Mário Rodrigues Filho (1964). Trata-se de uma tentativa de explicar o significado do futebol no Brasil e de compreender as peculiaridades que este esporte adquiriu no nosso país. Analisa a relação futebol e identidade nacional, tomando como referencial parte da obra de Gilberto Freyre, especialmente a tese da “democracia racial”. Rodrigues Filho (1964) mostra o futebol como veículo de ascensão social do negro, e que concretiza a democracia racial. Este enfoque étnico do futebol iria influenciar outros estudiosos brasileiros. O livro consiste numa história do negro no futebol, em que o negro seria o criador do futebol-arte, estilo brasileiro, marcado pelo improviso, malandragem, individualidade e muita ginga.

Tendo em mente os limites teórico-metodológicos e espaciais, da referida obra, aconselha-se que é importante considerá-la do ponto de vista histórico. É também fonte

---

<sup>12</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (localizada em São Leopoldo – RS).

<sup>13</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (localizada em Porto Alegre – RS).

<sup>14</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (localizada em Natal – RN).

<sup>15</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

<sup>16</sup> É sabido que esta obra provocou controvérsias entre os estudiosos contemporâneos. Soares (1998), em sua tese de doutoramento, realiza análise crítica e aponta os limites desta obra. Primeiro, a pobreza em termos de fundamentação científica, tendo como referencial básico o “freyrismo popular”. Segundo, deve-se ressaltar que a referida obra tem pretensões de generalizar as conclusões, porém partindo apenas de uma realidade restrita basicamente ao futebol do Rio de Janeiro, o que é inconcebível, e nisso concordamos com Soares. De fato, a grande objeção de Soares se refere ao fato de Rodrigues Filho ser tomado como fonte incontestável para outros estudos acerca do futebol no Brasil, até mesmo pelos cientistas sociais.

especial para discutir a formação do estilo brasileiro de jogar, não importa se se trata de algo ficcional, bem como o futebol como mecanismo de ascensão social, dentro das devidas limitações.

Na área das Ciências Sociais, podemos dizer que é com o sociólogo Gilberto Freyre (1957, 1964, 1971a) que se iniciam as análises sociológicas do futebol brasileiro. Primeiro, analisou a relação entre estilo brasileiro de jogar e a formação étnica brasileira, apontando a democracia racial como modelo de explicação do processo de inserção do negro no futebol e na estrutura social mais ampla. Esta análise foi publicada em 1957, no seu livro “Sociologia”. Segundo, é ele que prefacia o trabalho de Rodrigues Filho na década de 60, e posteriormente volta a escrever sobre o tema. Terceiro, em “Futebol brasileiro e dança”, Freyre (1971a), *Seleção para jovens*, discute a relação entre futebol e dança, investigando a influência da cultura negra, do carnaval e da capoeira na construção de uma forma específica de jogar futebol.

Para Freyre (1964,1971a), as qualidades do futebol no Brasil: a maneira artística de jogar, os dribles geniais e a dança gingada confirmariam a brasilidade, sendo resultados da mistura de raças, tão positiva na constituição da identidade nacional. A identidade futebolística nacional resulta da mistura racial, da malandragem carioca, molecagem baiana e da capoeira pernambucana. A herança cultural e étnica que herdamos nos daria características específicas capaz de explicar o estilo brasileiro de jogar futebol. Assim,

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o [sic] alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1957, p. 431-432).

O discurso que associa a cultura nacional ao estilo brasileiro de jogar futebol encontra outros adeptos como Rodrigues Filho (1964). É importante pensar também na idéia de democracia racial proposta por Freyre para entender não só o futebol, mas a própria sociedade brasileira. A abordagem freyriana fundamenta a perspectiva essencialista de análise do fenômeno futebolístico brasileiro.

O futebol é um fenômeno sócio-cultural de grande importância para o povo brasileiro. O estudo deste fenômeno vem ganhando relevância no meio acadêmico nacional nas últimas décadas. A academia brasileira começa a despertar para a relevância social, cultural e econômica do futebol e as imensas possibilidades de investigação que o tema oferece.

Alguns trabalhos relevantes foram elaborados ainda no início da década de 1980. Entre eles, podemos citar a dissertação de Ricardo B. de Araújo, “Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão” (Museu Nacional, 1980), defendida no mestrado de Antropologia Social. Trata-se de um trabalho que se tornou referencial importante para futuras investigações acerca do futebol como campo de trabalho, por se tratar de uma pesquisa pioneira acerca do futebol como profissão nos anos oitenta. O estudo do futebol como profissão, acerca da motivação profissional pode adotar a oposição cálculo-prazer. Esta é uma perspectiva seguida por Araújo (1980) ao realizar pesquisa sobre o futebol no Rio de Janeiro, com 08 atletas, na qual busca entender as razões que levaram os jogadores a escolherem o futebol como profissão, e a concepção que eles possuem desta carreira profissional (ARAÚJO, 1980, p. 5).

A pesquisa revela que, entre os profissionais pesquisados, durante a infância o futebol era a diversão principal, “adoravam jogar futebol”, porém não pensaram no futebol como opção profissional. Araújo analisa oito (08) casos de jogadores profissionais e afirma que apenas um (1) desejava ser jogador profissional desde pequeno e pretendia se formar em “Educação Física”. Enquanto que sete (07) jogadores entrevistados tinham no futebol apenas uma diversão. Dois (02) pretendiam estudar engenharia, um (01) formou-se em mecânica, um (01) desejava estudar direito, um (01) ia entrar na marinha, os outros dois (02) iam ser alfaiate e marceneiro. Todos os jogadores pesquisados pareciam distantes do futebol, por isso chegaram ao clube por meio de “olheiros” ou familiares (ARAÚJO, 1980, p. 6).

Alguns jogadores afirmaram que só se tornaram jogadores de futebol porque o pai os obrigou, nada teve de espontâneo. Os jogadores ao entrarem para juvenil dos clubes viram se estreitarem às possibilidades de conciliar o futebol com outra profissão, logo decidiram pelo futebol. O projeto dos atletas dá-se: (1) em função do cálculo racional, ganhar dinheiro, (2) pela realização e singularidade, emoção.

Dois anos depois, Tadeu Cesar em “Os gaviões da fiel” (Unicamp, 1982) defendia um instigante trabalho antropológico sobre uma das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, “Gaviões da Fiel”, utilizando a observação participante como técnica de pesquisa.

Em 1982 foram publicadas duas coletâneas de textos sobre o futebol. A primeira, organizada por José Sebastião Witter e José Carlos S. Meihy (1982), intitulada “Futebol e cultura – coletânea de estudos”. Trata-se de uma coletânea de textos importantes sobre diferentes aspectos do futebol na sociedade brasileira, na qual encontramos análises de cientistas sociais e historiadores que enfatizam o futebol sob o ponto de vista da história social e política brasileiras.

A segunda coletânea, organizada pelo antropólogo Roberto DaMatta (1982), intitula-se “Universo do futebol”. Trata-se de pesquisas antropológicas, a maioria ligada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-RJ, que enfocam o futebol como fenômeno cultural, “cujo interesse, em primeiro lugar, é rebater e criticar a noção do futebol como *ópio* e fator de *alienação* do povo e, em segundo lugar, inaugurar uma antropologia voltada para os fenômenos esportivos” (TOLEDO, 2001, p. 142). A análise do futebol aqui se desvincula da concepção do futebol como mero instrumento de alienação (ideologia da classe dominante) e da visão do futebol como salvação, mecanismo de emancipação racial e mobilidade social.

Mesmo tendo formação etnográfica, os escritos damattianos sobre o futebol são de cunho sociológico, sendo uma tentativa de trazer para o centro dos debates nas ciências sociais brasileiras temas historicamente marginalizados, como o carnaval e o futebol.

DaMatta publicou “Futebol: ópio do povo x drama de justiça social” na revista *Novos Estudos Cebrap* em 1982 e “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro” na *Revista USP*, São Paulo, (dossiê futebol), n.22, jun/jul/ago de 1994. Para este antropólogo, o futebol, as festas e o carnaval seriam fontes da identidade nacional. O futebol permitiria aproximar o Estado nacional e a sociedade. É exatamente a dialética entre esporte e sociedade que constitui a vertente de explicação da abordagem “damattiana”.

A análise universalista do futebol no Brasil encontra respaldo na teoria de DaMatta. Ele defende a idéia de que o futebol contém uma mensagem democrática e moderna, horizontaliza os relacionamentos sociais no Brasil. Utiliza conceitos como drama social, dilema social e situação social ao mesmo tempo em que trata o futebol como forma de leitura da sociedade brasileira. A partir da noção de drama, DaMatta entende o processo de ritualização do futebol como um evento que permite ler e perceber a realidade brasileira. Por meio do futebol, a sociedade brasileira conta sua história para si mesma. É neste sentido que “O futebol permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e

elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 21-40).

Para DaMatta, o futebol é agente da modernidade, nos ensina a respeitar regras, estimula a igualdade de condições, favorece a cidadania numa sociedade altamente hierarquizada como a brasileira. Para ele, no futebol as pessoas são socializadas para perder e ganhar. No entanto, Massad (1998, p. 62) discorda desta idéia, com quem estamos de acordo, pois no Brasil não admitimos nossa seleção e clubes perderem jogos. Por exemplo, no final da Copa de 50 em que. Nosso futebol parece que só socializada para vencer, pois não admitimos ainda a derrota para o Uruguai em 1950 na Copa do Mundo nem aquela da Copa de 1998 para a seleção francesa. Neste sentido, a tese de DaMatta, segundo a qual o futebol nos ensina perder é limitada, necessita de melhor acabamento.

Segundo DaMatta (1982), o futebol dramatiza os dilemas sociais brasileiros, permitindo-nos expressão e coesão de “nós” (nacional) em detrimento dos outros, o que significa que podemos forjar nossa identidade utilizando-se do futebol. Este expressa entidades abstratas como povo, nação. É comum se utilizar do futebol para pensar a unidade nacional e a totalização do país. Assim, “essa experiência de união e de totalização do país em algo concreto é uma poderosa dramatização que o futebol permite realizar e que por certo transcende os seus usos e abusos pelos governantes” (DAMATTA, 1982). Na verdade, este esporte permite que façamos uma auto-reflexão. Aqui, o futebol é agente individualizante, estabelece igualdades de disputa. DaMatta rejeita a interpretação do futebol como ópio do povo, próxima à visão de que o povo é controlado pelos governos graças ao futebol.

DaMatta e Machado (2000) negam o futebol como agente do Estado, reconhecem seu uso político, porém o entendem como manifestação popular, compreendem que o povo participa dele. Mas estes autores percebem e destacam as ligações entre futebol e nação.

Uma antropóloga pioneira em estudar o futebol no Brasil é Simone Guedes. Em 1977 realiza, em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, uma etnografia do futebol em bairros operários. Trata a pelada e os espaços urbanos de prática futebolística como “instituição zero”, onde os garotos aprendem a jogar futebol, verdadeira escola de craques. Os resultados desta pesquisa podem ser encontrados no seu texto “Subúrbio: celeiro de craques”, publicado na coletânea “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira” organizada por DaMatta (1982). Posteriormente, Guedes (1998) publicou “O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro” (Editora da UFF, 1998), em que investiga a relação entre futebol e

identidade nacional, bem como o futebol no cotidiano dos trabalhadores urbanos e na construção da masculinidade.

### 1.2.2 A produção recente: autores e temas

Apresentaremos algumas pesquisas recentes na área das ciências sociais acerca do futebol, procurando destacar seus autores e temas principais. No entanto, o leitor deve ter em mente que nossa abordagem é seletiva, pretende discutir apenas alguns trabalhos aos quais tivemos acesso. O que significa que as eventuais omissões podem ser atribuídas aos limites deste trabalho.

Ao pesquisar a relação futebol e poder, em “Futebol: ideologia do poder”, Roberto Ramos (1988, p. 34) analisa o futebol como aparelho ideológico do Estado. Entende o futebol como mecanismo que reproduz as condições econômicas, políticas e sociais do modo de produção capitalista. Trata-se de uma investigação sustentada na perspectiva marxista que trata o futebol como ópio do povo, produto alienante da indústria cultural. Sua conclusão é que o futebol mistifica a realidade, despolitiza e imobiliza os indivíduos, conduzindo-os a uma posição acrítica e passiva diante dos processos sociais. Segundo ele, existe estreita relação entre futebol, capital e poder e o futebol contribui para reproduzir o sistema social capitalista. O trabalho de Ramos é extremamente limitado em termos de teoria e de recorte empírico.

Em “O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro”, Waldenyr Caldas (1990) analisa a trajetória do futebol brasileiro de 1894 a 1933, enfatizando a transição do amadorismo ao futebol profissional, contextualizando este produto lúdico da cultura nacional no cenário político, econômico e cultural.

Entre as conclusões de Caldas (1990, p. 227-9), destacaremos as seguintes: (a) a democratização do futebol no Brasil teve como ponto de partida uma questão geográfica. Mais precisamente o fato de que no bairro de Bangu, Rio de Janeiro, onde se localizavam algumas fábricas, devido ao seu isolamento, não havia jogadores suficientes para formar mais de um time, o que obrigou os ingleses a convidar operários para integrar as equipes. Tal fato permite a entrada de jogadores de classes pobres nos times, o que era inaceitável para a elite até então; (b) a democratização e popularização do futebol brasileiro num segundo momento vão ocorrer por necessidade econômica dos jogadores. Os jogadores-operários lutavam pela profissionalização, precisavam de remuneração para continuar praticando este esporte. Os clubes buscam novos talentos entre as classes antes marginalizadas no futebol e na estrutura

social mais ampla pelo preconceito racial; (c) o movimento pela profissionalização mostrou que a crença no “amor à camisa” sempre foi um mito. Desde os anos 20 e 30 que o jogador deseja ser pago para jogar. Trata-se de uma visão romântica e idealista do futebol; (d) os interesses políticos e a desorganização administrativa no futebol brasileiro existem desde os anos 20 e 30, portanto, não é nada atual; (e) é a partir dos anos 30 que o futebol é utilizado politicamente por Getúlio Vargas; neste momento o futebol é incorporado à cultura popular, sendo motivador da unidade nacional; (f) o atleta brasileiro muda de imagem a partir de 1930, após a Revolução de Outubro de 1930 ele torna-se mais reivindicativo, perde o estilo aristocrático, lutando pelo profissionalismo; (g) Os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo foram dominantes no futebol até 1935, os centros dessa prática, exercem maior influência política e administrativa; (h) a partir de 1929 o profissionalismo é a única saída para nosso futebol. Os atletas migravam para Itália, Espanha, Argentina, Portugal e Uruguai, países onde o profissionalismo havia sido institucionalizado. Este fato contribuiu para o advento do futebol profissional no Brasil. As causas do êxodo de jogadores, que continua considerável, são muitas, entre elas crise econômica, desorganização do futebol, excesso de jogos e falência dos clubes nacionais, além dos milionários salários pagos no exterior.

Para mostrar como os cientistas sociais têm se voltado recentemente para o futebol como tema de estudos, citaremos outros estudos exemplares. Luiz H. de Toledo, herdeiro do modelo “damattiano”, escreveu “Torcidas organizadas de futebol” (1996), em que faz uma brilhante análise antropológica das torcidas organizadas de futebol, captando a dinâmica desses grupos nos estádios, nas ruas, sedes, trajetos e viagens através de cuidadoso trabalho etnográfico. Conclui que as torcidas organizadas possuem regras, códigos e organização específicas que produzem sentido às ações dos associados que compartilham um projeto comum movido por paixões. Trata-se de um fenômeno que produz sociabilidade permanente, onde marcas, símbolos e emoções são consumidos coletivamente. O futebol é entretenimento, um “sistema cultural” (GEERTZ, 1998, p. 116), drama social e espaço onde se permite participação e visibilidade social e política, fazer amigos e vivenciar universos repletos de tensão, emoção, conflito e paixão.

Na sua tese de doutoramento em Antropologia Social (USP), Toledo (2002) analisa o discurso dos manuais de futebol no Brasil, e revela como uma interpretação específica das regras de futebol influenciou no nosso estilo de jogar. Primeiro, o autor divide o campo esportivo em três realidades: (1) os profissionais (jogadores, dirigentes, juizes, médicos, treinadores, preparadores físicos, massagistas, etc), (2) os especialistas (a crônica esportiva); e (3) os torcedores. Segundo, Toledo trata de muitos temas relevantes no universo futebolístico,

como modernização, escolinhas de futebol, a distinção jogo e treino, cursos para técnicos, a valorização da preparação física no futebol brasileiro, a importância dos Centros de Treinamento na formação de um novo jogador brasileiro e as representações do futebol na imprensa, ou seja, como o espetáculo futebolístico é construído pela imprensa esportiva. É também objeto de sua tese os diferentes significados de “torcer”, a sociabilidade e as formas de torcer. Todos estes temas podem ser encontrados no livro “Lógicas do futebol” (2002). Não é exagero afirmar que se trata de uma das mais completas obras da literatura futebolística nacional. Devido aos limites do nosso trabalho, omitiremos outros trabalhos do mesmo autor acerca deste tema, mas consideramos que os dois citados acima são os mais expressivos.

É necessário destacar outros trabalhos acadêmicos importantes na literatura futebolística brasileira. Um deles é “Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil” de Ronaldo Helal (1997), no qual encontramos uma cuidadosa análise sobre crises e impasses na organização do futebol brasileiro. Trata-se de um diálogo entre a teoria da comunicação e a sociologia do esporte. Toma como referencial teórico básico o modelo damattiano, por meio do qual o futebol permite ler a sociedade brasileira. A organização do futebol segue a ética dupla: moderno *versus* tradicional. Entendendo o futebol como espetáculo, o autor enfatiza os impactos da comercialização e das transmissões dos jogos ao vivo sobre o futebol. Sua conclusão é que a organização do futebol brasileiro, com dirigentes amadores e jogadores profissionais, reflete o dilema cultural brasileiro, comportando a lógica dual: amadorismo *versus* profissionalismo, moderno *versus* tradicional.

Claudia Mattos (1997) escreve “Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol”. Este trabalho é uma síntese de sua dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura defendida na Escola de Comunicação da UFRJ, na qual conta a história do futebol no Rio de Janeiro através da análise das trajetórias dos quatro maiores clubes de futebol do estado: Fluminense, Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo, considerando os clubes como instituições-mitos que oferecem ingredientes para a construção das identidades e mitologias cariocas. A imagem de cada clube carioca é referência de construção e disputas de espaços e *status* no Rio de Janeiro. Mattos (1997, p. 121) conclui que os mitos de origem dos clubes cariocas constituem “uma verdade” sobre a identidade carioca: Fluminense (a origem nobre), Flamengo (a pobreza turbulenta), Vasco da Gama (a mestiçagem e a igualdade racial) e Botafogo (a elite irresponsável, sem poder político e econômico).

Outras dissertações e teses merecem ser aludidas. Por exemplo, a de Gisela Moura “O Rio corre para o Maracanã” (UFRJ, 1998) e a de José Renato de Araújo “Migração e futebol: o caso do Palestra Itália” (Unicamp, 1996). No caso do trabalho de Gisela Moura,

temos uma instigante análise do significado da construção do Estádio do Maracanã como um elemento constitutivo da relação identitária entre o povo brasileiro e o futebol. Nesta obra, encontra-se ainda uma análise do significado social da derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 diante da seleção uruguaia.

É válido lembrar aqui a tese de doutoramento em Educação Física de Antonio Jorge Soares (1998) intitulada “Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial”<sup>17</sup>. Nela o leitor encontra instigante análise do estudo clássico de Mário Rodrigues Filho, “O negro no futebol brasileiro” que critica alguns usos descuidados deste texto como referência oficial para pesquisadores do futebol no Brasil. A tese de Soares é que o referido trabalho de Rodrigues Filho deve ser contextualizado e criticado, não devendo ser tomado como a principal fonte de pesquisa, pois é pobre em sistematização e rigor científico. É preferível tomá-lo como um romance épico sobre o negro no futebol brasileiro. Rodrigues Filho entende o futebol como espaço de ascensão social dos negros, sendo um setor de realização da democracia racial freyreiana.

Soares critica a precária fundamentação científica de Rodrigues Filho, revelando suas limitações como fonte principal para novas pesquisas. Cabe ainda destacar que Rodrigues Filho se limita a analisar o futebol no Rio de Janeiro e mostra pretensão de generalizar para a realidade nacional.

Em “Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol” brasileiro José Paulo Florenzano (1998) analisa a produção do jogador-disciplinar no Brasil como exigência da modernização do futebol a partir da década de 1960. O suporte teórico principal é a teoria do poder disciplinar de Foucault. Trata-se de um estudo sobre as trajetórias de dois jogadores brasileiros considerados rebeldes, classificados de jogador-problema por reagirem ao poder disciplinar do futebol, ao rigor tático dos técnicos e à Lei do Passe. São eles Afonsinho e Edmundo. O trabalho de Florenzano nos fornece elementos para discutir aspectos importantes do futebol, como as novas formas e modelos de treinamentos, a luta pelo fim do “passe”, a relação futebol-arte/futebol-força, a militarização do futebol, as relações de poder e o poder da imprensa.

A tese de doutorado de Negreiros (1998) defendida no Programa de Estudos Pós-Graduandos em História na PUC-SP, “A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40” trata da relação entre futebol e construção da nacionalidade brasileira. Enfatiza dois eventos

---

<sup>17</sup> Mesmo não sendo um trabalho produzido em programas especializadas em ciências sociais, tomamos a liberdade de mencionar a pesquisa de Soares (1998) por se tratar de uma investigação preocupada com questões teórico-metodológicas importantes nas análises sociais do futebol.

especiais na história do futebol brasileiro: (1) a Copa do Mundo de 1938, momento no qual se reforça a relação futebol e sociedade, possibilitando a unidade nacional, e (2) a construção do Estádio do Pacaembu (1940), entendida como uma obra que cria novas relações entre esporte e o espaço urbano de São Paulo, consolidando o futebol como espetáculo naquele estado.

Do ponto de vista da antropologia, podemos destacar um trabalho fundamentalmente rico acerca do pertencimento clubístico no estado do Rio Grande do Sul. Trata-se da dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida em 1998 por Arlei S. Damo (1998), intitulada “Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense”. Este trabalho faz uma etnografia sobre o sentimento de pertencimento entre os torcedores do tricolor gaúcho, entendendo as torcidas de futebol como comunidades imaginadas ou nações. Enfatiza que a categoria de “torcedor” no Brasil permite classificar os indivíduos, estabelecer fronteiras que transcendem ao universo do futebol.

Deste mesmo autor é digno de nota “Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes”, no qual Damo (2002a) analisa o advento do *habitus* associacionista do futebol no Brasil. Trata-se de uma profunda pesquisa etnográfica através da observação participante nos estádios do Grêmio e SC Internacional entre torcedores, especialmente, e jogadores, que investiga a construção social das rivalidades entre os dois principais clubes gaúchos, tratando da relação entre classe social, raça, tradição e a construção das identidades dos clubes pesquisados. É de grande importância a discussão sobre futebol e identidade nacional, futebol e identidade regional na qual o autor enfatiza as peculiaridades do povo gaúcho e de seu futebol, destacando fatores que podem contribuir para explicar a diferença entre o estilo nacional de jogar futebol, conhecido como “futebol-arte”, e as características de jogo dos times do Rio Grande do Sul. O ponto principal do trabalho de Damo (2002a), sintetizando sua dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida na UFRGS, é a problemática do pertencimento clubístico. Dedicada especial atenção aos fatores materiais, simbólicos, imagens, códigos e às representações sociais e culturais acerca da condição de “ser colorado” ou “ser gremista” no Rio Grande do Sul. Esta é uma filiação que não pode faltar ao gaúcho, exceto para aqueles torcedores de clubes do interior do estado, visto que se refere a um sistema de classificação atualíssimo que permite agrupar indivíduos para além da esfera esportiva.

Marcelo Proni (2000) elabora excelente abordagem sobre a modernização do futebol brasileiro e a transição para o modelo de gestão empresarial. O seu trabalho “A metamorfose do futebol” discute a institucionalização do futebol no Brasil, profissionalização,

democratização, modernização, o marketing no futebol, o futebol-empresa e as recentes alterações na legislação futebolística. O autor defende a tese de que a modernização pela via do mercado tende a excluir os clubes “pequenos”<sup>18</sup> do futebol brasileiro, sendo, portanto, uma modernização excludente, a qual reflete parte do processo de desenvolvimento econômico orientado pela ideologia neoliberal<sup>19</sup>. Nossos dirigentes esportivos compreendem a modernização como a simples transferência de modelos europeus de organização.

Importa ainda ressaltar o estudo de Rodrigues (2002a), cujo título é “Teoria social e futebol: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro”<sup>20</sup>. Trata-se de trabalho publicado na Revista *Ciências Sociais Unisinos* (vol. 38, n. 160, jan/jun, 2002), no qual o autor apresenta de modo sucinto as principais investigações sociais produzidas nas ciências sociais brasileiras nas últimas décadas, destacando os autores e as temáticas mais relevantes. Rodrigues (2002) analisa as possibilidades de aplicação do referencial teórico da Escola de Frankfurt, Bourdieu, Foucault e de Elias e Dunning na análise do futebol brasileiro. O autor utiliza os conceitos de alienação, campo, habitus, capital, poder, disciplina, civilização e configuração na investigação sobre a formação do jogador de futebol no SC Internacional.

Deste mesmo autor, cabe ainda mencionar o trabalho “A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho”. Trata-se de um diálogo entre estas duas disciplinas, a partir do qual Rodrigues (2002b)<sup>21</sup> investiga as motivações e expectativas profissionais, o processo de seleção de jogadores e a concepção dos atletas sobre aprendizagem de futebol entre os jogadores das categorias juvenil, júnior e profissional do SC Internacional.

A grande maioria dos estudos sobre o futebol no Brasil enfatiza sua história e a relação com a identidade nacional (GUEDES, 1998, 1982, 1995; NEGREIROS, 1998; RODRIGUES FILHO, 1964; FREYRE, 1957, 1964 e 1971a, LOPES, 1994, 1998; DAMATTA, 1982, 1994, 1995). Os trabalhos de Guedes (1982; 1995; 1997) são fundamentais por abordarem a questão da categoria trabalho entre os grupos populares e também por tratarem da construção da imagem dos ídolos futebolísticos e suas representações

---

<sup>18</sup> Clubes de futebol sem tradição, com poucos títulos conquistados e de regiões onde o futebol tem menor expressão.

<sup>19</sup> A expressão neoliberal é utilizada por Proni (2000) para designar o modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil na década de 1990, fundamentado sobretudo nas leis do mercado e na redefinição do papel do Estado. No entanto, consideramos problemático classificar o modelo de desenvolvimento brasileiro de neoliberal sem antes realizar uma discussão mais profunda sobre o contexto econômico, político e social brasileiro nas últimas décadas do século XX.

<sup>20</sup> Trabalho apresentado no Fórum Antropologia do Esporte, realizada na 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, entre 16 e 19 de junho de 2002, em Gramado – RS.

<sup>21</sup> Trata-se de um paper apresentado no GT: Esporte, Política e Cultura, no 26º Encontro Anual da ANPOCS, realizado em Caxambu – MG, entre 22 e 26 de outubro de 2002.

acerca dos grupos populares. O trabalho de Gilson Gil (1994) sobre o drama do futebol-arte a partir dos anos 70 insere-se nesta perspectiva. O autor destaca a relação entre futebol e nação, dando ênfase à imagem do futebol-arte como representação do povo brasileiro (e da miscigenação) e fonte da identidade nacional. A cultura mestiça teria dado origem ao estilo “malandro” de jogar futebol no Brasil. O futebol é entendido aqui como metáfora da nacionalidade. A construção da identidade nacional se daria a partir do futebol-arte, no qual predomina a magia, habilidade, improviso e talento. Sua principal contribuição é discutir a oposição entre futebol-arte (magia, habilidade, improviso, liberdade de criação, artístico) e futebol-força (esquemas táticos rígidos, força). Este debate pode ser entendido também a partir da antinomia tradição e modernidade.

### 1.2.3 Correntes teóricas e desafios teórico-metodológicos

Conforme Machado (2000, p. 1), no campo da academia, duas correntes se destacam nas explicações do fenômeno futebolístico no Brasil:

(a) *Do ópio do povo à democracia do povo*: Trata-se da abordagem “essencialista” ou “democrática” que se fundamenta em Freyre (1957, 1964 e 1971a). Segundo essa corrente, o sucesso do nosso futebol assenta-se na miscigenação racial e o jeito brasileiro de jogar resulta da mistura de raças. A teoria da democracia racial aparece aqui como ideologia que relaciona futebol com formação étnica e nacional. O futebol seria um veículo que contribui com a positividade do misticismo.

Dentro da perspectiva que entende o futebol como elemento da burguesia, fator alienador, ópio do povo, pode-se mencionar os trabalhos de Ramos (1988), Levine (1982), Vinnai (1978) e Brohm (1972), autores que defendem a tese segundo a qual o futebol despolitiza as massas, sendo usado como instrumento da classe dominante para dominar a classe trabalhadora. Esses estudiosos são tributários de releituras, muitas vezes más leituras, de Huizinga (1993), Caillois (1991), Marcuse (1969) e Adorno (1973), especialmente de seus trabalhos acerca da racionalização dos jogos e sua transformação em esportes de massa, produzidos e veiculados pela indústria cultural.

Uma abordagem consistente sobre a dimensão alienante do futebol data do período pós-guerra, tendo como fundamento a Teoria Crítica frankfurtiana. Cabe lembrar aqui que nenhum dos autores principais desta teoria se dedicou exclusivamente à análise do esporte

como fenômeno sociológico. Adorno analisou a mercantilização, massificação e alienação da música em seu famoso artigo “O fetichismo da música e a regressão da audição”<sup>22</sup>. Dentro desta mesma perspectiva crítica, Benjamin (1975) analisou a degradação da obra de arte na medida em que esta é produzida industrialmente. A reprodução técnica da obra de arte implica na perda da “aura”.

(b) *A abordagem universalista*: Fundamenta-se em Roberto DaMatta (1982 e 1994). De acordo com essa corrente o futebol assume papel civilizador, nos ensina a obedecer regras. O futebol horizontaliza as relações sociais, estimula a igualdade de condições de disputa e cidadania numa sociedade altamente hierárquica como a brasileira. Trata-se de um agente capaz de disciplinar os indivíduos e transmitir mensagem democrática, especialmente através das regras universais e transparentes. A mensagem democrática se expressa na alternância entre vitórias e derrotas, todos podem vivenciar estas experiências, ninguém é só vencedor ou perdedor (DAMATTA, 1994, p. 17). O futebol aparece como agente do individualismo ao estabelecer igualdade nas disputas, um elemento da sociedade moderna. Conforme essa abordagem é relevante a contribuição do futebol na formação do indivíduo moderno no Brasil.

O futebol pode ser entendido também como um sistema de pensamento democrático e acessível a todos os segmentos sociais. DaMatta rejeita a visão do futebol como ópio do povo, muito difundida por setores críticos da esquerda, que consideram o futebol como instrumento de dominação de classe. Neste ponto, Machado (2000), para quem existe forte ligação entre futebol e nação, concorda com DaMatta.

O futebol é um fato social que possui dimensão econômica e cultural, por si só esse traço legitima o interesse entre os cientistas sociais por essa modalidade de esporte.

Devido a sua relevância e significado para o brasileiro existem até mesmo núcleos de estudos especializados na análise do futebol. É o caso do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado por Maurício Murad.

A sociologia do futebol pode vir a constituir-se numa sociologia especial, tendo na sociologia do esporte o campo privilegiado de saber, de onde se utiliza de teoria e metodologia. O esporte moderno é uma instituição social relevante em praticamente todo o mundo, goza de prestígio social semelhante ao das práticas esportivas na Grécia Clássica.

A sociologia do futebol para cuja criação se pretende contribuir no Brasil configura-se como um ramo da sociologia do esporte. As razões para fundar esta sociologia podem ser compreendidas se levarmos em consideração as palavras de Murad sobre o futebol:

---

<sup>22</sup> Para uma interpretação do esporte a partir da Teoria Crítica é importante consultar Brohm (1972), Vinnai (1978) e Ramos (1988).

Como o rito maior de nossa cultura popular, como metáfora e metalinguagem da existência social no Brasil, o futebol, bem como todas as suas implicações para além das quatro linhas, merece ser estudado aprofundadamente e em caráter permanente pelas Ciências Sociais, obedecendo a uma abordagem metodológica transdisciplinar, resultante que é da articulação complexa, fecunda e altamente produtiva entre múltiplos saberes. Transdisciplinaridade possui uma qualidade teórica diferente e superior às tradicionais inter ou multidisciplinaridade. Metodologicamente funda novas instâncias, novas categorias, novos conceitos (MURAD, 1995, p. 103).

São necessárias precauções com relação à aparente obviedade do futebol na sociedade brasileira. Romper com explicações jornalísticas acerca do futebol, tais como o mito do amor à camisa, o romantismo em relação ao futebol-arte, o mito do jogador milionário, a idéia de que os brasileiros são sempre os melhores jogadores de futebol, e não podemos perder, a noção de que o futebol permanece acima da sociedade, não podendo sofrer qualquer interferência política. Pretendemos desmistificar a idéia de que o jogador já nasce craque, possui dom natural e é um gênio. Desejamos mostrar que existe um processo de ensino-aprendizagem na formação do jogador de futebol que é ao mesmo tempo disciplinador, educativo e civilizatório.

Como pesquisadores devemos desnaturalizar os fenômenos sociais, renunciar às explicações superficiais, indo além delas, mas tomando-as como objeto de reflexão. Isso só é possível através de investigações acadêmicas, mostrando dados e argumentos fundamentados. Aqui está um dos motivos que nos levaram a empreender esta pesquisa.

O futebol, como segmento da cultura, é a síntese dinâmica da estrutura social maior e, portanto, uma via de acesso privilegiada para a investigação sociológica acerca das forças sócio-históricas dominantes na realidade brasileira. É eloqüente objeto de estudo e caminho direto para a compreensão da lógica interna da rede de relações que forma a vida brasileira (MURAD, 1995, p.104-5).

Pode-se compreender o futebol como componente do nosso cotidiano e da cultura, constituindo-se em elemento que ordena a realidade nacional. Se entendermos sua linguagem, poderemos assegurar que o futebol é também um sistema de pensamento, que transcende às classes sociais. Para Machado (2000, p. 2), “o futebol, além de ser um sistema de pensamento, é também um dos princípios concretos (ou reais) de organização da realidade brasileira. Um sistema que foi se formando ao longo do século XX, a partir da imensa popularidade do futebol”. No cotidiano, o futebol é uma situação social, que possibilita troca de simpatia, diálogo, amizade e confiança entre as pessoas. Nesse sentido, o futebol no Brasil é uma

instituição diretamente imbricada nas relações sociais, permeada por valores econômicos, políticos e culturais.

O futebol como espaço de sociabilidade gera solidariedade entre os homens. O ato de ‘ser’ um time ou torcer por ele, ou ainda de ‘pertencer’ a uma coletividade esportiva, é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior. É, pois, um ato político, no sentido clássico, aristotélico e, como tal, parte viva de um processo globalizante, de reaprendizagem sócio-cultural. Neste sentido é que a conclusão segundo a qual futebol é sinônimo de alienação política e manipulação ideológica é parcial, insuficiente e preconceituosa (MURAD, 1995, p. 113).

Assim, compreende-se o futebol como *locus* de inserção do indivíduo no coletivo. Trata-se de um importante aspecto de interesse da pesquisa sociológica. A sintonia entre indivíduo e sociedade, ação e estrutura. O vínculo criado no futebol através dos símbolos, rituais e práticas nas torcidas é semelhante ao religioso, levando as pessoas ao cultivo de um time ou “totem”. Torcer por um mesmo time é fazer parte de uma comunidade mais ampla, compartilhar símbolos e sentimentos, é alimentar um vínculo comum. Trata-se de uma integração psíquica e física. O futebol assume função religiosa na modernidade. Cabe, aqui, aludir às representações coletivas. O futebol permite que segmentos sociais reprimidos da sociedade se manifestem, dando uma nova configuração ao mapa social. É no mundo do futebol que estes encontram espaço de liberdade e de expressão do comportamento estético.

Os torcedores de um mesmo time se identificam através de uso de símbolos, bonés, camisas e emblemas. Vestir a camisa do clube, por exemplo, é participar de um mesmo universo simbólico. A sociedade é formada por universos simbólicos, como nos lembra P. Berger e T. Luckmann (1999). Assim sendo, o futebol aproxima desconhecidos e torna pessoas estranhas aliadas virtuais, portadoras de uma mesma identidade, criando *cidadãos futebolísticos*. O futebol ordena e reordena as práticas sociais no Brasil. “Mediante a filiação a certos clubes, ele reordena as classificações sociais estabelecidas, formulando uma redefinição no interior da desigual ordem social nacional. O futebol é uma malha que se estende pelo Brasil” (MACHADO, 2000, p. 3). Mesmo pessoas de diferentes condições econômicas, capital cultural, ocupantes de posições sociais diferentes se identificam, travam relações em meio da torcida, em que pese toda a estruturação hierárquica - expressa na espacialização social do estádio de futebol, com seus traços distintivos e aprisionados à lógica hierárquica que rege a sociedade brasileira. É neste sentido que o discurso que aponta para o futebol como elemento democratizador das relações sociais encontra referentes para se

legitimar. Os critérios étnicos, de classe social, idade, sexo seriam desconsiderados no universo do futebol, porque as identidades futebolísticas as transcenderiam.

Para o coordenador do Núcleo de Sociologia da UERJ:

[...] a finalidade máxima da Sociologia do Futebol é a de estudar os múltiplos jogos sociais presentes na região significacional do futebol, suas referências com o inconsciente coletivo, sua dimensão simbólica e não apenas a modalidade esportiva que acontece no interior das ‘quatro-linhas’. O futebol é bem mais que uma prática desportiva: é a síntese complexa da cultura brasileira, é a sua metalinguagem (MURAD, 1995, p. 108).

Concordamos apenas em parte com Murad, mas desejamos introduzir outras dimensões do futebol na pesquisa sociológica. Trata-se de investigar a dimensão do trabalho no futebol, particularmente a formação profissional do jogador de futebol, e assim contribuir para preencher uma lacuna na literatura futebolística. Nosso interesse justifica-se pela especificidade deste campo profissional, atualmente em crescente valorização econômica, cultural e social. Os elevados salários pagos aos jogadores famosos, os chamados “craques milionários”, atraem milhares de jovens e crianças para escolinhas de futebol, clubes e associações, levam os pais a despertarem o interesse dos filhos pela profissão de jogador de futebol.

#### 1.2.4 Lacuna na literatura

O exame da literatura nos permite sustentar a hipótese de que a construção da sociologia do futebol brasileiro é um projeto em andamento que necessita de maiores contribuições dos cientistas sociais. Tal projeto enfrenta desafios políticos, institucionais e epistemológicos. Trata-se de lutas ideológicas nas instituições, departamentos e grupos de pesquisa. A temática do futebol abre inúmeras possibilidades de investigação. Lutar para construir uma sociologia deste esporte é buscar uma compreensão científica da sociedade e da cultura brasileiras. Estas são algumas das razões pelas quais buscamos contribuir para inserir o futebol entre as temáticas não periféricas na Universidade brasileira, especialmente na área das Ciências Sociais.

Percebemos que as correntes teóricas dominantes são (a) a *universalista* e (b) a *do ópio do povo*. Os temas centrais são a relação futebol e identidade nacional, história do

futebol, democratização e profissionalização do futebol, futebol e construção da masculinidade, uso político do futebol, organização, comercialização e modernização do futebol e torcidas organizadas.

Considerando o conjunto de trabalhos já elaborados sobre a problemática do futebol no Brasil, percebe-se que se encontra em andamento um projeto de construção de uma sociologia do futebol brasileiro. Entretanto, verificamos uma lacuna na literatura sociológica futebolística: trata-se da ausência de estudos sobre o processo de formação do jogador de futebol, bem como o debate acerca da importância do dom na aprendizagem de técnicas futebolísticas. É exatamente nesta perspectiva que se insere nossa pesquisa. Pretendemos contribuir com este projeto de construção de uma sociologia do futebol brasileiro inserindo um novo aspecto passível de análise sociológica: a formação profissional no futebol. Nosso estudo realiza um diálogo entre a teoria social contemporânea, a sociologia do trabalho e a sociologia do esporte, com o objetivo de mostrar que existe um processo de ensino-aprendizagem na formação profissional do jogador de futebol, desnaturalizando as noções de dom e de vocação como cerne da profissão de jogador de futebol.

Na presente investigação, elegemos o SC Internacional como objeto empírico. Desejamos conhecer em que consiste a formação do jogador de futebol no SC Internacional sob a perspectiva da teoria globalista adotada em 1997. Busca-se enfatizar o disciplinamento dos jogadores por meio dos treinamentos técnicos, táticos, físicos e psicológicos. Investigaremos: (1) os processos de seleção de jogadores; (2) os dados sócio-econômicos e a escolaridade destes; (3) as motivações dos atletas para o futebol; (4) as suas expectativas profissionais, (6) as trajetórias profissionais dos jogadores e (7) a concepção dos atletas sobre o fim do “passe<sup>23</sup>”.

---

<sup>23</sup> Vínculo do jogador com o clube reconhecido na Justiça do Trabalho, mas abolido recentemente por intermédio da Lei Pelé.

## 2 SOCIOLOGIA DO ESPORTE, SOCIOLOGIA DO TRABALHO E TEORIA SOCIAL

### 2.1 A sociologia do esporte

Desde o século XIX a sociologia se preocupa com o fenômeno esportivo, suas origens e suas relações com a cultura e a religião. No entanto, a construção de uma sociologia especializada no esporte é relativamente recente. Em 1910, Steinitzer trata pela primeira vez do esporte de forma sistemática, fazendo uma crítica ao esporte de rendimento no seu livro “Esporte e cultura” (*apud* PILZ, 1999, p. 3).

Em 1921, surge um abrangente trabalho sobre esporte escrito por Risse, intitulado “Sociologia do esporte”. Na verdade, depois disso o esporte ocupou espaço nas teorias sociológicas e teorias do lazer, teorias do conflito e na sociologia da cultura.

De fato, a Sociologia do Esporte como disciplina autônoma nasce e se consolida somente na segunda metade dos anos 70. Entre os seus clássicos, citamos Guttman (1978), Huizinga (1980), Weiss (1969), Elias e Dunning (1992a e 1992b). Estes autores discutem temas clássicos como o fim do lúdico, a secularização, a racionalização do esporte e a distinção entre brincadeira, esporte e jogo.

Um dos principais debates na teoria sociológica do esporte é a erosão da estrutura e dos valores do esporte amador e sua substituição pelo esporte profissional. Nesta discussão se incorpora a oposição entre “jogo” e “esporte”. O esporte-espetáculo contribui para eliminar o jogo e o elemento lúdico, favorecendo ao aparecimento da competição. Conforme Dunning (1992a, p. 305), a teoria sociológica do esporte toma como objeto de reflexão a polaridade entre interesses dos jogadores e interesses dos espectadores e a polaridade entre “seriedade” e “jogo”. Tais polaridades inscrevem-se na perspectiva histórico-filosófica de Huizinga (1980). Tal perspectiva assegura que o equilíbrio entre as duas polaridades foi perturbado no esporte moderno, em que a seriedade se tornou dominante. Voltaremos a discutir estas polaridades posteriormente, quando analisaremos a diferença entre jogo, treino, diversão e trabalho e as mudanças nos sistemas de treinamento.

É dentro desta dicotomia que pretendemos desenvolver o debate acerca do futebol moderno. Para orientar discussões posteriores, primeiro é necessário definir algumas categorias que utilizaremos ao longo do trabalho, tais como “peladas”, várzeas e profissionais.

A categoria profissional adotada diz respeito estritamente ao grupo de atletas que formam a equipe principal dos times de futebol, ou seja, aqueles jogadores que vivem da profissão. Com isso, estamos tomando como referência apenas uma simples dimensão do modelo típico-ideal proposto por Toledo (2002), dentro do qual os profissionais seriam

todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo, como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juizes na busca imediata dos resultados, quer na percepção dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativo dos dirigentes (...) que viabilizam a competição como espetáculo (TOLEDO, 2002, p. 16).

Os jogadores profissionais têm no futebol um trabalho. Os treinamentos são rotinas de preparação para as partidas oficiais, sendo por isso momentos de esforço, trabalho e sacrifícios. Não se trata de brincadeira ou diversão, os sistemas modernos de treinamentos fundamentados em teorias científicas parecem cada vez mais eliminar o lúdico. A eliminação do elemento lúdico é consequência da crescente competitividade que permeia o esporte moderno em crescente comercialização. O processo de mudanças nos sistemas de treinamento esportivo está transformando o jogador de futebol, convertendo-o de *homos ludens* em *homos economicus*.

Com relação à categoria “pelada”, procuraremos defini-la a partir da abordagem de Damo (2002b, p. 7). As “peladas” configuram-se no universo da recreação, do lazer, divertimento, ou seja, no espaço do não trabalho. Nesta modalidade futebolística,

A duração do jogo pode variar de acordo com a disposição dos praticantes – condicionamento atlético, excitação individual e coletiva, entre outros -, com a disponibilidade de tempo para tal atividade ou em função de outros condicionantes externos, como a limitação de tempo imposta pela locação dos espaços para a prática. A divisão social do trabalho intensa, estruturada e em processo de complexificação crescente no futebol-espetáculo é praticamente inexistente nas “peladas”. (...), observa-se que nas peladas há uma precária distinção entre atacantes e defensores, ou quando esta distinção existe é fruto de arranjos situacionais, ao contrário do que ocorre com os profissionais que se especializam não apenas no aprimoramento das técnicas corporais voltadas para o futebol, senão que na execução de tarefas tão particulares como a cobrança de escanteio pelo lado direito ou a reposição de bola lateral (DAMO, 2002b, p. 8).

Além das “peladas”, a várzea também é um espaço de prática futebolística que merece esclarecimentos que permitam o leitor entender melhor o que estamos dizendo quando afirmamos que alguns atletas profissionais, o caso de Romário, aprenderam a jogar futebol nos times de “pelada”.

Por futebol de várzea devemos entender um futebol intermediário, regulamentado e organizado nos moldes do profissional, onde os times formam ligas, campeonatos, torneios e competem (DAMO, 2002b).

No nosso imaginário social persistem representações acerca da várzea como espaço do improvisado, da liberdade, onde nasceram grandes craques brasileiros, sendo a várzea uma configuração do futebol brasileiro alegre, o futebol-arte. No entanto, há também um discurso que tenta desqualificar a várzea, tomando-a como sinônimo de amadorismo, barbaridade, desorganização (DAMO, 2002b).

### 2.1.1 A construção social do esporte moderno

A gênese dos esportes modernos pode ser compreendida como um problema sociológico. Trata-se de um processo de modificação de elementos da cultura corporal das classes populares e da cultura corporal da nobreza inglesas, tendo sido iniciado em meados do século XVIII e se intensificado nos séculos XIX e XX (ELIAS, 1992a).

Dunning (1992a) considera que muitos esportes têm, em parte, raízes religiosas. Afirma que “a análise de Durkheim da ‘efervescência coletiva’ gerada nos rituais religiosos dos aborígenes australianos poderia extrapolar-se, *mutatis mutandis*, à emoção e excitação geradas em um acontecimento esportivo” (DUNNING, 1992a, p. 12). Se aceitamos a tese do esporte como resultado dos jogos antigos, é conveniente admitir que o esporte tem origem religiosa e militar.

Além de origem religiosa, há ainda a função militar desempenhada pelos antigos jogos, depois convertidos em esportes. Os jogos representavam, simultaneamente, um momento de descanso e formas de preparação para novas guerras. Eram “atividade agonística prevalentemente pré e pós-militar” (GRIFI, 1989, p. 38). Os principais jogos eram o tiro com arco, a luta, o lançamento do disco, a corrida a pé e a corrida com “carros” de tração animal. Estes jogos estavam relacionados à esfera militar.

Os jogos populares entram em declínio a partir de 1800, tornando-se fora de uso diante do crescente movimento de industrialização e urbanização, e do advento de novos padrões e condições de vida (DUNNING, 1992a).

As transformações nas formas de praticar e no processo de regulamentação consistem numa construção social e institucional, podendo ser considerada uma das

dimensões do processo civilizatório, esportivização da sociedade. A origem do esporte moderno é um produto da esportivização dos passatempos antigos. Conforme Elias (1992a, p. 157),

(...) muitos dos esportes que hoje se praticam de forma mais ou menos parecida em todo o mundo se originaram na Inglaterra. Dali se estenderam para outros países, principalmente durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. (...) Analogamente, o termo inglês *sport* foi adotado de maneira generalizada por outros países para designar genericamente esta classe de passatempos.

É, portanto, na Inglaterra do século XIX que o esporte adquire parte de suas características atuais, como competição, especializações de papéis, rendimento físico-técnico, racionalização e *record*. O controle da violência se deu por meio de um código de sentimentos e condutas em relação às atitudes esportivas. Isso foi difundido pelo processo civilizador, o qual passou a controlar não apenas as atitudes esportivas, como também a conduta social como um todo. O processo civilizador foi responsável pelo aumento da sensibilidade no que diz respeito à violência e pela consolidação de regras bem definidas em todas as manifestações esportivas, tendo como objetivo exercer controle mais eficiente do comportamento, o que levou, posteriormente, ao auto-controle rigoroso por parte dos esportistas, evitando violentar os outros jogadores.

Seguindo caminho parecido com outros esportes modernos, o futebol teve origem na Inglaterra, sendo que a partir do século XIX se propaga pelo mundo a fora. Inicialmente sua prática se dava nas “*Public Schools*”, escolas públicas. O futebol era conhecido como o soccer ou *association football*.

A evolução do futebol pode ser desenhada da seguinte forma: os jogos populares ingleses se transformaram no futebol, ganharam uniformidade e regulamentação com a criação de um código nacional em 1863.

Na Alemanha, o primeiro time de futebol surge em 1878. Na Holanda, o primeiro clube de futebol foi criado em 1879, enquanto que na Itália surge o primeiro clube de futebol em 1890. O processo de regulamentação do futebol se intensifica com a criação destas associações destinadas à sua prática. Uma institucionalização maior ocorre com o aparecimento das federações. Na Suíça, a federação de futebol foi criada em 1895; na Alemanha, em 1900; em Portugal ela data de 1906 (MURRAY, 2000).

Em 1908 o futebol torna-se um esporte regular nos jogos olímpicos (ELIAS, 1992a, p. 190). O futebol tornou-se um esporte mundial, invadiu outros territórios e língua, estendendo-se muito além das fronteiras da Europa.

### 2.1.2 Do *homos ludens* ao *homos economicus*: esporte-lazer e esporte profissional

A sociologia do esporte pode adotar duas perspectivas para abordar o esporte moderno como fenômeno social: (1) esporte-espetáculo ou de alto rendimento, e (2) esporte-lazer.

A primeira diz respeito ao esporte de massa, produzido e veiculado pela indústria cultural, transformado em mercadoria. Adotaremos esta perspectiva na investigação da formação profissional no universo do futebol-espetáculo. O futebol profissional é um esporte-espetáculo. A segunda perspectiva entende o esporte como lazer, que tem como função proporcionar prazer ao praticante. Coloca-se no universo do não-trabalho, praticado no tempo livre. Aqui pode-se inserir o futebol praticado nas peladas e várzeas. O elemento lúdico domina o lazer. Os praticantes do esporte como forma de lazer e divertimento são os *homos ludens*, têm no esporte um fim em si mesmo.

Conforme Huizinga (1980, p. 219-220), , o esporte tecniciza e racionaliza o jogo, destruindo sua espontaneidade:

Ora esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Isto se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (ou ‘cavalheiros e jogadores’, como já foi hábito dizer-se), que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros, os quais por sua vez são considerados superiores apesar de sua competência inferior. O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta espontaneidade, a despreocupação. Isto afeta também os amadores, que começam a sofrer de um complexo de inferioridade. Uns e outros vão levando o esporte cada vez mais para longe da esfera lúdica propriamente dita, a ponto de transformá-lo numa coisa *sui generis*, que nem é jogo nem é seriedade. O esporte ocupa, na vida social moderna, um lugar que ao mesmo tempo acompanha o processo cultural e dele está separado, ao passo que nas civilizações arcaicas as grandes competições sempre fizeram parte das festas, sendo indispensáveis para a saúde e a felicidade dos que nelas participavam. Esta ligação com o ritual foi completamente eliminada, o esporte se tornou profano, foi *dessacralizado* sob todos os aspectos e deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade, sobretudo quando é de iniciativa governamental. A capacidade das técnicas sociais modernas para organizar manifestações de massa com um máximo de efeito exterior no domínio do atletismo não impediu que nem as Olimpíadas, nem o esporte organizado das universidades norte-americanas, nem os campeonatos internacionais tenham contribuído um mínimo que fosse para elevar o esporte ao nível de uma atividade culturalmente criadora. Seja qual for sua importância para os jogadores e os espectadores, ele é sempre estéril, pois nele o velho fator lúdico sofreu uma quase atrofia completa.

De acordo com a perspectiva do esporte-espetáculo, os atletas e organizadores são profissionais, trabalhadores remunerados como em outros ramos da economia capitalista. Pode-se dizer que de *homos ludens*, quando da prática esportiva como lazer, brincadeira, prazer, despreocupados, os atletas profissionais se converteram em *homos economicus*. No futebol profissional procura-se desenvolver o potencial humano dos atletas através do aparato de treinamento com base científica, as positivities na linguagem de Foucault. Os atletas de futebol profissional têm no esporte a ocupação principal. Este esporte é financiado também por uma massa de consumidores e pela mídia. O esporte-espetáculo proporciona prazer aos torcedores. Estes são clientes e consumidores do espetáculo. Os atletas são profissionais, trabalhadores da bola.

Podemos esquematizar a discussão acima da seguinte forma:

**QUADRO 2 - *Homos Ludens e Homos economicus***

<b>HOMOS LUDENS</b>	<b>HOMOS ECONOMICUS</b>
Jogo Amador Diversão Sociabilidade Lazer Espontaneidade	Esporte Profissional Trabalho Competição Alto-rendimento Racionalidade

**Fonte:** Elaboração Própria – 2002.

A competição como característica do esporte como fenômeno social moderno provoca mudanças nas práticas esportivas. O princípio do rendimento típico da sociedade industrial incorpora-se ao esporte, conforme análises de Eichberg (1979) e Rigauer (1969), citados por Valter Bracht (1997, p.10). Para Rigauer (1969), é possível perceber afinidade entre trabalho industrial, alienação e esporte de alto rendimento. O esporte desenvolve-se dentro do processo global, incorpora traços da sociedade industrial, como autoridade, racionalidade, burocratização e organização técnica.

Entre as principais características das práticas esportivas modernas Valter Bracht (1997, p. 10) menciona: competição, recorde, racionalização, rendimento físico-técnico e a cientificação do treinamento. Para Gultmann (*apud* BRACHT, 1997, p.10), o esporte moderno comporta outros traços: (1) igualdade de chance nas disputas, (2) secularização, (3) burocratização, (4) especialização de funções, (5) quantificação e (6) busca incessante de recordes.

Em suma, pode-se ressaltar que a apropriação do esporte pela indústria cultural contribuiu para transformá-lo em profissão (para atletas, técnicos e dirigentes) e mercadoria (para torcedores). A profissionalização do esporte implicou numa tendência de eliminação do lúdico, da espontaneidade, da brincadeira, e conseqüentemente na conversão do *homos ludens* no *homos economicus*.

### 2.1.3 Treino é treino, jogo é jogo

A distinção entre jogo e treino é um tema relevante na discussão acerca do trabalho e do lúdico no esporte. Abordaremos tal distinção na análise das mudanças no estilo brasileiro de jogar futebol e no processo de formação e treinamento de atletas no futebol brasileiro.

Jogo e treino são diferentes. Há jogadores que desprezam os treinos, sendo partidários da concepção de que o jogador brasileiro é habilidoso, tem características inatas que prescindem do treino. Cabe salientar que o jeito, a habilidade e a malícia do jogador brasileiro até a Copa de 1958 eram apenas aspirações e anseios, nada de virtude, pois o Brasil até então não havia ganho nada em termos de futebol. Com a vitória brasileira naquela Copa é que o futebol-arte se torna uma virtude e uma realidade objetiva e simbólica. Agora se valorizava mais o jeito leve e inato de jogar futebol no Brasil. A Copa de 1958 consagrou a escola brasileira de futebol, que ganhou reconhecimento internacional, após superar os rígidos esquemas táticos europeus, que para alguns significa o futebol-força.

O Brasil é rico em jogadores que, certos de suas qualidades inatas, do sucesso garantido por suas habilidades individuais e do prestígio que têm, não gostam de treinar. Por exemplo, Didi, Romário, Edmundo, Sócrates e muitos outros. São jogadores que “nasceram feitos” e não precisavam se colocar em constrangimentos dos treinos e exercícios. Geralmente elas recebem o rótulo de indisciplinados e de faltar com o profissionalismo.

Há aqui discursos distintos: o jogador nasce feito, primazia do estilo, ou o futebol moderno, técnico, de treinos e muita preparação.

Atualmente, têm sido feitas alterações nas formas de treino no futebol brasileiro, em que os clubes investem em preparação, o que é uma tentativa de modernizar o futebol, mesmo que ainda persistam, em determinados casos, formas e valores tradicionais. A chamada modernização do futebol, acompanhada ou impulsionada pela comercialização do espetáculo futebolístico, alterou o sentido e as formas de treinamento no cenário do futebol nacional. É sabido que se trata de um longo processo de mudanças, porém intensificadas recentemente.

Na Copa de 1958 a seleção brasileira adotou pela primeira vez uma “comissão técnica”. Com isso, temos o primeiro preparador físico propriamente dito: Paulo Amaral. A preparação física recebeu tratamento especial naquele mundial, apresentando resultados positivos, e assim é compreensível que se torna algo a ser pensado pelos clubes nacionais. Além da preparação física, a comissão técnica de 1958 preparou treinamentos especiais, com calendário definido e até mesmo espionando os adversários. Na verdade, o treino ganha importância para muito além de simples recreação e reunião dos atletas. Isso nos colocava em igualdade com os clubes e seleções européias.

Nos times europeus, mesmo havendo jogadores habilidosos, a primazia é dada ao adestramento técnico e à preparação física, disciplinando os atletas. Daí porque se dá excessivo valor à rotinização e internalização de formas e esquemas de jogo na Europa. Esta é uma questão interessante que merece ser aprofundada em outros trabalhos.

Sobre os treinamentos no Brasil, Toledo (2002, p.131) ressalta que

Em princípio destinados estritamente à manutenção física e técnica do conjunto de jogadores, eles constituem, como se pode notar, um *locus simbólico* privilegiado que se contrapõe ao domínio ritual das partidas, na medida em que consistem no avesso dos ritos, pois referendam a dimensão cotidiana como temporalidade privilegiada, o que, de certa maneira, contraria as análises mais canonizadas a respeito do futebol concebido predominantemente como um momento ritualizado.

Então, a necessidade de competir com maiores possibilidades de vitória requer novas formas de treinamento, levando à adoção de espaços especializados, bem como de equipes técnicas e de apoio dotadas de métodos e dispositivos especializados na preparação física, técnica e tática de atletas no futebol brasileiro.

A valorização dos treinos cresceu nas últimas décadas. Isso em decorrência de uma nova concepção de futebol que domina o mundo futebolístico contemporâneo. Com os centros de treinamentos, alguns clubes passaram a treinar em campos diferentes do seu estádio sede, transformando os treinos em verdadeiros experimentos científicos de jogadas, destruindo totalmente a dimensão lúdica. É dentro deste contexto que Toledo (2002, p. 131) afirma que:

O espaço de treinamentos, não mais com as conotações lúdicas e mesmo pejorativo implícitas mas como uma continuidade necessária à manutenção do espírito competitivo, adquiriu valorização crescente no Brasil sobretudo a partir da separação mais permanente imposta por alguns clubes entre o estádio, local dos jogos, a sede social e administrativa e as instalações que dão suporte material aos treinos.

Podemos afirmar que jogo e treino são dois momentos diferentes do trabalho do jogador de futebol. Tradicionalmente, os treinos eram momentos de descontração, brincadeira e de descompromisso com a vitória. É por isso que a máxima de Didi, “treino é treino, jogo é jogo” (CASTRO, 1995), em declaração sobre suas atuações pouco convincentes na fase de preparação para a Copa de 1958, querendo explicar que os treinos não podem ser levados a sério, pode ser utilizada para ilustrar a separação entre esses dois momentos do futebol. Entretanto, a modernização no processo de formação de jogadores no futebol brasileiro e o advento do futebol científico modificam e questionam esta distinção. Os atuais treinadores preferem os treinos táticos em detrimento do treino coletivo. Este é uma espécie de “pelada”, de “rachão<sup>24</sup>”, corrido sem interrupções para ensaiar jogadas. Por isso é o preferido pelos atletas, pois cria um ambiente agradável onde se manifesta o lúdico, a brincadeira. Enquanto que os treinos táticos são individualizados, conforme a capacidade e característica de cada atleta. Na verdade, “os treinos táticos celebram as jogadas ensaiadas, os posicionamentos e as funções previamente estudadas, o aprimoramento das *formas* de jogo, necessitando da presença cotidiana dos jogadores nestes ciclos mais abstratos e sistematizados de assimilação da técnica” (TOLEDO, 2002, p. 143). São treinos mais abstratos, fragmentados, baseados em simulações de jogo, enfatizando jogadas específicas, enquanto que os treinos coletivos são próximos de uma partida, realizados em sua totalidade. Para concluir, a concepção de cada treinador pode determinar o tipo de treino preferido. Por exemplo, Carlos Alberto Parreira, conhecido como apaixonado pela aplicação tática e intervenção científica na preparação de suas equipes, prefere os treinos táticos. Já Telê Santana, ex-técnico e defensor do futebol-arte, alegre e ofensivo, sempre trabalhava mais com treinos coletivos, dando ênfase à preparação técnica (TOLEDO, 2002).

Importa frisar que os novos modelos de treinamento estão eliminando o caráter lúdico dos treinos, tornando-os extensão dos jogos oficiais no sentido de estabelecer a seriedade como padrão.

---

<sup>24</sup> Futebol jogado sem preocupação com a performance, sendo permeado pela brincadeira e pelo prazer.

## 2.2 Teoria social e a análise do esporte

### 2.2.1 A construção social da corporalidade

Um exame na literatura sociológica revela praticamente a ausência de análises sobre o corpo. Shilling (1993) argumenta que tal ausência do corpo, ou melhor, de suas bases biológicas afeta o desenvolvimento da teoria social, dificultando uma abordagem consistente da ação humana e a compreensão das instituições sociais. Como ilustração, ele destaca estudos em sociologia da educação nos quais está ausente a dimensão biológica do corpo, afirmando que:

(...) escolas não são somente lugares que educam a mente das crianças, elas também estão implicadas em monitorar e modelar os corpos das pessoas jovens. (...) A sociologia da educação tem tradicionalmente se preocupado com as múltiplas relações que existem entre classe social, desenvolvimento cognitivo, ideologia, certificação e mobilidade social. Esta abordagem tem produzido uma abundância de dados importantes sobre oportunidades educacionais dentro das sociedades, porém tem também condicionado a visão errada de que a escola está preocupada somente com a mente e com um tipo de conhecimento - o abstrato e acadêmico (SHILLING, 1993, p. 21).

O corpo não é tratado como deveria nas análises sociológicas. Isto revela certo descaso da teoria social com a dimensão biológica da corporalidade humana e sua influência nas relações sociais.

Esta preocupação com a negligência em relação à dimensão biológica do corpo na teoria sociológica está presente em Turner (1992), analisa o desenvolvimento da teoria social e verifica um certo desprezo do corpo. O autor defende que a idéia de corpo como representação da sociedade não é recente, mas tem em Mary Douglas uma das figuras principais na sua difusão. O corpo seria uma representação social, expressão das estruturas sociais. A teoria social contemporânea tem entendido o corpo como um texto, resultado de um discurso. Trata-se de uma construção social produzida por diferentes discursos, como médico, artístico, moral e comercial. O corpo aparece como problema de regulação e controle (TURNER, 1992). Tal concepção se inscreve na perspectiva de Foucault (1987, 1989, 2001), particularmente, e de vários outros cientistas sociais, segundo a qual o corpo humano deve ser manipulado, adestrado, treinado e disciplinado, tendo em vista sua adaptação útil e eficiente

aos diversos contextos sócio-econômico-culturais modernos. Portanto, o corpo é objeto de regulações e controles.

A visão de Turner (1992) acerca da corporalidade pode ser sintetizada assim: o corpo é uma potencialidade, que comporta fundamentos orgânicos, desenvolvida culturalmente nas relações sociais. Temos aqui uma crítica às diversas concepções que negligenciam a extensão orgânica nas relações sociais e atividades humanas. De fato, o autor combate as visões do corpo apenas como resultado de controle e regulações sociais. Assevera que “(...) parece bizarro argumentar que não existem fundamentos orgânicos para a atividade humana” (TURNER, 1992, p. 16). Considera que o corpo é construído socialmente, porém tal construção se dá a partir de uma base orgânica. Entretanto é importante salientar que algumas manifestações corporais são mais socialmente construídas do que outras.

Turner (1992) advoga que a negligência do aparato biológico do corpo nas relações sociais é, em parte, resultado da influência do dualismo cartesiano (nítida separação entre corpo e mente; natureza e cultura) nas ciências sociais. Turner (1992, p. 32) assegura que

(...) o dualismo cartesiano é baseado na suposição de que não existe interação, pelo menos nenhuma interação significativa, entre mente e corpo e, além do mais, que estes dois elementos podem ser dirigidos por disciplinas separadas e distintas. (...) O corpo tornou-se objeto das ciências naturais incluindo a medicina, enquanto a mente tornou-se o objeto das humanidades, ou das ciências culturais. (...) Desta maneira, a divisão cartesiana nas ciências médicas permitiu à medicina tratar os problemas do corpo com a mínima referência às causas sociais ou psicológicas.

Este dualismo sustentou o estudo do corpo sem referência ao organismo, propagando as concepções em que as diretrizes culturais do comportamento humano são dominantes, em consonância com a racionalidade da ação. Acreditamos que este dualismo prejudicou o diálogo entre as ciências sociais e a educação física, dificultando a análise social dos esportes.

Pode-se sugerir ainda a hipótese de que o desprezo pelo corpo na teoria social é fruto direto da crítica sociológica ao determinismo biológico. Assim, “qualquer referência à natureza corpórea da existência humana suscita na mente do sociólogo o espectro do darwinismo social, do reducionismo biológico ou da sociobiologia” (TURNER, 1989, p. 25). A teoria social prima pela dimensão significativa da ação social, tais como valores, intenção e crenças, e negligencia a dimensão corpórea. Na concepção de Turner, o corpo é uma construção social, porém não é mero discurso.

(...) eu não acredito que a realidade seja discurso, isto é, eu não acredito que a realidade social seja meramente uma questão de representação. (...) As abordagens sociológicas do corpo precisam obviamente ser condicionadas ou pelo menos

influenciadas pelo modo pelo qual o ‘corpo’ existe no mundo. A questão (Como o corpo é representado na sociedade?) não é a única questão que ela pode perguntar sobre o corpo. (...) Acreditar que questões de representação são as únicas questões científicas legítimas ou interessantes é adotar uma posição de idealismo para com o corpo (TURNER, 1992, p. 41).

Um dos estudos clássicos e pioneiros nas ciências sociais acerca do corpo é “As técnicas corporais”, de Marcel Mauss (1974). Trata-se de uma tentativa de analisar a dimensão biológica do corpo, mostrando que o mesmo é objeto de condicionamentos e regulações sociais, determinando suas expressões naturais e biológicas. Tais regulações e condicionamentos sociais ocorrem por meio de treinamento por intermédio de várias técnicas corporais. O autor pretende analisar a variabilidade social do uso do corpo através da noção de “técnica corporal”, considerando que as atitudes corporais envolvem técnicas, as quais variam conforme a sociedade (MAUSS, 1974). As técnicas corporais variam também com relação aos clubes de futebol, especialmente no que diz respeito aos diferentes métodos de treinamentos e rotinas de preparação física e técnica. É neste sentido que a abordagem de Mauss nos será útil.

Técnicas corporais são “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211). A tradição é importante porque possibilita a constituição de uma técnica e sua transmissão, pois “não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (MAUSS, 1974, p. 217). Técnica corporal como um ato tradicional, mecânico, onde o corpo é um objeto, um instrumento humano. Assim, “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo” (MAUSS, 1974, p. 217).

As técnicas corporais são construções sociais que buscam a adaptação do corpo “a um fim físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos)”, por meio de um conjunto de atos montados sobre o indivíduo, e “por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa” (MAUSS, 1974, p. 218). Trata-se de construções sociais “impostas” aos indivíduos através da educação, treinamento e “adestramento”. Esta discussão sobre a construção social da corporalidade em Mauss (1974) pode ser resumida na seguinte afirmação de Lévi-Strauss “(...) cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo (...). É por intermédio da educação das necessidades

e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos” (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 02).

O processo de educação e treinamento dos corpos revela um conteúdo de submissão dos corpos. Trata-se de mecanismos de controle social diretamente articulados com os modelos de relações de poder de cada formação social e em cada época.

A concepção do corpo como construção social é defendida também por Douglas (1976), para quem o corpo humano expressa a estrutura social na qual está inserido. O corpo é produto de simbolismo e imagens que manifestam certas tendências culturais numa dada sociedade. Conforme Douglas,

(...) o corpo é uma estrutura complexa. As funções de suas diferentes partes e suas relações proporcionam uma fonte de símbolos para outras estruturas complexas. Não podemos, possivelmente, interpretar rituais concernentes a excrementos, leite de peito, saliva e tudo o mais, a menos que estejamos preparados para ver no corpo um símbolo da sociedade, e os poderes e perigos creditados à estrutura social reproduzidos em miniatura no corpo humano (DOUGLAS, 1976, p. 142).

O corpo manifesta as características da sociedade na qual é produzido. Neste sentido, pode-se defender que a produção social do corpo consiste na incorporação e internalização de estruturas simbólicas e objetivas. O que implica na construção de um *habitus* (BOURDIEU, 1996).

A tese do corpo como auto-expressão da sociedade será adaptada à análise do futebol. Defendemos a hipótese de que, mesmo com pequenas variações, os clubes de futebol produzem jogadores dentro de um padrão que busca reproduzir seu estilo de jogar, bem como expressar suas características principais, identidade e tradições. Ou seja, busca-se incorporar um determinado *habitus* ao jogador de futebol. Exemplo disso é quando os clubes escolhem profissionais adequados à sua identidade. O SC Internacional, ao contratar o técnico Carlos Alberto Parreira em 2001, teve como parâmetro a semelhança entre o estilo de trabalho deste profissional e a história do clube. Isso se percebe também com a contratação e formação de seus jogadores. A expressão do SC Internacional parece ser a disciplina tática, a força, a “raça” e a vontade desmedida de vencer, e é dentro deste padrão que fabrica seus jogadores. Pois há uma evidente preocupação em preservar a representação do clube, tal como aquela construída nos anos 70, quando tinha um time marcado pela organização tática e empenho dos atletas em campo.

## 2.2.2 Disciplina, poder e corpo: notas sobre a teoria de Michel Foucault

### 2.2.2.1 Poder e corpo

Em *Vigiar e Punir* Michel Foucault (1989) elabora uma genealogia do direito penal racionalizado e da execução penal cientificamente humanizada. Sua análise centra-se no surgimento do regime moderno de poder, o qual busca o afinamento e a adaptação aos instrumentos que vigiam a identidade, os gestos, as atividades e os comportamentos cotidianos dos indivíduos. O poder é imposto por meio de processos de aprendizagem prático-moral, contribuindo com o adestramento dos indivíduos através da socialização.

As instituições sociais modernas: escola, fábrica, hospital, polícia disciplinam o indivíduo, manipulam e controlam seus corpos. A ordem social sustenta-se na sua capacidade de comando e direção permitida pelo conjunto de instituições e organizações administrativas. A manipulação ocorre através do disciplinamento por meio das instituições sociais. O esporte moderno pode ser considerado uma instituição disciplinadora dos corpos. Esta concepção integra a obra de Muller, Dieguez e Gabauer (BRACHT, 1997, p. 46), o que nos possibilita investigar o futebol como instituição disciplinadora de corpos.

A análise de Foucault acerca do poder preocupa-se em captá-lo em suas extremidades, na sua capilaridade, ramificações, manifesto nas instituições locais e regionais, examinando sua materialização. É o poder como algo que circula, funciona em cadeia e redes (FOUCAULT, 2001, p. 182-3). O poder passa sobre os indivíduos, fazendo com que os gestos, corpos, desejos e discursos funcionem e sejam identificados como indivíduos. O indivíduo é um efeito do poder, sendo criação e veículo de transmissão. A idéia de poder como rede, micro, estendendo-se ao conjunto de esferas sociais pode servir para pensar as relações no futebol, especialmente quando trataremos das relações de controle social, condicionamentos físicos, técnicos e táticos, ordenamentos e hierarquia das posições. O técnico revela seu poder por meio dos esquemas. Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando a docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores “em forma”, preparados para jogar.

### 2.2.2.2 *Disciplina e a produção do corpo na modernidade*

A disciplina produz maneiras de agir e comportamentos, fabrica o homem necessário a determinadas funções. O poder disciplinar trabalha o corpo no sentido de torna-lo força de trabalho, capaz de proporcionar os melhores rendimentos possíveis. O jogador de futebol é uma força de trabalho produto do disciplinamento, treinamentos e do desenvolvimento de seu potencial genético (CARRAVETTA, 2001a, p.19).

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (...), ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1989, p. 127).

Pode-se entender a disciplina como obediência técnica e tática, sendo uma disciplina corporal e moral.

O poder disciplinar se manifesta das seguintes formas: (1) *A disciplina é um tipo de organização do espaço*. Distribui os corpos em espaços específicos e individuais, classifica-os, conforme determinadas funções. *A disciplina constitui um controle do tempo* (MACHADO, 2001, p. XVII). Horários marcados para as tarefas. O corpo é sujeito ao tempo, busca-se produzir com rapidez e eficácia. O que mais interessa é o desenvolvimento e não o resultado da ação. Nos clubes de futebol existem horários marcados para treinamentos, jogos e atividades recreativas. Tem-se o controle minucioso do corpo do jogador e de suas operações, buscando articulação entre corpo e objeto manipulado. Interessa-nos saber como se organiza o espaço entre os jogadores em do SC Internacional, na distribuição de funções, e o controle que o técnico tem nesse processo. (2) *A vigilância como instrumento de controle social* usado pelo poder disciplinar. Trata-se do controle discreto, invisível. Por exemplo, o poder vigilante do Panopticon de Bentham (MACHADO, 2001, p. XVIII). Este controle sem ser visto pode existir também nos clubes de futebol. Os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho, treinos de diferentes naturezas e as proibições de sair à noite, que constituem uma espécie de controle social. É neste sentido que a noção de vigilância de Foucault será utilizada para investigar o controle dentro do clube.

O objetivo político e econômico do poder disciplinar é tornar o corpo humano útil e dócil (FOUCAULT, 2001). O poder disciplinar não é negativo, mas positivo, ele produz o indivíduo moderno, sendo uma técnica de controle social muito eficiente, desenvolvida nas

sociedades modernas desde o século XIX. Para Foucault (2001, p.183-4), “(...) o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu”. O poder moderno, ao invés de massificar, descaracterizar, ele individualiza e unifica. Numa massa desordenada, o poder faz o indivíduo emergir como alvo, esquadrihado. O nascimento da prisão não é uma massificação, mas o isolamento celular, total ou parcial, inovação no sistema penitenciário. O nascimento do hospício não destruiu o específico da loucura, ele é produzido como doente mental, individualizado, com relações disciplinares de poder para cuidar do doente.

O mundo moderno criou conhecimentos, normas, técnicas e discursos que são operadores e legitimadores do controle do corpo. Muitos destes conhecimentos encontram-se relacionados ao mundo do esporte. Este se configura como uma das esferas das sociedades contemporâneas mais importantes de organização da corporeidade.

O esporte é um dos mais fortes vetores que potencializa o domínio do corpo. As identidades sociais modernas se constroem em torno do corpo, sendo muito presente o princípio do rendimento. Vivemos numa sociedade esportivizada no sentido de busca pelo aperfeiçoamento do corpo, seja pela beleza, qualidade de vida, saúde ou força física em preparação para outros esportes ou trabalho. As academias são exemplos ilustrativos disso.

O treinamento esportivo é um dos aspectos mais relevantes do esporte moderno de competição. As metodologias e os princípios de treinamento são sustentados por conhecimentos científicos, positivamente e dispositivos contendo elementos que buscam melhorar o desempenho esportivo, sendo que uma das exigências/critérios é exatamente colocar o corpo sob um perfeito controle. É necessário operacionalizar o corpo, torná-lo capaz de alcançar elevada performance desportiva. No treinamento esportivo, o corpo aparece como um objeto passível de manipulação, adestramento e operacionalização, comparável a uma máquina. Ele pode ser colocado em funcionamento, para isso recebe treinamentos especiais. Trata-se de uma consciência mecânica do corpo no esporte. A teoria do treinamento desportivo pode assemelhar-se a outras técnicas e outros discursos sobre o corpo, tais como os cuidados com a dieta, e/ou a estética.

### 2.2.2.3 A produção social do soldado e do jogador de futebol

A fabricação dos corpos nas instituições militares em Foucault (1987) revela diferenças na representação e na produção do corpo em duas épocas diferentes: os séculos XVII e XVIII. No início do século XVII a imagem de um bom soldado era de que este possuía atributos corporais “naturais”, isto é, já nascia com determinadas características corporais que o recomendava como ideal para seguir o ofício militar. Neste período, a concepção que se tinha do soldado era de alguém dotado de sinais naturais como força, coragem, vigor e orgulho; valentia e força estavam expressas em seu corpo. O soldado era reconhecido de longe (FOUCAULT, 1987). Podemos referir aqui a possível idéia de “dom” como elemento na formação do soldado. Os dotes naturais como força, coragem, vigor seriam definidores para alguém se tornar soldado. No futebol ainda persiste o discurso de que atributos naturais são imprescindíveis para alguém se tornar jogador de futebol, mesmo que estes atributos naturais sejam aperfeiçoados e trabalhados a partir de um conjunto de técnicas e conhecimentos inerente à preparação física, técnica e tática. Existe, de fato, um processo de aprendizagem através do qual o atleta internaliza “cultura tática”.

No entanto, por volta da segunda metade do século XVIII, a concepção sobre o corpo torna-se completamente alterada, principalmente nas instituições militares. O bom soldado não é mais aquele que nasce com determinadas qualidades corporais, porém é aquele que aprende e adquire tais qualidades e atributos através de um processo de treinamento intenso. Então, abandona-se aquela visão de um corpo naturalmente ideal a favor da concepção segundo a qual o corpo ideal pode ser conseguido se este for posto em treinamentos intensos, ou seja, ele é produzido socialmente. Neste sentido, Foucault argumenta que na segunda metade do século XVIII,

(...) o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o -perpetuamente disponível e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi ‘expulso o camponês’ e lhe foi dada a ‘fisionomia de soldado’ (FOUCAULT, 1987, p. 125).

A produção eficiente de um corpo dócil ocorre por meio de um processo através da disciplina, a qual permite o controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição de suas forças, criando uma relação de “docilidade-utilidade”. Os processos disciplinares

existem em várias instituições sociais, como conventos, exércitos e oficinas. É nos séculos XVII e XVIII que as disciplinas se tornam uma forma eficiente e generalizada de dominação.

Foucault (1987) estabelece diferenças entre esta disciplina e formas de disciplinas da escravidão, domesticidade, ascetismo, vassalagem e do monasticismo. As disciplinas dos séculos XVII e XVIII tinham como peculiaridades o fato de se sustentarem na arte do corpo em que buscam desenvolver as habilidades, potencialidades e forças e simultaneamente acrescentando sua docilidade, submissão e obediência. Esta arte do corpo humano tem como objetivo aumentar potencialidades e aprofundar sua sujeição, e também conjugar estes dois fatores ao mesmo tempo, ou seja, o corpo se torna mais útil e eficiente e também mais submisso e obediente. Trata-se de uma “anatomia política” e de uma “política das coerções” com base no domínio sobre o corpo (FOUCAULT, 1987, p. 127).

### 2.2.3 Campo e *habitus*: aplicando a teoria de Bourdieu à análise do futebol

#### 2.2.3.1 *Conceito de campo*

Pierre Bourdieu (1983, 1990) escreveu alguns textos sobre esporte. Ele nos fornece elementos para pensar o esporte moderno (o futebol) como esfera específica da vida social. Seus conceitos mais adequados para tal empreendimento são: campo, *habitus* e capital.

A teoria dos campos (BOURDIEU, 1983, 1996, 1999, 2000) pode ser utilizada na investigação do esporte enquanto campo especializado da sociedade moderna. Um espaço de diferenciação social, organizado segundo regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa frente à política, à economia e à religião, no qual os atores sociais são estratégicos, buscam maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais.

No campo esportivo, a luta gira em torno da definição e uso legítimos do corpo, luta esta que pode ser traduzida nas disputas entre esporte amador x esporte profissional; esporte de elite x esporte de massa. O advento do esporte profissional implicou em mudanças na forma e no significado social dos esportes.

Através da teoria dos campos analisaremos as disputas pela autoridade de definição legítima no futebol. Por exemplo, a luta pela profissionalização do futebol no Brasil, que marcou as primeiras décadas do século XX, em que a elite defendia a manutenção do -

amadorismo - e segmentos da classe operária reivindicavam a profissionalização. A oposição entre futebol profissional e futebol amador caracterizou o cenário futebolístico brasileiro até 1933, quando a profissionalização é institucionalizada. Para Caldas (1990, p. 55-124), tal oposição representou disputas sociais e culturais entre duas classes: a elite, defensora do futebol amador (esporte elitizado) como esporte-lazer; e a classe proletária, os jogadores-operários e os negros da classe operária defendendo a regulamentação da profissão de jogador de futebol, e conseqüentemente o fim do semiprofissionalismo ou *profissionalismo marrom (1923-1933)* (CALDAS, 1990, p. 85). É para investigar estas disputas que utilizaremos o conceito de campo, de Bourdieu, entendendo cada classe como atores sociais dotados de disposições e posições que tentam impor suas visões sobre o futebol. Além destas disputas, buscaremos entender as posições e disposições dos atletas, técnicos, professores e dirigentes frente os modelos de treinamentos e sistemas de jogo no processo de formação do jogador.

Pode-se pensar as lutas pela definição legítima de um estilo de organizar e jogar futebol no Brasil que se estabelecem a partir da Copa de 1974 à luz da teoria dos campos. As disputas giram em torno do antagonismo: futebol-arte *versus* futebol-força. Segundo Gil (1994, p. 107), a partir de 1978 duas correntes de pensamento se confrontam no futebol brasileiro: (a) *de orientação esquerdista*, defendida por João Saldanha, deseja o retorno do futebol-arte na seleção (futebol alegre, de dribles, improviso, malandragem, magia), criticando a imitação de modelos e esquemas europeus de jogar futebol (o futebol-força); (b) *defendia nossa integração ao futebol-força*, uma forma de modernização do futebol brasileiro e inserção da elite do futebol mundial, através da adoção de um estilo racional, pragmático, competitivo. Nesta corrente, coloca-se técnicos estudiosos do futebol europeu, como Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, defensores da importação de modelos/estilos europeus.

O conceito de campo nos permite ainda investigar a superação do associacionismo como forma de organização dos clubes e o advento do futebol-empresa. O debate atual entre a modernização do futebol e a transformação dos clubes em empresas, entidades com finalidade econômica, o fim do “passe” e a manutenção dos clubes como associações, sem fins lucrativos (PRONI, 2000, p. 258). A profissionalização do jogador de futebol é um processo de racionalização, diferenciação social e consolidação de um campo de trabalho específico.

Da mesma forma que o estabelecimento do “bicho”<sup>25</sup> pelo Vasco da Gama em 1923 tornou a profissionalização inevitável (CALDAS, 1990, p. 79-83), a “Lei Pelé” é o motor do

---

<sup>25</sup> Quantia em dinheiro paga aos jogadores como premiação por vitórias. É muito comum após a conquista de campeonatos. Para uma definição de “bicho”, com base na linguagem utilizada no início do século XX, ver Rosenfeld (1993).

novo cenário de transformações no futebol brasileiro, pois exige uma reestruturação aos moldes do futebol europeu, começando com a flexibilização das relações de trabalho, ou seja, com o fim do “passe” (PRONI, 2000).

### 2.2.3.2 *Habitus* – conceituação

O *habitus* pode ser entendido como

(...) sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro (MICELI, 1999, p. XL).

O *habitus* pode variar de acordo com as classes sociais. Isso possibilita compreender porque as classes populares têm preferências esportivas distintas daquelas das classes dirigentes. Para alguns, a prática esportiva serve para desenvolver musculatura, beleza e elegância. Para outros, o esporte é lazer, saúde e compensação do cansaço do trabalho. Para as classes sociais altas o esporte apresenta valor estético. Para alguns segmentos da sociedade, o esporte é profissão, por exemplo os atletas profissionais. É pensando neste segmento que pesquisaremos o futebol como profissão.

*Habitus* designa as capacidades inventivas e criativas dos agentes sociais. Significa as disposições carregadas pelos atores nas suas trajetórias de vida, nos corpos, sendo também as estruturas estruturantes, incorporadas pelos agentes em cada campo da vida social. É a capacidade do indivíduo para atuar como agente da estrutura social, como criador e não apenas simples reprodutor das estruturadas dadas (BOURDIEU, 1996, p. 203-311).

Podemos entender a formação do jogador como a construção de um determinado *habitus*. Nossa hipótese é a de que a formação do jogador de futebol consiste na incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir, técnicas e esquemas de jogo. A aprendizagem do jogador compreende um *habitus*, ou seja, um capital com o qual ele joga, classifica e constrói realidades. Os jogadores levam a estrutura do clube a que pertence em suas trajetórias. Consciente ou inconscientemente, eles reproduzem a maneira e o estilo de jogar do clube

formador, ou no qual está atuando. Os treinamentos excessivos e as palestras permitem ao jogador incorporar um determinado padrão de jogo. Este é um dos argumentos básicos deste trabalho. O *habitus* futebolístico do SC Internacional resulta de uma formação teórico-prática recebida pelo jogador.

É importante inserir a noção de conjuntura na análise da reprodução do *habitus*. Tal noção indica que o indivíduo é capaz de criar, inventar, modificar o *habitus* conforme o contexto e a situação social. Por exemplo, os jogadores quando são contratados por outros clubes que têm estilos de jogo diferentes tem a mudar algumas formas de jogar futebol.

Como esquema de ação, o *habitus* permite a reprodução de estruturas inscritas nas trajetórias dos atores sociais. No entanto, permite também ajustamentos e inovações por parte dos indivíduos. Ele media as relações entre as estruturas objetivas e as práticas. Serve de interiorização das estruturas e de exteriorização das mesmas. É neste sentido que tentaremos perceber como os atletas incorporam o sistema de códigos, técnicas, habilidades ensinadas no clube (aprendem o estilo de jogar futebol de um determinado clube) e reproduzem este estilo. Precisamos questionar em que condições isso se dá. É importante observar a margem individual, a inovação e capacidade criativa do jogador na reprodução do *habitus* futebolístico. No caso, como se dá o processo de incorporação do *habitus* futebolístico no SC Internacional e sua exteriorização. Trata-se, basicamente, de analisar a relação entre estrutura e práticas sociais, um velho debate sociológico.

Nossa tarefa, como investigadores, é apreender a gênese do *habitus* futebolístico e compreender como os jogadores constroem e reproduzem este *habitus*. Utilizando a perspectiva relacional, verificaremos as relações objetivas e subjetivas no processo de aprendizagem do futebol, observando os treinos físicos, técnicos, táticos e os condicionamentos psicológicos.

### *2.2.3.3 Autonomização dos campos artístico e futebolístico: profissionalização do artista e do jogador de futebol*

É possível fazer um paralelo entre o processo de autonomização (diferenciação e especialização) do campo esportivo e a autonomização do campo artístico, tomando como base os referenciais de Pierre Bourdieu. Entendemos que a profissionalização do artista, do escritor, pintor ou músico torna-se possível somente quando a produção dos bens simbólicos

destina-se ao mercado, ou seja, o produtor de bens simbólicos produz para um mercado consumidor com demandas definidas pela indústria cultural. A arte ganharia autonomia do poder aristocrático e eclesiástico mais ou menos desta forma. O artista torna-se um profissional. Para Bourdieu (1999, p.101), a constituição do campo artístico e intelectual é acompanhada por uma progressiva autonomização do sistema de produção, circulação e consumo de bens culturais. Percebe-se a autonomia do campo intelectual em relação aos campos político e econômico. A definição de regras e metas passa a ser de responsabilidade do artista, este como um ator que possui capital.

Um processo semelhante acontece com o futebol no Brasil. A constituição de um mercado de trabalho no futebol brasileiro consolida-se somente na década de 1930, quando a profissionalização é institucionalizada. Entendemos que é neste momento que surge um mercado produtor e consumidor de futebol organizado. Assim, a autonomia, a racionalização e a especialização do campo futebolístico resultam de um conjunto de conflitos entre duas ideologias: a do amadorismo e a do profissionalismo. (1) A primeira era defendida pela elite, a qual tinha no futebol apenas um tipo de lazer. A elite praticava o futebol “puro”, símbolo de distinção social. O futebol amador seria desvinculado de interesses econômicos. Trata-se de um dos pólos que marcam o debate na sociologia do esporte entre “esporte de alto rendimento” e “esporte lazer”, entre jogo e esporte. (2) A segunda ideologia era defendida pelos jogadores-operários, pressionando pela profissionalização. Em 1933, a profissionalização finalmente acontece. A partir daí constitui-se um novo e promissor mercado de trabalho no Brasil. Os dirigentes esportivos agora possuem o poder de tomar decisões e legislar sobre o futebol. É também neste período que o jogador surge como um trabalhador, vive da carreira de jogador de futebol. As lutas e os conflitos pela definição legítima da prática futebolística podem ser entendidos como disputas por posições e imposições entre os defensores do amadorismo - “a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer” (CALDAS,1990, p. 59); - e a classe operária, adepta do profissionalismo, tentando institucionalizar o futebol como uma profissão. Esta oposição: amadorismo/profissionalismo configura-se como um conflito de classes.

A autonomização do futebol, entendida aqui como a formação de um campo, consolida-se com o processo de profissionalização, momento no qual o futebol constitui uma esfera separada da economia; os jogadores-operários transformam-se em trabalhadores do futebol. Podemos até comparar o jogador com um artista, produtor de bens culturais, livres de outras preocupações materiais, pois sua profissão lhes garante emancipação financeira.

Caberia aqui um debate sobre a remuneração do jogador de futebol, e o mito do jogador milionário, pois, ao contrário do que se pensa, o jogador brasileiro ganha mal. Cerca de 80% dos profissionais recebem entre 1 a 3 salários mínimos. Por exemplo, no ano de 1997, a distribuição salarial era a seguinte:

**QUADRO 3 - Média Salarial no Futebol Brasileiro em 1997**

1 Salário Mínimo	1 a 2 Salários Mínimos	2 a 5 Salários Mínimos	5 a 10 Salários Mínimos	+ de 10 Salários Mínimos
19,30%	51,40%	19,60%	6,70%	3%

**Fonte:** MATTOS (1997, p. 99).

A organização do futebol agora deixa de ser negócio da elite política. Na realidade, deu-se o mesmo que aconteceu com a esfera cultural, retratada por Bourdieu (1999). Consideramos que (a) o futebol ganha um mercado produtor: os jogadores e empresários que organizam o espetáculo, tornam-se profissionais que instituem normas e regras para gerenciar este negócio como um ramo da indústria cultural, pertencente ao setor de serviços de entretenimento: multiplicam-se as instâncias de legitimação da prática futebolística (clubes, associações, confederações, ligas, federações) e de difusão do futebol (a imprensa); (b) emerge um mercado consumidor do produto futebol: os torcedores pagam para ver o espetáculo e compram os produtos que levam as marcas dos clubes.

Com a produção do futebol para o mercado, o futebol amador restringe-se a determinados setores sociais. O elitismo também chega ao seu fim. A legitimidade do futebol parece derivar dos próprios organizadores, que ganham autonomia para criar normas, leis, decidir sobre regulamentos e competições, sem levar em conta fatores externos. O campo futebolístico ganha contornos externos, tornando-se cada vez mais diferenciado e autônomo.

#### 2.2.4 Desporto e civilização: a perspectiva de Norbert Elias e Eric Dunning

A teoria da civilização de Norbert Elias e Eric Dunning (1992a e 1992b) será utilizada na análise da formação profissional do jogador de futebol no SC Internacional.

Ao debater a possibilidade do desporto como tema de pesquisa acadêmica, Elias e Dunning (1992b) ressaltam que conhecer o desporto significa contribuir para conhecer a

sociedade, especialmente num momento em que cada vez mais os indivíduos utilizam seu tempo em práticas esportivas. Defendem que é dever da sociologia investigar os motivos que levam as pessoas a sentir prazer nas relações de tensão, de confronto e até mesmo de violências nas atividades esportivas.

Neste trabalho investigaremos os motivos que levam os jogadores a optarem pelo futebol como profissão, destacando a dimensão educativa e civilizatória deste esporte. A teoria globalista adotada na formação de jogadores de futebol no SC Internacional a partir de 1997 destaca a dimensão pedagógica e civilizatória do futebol, se preocupa em formar um jogador polivalente, dotado de visão global do processo e não apenas de sua posição (função) específica.

Os estudos mais recentes sobre o desporto mostram que houve mudança de sensibilidade e de conduta desde os jogos com bola da Idade Média inglesa aos dias atuais. A introdução de normas amenizou a violência nos esportes, controlando impulsos, sublimando desejos e criando condutas em conformidade com as regras. Tal mudança resulta do processo de institucionalização e racionalização das práticas esportivas, o qual é inerente ao processo civilizatório (ELIAS e DUNNIG, 1992a).

A grande contribuição de Elias reside no fato de tomar a análise do desenvolvimento do desporto a partir da teoria que investiga o processo civilizatório. Considera o controle da violência como indício de civilização que acompanha o desporto ao longo de sua história. A institucionalização dos desportos, entre eles o futebol, configura-se como sinal da modernidade (ELIAS e DUNNING, 1992a, p. 41-2).

Elias e Dunning (1992a) argumentam que desde a Idade Média havia jogos parecidos com o futebol na Inglaterra. O futebol medieval fazia parte dos costumes e rituais tradicionais, refletindo amplo potencial de solidariedade, de conflito e de luta. Como não havia regras nacionais, este esporte dependia de costumes e regras locais. Jogava-se com bola de bexiga coberta de couro. Apesar da violência, o jogo, promovido pelos proprietários de terra, proporcionava prazer aos camponeses livres. Os jogos populares ingleses transformaram-se no futebol, ganharam uniformidade e regulamentação com a criação do Código Nacional em 1863.

A análise do futebol em Elias e Dunning é riquíssima. Nela, podemos servir-nos dos termos “grupos em tensão” para designar conflito (ELIAS e DUNNING, 1992a, p. 285). No futebol a tensão e a cooperação são interdependentes, uma pressupõe a outra. As tensões produzidas durante a partida são mantidas sob controle, isso o diferencia dos jogos antigos nos quais a violência era dominante. É exatamente a segurança e a regulamentação que

garante o controle da violência. Portanto, percebe-se uma evolução nos esportes, no sentido de controle da violência, institucionalização e regulamentação. É esta evolução que coincide com o avanço do processo civilizatório e com o surgimento do Estado moderno em Elias (1992a).

No presente trabalho, trataremos da regulamentação e institucionalização no nível de normatização da profissão de jogador de futebol. Mesmo assim, poderemos utilizar a noção de “grupos de tensão” para entender os conflitos e negociações entre os atores envolvidos: jogadores, técnicos e dirigentes.

A finalidade do futebol consiste em proporcionar prazer às pessoas. Os torcedores querem excitação, prazer, vitórias, prêmios e gols. O gol é um objetivo comum entre jogador, torcedor e equipe. Os atletas se preocupam com salários, prêmios, lucros e prestígio social (ELIAS e DUNNING, 1992a).

Entender o futebol como agente civilizador será um dos desafios deste trabalho. Procuraremos perceber como os jovens atletas incorporam o conjunto de normas, regras e formas de relações sociais estabelecidas no clube. É neste sentido que a dimensão educativa do futebol será trabalhada. Faremos isto através de entrevistas, buscando entender a opinião dos jogadores sobre a mudança de comportamento após o ingresso no clube, sobre a igualdade de disputa colocada pelas regras, as punições pelos eventuais descumprimentos das regras.

### 2.2.5 Dom e vocação: o cientista e o jogador de futebol

Weber trata da importância da “vocação” no processo de formação e inserção do jovem universitário na vida acadêmica da Alemanha e dos Estados Unidos. Em ambos os países, o jovem deve passar por exames, escrever uma tese e conviver longo tempo com especialistas da área. Na verdade, o candidato a cientista recebe treinamento especial para completar sua formação.

Na Alemanha, Weber ressalta que

Os grandes institutos de ciência e de medicina se transformaram em empresas de ‘capitalismo estatal’. É necessário muito recurso financeiro para segurar e investir. O cientista torna-se um trabalhador, semelhante ao proletário, que não dispõe de outros recursos além dos instrumentos de trabalho do Estado. O cientista depende

do diretor do Instituto para ter o emprego tanto quando o operário depende do diretor da fábrica (WEBER, 1968, p. 19-20).

Esta dependência entre patrão e empregado encontra paralelo no campo futebolístico. O jogador de futebol é um trabalhador assalariado, dependente dos empresários e dirigentes dos clubes de futebol, as empresas onde vende sua força de trabalho.

Certas características do cientista, dependem também “(...) – de um dom pessoal e de maneira alguma se confunde com os conhecimentos científicos de que seja possuidora uma pessoa” (WEBER, 1968, p. 23). Aqui, pode-se recorrer a uma breve analogia entre o dom e a vocação do cientista e do jogador de futebol, mostrando suas especificidades e possíveis convergências. Os especialistas do futebol asseguram que o dom é fundamental para alguém seguir a carreira de jogador de futebol profissional, pois se trata de certos atributos naturais que poucos indivíduos possuem. Os jogadores querem expressar as propriedades do talento por meio do dom natural, cuja causa ninguém pode explicar. Deus é que dá o dom aos grandes craques. O dom é visto como algo místico. “Na verdade, o que se pode afirmar com certeza é que o talento é um dom inato, que nasce com o jogador, ‘ou se tem ou não se tem’, podendo, portanto, ser aperfeiçoado, mas nunca ensinado” (ARAÚJO, 1980, p. 30).

Os jogadores defendem que já nascem com o dom, com a vocação, que se trata de algo natural. Tem gente querendo ser jogador e não consegue porque não tem o dom, esta singularidade é muito presente no discurso dos jogadores. O dom precisa ser aperfeiçoado, aprimorar a parte física. Há uma relação muito estreita entre dom e vocação.

A vocação para determinadas áreas faz com que o sujeito vocacionado viva somente para sua vocação (sua profissão), atropelando sua vida pessoal, não apenas no momento de formação (WEBER, 1968, p. 24). Como ressalta Weber, há grandes prejuízos para a vida interior do cientista. Tal fato se reflete na formação e vida do jogador de futebol, cuja a vida pessoal é sacrificada desde cedo. Os jogadores revelaram na pesquisa que os principais sacrifícios são renunciar à vida pessoal, as concentrações e os treinamentos excessivos. Esta vocação indica que a profissão tem um valor em si, proporciona sentido à vida, auto-realização, algo muito mais do que a remuneração. É assim que podemos entender os motivos pelos quais jovens se dedicam ao futebol e à ciência, além de outros ofícios.

A vocação pelo futebol atualmente parece ocorrer pelo fato de este ter alcançado grande prestígio social e cultural, além das chances de enriquecimento. As cifras pagas a alguns jogadores são milionárias. Isso faz com que os jovens despertem interesse pelo futebol.

Com a ciência moderna, pode-se dizer que o seu prestígio social desperta o interesse dos jovens pela carreira de cientista. Neste sentido, pode-se salientar que “(...), essa vocação é determinada, antes de tudo, pelo fato de que a ciência atingiu um estágio de especialização que ela outrora não conhecia e no qual, ao que nos é dado julgar, se manterá para sempre” (WEBER, 1968, p. 24). Isso não apenas em relação às disposições interiores do cientista e às condições externas do seu trabalho.

De acordo com a perspectiva weberiana, o homem deve fazer as coisas com paixão, algo que dê sentido à sua vida. Paixão aqui como requisito para a “inspiração”, o elemento mais importante para qualquer profissão. A vocação reside também nesta paixão, o que significa a centralidade de uma dada profissão. No futebol, é comum os jogadores afirmarem que o fazem por paixão: “a maioria das coisas que me dão tranquilidade, realização plena, estão ligadas à bola. Tenho paixão por ela, que é realmente uma coisa maravilhosa” (AFONSINHO, Folha de São Paulo, 4/4/1977).

O mesmo pode ser dito de um pintor, de um cantor ou de um cientista, pois necessitam de paixão para realizar seu trabalho. Trata-se de uma dose de inspiração, de valor. A inspiração é fundamental para se chegar a algum resultado satisfatório. No entanto, tal inspiração “só ocorre após esforço profundo” (WEBER, 1968, p. 25), o que pode ser entendido como trabalho rigoroso. Logo, faz-se necessário frisar que o jogador de futebol e o cientista, ao invés de gênios, são trabalhadores, passaram por processos de ensino-aprendizagem para prover e administrar a inspiração, quando esta surge.

O trabalho e a paixão permitem que a intuição surja. As intuições dependem de dons, isso leva os jovens de uma área a cultivar e adorar seus ídolos, tomando-os segundo suas personalidades e experiência pessoal. Personalidade no mundo da ciência significa que somente aqueles que se colocam a serviço desta causa é que possuem personalidade.

Adquirir conhecimentos na ciência, na arte ou em outra área significa, não apenas possibilidade de alcançar determinados resultados técnicos, mas “tais conhecimentos têm um valor ‘em si’, na medida, precisamente, em que traduzem uma ‘vocação’” (WEBER, 1968, p. 36). O mesmo acontece no futebol, como já frisamos anteriormente.

## 2.3 A sociologia do trabalho aplicada ao futebol

### 2.3.1 Formação profissional na perspectiva da sociologia do trabalho

Pretendemos efetuar a articulação entre a sociologia do esporte e a sociologia do trabalho para analisar a formação do jogador de futebol como um processo de profissionalização. Trata-se de uma tarefa nova na academia brasileira, o que significa que nossa pesquisa terá maior originalidade. É o futebol um caso específico de profissionalização? Trataremos em seguida de algumas concepções sobre formação profissional e sobre treinamento desportivo.

Considerar um clube de futebol como *locus* de trabalho é um fato inovador na sociologia do trabalho. Para George Friedmann (1973), qualquer ambiente de trabalho: uma empresa industrial, um navio de carga, uma tripulação de um avião, uma fazenda produtiva com alguns empregados, um barco de pesca, uma oficina, uma loja com alguns empregados que mantenha qualquer coletividade de trabalho com o mínimo de organização e estabilidade podem ser tomados como objeto da sociologia do trabalho. Como veremos a seguir, esta disciplina pode interessar-se por aspectos técnicos, psicológicos, fisiológicos, econômicos, culturais e sociais implicados no ambiente de trabalho.

A sociologia do trabalho precisa alcançar uma visão sistêmica sobre o trabalho, e para tanto tem estreitado laços com diversas áreas do conhecimento. Segundo Paula Leite (2000, p. 68-9), há um permanente diálogo deste ramo especial da sociologia com a administração, engenharia da produção, psicologia, direito do trabalho e com a economia industrial. Dentro desta perspectiva, pretendemos contribuir com a ampliação este diálogo, através da articulação entre sociologia do trabalho e sociologia do esporte, tendo como foco de análise a formação profissional no futebol.

Conforme Cattani (1997, p. 94)

A formação profissional, na sua acepção mais ampla, designa todos os processos educativos que permitam, ao indivíduo, adquirir e desenvolver conhecimentos teóricos, técnicos e operacionais relacionados à produção de bens e serviços, quer esses processos sejam desenvolvidos nas escolas ou nas empresas.

Na sociologia do trabalho, formação profissional designa processos relacionados aos treinamentos, cursos, habilitação e capacitação para o trabalho, configurando-se como estreita relação entre trabalhador e trabalho.

A formação profissional tornou-se preocupação constante nos debates sobre o novo mundo do trabalho. Existem concepções diferentes acerca da formação profissional. Na ótica taylorista, formação restringe-se ao simples treinamento e adestramento do trabalhador ao seu posto de trabalho.

Podemos destacar aqui duas modalidades de abordagem da formação profissional: (1) uma primeira enfatiza o *status* prático, considera formação profissional a partir de uma dimensão estritamente operacional, buscando preparar o indivíduo para o trabalho. Formação profissional é compreendida como resultado do sistema educacional, componente das estratégias dos empresários que tentam preparar adequadamente os recursos humanos para necessidades das empresas. Nesta modalidade, a formação profissional configura-se como solução para o desemprego. A formação técnica apresenta-se como uma porta para o emprego; (2) uma segunda modalidade enfatiza o *status* teórico, relaciona formação com a densidade social e política, articulando o debate Educação-Trabalho, o que implica: (a) no questionamento sobre o papel condicionador da escola e sua produtividade, ou improdutividade, sendo (b) o trabalho como princípio educativo, libertador, ou como elemento alienante, o qual domina o sujeito, integrando-o à lógica do capital (CATTANI, 1997, p. 98-9).

O novo profissional demanda qualificação acentuada e constante formação, sendo um trabalhador dotado de conhecimentos múltiplos, que deve receber uma formação multidisciplinar, compatível com o novo momento da economia caracterizada pela “especialização flexível” (POCHMANN, 2001, p. 132). As instituições formadoras de profissionais (escolas técnicas, universidades, clubes, oficinas, institutos) devem manter contato com a nova realidade do mercado de trabalho, buscando identificar as competências do trabalhador, capacitando-o para desenvolver suas funções com eficácia.

A formação profissional pode determinar a natureza dos empregos e profissões. Ela é um elemento decisivo na capacitação e qualificação do trabalhador, seja ela recebida em escola técnica, empresa, oficina ou universidade (NAVILLE, 1973, p. 267). Tal pressuposto pode ser adaptado ao futebol. A formação recebida pelo jogador de futebol cumpre papel relevante na sua qualificação como atleta, sendo definidora do futuro no futebol. É o conjunto de treinamentos, físico, tático e técnico que desenvolve as capacidades e habilidades do atleta,

possibilitando sua profissionalização no futebol. O *status* da profissão de jogador de futebol tem significativo peso sociológico sobre o comportamento dos atletas.

#### **2.4 Futebol: um caso específico de profissionalização?**

A formação profissional no universo futebolístico é de responsabilidade das escolinhas particulares e dos clubes profissionais. Isso devido ao fato de os cursos de Educação Física nas universidades, institutos e faculdades não oferecerem ampla formação na área do futebol, não possuem currículos especializados e suficientes para formar jogadores profissionais de futebol. A parte referente a este esporte é mesclada de teoria e prática, porém insuficiente para formar jogadores profissionais.

São os clubes que arcam com a formação do jogador, o que lhes dava o direito do “passe” do atleta. O atleta formado no clube tornava-se patrimônio deste. “O passe nada mais é do que um contrato de vinculação exclusiva de um atleta profissional a um clube. Porém, esta vinculação, no caso do futebol, atrelava o jogador ao clube mesmo após o término de seu contrato, impedindo-o de trabalhar em outra entidade esportiva” (HELAL, 1997, p. 112). Recentemente o “passe” foi abolido, através da Lei nº 9.615/98, a “Lei do Passe”, flexibilizando as relações de trabalho no futebol e modernizando as negociações entre jogadores e clubes. Agora, ao invés do “passe”, a nova legislação garante que o clube formador do atleta tem prioridade no primeiro contrato do atleta. Assinar contratos mais longos tem sido uma das formas atuais de manter o atleta ligado ao clube por mais tempo.

O processo ensino-aprendizagem de técnicas futebolísticas nos clubes raramente tem início na escala “zero”. Na verdade,

O trabalho de ensino e aprendizagem das técnicas futebolísticas no interior dos clubes dificilmente inicia na escala “zero”. Trata-se de um processo que investe sobre o corpo de iniciados e, portanto, implica na negociação de certas maneiras de usar o corpo decorrentes da socialização fora do espaço formal. A formação profissional é um fato social total – envolve uma dimensão biológica, psíquica e social (Mauss, 1974b) - altamente coercitivo e pedagogicamente orientado. Revela, em última instância, um modelo de pessoa que o segmento profissional do futebol, permeado por relações de poder e pressionado pelo mercado competitivo, privilegia. E se considerarmos que este segmento produz muitas das figuras públicas de referência nacional, então a formação dos atletas profissionais de futebol precisa ser investigada em maior profundidade (DAMO, 2002c, 26).

No modelo dominante de treinamento nos clubes de futebol, duas correntes se destacam: a mecanicista e a globalista. Veremos a seguir as características de cada uma.

#### 2.4.1 A teoria mecanicista

Na teoria mecanicista a formação do jogador centra-se na aprendizagem e reprodução da técnica, reprodução mecânica de ações e táticas e na especificidade de cada competição. Toma como base o modelo behaviorista de estímulo-resposta. Constroem-se modelos de treinamentos que aceleram a aprendizagem, na tentativa de obter estabilidade dos elementos técnicos e táticos, buscando resultados imediatos. O atleta é estimulado a incorporar e adaptar-se ao modelo construído, conforme os interesses de cada clube, treinador e a especificidade das competições (CARRAVETTA, 2001a, p. 36-39).

A formação, nesta corrente, constitui-se de movimentos limitados, mecânicos, repetição exaustiva, padrões motores, espaciais, temporais, reprodução imutável e homogênea. Predominam os exercícios analíticos em situações estáveis. Os treinamentos são reduzidos ao âmbito prático, predominando o tecnicismo por meio de procedimentos condutivistas. O atleta é trabalhado como se fosse uma máquina, considerado uma unidade divisível em partes que podem ser trabalhadas por áreas específicas, esquecendo-se de uma formação global, da integração entre as partes (CARRAVETTA, 2001b).

O modelo mecanicista é o mais tradicionalmente utilizado pelos clubes, sendo também semelhantes aos padrões fordista de formação de trabalhadores, em que a especialização, a divisão rígida do trabalho são predominantes.

#### 2.4.2 A teoria globalista

A corrente globalista orienta-se na concepção monista da psicologia (a teoria *Gestalt*), tendo na formação do jogador de futebol um processo com base na relação da técnica integrada à organização coletiva da equipe. A dimensão teórica tem mais espaço, sendo retomada correntemente. Predominam os treinamentos coletivos e os modelos analíticos de aprendizagem. Durante o processo de aprendizagem, pode haver dissociação

entre elementos técnicos, táticos e físicos, porém a formação ampla é prioridade (CARRAVETTA, 2001a, p. 36-39).

É dentro desta perspectiva que se inscreve o novo modelo de trabalho do SC Internacional, implementado em 1997, que considera a formação profissional como um processo pedagógico e civilizatório. Esta mesma perspectiva é adotada na formação de jogadores no Ajax FC (GRINVALD, 1998, GIULIANOTTI, 2002). A interdependência e a configuração fazem parte desta corrente, o que nos possibilita articular com a teoria da configuração de Elias e Dunning (1992a).

No processo de treinamento-aprendizagem os componentes técnicos são adaptados à realidade e necessidades de cada clube. Por esta razão, a filosofia de trabalho de formação das categorias de base difere entre os clubes, o que implica na construção de um *habitus* típico do clube, o qual inclui estilo de jogo, esquema tático e tradição clubística.

A competitividade que permeia as diferentes dimensões da vida social (economia, política e cultura) reflete-se no esporte moderno. No futebol, vencer um torneio e ganhar campeonatos significa obter maiores lucros materiais e valores simbólicos. Este fato provoca alterações nos padrões de disputas, estilos de jogo e na formação dos novos profissionais. As categorias de jogadores infantil, juvenil e júnior participam de competições comercializadas, organizadas por grandes empresas e veiculadas pela mídia. Os campeonatos de futebol são transformados em disputas comerciais onde a vitória confunde-se com o lucro. Essa crescente comercialização do futebol contribui para eliminar o lúdico do trabalho do jogador de futebol profissional.

Diante desta nova realidade vivida pelo futebol moderno, a maioria dos clubes prepara sistemas de jogos e esquemas táticos cada vez mais rígidos, baseados em treinamentos excessivos. Os modelos de treinamentos profissionais são adotados pelas categorias de base. O jovem jogador em formação assume imensa responsabilidade, sendo praticamente obrigado a vencer. Tal realidade exige uma formação voltada para responder às necessidades dos clubes nas diferentes competições.

Uma consequência da competitividade precoce é a reprodução mecânica de movimentos físicos visando aperfeiçoar o corpo para competir e obter os melhores resultados possíveis. Tem-se, então, muito controle técnico, pouca liberdade de decisão do atleta, limitação da atividade criativa do atleta e muita responsabilidade em campo. O jogador deve cumprir os mandamentos do técnico, fazer o que foi ensaiado, treinado, ou seja, reproduzir o estilo de jogo planejado pelo técnico tendo em vista a vitória. O que realmente acontece é a reprodução direta pelos atletas dos modelos impostos pela comissão técnica. Seria

interessante uma investigação voltada especificamente para analisar os impactos dos novos sistemas de treinamento exigido pelo futebol altamente comercializado sobre o estilo brasileiro de jogar.

O trabalho de treinamento e formação do jogador de futebol no SC Internacional adota a perspectiva da interdisciplinaridade<sup>26</sup>. Esta permite uma reestruturação no clube a partir de 1997 implementada por João Paulo Medina, o coordenador técnico do clube na época. A inovação empreendida pelo projeto de Medina<sup>27</sup> reside na criação de uma ampla estrutura, articulando diversas áreas do conhecimento: Educação Física, Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, Fisioterapia e outras, buscando o desenvolvimento global do atleta. Trata-se de um programa de ruptura e de ação, inovador no futebol brasileiro. Antes de 1997 não havia tal articulação das áreas de trabalho no clube. A formação dos atletas era restrita às dimensões técnica, física e tática. O atual significa a adoção de um trabalho multidisciplinar (MEDINA, 1996).

Atualmente, o programa implementado por João Paulo Medina, ex-coordenador técnico do SC Internacional, tem sido levado à frente por Guto Ferreira e Élio Carravetta, o qual insere-se na corrente teórica globalizante, possibilita a participação ativa dos diversos setores e departamentos, tais como assistentes técnicos, comissões técnicas, preparadores físicos, técnicos, treinadores de goleiros, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, dentistas, nutricionistas, assistentes sociais, psicólogos, buscando articular o desenvolvimento e integração das capacidades dos atletas, em termos físicos, técnicos e sociais (CARRAVETTA, 2001b, p. 2). A meta é formar um jogador-cidadão. As dimensões psicológicas, humanas, relacionais e educativas são objeto de preocupação inerente ao processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional. Podemos fazer a articulação direta com a teoria da civilização de Elias (1992a), pois é evidente a preocupação com a formação de condutas, internalização de regras e constrangimentos.

A tentativa de formar um atleta polivalente, capaz de improvisar e resolver situações inesperadas faz parte do projeto de formação profissional no SC Internacional, sendo uma necessidade no futebol-empresa. Podemos pensar aqui na autonomia e formação flexível do trabalhador moderno exigido pela nova economia (POCHMANN, 2001).

O atleta é considerado um ser cognoscitivo, que pensa e executa ações, cria jogadas e participa dos sistemas de jogo definidos pelo técnico. O trabalho repetitivo é substituído

---

<sup>26</sup> Sobre interdisciplinaridade ver GRECO, M. *Interdisciplinaridade e Revolução do Cérebro*. São Paulo: Pancast, 1994. Sobre o trabalho interdisciplinar no Internacional, ver CARRAVETTA (2001b).

<sup>27</sup> Entrevista concedida ao autor em 24/11/2001.

pelo trabalho de diagnosticar, antecipar, prevenir e decidir. Significa modificação da conduta externa, ênfase no processo e não no produto. O trabalhador moderno é levado cada vez mais a tomar decisões, fazer escolhas em diferentes situações. A imprevisibilidade reveste a natureza do novo trabalho, a dimensão cognitiva e mental é cada vez mais utilizada. A nova formação profissional leva em consideração que o jogador é um cidadão, ator social envolvido em relações sociais mais amplas.

Na categoria principal, a metodologia de trabalho enfatiza o controle técnico e administrativo. Conforme Carlos Alberto Parreira (2001)<sup>28</sup>, na formação da equipe principal os atletas participam das atividades de preparação e técnica. A montagem da equipe deve considerar a história do clube, não contrariar a identidade do mesmo, impondo estilos de jogo inadequados às características dos jogadores.

O debate sobre a formação profissional deve incorporar a “Lei do Passe” como expressão da flexibilização das relações de trabalho no futebol. Faremos algumas indagações para verificar como o fim do “passe” afetará o processo de formação do jogador e o mercado de trabalho, indagando os atletas sobre o que pensam acerca da nova realidade do mercado futebolístico.

---

<sup>28</sup> PARREIRA, C. Alberto. “Treinamento Técnico-Tático”. *I Seminário Interno de Metodologia de Treinamento*. InterCenter: Centro de Informação e Formação em Futebol, Sport Club Internacional, 2001.

### 3 PROFISSIONALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO

#### 3.1 Profissionalização no futebol brasileiro

O futebol se tornou uma atividade efetivamente profissional com a introdução do capital como mediador das relações entre jogadores e clubes. Oficialmente, a institucionalização do futebol profissional no Brasil data de 23 de janeiro de 1933<sup>29</sup> (CALDAS, 1990, p. 57). A entrada do dinheiro no futebol provocou a separação entre duas instâncias: futebol amador e futebol profissional. Cada instância representava seguimentos sociais diferentes.

A luta pela profissionalização no futebol na Inglaterra (1889) (HOBSBAWM, 1984) e no Brasil (1933) (CALDAS, 1990) é marcada por disputas ideológicas e conflitos sociais. A literatura oficial assegura que verdadeiros conflitos de classes antecederam a institucionalização do profissionalismo no futebol. Neste sentido, resalta Caldas (1990, p. 59), “De um lado, a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer; do outro, a classe proletária que, por determinação histórica da própria origem do futebol, começa a absorver um valor cultural, até então alheio ao seu universo lúdico”. Trata-se de duas ideologias antagônicas defendidas por grupos sociais distintos: o amadorismo, padrão da prática futebolística da aristocracia, tendo no futebol um lazer, um símbolo de distinção social, enquanto que o profissionalismo era o modelo de futebol almejado pelas classes menos favorecidas, especialmente por trabalhadores que viam no futebol uma profissão. É por isso que o processo de profissionalização do futebol é paralelo à sua proletarização e popularização. Inicialmente, os jogadores profissionais eram na sua maioria de origem proletária. A profissionalização implica em perda de prestígio social do futebol, que era privilégio das elites e torna-se um esporte acessível aos pobres, deixando de ser símbolo de distinção social, deslocando-se da esfera dos bens restritos à esfera dos bens ampliados (BOURDIEU, 1996). Por esta razão, as elites se retiram deste esporte, buscam outros esportes, especialmente as práticas esportivas individuais, como o tênis e o golfe (DAMO, 2002a, p. 28). No entanto, é necessário assinalar que as elites se retiram apenas da

---

<sup>29</sup> A primeira partida de futebol profissional no Brasil foi realizada na cidade de Santos, entre São Paulo Futebol Clube e Santos, tendo como vencedor o primeiro, por 5 a 1. o primeiro gol do futebol profissional foi marcado por Arthur Friedenreich, atleta do São Paulo (CALDAS, 1990, p. 216).

prática do futebol, permanecendo na gerência. Os dirigentes de futebol são geralmente originários da elite. O *habitus* esportivo carrega a marca da origem social dos praticantes, diferenciando-se conforme os grupos sociais.

O futebol profissional se expande quando os clubes europeus começam a contratar jogadores de outros países onde não havia o regime profissional, como Argentina, Uruguai e Brasil. De fato, se pode afirmar que é somente na década de 1930 que o profissionalismo se consolida como regime dominante no futebol mundial<sup>30</sup>. Neste processo, cabe salientar a combinação positiva entre radiodifusão e futebol profissional na América do Sul. Segundo o sociólogo Juan José Sebreli,

(...) a ligação entre os meios de comunicação e o futebol se faz ainda mais estreita a partir da profissionalização, quando se trata de fazer propaganda para que a mercadoria se venda mais. Não é um acaso que a propagação massiva do futebol e o surgimento do rádio comercial acontecem na Argentina no mesmo ano de 1931. Entre os anos de 1936 e 1946, precisamente os anos de maior auge do futebol argentino, se dobrou o número mundial de aparelhos receptores, passando de 55 milhões a cerca de 120 milhões. (...). Nos anos trinta, a transmissão de futebol contribuiu em parte para aumentar o número de ouvintes, e o rádio incidiu de forma decisiva para impor o futebol à maioria da população, inclusive aos anciões e mulheres que nunca conheceriam um estádio (SEBRELI, 1981, p. 127-128).

Além de contribuir para popularizar o futebol, o rádio produz e vende o espetáculo futebolístico, torna possível a construção de uma comunidade virtual de torcedores, admiradores e consumidores de futebol. A expansão do rádio no Brasil data da segunda metade do século XX, porém seu surgimento remonta aos anos vinte deste mesmo século. De um modo geral, pode-se asseverar que a autonomização da profissão de jogador de futebol é contemporânea ao surgimento de outras profissões no campo cultural, tais como radialista e escritor.

A passagem do amadorismo ao profissionalismo é marcada pela entrada em cena de jogadores de origens populares nos grandes clubes, apesar dos obstáculos quase intransponíveis que tiveram que enfrentar. Os jogadores negros e mestiços são os pioneiros no que viria a ser conhecido como o “estilo brasileiro de jogar futebol”<sup>31</sup> (FREYRE, 1964,

<sup>30</sup> Na Europa, as datas de implementação do regime profissional são na Inglaterra em 1889, na Áustria em 1924, na Tchecoslováquia em 1925, na Hungria em 1926, na Espanha em 1928 e na Itália em 1929 (PRONI, 2000, p. 34). No entanto, é bom que se diga que tais datas marcam apenas a implantação do profissionalismo, mas sua consolidação como regime estruturado de futebol ocorre gradativamente nas décadas posteriores.

<sup>31</sup> A elasticidade e a malandragem do negro em campo seriam qualidades inatas do futebol e da cultura brasileiras, sendo fatores de diferenciação do nosso futebol em relação ao futebol praticado na Europa. O estilo brasileiro seria herdeiro de movimentos de outras culturas negras como samba e capoeira. Cabe salientar que a valorização do negro no Brasil a partir dos anos 30 não se restringe ao futebol, havia um fervoroso clima de combate intelectual às teorias raciológicas que no final do século XIX dominaram os debates acerca da cultura

1971a, RODRIGUES FILHO, 1964). O advento do futebol profissional no Brasil marca a terceira fase da história do futebol brasileiro, periodizada por Levine (1982, p. 23). Trata-se do início do profissionalismo (1933-1950), regulamentação do futebol como profissional pela legislação social e trabalhista do governo Vargas 1930-1936. O futebol torna-se um espetáculo de massa com o advento do profissionalismo.

A profissionalização termina com o falso amadorismo, transformando os jogadores em funcionários dos clubes, mesmo que ainda não podendo participar da vida social deste. É neste sentido que “Foi criada uma nítida divisão entre o campo de futebol e o clube, que, ao mesmo tempo, precisava provocar uma regeneração do esporte amador. Além disso, a equipe profissional tornara-se inevitável para impedir a saída de jogadores brasileiros para países que já haviam introduzido o esporte profissional” (ROSENFELD, 1993, p. 87).

De 1910 a 1930 vigorou o falso amadorismo, o famoso “profissionalismo marrom”. Os jogadores recebiam dinheiro para jogar, mas o pagamento era disfarçado, visto que se tratava de algo ilegal. Tal tipo de amadorismo sustentava-se basicamente nas gratificações, reconhecidas como “bicho”. Sobre o “bicho”, Rosenfeld ressalta que

Já muito cedo – talvez desde 1910 – a necessidade de atrair elementos pobres tornou o pagamento de ‘bicho’ imperativo (o termo provavelmente vem do *jogo do bicho*); conforme o êxito, os jogadores recebiam um ‘cachorro’ (5 mil-rés, na moeda da época), um ‘coelho’ (10 mil-rés), um ‘galo’ (50 mil-rés), uma ‘vaca’ (100 mil-rés), e assim por diante (ROSENFELD, 1993, p. 85).

O jogador desejava se tornar um profissional do futebol. Isso provocou o êxodo de atletas brasileiros para países onde havia o sistema profissional. É interessante o exemplo dos irmãos Fautoni do Atlético-MG, que foram se profissionalizar no exterior, deixando o Brasil exatamente para isso, por volta dos anos 1920 e 1930. Del Dêlbio, De Maria, Filó e Serafim migraram para a Itália com a finalidade de se tornarem profissionais do futebol. Outros jogadores deixaram o Brasil para se profissionalizar na Argentina, como Teixeira, Ramon, Vani, Petronilho e Tufi. Para o Uruguai, foram Martin, Domingos da Guia, Leônidas da Silva e Congo (CALDAS, 1990, p. 203).

Cabe lembrar ainda o caso dos atletas Fausto e Jacaré, ambos do Vasco da Gama, que numa excursão à Europa abandonaram o clube carioca para jogarem no Barcelona da Espanha como profissionais. Reclamando de exploração, os jogadores abandonavam os clubes brasileiros (CALDAS, 1990, p. 60).

---

nacional. A publicação de *Casa-grande e senzala* marca uma defesa da mistura racial na formação da cultura brasileira. Freyre defende a tese da *democracia racial*. Essa veio reforçar a abordagem culturalista do futebol

O Vasco da Gama foi o clube pioneiro no Rio de Janeiro a adotar o profissionalismo, o que forçaria os demais clubes a fazerem o mesmo. Sua presença na primeira divisão da liga no campeonato de 1923 foi marcante nesse sentido. Os jogadores do Vasco eram geralmente negros e mulatos, o que indicava total disparidade com seus dirigentes e associados. Os jogadores faziam do futebol sua profissão (PEREIRA, 2000, p. 309). A conquista do campeonato estadual de 1923 pelo Vasco é um marco na transformação do futebol amador em futebol profissional (RODRIGUES FILHO, 1964).

A regulamentação do profissionalismo no futebol teve o papel de resolver parcialmente a tensão racial entre sócios e jogadores, permitindo que as diferenças fossem mais nítidas e a instalação de critérios eminentemente técnicos na seleção de jogadores. Isso fica evidente quando lembramos a campanha que Rodrigues Filho, jornalista de *O Globo* defendeu nos anos 30 em favor do profissionalismo como forma de dissipar as discriminações contra os jogadores negros, como Leônidas, Gradin, e Preguinho<sup>32</sup>. Na verdade, no Brasil, o profissionalismo liberou os jogadores do elitismo, do paternalismo, ajudou-os a criar um estilo nacional de jogar futebol (LOPES, 1999).

Em suma, pode-se assegurar que três fatos, entre outros, foram determinantes na implementação do futebol profissional no Brasil: (1) *a conquista do título sul-americano em 1919 pela seleção brasileira*. A partir daí, os estádios paulistas e cariocas começaram a lotar, as pessoas pagavam ingresso para assistir aos jogos, o que exigia dos clubes melhores desempenhos para manter a qualidade do espetáculo. Isso levou a abertura dos clubes para jogadores oriundos de classe populares, negros e mulatos. O critério de recrutamento de atletas passaria em breve a ser meramente técnico. Aqui está o início da passagem do futebol de esporte de elite para espetáculo popular, e, futuramente, sua transformação em esporte profissional. Começa o pagamento disfarçado a alguns jogadores, o que seria denominado de profissionalismo marrom. (2) *a revolução vascaína*. Trata-se da conquista do campeonato carioca pelo Vasco da Gama em 1923 com um time formado basicamente por negros e mulatos. Estes jogadores, não sendo de elite, eram operários e necessitavam de pagamento para continuar se dedicando ao futebol. O Vasco começa a pagar “bichos” e posteriormente salários, revelando a necessidade e iminência do regime profissional; (3) *a Legislação social e Trabalhista de Vargas*, implementada a partir de 1931, que incluía o jogador de futebol entre as novas profissões (PRONI, 2000, p. 107).

---

brasileiro, defensora do jogador negro como arquiteto do futebol-arte.

<sup>32</sup> Jogador de futebol filho do escritor Coelho Neto.

Em 1976 a profissão de atleta profissional foi regulamentada pela lei 6.354/76. Esta veio mudar a situação do jogador brasileiro, pois de fato o profissionalismo se consolidava. Na verdade,

Pela primeira vez na história do futebol brasileiro, todos os jogadores profissionais passariam a ter carteira de trabalho e benefícios da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), como férias e Fundo de Garantia por Tempo de serviço (FGTS). Essa lei ainda deu aos jogadores o direito de possuir seu próprio passe depois dos 32 anos de idade (BRUNORO e AFIF, 1997, p. 18).

Atualmente, são raras as profissões/ocupações que despertam tanto interesse como a de “jogador de futebol profissional”. A imprensa divulga que ser jogador de futebol profissional no Brasil é o principal sonho de todo garoto, especialmente para os meninos das chamadas classes populares. Isso devido às possibilidades de ascensão social que o futebol proporciona. É necessário questionar esta visão já naturalizada no Brasil. Cabe salientar que a tão sonhada ascensão social através do futebol é privilégio de poucos. Um grupo muito reduzido de meninos consegue realizar este sonho. Trata-se de um mercado de trabalho muito competitivo, onde a seletividade comporta critérios técnicos e tradicionais.

### **3.2 Modernização do futebol brasileiro**

O futebol no Brasil tem alcançado evidente evolução nas últimas décadas, embora esse movimento seja em escala mundial. Pode-se ressaltar que tal evolução se refere à organização, à regulamentação de formas de produção e veiculação, às mudanças nas relações jogador-clubes, ao fim do “passe”, ao futebol-empresa, ao desenvolvimento de novos modelos de preparação física e tática, além da crescente dimensão mercadológica e televisiva que tem permeado a produção do espetáculo futebolístico atual.

Neste item, procuraremos discutir um conjunto de mudanças no futebol brasileiro no século XX, dando ênfase especial ao período da década de 70 a 2002. Nosso objetivo é trabalhar a correlação entre sociedade, economia e futebol, buscando explicitar suas mútuas relações. Os aspectos que mais importam debater são as inovações na gerência do futebol, nas relações clube-jogador e nos métodos de preparação de atletas. Devemos ter sempre em mente que esporte e sociedade no Brasil estão imbricados, o que nos possibilita estabelecer relações entre o desenvolvimento do futebol e de outras instituições, bem como articular diretamente o

novo processo de modernização no cenário futebolístico com a modernização econômica e social.

É sabido que a urbanização e a industrialização incentivaram o desenvolvimento da prática e do consumo futebolísticos, além do posterior desenvolvimento dos meios de comunicação de massa.

Uma contextualização histórica mais rigorosa requer a explicitação de fatores, talvez, anteriores aos aludidos acima. Assim, para Rosenfeld (1993, p. 76), as motivações que impulsionaram o futebol no Brasil foram:

Só a libertação definitiva dos escravos (1888) a Proclamação da República a ela vinculada e a imigração que a seguir começou de forma poderosa, mais os inícios da indústria e rápido desenvolvimento das cidades, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo [...] criaram as condições psicossociais prévias do esporte. Seu triunfo está estreitamente ligado, também na Europa, à industrialização e ao surgimento das grandes cidades (ROSENFELD, 1993, p. 76).

A visão do autor está em consonância com a nossa já explicitada. Tendo em mente o futebol como produto da modernidade, pode-se salientar que acontecimentos como a abolição da escravatura, a urbanização e o processo de industrialização são elementos de uma nova ordem social em gestação no Brasil, indo ao encontro da modernidade.

### 3.2.1 O Estado brasileiro e o futebol

Destacaremos agora o papel do Estado brasileiro no desenvolvimento do futebol.

No cenário político (embora por razões também econômicas) nos anos 30 houve a destituição do presidente Washington Luís e a subida ao poder do General Mena Barreto, provisoriamente, e a de Getúlio Vargas, tomando posse no dia 4 de novembro de 1930. Este fato marca o fim da Velha República (1889-1930) e o início da Segunda República (CARONE, 1984; CARDOSO e FALETTO, 1970; FREYRE, 1971b). Logo na posse, Getúlio anunciava o famoso “Programa de Reconstrução Nacional”, composto de 17 itens, entre os quais planejava criar o Ministério do Trabalho e legislação de amparo e defesa do trabalhador urbano e do campo. Neste programa, havia aspectos importantes para o futebol. A Legislação Social e Trabalhista do novo governo regulamentou várias profissões no período de 1930 a 1936, tendo a de jogador de futebol sido incluída, mas não reconhecida ainda. A legislação atingiu trabalhadores de diversos setores, como farmácias, bancos, navegação,

padeiros, barbeiros, transportes, hotéis e funcionários públicos (MENDES JÚNIOR e MARANHÃO, 1981, p. 107).

Em termos econômicos, a crise do preço do café e as turbulências provocadas pela queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 criaram uma nova configuração nacional e mundial. O capital financeiro, através de banqueiros, começa a proliferar no país e dominar a economia, representando empresas estrangeiras. O desenvolvimento industrial iria criar uma nova classe social: o proletariado, e conseqüentemente uma massa de trabalhadores organizados politicamente, especialmente com a criação do Partido Comunista Brasileiro em 1922. Surge a proletarização das classes médias (BASBAUM, 1986, p. 30).

A partir de 1933, o país vivia um clima econômico melhor, os índices de desemprego estavam diminuindo em relação aos anos anteriores, e a inflação pequena dava condições aos torcedores para comparecerem em massa aos estádios de futebol (MAZZONI, 1939 e 1950).

No campo cultural houve mudanças substanciais, o que permitiu a emergência de uma nova configuração. A emergência de manifestações culturais unificadas em torno de bandeiras nacionais. A produção cultural era ainda bastante tímida.

Artistas e intelectuais eram produtores de cultura, tendo manifestação ideológica frente ao desenvolvimento do país. A produção cultural apresenta posição político-ideológica, revelando um certo engajamento político a partir dos anos 30. A arte e a literatura transformaram-se de projeto estético em projeto ideológico. Estas dimensões da cultura faziam novas leituras da sociedade, apresentado novos conteúdos. O Estado Novo criou novos cursos superiores e outras alternativas de ensino médio. Em certa medida, as mudanças promovidas na década de 30 implicaram numa democratização da cultura (CÂNDIDO, 1984, p. 27-28).

Tendo isso em mente, é necessário destacar que o futebol é uma manifestação cultural que parte da elite para se popularizar. Ao contrário deste esporte, a música sai das camadas populares para se tornar produto de consumo das classes média e superior. O exemplo do samba é revelador. Trata-se de algo restrito aos morros e subúrbios cariocas até os anos 20, que se expande nas décadas posteriores para se tornar produto cultural consumido por todas as classes sociais, um verdadeiro produto nacional. O rádio teve função importante na massificação destes produtos culturais. Dentro destas manifestações culturais, o futebol ganha popularidade nacional e significados políticos e culturais a partir da década de 1930. Seu prestígio popular como veículo lúdico de massa se dá quando aumenta o público nos

estádios, a partir de 1923, e também quando o futebol conquista segmentos modestos da população (TINHORÃO, 1981, KRAUSCHE, 1983).

Para Negreiros (1998b, p. 78), a partir da Copa do Mundo de 1938 o futebol no Brasil passa a exercer papel de articulador da identidade nacional, contribuindo com a formação da nação<sup>33</sup>. Nos eventos e festivais de primeiro de maio, seja no São Januário ou no Pacaembu, no governo Vargas, sempre se tinha uma partida de futebol antes para atrair o público.

A seleção brasileira participou da Copa do Mundo de 1930 no Uruguai. A partir daí, inicia-se um processo de internacionalização do futebol, nossos times vão jogar em países europeus e sul-americanos. As excursões de times brasileiros facilitariam o êxodo de seus jogadores, porém as causas principais do êxodo dos atletas eram o elitismo contrário à profissionalização, por um lado, e as condições atraentes do mercado de trabalho no futebol europeu, por outro lado. O caso do jogador Fausto do Vasco da Gama, que em excursão pela Europa abandonou seu clube para se tornar jogador profissional do Barcelona Futebol Clube é bastante ilustrativo da situação vivida pelo futebol brasileiro nas três primeiras décadas do século XX (CALDAS, 1990, p. 189-190).

A partir dos anos 30, com o Governo de Getúlio Vargas, novos valores e novas relações sociais emergem na sociedade brasileira, ocorre a regulamentação de novas profissionais, entre as quais a de jogador de futebol. O Estado Novo teve papel fundamental na modernização da sociedade brasileira e modificou a organização do esporte no Brasil. Durante aquela década, o nosso futebol contava com duas grandes entidades organizativas: a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e a FBF (Federação Brasileira de Futebol). A primeira representava o amadorismo e a Segunda, o profissionalismo. O Conselho Nacional de Desportos, inicialmente presidido por João Lyra Filho, foi criado por homens escolhidos por Getúlio Vargas.

Segundo Antunes (1994, p. 102),

A contribuição do Estado ao esporte foi assegurada pela participação da configuração do sistema administrativo dos clubes, onde o governo intervinha na parte organizacional e burocrática nas associações esportivas, e o Conselho Nacional de Desportos ditava o modelo dos estatutos que deveria ser acatado por clubes de todo o país.

---

<sup>33</sup> Nação aqui pode ser entendida como uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1989), uma realidade geográfica e virtual.

Em 1930 o Estado interviu no futebol, impedindo a realização do Campeonato Brasileiro de Seleções devido ao tenso clima político que o país vivia. Diante disso, os campeonatos regionais se tornaram os centros das atenções, criando rivalidades locais e grandes tradições vigentes até hoje.

O processo de modernização no futebol brasileiro também pode ser entendido a partir da intervenção estatal na sua organização. A dinâmica do futebol articula-se com o desenvolvimento político-social do país. Então, considerando que o discurso desenvolvimentista dos anos 60 e 70 almejava à integração nacional, pode-se sugerir a hipótese de que a criação do Campeonato Nacional de Clubes em 1971, com times de todas as regiões dos país, foi um marco na história do futebol brasileiro, e ao mesmo tempo um passo na modernização do mercado produtor e consumidor do espetáculo futebolístico, concretizando a integração e unidade nacionais através do futebol. Tal modernização se processa com preservação da tradição, pois o campeonato nacional foi criado, mas os campeonatos estaduais foram mantidos.

O novo campeonato veio para somar-se aos campeonatos estaduais, não para substituí-los. A 'modernidade' foi incorporada preservando-se o tradicional esquema de organização federativa e mantendo intactas as hierarquias regionais e suas divisões de acesso. Os dirigentes e federações, certamente, não podiam conceber uma mudança de outra ordem (PRONI, 2000, p. 144).

Podemos sugerir que houve uma modernização conservadora, tendo o novo campeonato nacional como elemento da modernidade e os campeonatos estaduais como aspecto tradicional, conservador.

O desenvolvimento do esporte fazia parte da modernização econômica e social do Brasil, projeto contemplado no II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) durante o regime militar. As ações do Estado Militar estavam montadas sob uma ideologia progressista, porém sob a tutela de um governo autoritário. Isso sustenta a tese de Florestan Fernandes (1975) sobre a *modernização conservadora*. Significa que temos normas e instituições modernas, mas mantemos a estrutura de poder arcaica, atrasada. Era uma modernização imposta de cima para baixo, imposta segundo a ideologia do Estado sem consultar a sociedade. Portanto, a chamada modernização conservadora também ocorreu no futebol.

Em 1977 a publicidade é introduzida ao redor dos campos de futebol, arrecadando dinheiro para clubes, estádios e federações. É a partir deste período que o futebol passa a ser transmitido na TV por meio de vídeo-tapes. A utilização de propagandas nos uniformes dos

times configura-se como uma nova fonte de recursos para os mesmos, e um passo importante na comercialização do futebol.

A década de 80 marca importantes modificações no futebol brasileiro, tais como o incremento da comercialização do espetáculo futebolístico, o crescimento do nível salarial dos jogadores e o advento do televisionamento de jogos ao vivo. O mercado tende a dominar o futebol, inflacionando os salários de jogadores e técnicos. No entanto, diante da crise que o nosso futebol vivia nos anos 80, a profissionalização dos dirigentes dos clubes apresentava-se como uma das possíveis soluções. Esta visão sobre modernização do futebol brasileiro é compartilhada por Helal (1997) e Proni (2000). A crise não se restringia ao futebol, era de natureza econômica (inflação elevada, perda de dinâmica) e política (luta pela redemocratização e fim da ditadura militar). Um dos sinais deste momento difícil no futebol é o elevado número de jogadores<sup>34</sup> que deixaram o país. Diante da crise financeira, os clubes vendiam seus jogadores famosos ao futebol europeu para pagar o salário de seus jogadores. É nesta época que craques como Zico, Sócrates, Falcão, Edinho foram vendidos ao futebol italiano.

Em maio de 1982 foi aprovado o uso de publicidade nos uniformes dos times, as camisas passaram a apresentar propagandas de empresas. Tal medida foi aprovada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND). Temia-se que os torcedores não aprovassem isto, pois poderia ser uma profanação do manto sagrado, da tradição da camisa. Isso já acontecia no futebol europeu.

### 3.2.2 O Clube dos Treze

Trata-se de um movimento criado em julho de 1987, chamado de União dos Grandes Clubes Brasileiros, formado pelos principais clubes de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia, que questionou e abalou a estrutura administrativa do futebol brasileiro. Os times participantes inicialmente eram São Paulo, Flamengo, Vasco, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, Santos, Internacional, Grêmio, Cruzeiro, Bahia, Vitória e Atlético-MG.

---

<sup>34</sup> O número de jogadores que deixaram o país nos anos 80 ilustra a venda de jogadores como forma de arrecadar. 1980 (76), 1981 (154), 1982 (154), 1987 (199), 1988 (227) (ver PRONI, 2000, p. 151).

Entre os antecedentes da formação do Clube dos Treze está a mudança nas regras do Campeonato Brasileiro de 1986, que teve por objetivo favorecer a um grande clube do Rio de Janeiro (PIMENTA, 2000, p. 80, HELAL, 1997, p. 84). Na verdade, este movimento indica a necessidade de modernizar a estrutura administrativa do futebol nacional, tendo como modelo as ligas européias de futebol. Fundar um liga nacional para gerir o futebol e organizar o campeonato nacional era um dos propósitos do Clube dos Treze.

A Copa União, o campeonato nacional organizado em 1987 pelo Clube dos Treze, foi uma tentativa de racionalizar e comercializar o campeonato brasileiro. Em outras palavras, os grandes clubes se rebelaram contra a CBF, que havia declarado ser incapaz de organizar o certame nacional naquele ano. Então, os Treze Clubes maiores do Brasil, apoiados pela TV Globo, Coca-Cola e Varig realizaram a Copa União. Exceto Corinthians e Flamengo, todos os clubes participantes assinaram contratos de patrocínios com a Coca-Cola. Este pode ser considerado um momento decisivo na modernização do futebol brasileiro, ou melhor, sua inserção definitiva no futebol industrializado, dominado pelos empresários.

### 3.2.3 A Lei Zico

Pode-se inserir a Lei Zico em um contexto político de redefinição da intervenção estatal na esfera esportiva, no qual se revisa o papel do Conselho Nacional de Desportos frente à legislação esportiva.

No âmbito da economia, os anos 90 assistiram a um conjunto de transformações, tais como reestruturação produtiva, plano de combate à inflação e valorização e criação de uma nova moeda (o Real a partir de 1994), abertura da economia interna ao mercado internacional, privatizações de empresas estatais e a flexibilização das relações de trabalho. Na verdade, o país adota o modelo de desenvolvimento condizente com o discurso da globalização e do liberalismo, substituindo o modelo nacional-desenvolvimentista pelo modelo-discurso da eficiência do mercado. O primeiro parecia ultrapassado, enquanto que o segundo representaria à modernidade.

No âmbito esportivo, as mudanças giravam em torno da melhoria dos serviços prestados ao consumidor (torcedor) e do incentivo à participação da iniciativa privada no

esporte, retirando parte do patrocínio público<sup>35</sup>. Com isso, abria-se oportunidade para o avanço do marketing esportivo, uma das facetas do futebol-empresa em gestação. Tais mudanças pretendem libertar o futebol da tutela estatal (PRONI, 2000, p. 164).

O “Projeto Zico” encaminhado ao Congresso Nacional em 1991 apresentava como conteúdo:

i) regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional, ii) rever a participação nos recursos da Loteria Esportiva, iii) extinguir a ‘lei do passe’ e estabelecer uma nova norma para o contrato de trabalho do atleta profissional, iv) redefinir os mecanismos de supervisão e assegurar a autonomia estatutária dos clubes, assim como v) buscar mecanismos mais democráticos e transparentes de representação e de administração das federações e da CBF (PRONI, 2000, p. 165).

Com estas medidas, pretendia-se modernizar o futebol brasileiro, bem como proporcionar situações financeiras mais confortáveis aos clubes nacionais, transformando estes em empresas comerciais de natureza desportiva. Com isso, era inevitável e necessária a profissionalização administrativa. A disparidade entre jogadores profissionais e dirigentes amadores apresenta-se como insustentável diante do empresariamento e da industrialização do futebol globalizado.

Depois de muitas discussões e reações dos dirigentes, especialmente no que se refere ao fim do “passe”, o projeto foi aprovado com algumas modificações, entre elas a retirada do ponto que pregava o fim da lei do “passe”, além da obrigação de transformação dos clubes em empresa.

A Lei Zico/Lei n. 8.672/93, tinha por objetivo modificar a organização do futebol nacional, promovendo (1) o fim do “passe”, proporcionando autonomia aos jogadores em forma de liberdade de contrato; (2) a ruptura com o modelo intervencionista do Estado nos clubes e federações; (3) o surgimento do futebol-empresa, os clubes tornando-se empresas; (4) alterações no sistema eleitoral da Confederação Brasileira de Futebol (PIMENTA, 2000, p. 81).

Na verdade, a nova legislação está em consonância com a comercialização do futebol e a necessidade de profissionalização de sua gestão. Relações empresariais são introduzidas, tendo em vista substituir a paixão e a tradição dos dirigentes por administrações imparciais e transparentes.

---

<sup>35</sup> É válido lembrar aqui que alguns clubes brasileiros foram registrados como entidades filantrópicas, isso com a finalidade de receber subsídios públicos. Por exemplo, o SC Corinthians Paulista, até 2001, era considerada uma instituição filantrópica.

Mas a modernização inculcada na Lei Zico não se completou, ou melhor, realizou-se levando em conta a ética dual, onde o moderno e o tradicional se mesclam. Por exemplo, jogadores profissionais e dirigentes amadores. Pode-se apontar outras falhas no projeto modernizante empreendido a partir da Lei Zico. Veja-se o que diz Helal:

A adoção do ‘futebol-empresa’, permitida após a Lei Zico (...) sem a transformação da estrutura de poder não representa uma mudança radical na organização do futebol no país, pois a política de troca de favores ainda prevaleceria na organização dos campeonatos. Com jogos deficitários, o campeonato daria prejuízo aos clubes, limitando o potencial de marketing e da comercialização do futebol, e é exatamente isto o que vem ocorrendo mesmo após a Lei Zico. Ou seja, a modernização administrativa, significando comercialização do espetáculo, teria que vir acompanhada de uma modernização política, entendida aqui como autonomia e independência dos clubes para organizar os campeonatos (HELAL, 1997, p. 111).

### 3.2.4 A Lei Pelé

Em setembro de 1997, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, Ministro Extraordinário dos Esportes, encaminhou um projeto de lei que pretendia, inspirado na legislação espanhola, restaurar o controle do Estado sobre as entidades esportivas. Rezava pela fiscalização do esporte e autonomia de organização dos clubes. Neste sentido, “[...], ao propor a revogação da Lei 6.354/76, o projeto também pretendia retirar as proteções que a legislação garantia aos clubes (lei do “passe”) e aos atletas (15% na transferência e limite de três anos na duração do contrato), deixando que o esporte passasse a ser regulado pelas leis do mercado” (PRONI, 2000, p. 198).

O projeto foi enviado ao Congresso Nacional sem qualquer consulta às entidades esportivas, o que levou dirigentes de clubes, da CFB, federações a classificarem-no de idiota, estatizante e autoritário. Os principais clubes brasileiros se manifestaram contrariamente ao fim do “passe” estabelecido pela lei Pelé, alegando que o “passe” era uma forma de repor os investimentos no processo de formação do atleta. O projeto de lei pretendia colocar o futebol brasileiro na modernidade.

A modernização do futebol brasileiro a partir da década de 90 pode ser entendida como resultado de mudanças na economia mundial e da transformação do esporte em produto da indústria de entretenimento em processo de globalização. Nestes sentido,

[...] a modernização do futebol brasileiro tornava-se um imperativo da concorrência capitalista; tornava-se urgente reestruturar as formas de produção do espetáculo e de gestão dos clubes para garantir uma alta competitividade internacional e alavancar os negócios nesse campo de valorização em franca expansão (PRONI, 2000, p. 193).

Há consonância entre a adoção de um modelo de modernização na sociedade, via processo de globalização da economia e as mudanças estruturais no futebol, também inspiradas na gestão do espetáculo futebolístico europeu. O padrão de gestão empresarial passa a ser considerado uma das soluções para o futebol brasileiro. É neste sentido que o discurso acerca da profissionalização dos dirigentes ganha defensores, particularmente na imprensa. Há, de fato, uma estreita relação entre profissionalização da administração, transformação dos clubes em empresas, racionalização do calendário futebolístico e criação da liga nacional. Trata-se de aspectos importantes da tão desejada moralização do futebol, que iria proporcionar transparência nas negociações entre clubes, nas relações entre jogadores e clubes. Na verdade, alimenta-se a crença de que a modernização seria a solução para erradicar os males do futebol nacional (PRONI, 2000, p. 193).

### **3.3 O futebol científico no Brasil**

O futebol no Brasil é tido como inato ao brasileiro, resultado de nossas qualidades naturais. O discurso da imprensa e torcedores de um modo geral, reivindica a paternidade do futebol ou no mínimo o monopólio do saber técnico e popular do futebol. Os brasileiros se consideram os “melhores” do mundo, não admitem nem mesmo que algum jogador brasileiro que atua no exterior seja colocado no banco de reservas. Apesar de não sermos os inventores do futebol, criou-se um discurso segundo o qual somos os autênticos, conhecemos e praticamos o melhor futebol do mundo.

A nível mundial, o futebol se tornou um esporte estruturado, institucionalizado, regulado e especializado, cujas regras servem para torná-lo padronizado. A universalização de regras pode ser entendida como uma dimensão do processo civilizatório que se manifesta no futebol (ELIAS, 1992a).

A modernização no futebol brasileiro também pode ser observada a partir dos esquemas táticos. O trabalho técnico e tático diferente do tradicionalmente aceito no Brasil teve início com Dori Kruschner, um húngaro que trabalhou no Flamengo por volta de 1937,

influenciando outros técnicos brasileiros, inclusive Flávio Costa, o técnico brasileiro na Copa do Mundo de 1950 (MENDES, 1963, OSTERMANN e CABRAL, 1970).

A primeira Copa do Mundo foi realizada no Uruguai, em 1930. Nas primeiras edições da Copa do Mundo, a força física esteve à frente da arte e da habilidade. Os campeões foram Uruguai (1930 e 1950) e Itália (1934 e 1938). Na verdade, a seleção brasileira pouco se preparava para as copas, e ao ser derrotada, culpava os árbitros pelo fracasso, evidentemente que algumas vezes com razão. A técnica e a habilidade brasileiras, além da desorganização extra-campo, foram insuficientes para vencer a força e a rigidez dos esquemas táticos montados pelos selecionados europeus e do Uruguai. Entretanto, em 1958, a arte se sobrepõe à força. Nossa seleção tinha como arma os dribles de Garrincha, os toques e lançamentos de Didi e a habilidade e os chutes de Pelé. Cabe, aqui, alguns comentários sobre a preparação para a Copa de 1958 disputada na Suécia, talvez um marco na história do futebol brasileiro, provocando mudanças radicais em épocas posteriores na nossa forma de jogar e de preparar e formar jogadores.

Na Copa de 1958, a seleção brasileira adotou pela primeira vez uma “comissão técnica”, formada por Vicente Feola (técnico), Carlos Nascimento (supervisor), Paulo Amaral (preparador físico), Hilton Gosling (médico), José de Almeida (administrador), João Carvalhaes (psicólogo). Havia um plano de trabalho bem elaborado, com cartilha de conduta regulamentando o comportamento dos atletas. A seleção brasileira campeã desta Copa apresentava modernidade no esquema tático do técnico Vicente Feola, na escolha dos jogadores, na preparação física dos atletas (CASTRO, 1995). Criaram-se novos métodos de trabalho extra-campo. Seu esquema de jogo era o 4-2-4, onde os dois laterais, Djalma Santos e Nilton Santos, tinham liberdade para ajudar o ataque. O volante Zito marcava e saía jogando, além do fato de Zagallo, como ponta-esquerda, voltar para marcar. O futebol brasileiro organizava então um sistema defensivo pela primeira vez na seleção. Surgia a idéia de ocupação dos espaços, de defender-se bem, de organizar e auxiliar o talento, pois só talento não bastava, era preciso modernizar a forma de jogar e adotar um esquema tático sistemático, cuidando da defesa.

Mesmo que tenha havido algum avanço em termos de preparação para o mundial de 1958, o treinamento no futebol brasileiro, particularmente nos clubes, não era baseado em métodos científicos, nem obedecia a planejamentos sistemáticos. Os treinos eram preparação com toque de brincadeira. Na verdade, acreditando sempre no sucesso da habilidade e da arte do jogador brasileiro, temos na história do futebol brasileiro alguns atletas que não gostam de treinar. Por exemplo, Didi, Garrincha, Sócrates, Romário e outros. Eles acreditam que já

nasceram “feitos”, não havendo mais nada a aprender. Trata-se da idéia do futebol como algo inato, próprio do brasileiro.

De fato, até o final da década de 60, os jogadores brasileiros eram mal treinados. O disciplinamento era “macio”, tendo por base corridas ao redor do campo e treinos coletivos, verdadeiros “rachões”, ou seja, peladas em que os atletas se divertiam. A preparação física era marginal. Conforme lembra Castro (1995, p. 75),

Os jogadores treinavam de manhã ou de tarde, nunca em tempo integral. Até os anos 50, a preparação física costumava ser dada pelo próprio treinador. Este podia ser gordo como Gentil Cardoso ou magro como Zezé Moreira, mas de modo algum um especialista na tarefa. Limitava-se a comandá-los nos exercícios do chamado ‘Regimento n. 7’. Era um programa criado pelo exército francês na Primeira Guerra, adotado pelo exército brasileiro e usado nas aulas de educação física dos colégios (...). Era mole. Os jogadores faziam aquilo assoviando, aproveitando para bater papo e combinar a saída daquela noite. E era assim em quase todos os clubes .

É por volta da segunda metade dos anos 60 que os clubes contratam especialistas na área de Educação Física para montar times bem preparados, tal como exigia o então emergente no Brasil, futebol-força ou futebol moderno. Divulgava-se a idéia de que futebol é ciência. Logo, o corpo do jogador torna-se objeto de investimento médico, científico e político, algo manipulável, reparável e até mesmo produzido. Começa a fase da modernização do futebol na qual o jogador é considerado e manipulado como um corpo a ser vigiado, treinado, educado, corrigido, seja dentro ou fora do campo, desde as categorias de base até os profissionais. Aqui está uma mudança da concepção de corpo no âmbito do futebol. O corpo passa a ser produto de circunstâncias determinadas e, especialmente de dispositivos aplicados aos treinamentos do jogador de futebol moderno. Recorde-se que para Foucault (1987, p. 244), dispositivo significa “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”. Dispositivo como formação pode ser entendido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Neste sentido consideramos que os modelos de treinamento e preparação de jogadores são dispositivos formados por discursos, regulamentações de comportamento, leis e normas de conduta sustentados por teorias e pesquisas científicas, buscando responder à necessidade de formar um jogador forte, adequado ao emerge futebol-força, onde a preparação física e aplicação tática são os elementos mais importantes. O processo de formação de jogadores entrava numa

nova fase de racionalização e de descoberta e exploração das potencialidades do corpo humano.

Pode-se afirmar que no Brasil, a valorização da preparação física começa com a Copa de 1966, sendo intensificada na década de 70. Neste contexto os preparadores físicos adquirem maior importância no futebol nacional, o que, posteriormente, favoreceria à profissionalização de alguns deles como treinadores de futebol. Por exemplo, Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira e Sebastião Lazzaroni (TOLEDO, 2002). A militarização do futebol brasileiro estava em gestação: preparação física como o principal elemento nos treinamentos; o jogador machucado deveria se internar no clube, e disciplinamento constante. O corpo é concebido como máquina, sendo regulável para fins de docilidade. Recordando-se novamente Foucault, tem-se que “(...) corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade” (FOUCAULT, 1987, p. 131). Esta militarização coincide com o Golpe Militar de 1964. Os clubes adotam o modelo disciplinar militar, controlando o físico e o emocional dos atletas.

### 3.3.1 A Copa do Mundo de 1966: o futebol-força e a crise do futebol-arte

O futebol-arte brasileiro foi derrotado pelo futebol-força europeu na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. O futebol-força apresentava-se como uma forma de parar o futebol-arte, vencedor das copas de 1958 e 1962. Neste momento se estabelece o polêmico debate envolvendo torcedores, imprensa esportiva, jogadores e dirigentes a respeito da forma de jogar futebol, bem como da preparação física e técnica da seleção brasileira. O técnico da seleção brasileira, Zezé Moreira, dizia que “(...) o Brasil, assim como outros países que desejarem sucesso em disputas internacionais, têm de ajustar a sua maneira de jogar aos novos tempos, e adotar o ‘futebol-força’” (PEDROSA, 1968, p.177). O futebol brasileiro precisava se inserir na modernidade, no futebol competitivo, marcado pelo rigor nos esquemas táticos e na preparação física. Parecia que o nosso futebol estava ultrapassado diante da eficiência física e tática do futebol-força. Este consistia em dotar os atletas de elevado preparo físico, sem cansaço para ocupar o campo e anular o estilo sul-americano de jogar futebol. Este futebol é feito de força, velocidade e resistência. É exatamente neste contexto que surgem correntes antagônicas de pensamento defendendo modelos diferentes de jogar futebol no

Brasil: (a) defesa do futebol-arte (setores da imprensa, torcedores, Nelson Rodrigues e João Saldanha, como principais expoentes) e (b) defesa da modernização na preparação física e no estilo brasileiro de jogar (representada especialmente por Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, Moreira e Admildo Chirol) (GIL, 1994).

O futebol moderno, competitivo, conhecido por “futebol-força”, deixou algumas lições importantes para o futuro do futebol brasileiro: (1) A primeira refere-se à importância da preparação física. Os times vencedores serão aqueles bem preparados fisicamente, fortes, com muita aplicação tática, com atletas capazes de suportar os embates físicos e maior velocidade e objetividade. A preparação física passará a ocupar posição central na formação das equipes e nos treinamentos. (2) A segunda lição diz respeito à valorização do grupo. O coletivo se sobrepõe ao individual, revelando a necessidade de novos esquemas táticos. A modernidade do futebol europeu derrotou nossa escola. O futebol no Brasil sempre foi marcado pela magia, liberdade, improviso, fantasia, individualidade, ludicidade e criação. No entanto, tais qualidades “nacionais” seriam traços a serem evitados, prejudiciais ao futebol competitivo, obstáculos ao futebol moderno e de resultados.

Os preparadores físicos da seleção brasileira que participou da Copa de 1970, na busca pelo tri-campeonato, eram todos adeptos do futebol-moderno: Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira (fez pós-graduação na Alemanha) e Cláudio Coutinho. Os dois últimos estudavam métodos de preparação física utilizados no futebol europeu, particularmente os modelos adotados pelos iugoslavos. Pode-se ressaltar que os professores e preparadores físicos responsáveis pela preparação dos jogadores são profissionais especializados no adestramento de corpos. Os preparadores físicos modernos são verdadeiros técnicos do comportamento, o que nos faz lembrar Foucault (1987, p. 258), quando se refere aos médicos e soldados na modernidade: “São de certo modo técnicos do comportamento: engenheiros da conduta, ortopedistas da individualidade”.

Além de bem preparada fisicamente, a seleção comandada por Zagallo em 1970 possuía jogadores de extraordinária técnica e habilidade. Aquela seleção conseguiu a mais perfeita síntese entre organização tática e talento. O futebol militarizado estava ganhando pulso no Brasil. A seleção de Zagallo ganhou o mundial e consagrou o futebol militarizado. Tratava-se de um futebol jogado como arte, porém a organização militar e a obediência dos jogadores às ordens do técnico foram fundamentais naquela conquista. Adota-se em definitivo a figura do jogador-soldado, o qual obedece a tudo. Nesta conquista, combina-se futebol-arte, atleta artista e futebol disciplinado, científico.

Na Copa do Mundo de 1978, o Brasil intensifica o uso da ciência na preparação de seu time. O técnico Cláudio Coutinho adotou concepção tecnicista de futebol, utilizando intervenção científica na preparação da seleção. Seu trabalho dava ênfase especial à preparação física dos atletas e à armação da equipe em campo, onde a tática se sobrepunha ao individualismo. O que provocou polêmicas sobre a inadequação diante do estilo brasileiro, pois parecia que descaracterizava o Brasil. O futebol de resultados estava em gestação no Brasil (TOLEDO, 2002, p. 110). As escolinhas de futebol seriam mais valorizadas a partir destas mudanças no processo de treinamento de atletas.

### **3.4 Os centros de treinamentos e o jogador de laboratório**

No Brasil, os Centros de Treinamentos fazem parte da modernização dos times de futebol iniciada na década de 80. Trata-se de uma tentativa de formar novos jogadores em alinhamento aos padrões de formação do jogador no futebol mundial, padronizando os métodos e as técnicas. Estes são elementos da modernização porque passa o nosso futebol e foram proporcionados por parcerias entre clubes e empresas. Pode-se pensar estes centros como verdadeiros laboratórios de formação e preparação de atletas, implementando uma nova concepção de futebol competitivo, em que a preparação física e tática ganha relevo especial.

Os CTs<sup>36</sup> utilizam tecnologias e valorizam conhecimentos científicos e novos profissionais, como preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas e psicólogos na formação de atletas, o que até a primeira metade dos anos 80 era marginalizado no Brasil.

Como afirma Toledo (2002, p. 136),

Os CTs consistem, portanto, em laboratórios de novos projetos que atendam a uma escala mais ampliada de formação, preparação, competitividade e negociação de atletas, preferencialmente para o exterior, contemplando uma demanda internacionalizada de circulação no mercado de jogadores.

Entre as virtudes nos atletas fabricados em CTs estão: disciplina, pontualidade, capacidade de adaptação, técnica, preparação física<sup>37</sup>. A disciplina produz os corpos dos

---

<sup>36</sup> CTs de agora em diante, utilizaremos esta sigla para referir aos Centros de Treinamentos.

<sup>37</sup> Os CTS favorecem a valorização da preparação física no futebol brasileiro, promovendo maior reconhecimento e prestígio dentro do cenário futebolístico aos preparadores físicos, igualando-se até mesmo a

jogadores. Podemos pensar aqui nos corpos dóceis à luz da teoria de Foucault (1987, p. 127), na qual a disciplina “fabrica (...) corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. O processo de disciplinamento aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”. A disciplina deve-se em parte ao confinamento do atleta numa estrutura voltada especialmente para tal fim, além de seguir uma rigorosa rotina de treinamentos, testes, preparação física e reparações médicas. Os CTs separam os atletas do mundo exterior. Trata-se de um regime militar adaptado ao futebol, onde o disciplinamento dá-se também através de multas para intimidar atrasos e faltas aos treinos. Alguns clubes utilizam manuais de conduta, cartilhas de comportamento, como São Paulo, Palmeiras, SC Internacional e outros clubes brasileiros.

As mudanças no futebol implicaram na necessidade de novas pedagogias na formação de atletas e no condicionamento tático. Tais pedagogias proporcionariam, além do adestramento e manutenção do preparo técnico, físico e moral dos jogadores, ciclos mais abstratos e sistematizados de assimilação da técnica, bem como mecanismos capazes de incrementar a capacidade de aprendizagem do atleta. Entre as inovações que as novas pedagogias proporcionaram, estão gravação de treinamentos, avaliação individual do atleta, cine-vídeo, treinos com paredão metálico, com viseiras, metodologias informacionais, jogos virtuais. Isso exige uma formação mais ampla, diga-se, globalista. Tal perspectiva sustenta o trabalho adotado no SC Internacional a partir de 1997, quando ocorreu uma reformulação do departamento de futebol e nova integração entre os setores ligados à formação de jogadores, bem como uma maior intervenção científica nos treinamentos e na preparação dos atletas. Algo semelhante havia acontecido em outros grandes clubes brasileiros, como o São Paulo, ainda na década de 1980.

No caso do São Paulo, é preciso frisar que o movimento de transformação do departamento de futebol em laboratório de fabricação de jogadores remonta a 1986, momento no qual se passa a utilizar a medicina especializada e a fisiologia do esforço. Segundo o administrador do futebol profissional do São Paulo, Marco Aurélio Cunha: “(...) daquele trabalho agregado entre departamento médico e comissão técnica, todos agindo com um instrumental fundamental, os dados da fisiologia, ‘nasce’, entre outros meninos então franzinos, craques como Cafu, Muller, Juninho (...)” (TOLEDO, 2002, p. 100).

---

determinados jogadores e técnicos. Um dos profissionais mais valorizados nesta área é Moraci Sant’Anna, que trabalhou com Telê Santana no São Paulo, onde foi bicampeão da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes em 1992 e 1993. Trabalhou ainda com Carlos Alberto Parreira pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994 onde foi campeão.

Na década de 90 se consolida o modelo jogador-máquina. Um produto do esquadramento do corpo do atleta por intermédio da ciência esportiva. O poder desta ciência produz o jogador ou homem-máquina. É possível se pensar o jogador-máquina em analogia ao homem-máquina produzido pela ciência moderna. Neste sentido, voltamos a mencionar Foucault (1987, p. 126), para quem “‘O Homem-máquina’ (...) é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de ‘docilidade’ que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Talvez o maior exemplo de jogador-máquina seja Ronaldo Nazário, o Ronaldinho goleador do mundial de 2002. Trata-se de um jogador criado na era do computador, pois, “Com ajuda de um aparelho de musculação informatizado (ele) mudou por completo sua força física nos últimos dois anos: passou de 76 para 80 quilos e cresceu de 1,76m para 1,82m” (*O Globo*, 20/10/96). Trata-se não apenas de treinar, polir e aperfeiçoar, mas de transformar e reparar o corpo do atleta. Um outro exemplo famoso de jogador-máquina é Zico. Este foi um produto da engrenagem de poder das categorias de base e da escolinha de futebol do Flamengo da década de 1970. Um técnico desta escolinha afirmava à revista *Placar* que “Aqui na Gávea há um trabalho que fica praticamente escondido mas está dando frutos fabulosos. São autênticos garotos-laboratório. Vejam o Zico. Não tinha massa muscular; fraco, pernas finas, não agüentava um tranco, uma bola dividida. Geraldo não tinha força nas pernas. Paulinho era outro raquítico. Cada um apresentava um problema diferente. E cada um era analisado, medido, pesado, trabalhado de forma diferente, individual” (*Placar*, 08/03/1974, n. 207, p. 8). Portanto, Zico foi um jogador fabricado em laboratório, da mesma forma que Dunga foi produzido pela escola de futebol do SC Internacional na década de 1980.

O jogador-máquina é normal, paciente e não se mete em confusões, é obediente aos esquemas táticos. Tem excelente comportamento fora de campo, internaliza um ascetismo profissional. Rivaldo como exemplo de jogador moderno, marca, ataca e faz gols, atende os esquemas, é disciplinado. O advento deste tipo de jogador é mais uma faceta da modernidade no futebol brasileiro, em que o mesmo é tratado como peça, uma coisa, manipulável.

O São Paulo adotou procedimentos de avaliação dos jogadores, medição do rendimento, capacidade e de como adequar seus jogadores ao estilo do técnico. Utilizou a filmagem de treinos e jogos, criando um trabalho de laboratório. O que aconteceu no SC Internacional com o projeto globalista de reestruturação do departamento de futebol implementado sob orientação do então coordenador técnico João Paulo Medina em 1997.

### 3.5 Manuais de conduta: o jogador disciplinar

A cartilha do jogador-disciplinar assume novo papel a partir dos anos 90, quando se estabelece uma fase punitiva no futebol brasileiro. Clubes importantes criaram modelos para disciplinar seus atletas, buscando construir jogadores adequados aos novos tempos do futebol moderno, competitivo, profissional e disciplinar. O São Paulo criou um código de conduta, o Flamengo prima pela disciplina, o Palmeiras é linha-dura. O futebol-empresa fundamenta-se no modelo de empresa-militarizada. A busca pela disciplina parece ir ao encontro da profissionalização do futebol, onde um ascetismo profissional é cada vez mais reivindicado. Neste processo, não só o trabalho, mas a vida do atleta é gerida pelo clube. Trata-se de sistemas disciplinares que normatizam os comportamentos, por meio de micropenalidades, em diferentes tipos de instituições modernas. Novamente é válido lembrar Foucault,

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes 'incorretas', gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 1987, p. 159).

O São Paulo adotou a cartilha de conduta para normalizar o comportamento de seus jogadores. Até mesmo técnicos como Telê Santana passa a optar pela cartilha disciplinar. O técnico afirmava que “Os jogadores serão mais cobrados. Serão tratados como verdadeiros profissionais, como em uma empresa” (*Folha de São Paulo*, 09/01/1996, *Esportes*, p.1). A cartilha disciplinar do São Paulo versava que “(...) o jogador do São Paulo está proibido de praticar atividades esportivas que não seja o futebol; é proibido jogar cartas ou qualquer jogo de azar dentro das instalações do clube; é proibido freqüentar boates e dancings nas horas de folga; é proibido comer na sala de televisão; é proibido entrar no CCT depois da meia-noite; é proibida a prática de cultos religiosos no clube; o atleta do São Paulo não pode ingerir bebidas alcoólicas” (*Diário Popular*, 09/01/1996, *Esportes*, p. 1). De fato, esta cartilha indicava o nível de controle e disciplina que o clube mantém sobre os jogadores, algo que transcende ao futebol, interferindo diretamente na vida pessoal. Na linguagem de Foucault (1987, p. 159), este poder seria instrumento de disciplinação, algo no sentido de sanção normalizadora, ou seja, “(...) entendida como um conjunto de procedimentos punitivos relacionados a uma infinidade de pequenas atitudes e comportamentos (e que) incide sobre um espaço deixado

pelas leis”. São parte do sistema disciplinar do novo futebol, no qual gestos, falas, comportamentos, corpo, atitudes são objetos controlados e passíveis de punição<sup>38</sup>.

No caso do Palmeiras, o técnico Luxemburgo adotou linha dura em 1996, afirmando que os atletas deveriam sacrificar a vida pessoal e entrar na filosofia do clube (FLORENZANO, 1998).

No Corinthians, a cartilha defendia que o atleta não podia beber nem fumar, devendo usar obrigatoriamente o uniforme de viagem, e sempre que atrasar em treinos e viagens haveria punições. A vigilância e o poder punitivo adotado nos grandes clubes do futebol brasileiro são semelhantes à generalidade carcerária abordada por Foucault. Assim, “A generalidade carcerária, funcionando em toda a amplitude do corpo social misturando incessantemente a arte de retificar com o direito de punir, baixa o nível a partir do qual se torna natural e aceitável ser punido” (FOUCAULT, 1987, p. 265). Haveria ainda punição para o atleta que recebesse cartão amarelo por reclamação ao árbitro, podendo até ser multado. As punições seriam usadas como modo de educar os atletas não apenas no âmbito do futebol, mas nas atitudes desencadeadas em outras esferas da vida social. Seriam mecanismos de internalização de constrangimentos no sentido de que a construção da conduta humana consiste também num processo disciplinador e civilizatório, tal como lembra-nos Elias (1992a). Podemos aludir novamente a Foucault (1987, p. 265) quando afirma que, o “poder de punir não é essencialmente diferente do de curar ou educar”.

O poder investido sobre o atleta brasileiro nos anos 90 tinha como objetivo fabricar um novo trabalhador, enquadrar o jogador no modelo de futebol moderno, internalizar novos comportamentos, dentro de doutrinas produtivas para clube<sup>39</sup>. O futebol moderno, baseado no modelo futebol-empresa almeja, em nome do profissionalismo, alcançar o controle da vida do atleta, dentro e fora dos gramados.

A cartilha disciplinar também foi adotada no SC Internacional. No segundo semestre de 2000, o grupo de jogadores profissionais entrou de férias com manual de conduta. Tratava-se de recomendações objetivando manter uma boa conduta física e alimentar e evitar que algum jogador perca a forma física. Segundo o então coordenador técnico Medina, foi estabelecido um programa de orientações específicas para cada atleta. Entre as

---

<sup>38</sup> Sobre punições aos gestos dos atletas, vale lembrar a punição aplicada ao jogador Belletti do São Paulo, em 25% de multa no salário por criticar o técnico do time em 1996, Carlos Alberto Parreira (Florenzano, 1998: 170-171).

<sup>39</sup> Neste sentido, é ilustrativo o fato de que assim, “Luxemburgo prega disciplina. diz que o jogador de futebol brasileiro é mal-educado e que necessita se adaptar á nova realidade [...] O treinador palmeirense diz também que está sendo muito difícil doutrinar os atletas” (*A Gazeta esportiva*, 17/10/1996, p. 5).

recomendações, constavam: (i) cada atleta deve correr no mínimo 40 minutos diários, (ii) fazer alguns abdominais, (iii) evitar praticar esportes vulneráveis a lesões, (iv) fazer musculação. Além disso, “Foi elaborado um cardápio especial para quem tem facilidade de somar quilos, caso de Enciso e Hiran” (PERRONE, *Zero Hora*, 18/06/2000, Esportes, p. 63).

Cabe ressaltar que este controle que o clube exerce sobre o jogador é uma exigência do novo profissionalismo que integra o futebol moderno. O jogador de futebol precisa ter o futebol como um fim em si mesmo.

### **3.6 Futebol se aprende na escola**

Esta seção pretende abordar a questão do processo ensino-aprendizagem de futebol a partir das escolinhas. Primeiro, busca-se uma breve contextualização do advento do fenômeno escolinha de futebol no Brasil, para posteriormente se analisar sua expansão nas últimas décadas.

Partimos do entendimento da escolinha como um elemento da modernização do futebol, processo esse que introduz inovações na produção, comercialização e consumo do espetáculo futebolístico, bem como na preparação e formação dos jogadores de futebol. É este último aspecto que pretendemos tratar aqui.

Em 1972, a principal revista especializada em futebol no Brasil, *Placar*, chamava atenção para o papel da escolinha como espaço especializado na formação de jogadores. Em “Escolinha, a salvação”, matéria publicada na edição de *Placar* (13/10/1972, n.135, p. 8), o discurso era de que “Como todo profissional, o jogador de futebol deve ter uma educação especializada (...). E hoje o ‘craque feito em casa’ já é tão ou mais comum que o ‘craque descoberto’ na várzea ou no interior”. O jogador fabricado na várzea, oriundo das peladas, seria um atleta desatualizado. Um analfabeto no futebol, estranho, sem cultura tática nem conhecimentos de fundamentos futebolísticos, algo imprescindível ao jogador moderno. Portanto, a valorização da escolinha de futebol no Brasil não é recente.

As escolinhas de futebol nascem no Brasil entre as décadas de setenta e oitenta como resultado de um conjunto de transformações de ordem econômica (urbanização, industrialização, crescimento do setor imobiliário) e cultural (industrialização da cultura e do lazer, massificação de bens simbólicos). É neste contexto de mudanças estruturais e super-estruturais que o futebol, o esporte mais popular, é apropriado pela indústria cultural. Ocorre a

diminuição dos campos de várzeas paralelamente ao debate acerca da emergência dos clubes-empresas, onde a escolinha tem função importante.

Em síntese, as escolinhas surgem em decorrência de fatores como:

(a)- a diminuição dos espaços, tendo em vista o crescimento populacional vertiginoso dos centros urbanos e em consequência da ocupação territorial; (b)- o futebol e seus agentes passam a incorporar o espírito empresarial e apostam na perspectiva de realização de grandes negócios; (c)- a privatização das políticas públicas de lazer; (d)- a preocupação da classe média com o preenchimento do tempo livre de seus filhos; (e)- a valorização da prática do futebol e, (f)- a formação e reposição de mão de obra à manutenção do esporte (PIMENTA, 2000, p. 84).

O objetivo do trabalho realizado na escolinha é proporcionar ao jovem atleta uma educação técnica e tática, a internalização de esquemas e formas de jogar, bem como a preparação do corpo. Este é submetido à manipulações e correções por parte de preparadores físicos e técnicos. Tais profissionais corrigem o corpo do jogador, disciplinando-o. A preparação física é importante na formação do atleta, consiste também num ensinamento. Pode-se, aqui, aludir à idéia de poder disciplinar como mecanismo de produção do jogador de futebol, em analogia com o poder disciplinar nas escolas, hospitais e quartéis analisados por Foucault (1989, p. 9). Os saberes dos preparadores físicos e técnicos de futebol se traduzem em poder produtor do indivíduo: o jogador de futebol. De fato, pode-se assegurar que a escolinha de futebol é uma instituição disciplinadora, dotada de mecanismos que adestram o corpo do garoto iniciante no futebol.

Nas escolinhas de futebol, os técnicos do comportamento cuidam para que cheguem à equipe principal jogadores normalizados e bem formados sob o ponto de vista físico, técnico, tático e disciplinar. O quanto antes o futuro jogador começar a ser investido pelos mecanismos disciplinares, tanto melhor. Desde cedo, o corpo deve ser exercitado para obedecer, sentir prazer na preparação física, cumprir horários, em suma, treinado pelas práticas de poder que buscavam a produção do corpo dócil e útil (FLORENZANO, 1998, p. 40).

Não é exagero defender que o corpo do atleta é totalmente normatizado, transformado em máquina. O lapidamento do jogador, aluno, implica num processo de aprendizagem de exercícios técnicos, táticos e físicos, onde o método predominante consista na repetição, aprendizagem por automatismo.

Afirmar que o atleta aprende a jogar futebol na escola significa também combater o discurso, consagrado no Brasil, de que o jogador nasce feito, é dotado de qualidades especiais. Por muito tempo vigorou o consenso de que o jogador brasileiro nasce feito, vem das peladas,

campinhos de periferia e várzeas. No entanto, o cenário futebolístico atual parece contrariar esta versão. Pois,

[...] para além das condições em que o futebol está sendo praticado, seja a partir das 'escolinhas', seja a partir da orientação na formação de jogadores de alto nível implementada nos departamentos amadores 'de ponta', ou mesmo nos tradicionais descampados despercebidos pela expansão e especulação urbanas, constatam-se certos princípios e operadores simbólicos cada vez mais disseminados que contrariam a noção corrente de que o jogador brasileiro já 'nasce feito', matizando toda uma mitologia primordial arraigada em torno das representações da nossa essencialidade no trato da bola (TOLEDO, 2002, p. 95).

Entramos na fase em que o atleta que tem condições de vencer é aquele que foi fabricado. Trata-se de um processo prematuro e intenso de construção do corpo do jogador de futebol. Assim, os resultados no esporte competitivo necessitam de adestramento moral, físico e psicológico dos atletas, o que indica uma busca por rendimentos e modernização nas técnicas de treinamento e na administração do esporte. Tudo isso se insere num movimento maior. Sobre isso Toledo (2002, p. 99) destaca que a

Concepção que revela mobilização de investimento material e crescente valorização simbólica em torno da idéia de que para se ter jogadores de excelência, ou simplesmente corpos esportivos são, como aparece nas propagandas das 'escolinhas', é necessário 'fabricá-los' e constantemente monitorá-los. Pois não se descobre mais jogadores 'prontos' nas várzeas, padrão que perdurou como possibilidade de revelar talentos no Brasil até meados da década de 70 (TOLEDO, 2002, p. 99).

Zico é o maior exemplo de jogador fabricado no Brasil. Um atleta de laboratório. Era garoto franzino para o futebol, porém com treinos, medicamentos e preparação tornou-se um atleta competitivo e vitorioso, ganhou massa muscular e cresceu mais de 10 centímetros por meio de intervenção da ciência. Além de Zico, temos vários exemplos, como Cafu, Dunga, Ronaldinho, Juninho Paulista.

É importar destacar aqui o caso de Dunga. Este atleta ao chegar no Beira-Rio na primeira metade da década de 80 era dotado de um biótipo inadequado ao futebol, antiatlético. Era um garoto gordo, pernas curtas e grossas, baixo e com andar desajeitado. Começou a treinar e a participar de tratamentos especiais, ganhando forma e porte atlético (OSTERMANN, 1999).

Em 1983, Dunga assinou seu primeiro contrato com SC Internacional. Ele é um caso de jogador de talento natural limitado, que se sobressaiu graças à sua aplicação e dedicação

aos treinamentos, passando por um longo período de aprendizagem. A evolução de seu futebol fica evidente quando se compara suas atuações nas copas de 1990, 1994 e 1998. Na primeira, teve participação medíocre, um simples marcador, muitas vezes violento e responsabilizado pelo fracasso da seleção brasileira, como a verdadeira expressão do futebol-força no Brasil e a degradação do estilo brasileiro de jogar. Nas duas copas posteriores, foi líder, capitão e dono do time campeão e vice, respectivamente. Apresentou um novo capital futebolístico, sendo além de marcador um ótimo lançador, com toques refinados e espírito de liderança dentro e fora de campo. Pode-se ressaltar que este é um caso que revela que o disciplinamento, aprendizagem, preparação física, aplicação técnica e tática podem compensar a escassez de talento natural e “dom” como elemento central da profissão de jogador de futebol. O que está em consonância com a hipótese norteadora deste trabalho, segundo a qual a formação do jogador de futebol no SC Internacional, orientada pela teoria globalista, constitui um processo de aprendizagem teórico-prático em treinamentos físicos, técnicos e táticos. Consiste também na identificação e no aperfeiçoamento das aptidões naturais do jogador combinados com um contínuo processo de aprendizagem técnica, de uma formação prático-teórica globalizante e civilizatória.

Na nova fase de formação de jogadores, o atleta que vem da várzea fica desvalorizado. Para Parreira,

Acabou-se o futebol de rua, o jogador hoje não é mais formado na rua, ele é formado dentro do clube, então é importante que esse jogador continue tendo essa assistência. Mas para mim o mais importante é que ele não seja tolhido na sua habilidade, na sua técnica até os 14, 15 e 16 anos. O que está havendo é uma determinação muito forte para que os jogadores desde os 13, 14, 15 anos já estejam com sua formação completa, eu acho que não deve ser assim. Tem que ser devagar, criado, formado na parte técnica, tática, física, habilidade, a partir dos 15 e 16 anos. As escolinhas, se forem bem dirigidas, bem canalizadas elas podem ser um bem para o futebol. Pois nela o jogador vai ter o apoio técnico, vai ter bola para treinar, vai ter o departamento médico, vai ter alimentação, vai ser bem orientado, não pode haver é um atropelamento de etapas, passar o carro na frente dos bois, querer colocar força, velocidade e esquecer da técnica e da habilidade. A coisa mais importante do jogador é sua habilidade e a sua técnica (entrevista, concedida em 07/12/2001).

O que fica evidente na fala de Parreira é a importância da escolinha no processo de formação de jogadores, o apoio que ela é capaz de fornecer ao aprendiz, tornando-se uma alternativa diante do fim do futebol de várzea, pois os campinhos de rua estão em extinção. Cabe ainda salientar uma preocupação em sua fala acerca dos eventuais impactos que a escolinha pode promover na forma de se jogar, bem como na preparação do atleta. Isso nos leva ao debate, geralmente dicotômico, sobre futebol-arte *versus* futebol-força, tradição *versus*

modernidade, improviso *versus* racionalidade no jogo. Costuma-se entender, o que é perfeitamente aceitável, as escolinhas de futebol como um dos aspectos da modernização do futebol, o que se coloca diretamente em oposição aos métodos tradicionais de formação de jogador. Considera-se que nas escolinhas, a preparação física, técnica e tática são prioridades em detrimento da habilidade, o que teria como consequência a formação de um atleta típico do futebol-força, de resultados, defensivo. É para este perigo que Parreira está chamando atenção, mostrando que isso pode e deve ser evitado. Não se deve condenar as escolinhas pelas recentes mudanças na forma da seleção e dos clubes brasileiros jogarem. Tal mudança precisa ser analisada a partir de outras referências, como por exemplo, a apropriação do futebol pela indústria cultural e a necessidade de resultados imediatos. O chamado futebol de resultados que o Brasil adotou nos últimos anos tende a alterar a qualidade do espetáculo futebolístico, sendo, para alguns, uma degradação da arte ou perda da “aura”.

O imaginário social ainda tenta sustentar a idéia do dom, especialmente do jogador que nasce feito no Brasil. No entanto, tal discurso tende a entrar em desuso atualmente, pois

com o processo avassalador da urbanização e a organização empresarial em torno do futebol, gradativamente vêm-se inviabilizando ‘os jogos de bola’ improvisados e descontraídos. Aos poucos, o interessado que quiser praticar futebol, comprometido ou não, tem que estar associado a algum clube ou outra pessoa jurídica disciplinadora da formação de futuros atletas (PIMENTA, 2000, p. 83).

As escolinhas de futebol são locais onde se ensina a jogar futebol, de preparação e seleção de talento para o futebol profissional, de produção social do corpo dos atletas, mediante um conjunto de treinamentos. As escolinhas também são espaços de lazer, de construção e manutenção da forma do corpo de garotos, não necessariamente interessados na profissão de jogador de futebol. Isso fica evidente quando se percebe que podem participar de escolinha mesmo garotos com biótipo totalmente inaceitável para o futebol, gordinhos, baixinhos. Estes estão ali porque pagam suas mensalidades. A escolinha, mesmo de grandes times profissionais, tem também um papel educativo. Por exemplo, no caso da escolinha de futebol do SC Internacional, o ex-coordenador técnico Medina assegura que os trabalhos para determinada faixa etária (de 10 a 13 anos) é essencialmente educativo, tendo por objetivo fortalecer o corpo, a saúde e a questão profissional seria consequência do desenvolvimento e detecção de talentos nos garotos desta idade. Não se trabalha na perspectiva de que todos os atletas matriculados na escolinha se tornarão profissionais do futebol, apenas poucos tem

talento para tal. A seletividade da escolinha tende a apontar para uma proporção de um jogador profissional para cada 3, 4 ou 5 mil atletas que tentam as escolinhas.<sup>40</sup>

As escolinhas de futebol podem ser entendidas como “modalidade empresarial”. Trata-se de uma conseqüência do processo de profissionalização vigente no futebol. Por volta dos anos 90, os grandes clubes nacionais investiram pesadamente em escolinhas, criando novas e aumentando a infra-estrutura, pois isso se tornou um negócio rentável. Além dos lucros diretos, a escolinha tem a possibilidade de formar jogadores para os clubes e para outros, bem como expandir a marca do time (TOLEDO, 2002, p. 89).

É preciso ter em mente que as escolinhas consolidam a visão de que o futebol consiste num aprendizado científico. É o futebol uma prática formalizada. Recentemente cresceu a procura por treinadores de futebol formados em educação física, portadores de certificados. A partir de 1993 o exercício da profissão de treinador de futebol requer diploma de Educação Física, ou de algum curso de especialização. Isso contribui, de certo modo, para que o futebol se torne uma atividade mais valorizada socialmente, até mesmo por parte de classes sociais mais altas, com níveis de renda mais elevados. Na verdade, são estas novas classes que sustentam grande parte das escolinhas particulares de futebol no Brasil. Tal fato sugere um certo distanciamento do processo de aprendizagem de futebol em relação aos campos varzeanos e às tradicionais peladas (TOLEDO, 2002, p. 90).

A escolinha como padrão de formação e seleção de atletas futebolistas tende a promover uma elitização da prática do futebol, o que pode ser percebido a partir da origem social e renda dos garotos que freqüentam as escolinhas. Na verdade, as escolinhas são “entidades privadas que passam a ensinar jovens à prática do futebol, mediante contra-prestação econômica, devidamente alinhadas às pretensões mercadológicas do futebol-empresa lucro” (PIMENTA, 2000, p. 75). Trata-se de um aspecto da privatização do futebol. Em pesquisa realizada com os alunos da escolinha de futebol do São Paulo Futebol Club, em 1999, na franquia de Taubaté, Pimenta (2000, p. 82) afirma que “78% dos iniciantes são de classe média e seus pais ganham de US\$ 1800 a US\$ 5000, residem em casa própria e advém de centros urbanos não periféricos da cidade”. Ao que tudo indica, a escolinha tende a se tornar uma via de exclusão social no futebol, visto que a cobrança de taxas de mensalidades para se tornar aluno e aprender a jogar futebol elimina considerável parcela de candidatos provenientes de classe populares. As mensalidades giram em torno de R\$ 40 a 50. No futuro breve o perfil sócio-econômico do jogador de futebol brasileiro estará totalmente modificado,

---

<sup>40</sup> Conforme previsão de Medina na referida entrevista.

o que significará a desatualização da tese do futebol como veículo de mobilidade social defendida por Rodrigues Filho (1964), Lever (1983) e Rosenfeld (1993).

Ainda a respeito da mudança no perfil do jogador de futebol, importa destacar a pesquisa de Walter Gama junto a um grupo de 230 jogadores da primeira divisão do futebol paulista em 1998. A conclusão do autor é de que

(...). Só 10% dos atletas saem dos campos da várzea, pois a maioria é formada nas escolinhas dos clubes. A família é a principal influência na escolha profissional de 61,30% dos entrevistados. (...) os pobres estão sendo cada dia mais alijados do futebol. a classe média passou a enxergar o futebol como um meio de vida para seus filhos, investindo em 'escolinhas' de futebol como quem investe em uma escola de língua. (...) Além disso o futebol moderno exige atletas com base alimentar mais sólida na sua infância, mais acessível à classe média (GAMA, *apud* PIMENTA, 2000, p. 87).

Posteriormente, voltaremos a tratar da origem social do jogador de futebol para mostrar dados relativos à renda, renda familiar e ao nível de escolaridade dos atletas do SC Internacional.

Voltando à questão específica da escolinha, pode-se frisar que a expansão da comercialização do futebol e a valorização social da escolinha significam a aceitação de um padrão universal de aprendizagem de futebol a partir de um aparato técnico e científico, algo mais formal. Da mesma forma que existem escolas de computação, de música, de dança, existem escolas onde se aprende futebol por meio de procedimentos que capacitam e fabricam atletas de alto nível.

## 4 MODERNIZAÇÃO E FUTEBOL CIENTÍFICO NO SPORT CLUB INTERNACIONAL

### 4.1 O Sport Club Internacional: um breve histórico

#### 4.1.1 A fundação do Sport Club Internacional

O SC Internacional foi fundado em 4 de abril de 1909, na casa de João Leopoldo Serafim, na Avenida Redenção, 141, atualmente João Pessoa, número 211 em Porto Alegre-RS. No ato de fundação estavam presentes os irmãos Henrique Poppe, José Poppe, Luiz Poppe e mais 40 pessoas. O primeiro presidente do clube foi João Leopoldo Seferin, um jovem de apenas 18 anos, funcionário da Farmácia Fischer. No dia 4 de abril de 1909, os três jovens irmãos comerciantes paulistas realizam uma reunião aberta com o objetivo de formar um time de futebol, ou *foot-ball*, como era chamado na época. Henrique Poppe Leão, José Thomáz Poppe Leão e Luiz Madeira Poppe não eram aceitos como jogadores em outros clubes de Porto Alegre – RS, por isso decidiram fundar seu próprio time (BRAGA, 2000, p. 15-18, OSTERMANN, 1999). Da reunião de fundação participaram comerciários, estudantes, empregados, gente de todas as classes sociais. Era o nascimento do clube do povo, o Sport Club Internacional (OSTERMANN, 1999, p. 18-19).

A exclusão dos irmãos Poppe do Grêmio está diretamente articulada com o elitismo que marcou os primeiros tempos do futebol no país. Eram indivíduos vindo de São Paulo que não participavam da mesma rede de sociabilidade que os sócios mais antigos. De fato, eles “não tinham nenhuma indicação nem conhecidos ilustres na cidade”, visto que eram recém-chegados à capital gaúcha (COIMBRA e NORONHA, 1994, p. 8).

O nome e as cores do novo clube foram escolhidos na reunião de 11 de abril de 1909, na qual Henrique Poppe Leão expõe a justificativa do nome do clube: Sport Club Internacional. Era uma referência à Internazionale de Milão, Itália, país de origem dos pais dos Poppe e ainda ao Sport Club Internacional de São Paulo, clube que havia sido campeão paulista em 1909. As cores tiveram origem de um grupo carnavalesco da época, os

“Venezianos”. Os membros deste grupo eram maioria na reunião, por isso ganharam a eleição para escolher a cor do SC Internacional (DAMO, 2002a, p. 66). A disputa era entre o vermelho, o branco e o verde defendidos por integrantes de setores elitizados da Sociedade Esmeralda, uma associação carnavalesca. Parece que o espírito popular, carnavalesco e democrático é uma vocação do SC Internacional desde sua fundação (BRAGA, 2000, p. 17).

O primeiro campo do SC Internacional localizava-se no final da Rua Arlindo, na Ilhota, com fundos para o Riacho, atualmente Avenida Ipiranga. Serviu de palco para jogos do novo time nos seus primeiros três anos de história. Em 1910, a nova agremiação futebolística muda-se para o Campo da Várzea, no atual parque da Redenção. A Chácara dos Eucaliptos, na Azenha, alugada em 1912 foi o campo do SC Internacional até o final da década de 30. Na verdade, o seu primeiro estádio próprio foi o Estádio dos Eucaliptos, construído com arquibancadas de madeira, tendo capacidade para 10.000 pessoas. A inauguração do Estádio Eucaliptos ocorreu em 15 de março de 1931, na vitória do SC Internacional por 3 a 0 sobre o Grêmio. No Estádio Eucaliptos aconteceu o jogo entre México e Iugoslávia durante a Copa do Mundo de 1950. Em abril de 1969 foi inaugurado o Estádio do Beira-Rio, construído próximo ao Rio Guaíba, contando com doações da torcida e jogadores. Sua capacidade é de 85 mil torcedores (DIENSTMANN e DENARDIN, 1999, p.151).

O presidente Oscar Borba venceu o campeonato da cidade de Porto Alegre de 1927, sendo ele o primeiro a iniciar a prática de contratar jogadores profissionais, dando ensejo a um promissor mercado de trabalho no SC Internacional.

#### 4.1.2 O princípio democrático: aceitação de jogadores negros

Desde o início, em meio ao futebol elitista, de acordo com o discurso oficial, o SC Internacional já acolhia jovens de classes modestas, tornando-se conhecido como o “Clube do Povo”. No entanto, Damo (2002a, p. 65) defende que o caráter verdadeiramente “popular” e de “massa” deste time só se configuraria nas décadas de 30 e 40 do século XX. Entretanto, não se pode omitir o fato de que o princípio democrático estava realmente presente já nas reuniões de fundação do novo time de Porto Alegre, das quais participaram brasileiros, portugueses, judeus, italianos, comerciantes e estudantes de diferentes classes sociais. O que

pode ser interpretado como uma contraposição às políticas discriminatórias e restritivas dos outros clubes de Porto Alegre, particularmente do Grêmio de *Foot-Ball* Porto Alegre e do *Fuss-Ball* Club Porto Alegre. Estes eram co-irmãos, ambos fundados no dia 15 de setembro de 1903 (DAMO, 2002a, p. 63).

Além de comerciantes, a maioria dos jogadores do SC Internacional, na sua fase inicial, era formada por estudantes. O que fica evidente quando se alude às suas conquistas sucessivas dos campeonatos da cidade nos anos 1913, 1914, 1915, 1916 e 1917. Esta seqüência fora interrompida por força do surto de febre espanhola que atacara muitos estudantes na época. As escolas e faculdades suspenderam as aulas para evitar um contágio maior, e neste ano o SC Internacional ficou praticamente sem jogadores para formar o time (OSTERMANN, 1999, p. 21).

Por volta dos anos 20, o SC Internacional começa a admitir jogadores pertencentes às diversas ligas da cidade que organizavam campeonatos representativos de negros (entre elas a famosa Liga da Canela Preta), de funcionários públicos, funcionários do comércio e estivadores. Em 1925, o time contratou o primeiro jogador negro, Dirceu Alves (OSTERMANN, 1999, p. 22, BITENCOURT, 2000, p. 21). Trata-se de um passo importante no processo de profissionalização, bem como na expansão do princípio democrático. É neste momento que acontece a grande mudança social, precisamente com a conquista do primeiro campeonato estadual em 1927, marcando não só uma maior presença de negros no time, mas o início de uma precária remuneração dos atletas. Estes não eram mais apenas amigos ou familiares dos irmãos Poppe, mas jogadores escolhidos a partir de critérios técnicos, profissionais. É válido frisar que “O Internacional cresceu futebolisticamente com a absorção dos oriundos da Liga da ‘Canela Preta’, granjeando com isto uma multidão de adeptos que fê-lo um clube popular, clube de ‘negros’, capaz de montar o ‘Rolo Compressor’” (GUAZZELLI, 2000, p. 31).

Os times que formavam a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegre<sup>41</sup>, a conhecida Liga da Canela Preta, eram constituídos de atletas negros, mulatos, operários e funcionários públicos. Esta Liga<sup>42</sup> foi criada depois de 1912, tendo seu auge no início dos

---

<sup>41</sup> São poucos os estudos sobre a referida liga. Para uma breve análise consultar Jesus (1998). “Futebol e territorialidade da segregação racial em Porto Alegre”. In: *Motus Corpori*. Vol. 5, n. 5, Rio de Janeiro, Gama Filho. Ver também Damo (2002). *Futebol e Identidade Social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

<sup>42</sup> Os principais times eram o Riograndense (formado por funcionários de hotéis e repartições públicas), Bento Gonçalves (onde jogavam engraxates), Primavera, Operário, Primeiro de Novembro, 8 de Setembro.

anos 20. A existência de uma liga de futebol formada essencialmente por negros denuncia, em certa medida, o elevado grau de segregação racial em Porto Alegre no início do século XX. Tal segregação deve ser atribuída ao complexo processo de constituição da sociedade gaúcha. A demasiada valorização do “gaúcho” como elemento que representa a identidade do Rio Grande do Sul contribui para excluir outros grupos sociais, como os descendentes de alemães, italianos, portugueses, negros e índios. O esquecimento do negro na constituição da identidade regional gaúcha causa certa estranheza pelo fato de ser este um estado onde houve regime escravocrata, apresentando significativa presença de negros. Neste sentido, como afirma Oliven (1996, p. 26), diferentemente de outros estados brasileiros,

(...), como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha tradicional, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no estado, insistiu na sua pouca importância no processo de trabalho.

No caso do futebol, as dificuldades de inserção do negro parecem seguir uma trajetória já conhecida, ou seja, o elitismo inicial seria vencido a partir da consolidação do profissionalismo por volta dos anos 30, quando ocorre a democratização funcional (DAMO, 2002a, p. 94). Momento no qual o futebol começa a perder seu ar aristocrático, passando de símbolo de distinção social a produto consumido popularmente, tornando-se aos poucos um dos elementos culturais da esfera dos bens “ampliados”, no sentido utilizado por Bourdieu (1996).

#### 4.1.3 Democracia e profissionalização: o caso Tesourinha

Filho de motorista e dona-de-casa, Osmar Fortes Barcelos (o Tesourinha) nasceu em 1921. Apaixonado por futebol, passou a maior parte de sua infância na rua, onde cresceu e aprendeu a jogar futebol nos campos de várzea da Liga dos Canelas Pretas. Assim,

Arredio aos estudos, Osmar foi se especializando no tratado da bola. As peladas foram como uma escola e nela ele foi o primeiro da turma. Aprovado com distinção, passou a integrar os times das cercanias, especialmente aqueles arranjados de improviso para jogar em outras várzeas da cidade, até chagar ao ferroviário. E dali,

num golpe de mestre dos olheiros colorados, foi levado para o Eucaliptos (DAMO, 2002a, p. 99).

Tesourinha<sup>43</sup> jogou em vários campos de várzea, tais como Areal da Baronesa, campo do Porto, campo do União e no da Ilha da Pintada. Participou dos times amadores Madureira, Juventude e Setembro. Formado nos campos de “peladas” e várzeas, Tesourinha ingressou no futebol profissional através dos famosos “olheiros”, que são agentes especializados em descobrir talentos para o futebol. Chegou ao SC Internacional em 1939. No ano seguinte assinou seu primeiro contrato profissional. Jogou na seleção brasileira em 1944, recebeu convites para jogar no futebol do eixo Rio-São Paulo. Participou do Sul-Americano de 1945 no Chile, no qual foi eleito o melhor ponteiro-direito da América do Sul, jogando ao lado de Jair, Heleno de Freitas, Zizinho e Ademir Menezes. Neste mesmo ano, Tesourinha foi hexacampeão gaúcho pelo Sc Internacional, recebendo como prêmio Cr\$ 3.000,00 e diploma de Doutor em futebol (OSTERMANN, 1999, p. 46).

O currículo de Tesourinha acumula ainda o prêmio do concurso nacional: o Melhoral dos Cracks, concedido ao atleta mais popular do país em 1949. Neste mesmo ano, foi negociado com o Vasco da Gama por Cr\$ 300 mil e mais o passe do jogador Solis. Voltou ao futebol gaúcho em 1952. Desta vez, não sendo aceito no seu ex-clubes, jogou no Grêmio, sendo o primeiro atleta negro a atuar no tricolor gaúcho, quebrando longos anos de preconceito racial (OSTERMANN, 1999, p. 46)

É emblemática a transição do futebol de várzea para o profissional na vida de Tesourinha. Sua trajetória revela a precariedade da fase inicial do futebol profissional no Brasil e, particularmente, no Rio Grande do Sul. Como ressalta Jesus (1998, p. 60),

Aos 18 anos, o primeiro contrato profissional de Tesourinha com o Internacional estabelece que receberá parte do pagamento em alimentação: um quilo de carne e dois litros de leite por dia, para atenuar os problemas oriundos de sua origem social. Três anos depois, já é tricampeão estadual e ídolo do famoso Rolo Compressor (hexacampeão estadual de 1939 a 1945), fantástico time onde também jogavam negros como Alfeu, Nena, Ávila, Abigail e Adãozinho, e outros craques, muitos ex-varzeanos.

---

<sup>43</sup> O apelido de Tesourinha dado a Osmar deve-se ao fato de seu padrasto (Fausto Venâncio dos Santos) ter sido o fundador do bloco de carnaval “Os tesouras”. Seu irmão Ademir, mais velho era chamado de Tesourinha, e Osmar ficou conhecido como Tesourinha.

A adoção da remuneração no futebol profissional foi gradual. Na verdade, esse era ainda um falso profissionalismo, pois Tesourinha passou três anos como profissional do SC Internacional sem receber dinheiro, ou seja, não era remunerado. Em troca de seu trabalho (futebol) recebia um litro de leite e dois quilos de carne por dia para recuperar-se de sua infância pobre. De fato, o que permitia sua sobrevivência material era o emprego na Brigada Militar como armeiro. O futebol como profissão não era um campo autônomo, pois muitos atletas trabalhavam em outros setores da economia para completar a renda mensal (OSTERMANN, 1999, p. 29).

De 1940 a 1960, o futebol profissional se fortalece, se expande no estado do Rio Grande do Sul, consolidando uma nova fase. Neste sentido, conforme Raul Pons (*apud* BITENCOURT, 2000, p. 21), “Neste período o profissionalismo atinge todo o estado. A dupla Gre-Nal volta a disputar o campeonato gaúcho e Porto Alegre assume a hegemonia do futebol estadual, conquistando todos os títulos do período. A questão étnica perde um pouco a importância, principalmente após o Grêmio passar a aceitar jogadores negros”. Essa abertura do futebol a jogadores de outras classes sociais já havia acontecido nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde o futebol profissional, nesta época, encontrava-se em fase mais avançada em termos de organização. O profissionalismo, sem dúvida alguma, melhorou a qualidade do espetáculo futebolístico no sentido de proporcionar tempo e recursos, maior preparação física e técnica aos atletas profissionais do esporte. De fato, neste período, o SC Internacional

(...) haveria de ter agora um time de jogadores profissionais, eleitos pela habilidade em jogar futebol, já não mais importando a posição de família ou o registro do nome. Vinham das ligas da periferia e traziam consigo os primeiros ‘torcedores’, afeiçoavam ao clube que os recebia e lhes oferecia a camisa vermelha e branca. Eram moradores de bairros pobres e para eles, com certeza, o clube estava assumindo um compromisso histórico de fidelidade (OSTERMANN, 1999, p. 29).

Em 1956, o time base do SC Internacional representou a seleção brasileira no Campeonato Pan-Americano, disputado no México, sendo campeã. O time venceu o Chile, Peru, México, Costa Rica e empatou com a Argentina (GUAZZELLI, 2000, p. 26).

Em 1984 o time do SC Internacional representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, sendo vice-campeão. O time era formado por jovens jogadores, a maioria formada no SC Internacional.

## 4.2 O processo de modernização no Sport Club Internacional

### 4.2.1 O futebol científico chega ao Beira-Rio

Na gestão do presidente Pedro Paulo Záchia (1996 a 1998), o diretor Fernando Miranda contratou o especialista em futebol João Paulo Medina, um conhecido estudioso do futebol, para coordenar o departamento de futebol. A incumbência inicial de Medina era fazer um diagnóstico do departamento de futebol em dezembro de 1996. Este diagnóstico levou cerca de três semanas para ser concluído, resultando em um polêmico relatório sobre as condições técnicas e sócio-culturais do setor responsável pelo futebol do SC Internacional. Este relatório provocou polêmicas ao chegar à imprensa, e quase causou a demissão de Medina. O relatório revelou mazelas inaceitáveis num clube moderno, como falhas no sistema de segurança, no serviço de recepção e telefonia, no setor de alimentação e higiene. Detectou até mesmo ratos e baratas nos refeitórios do clube.

O projeto de modernização do departamento de futebol do SC Internacional, implementado por Medina, começa com um conjunto de mudanças visando uma reestruturação e a implantação de uma “super” comissão multidisciplinar de trabalho.

O departamento de futebol foi dividido em três áreas: (1) Área de Apoio: rouparia, material esportivo, almoxarifado, cozinha, manutenção-limpeza, lavanderia, manutenção de gramados, segurança, recepção, telefonia, assessoria de imprensa e serviços complementares. (2) Área de Performance Esportiva: tática-estratégia, preparação física, técnica de movimento, fisiologia do esforço, nutrição esportiva, informática estatística, cine-vídeo, psicologia esportiva. (3) Área de Saúde Esportiva: medicina preventiva, medicina curativa, odontologia, fisioterapia, massoterapia, assistência social (*Zero Hora*, 13/04/1997, Esportes, p. 54).

Esta estrutura ampliada contava com o auxílio de 10 profissionais e alguns terminais de computação. Todos os profissionais avaliavam o trabalho do dia e armazenavam as informações em computadores. Tais informações eram utilizadas por todos os setores, dando à equipe uma visão global do processo, integrando as equipes de trabalho. Os professores, preparadores físicos e técnicos dos profissionais e das categorias de base passaram a trabalhar com base em dados sobre as qualidades de seus jogadores, permitindo, assim, adequar métodos de treinamento às especificidades coletivas e individuais. Medina anunciou que em futuro breve, mudanças na performance esportiva aconteceriam: “Dentro de mais algum

tempo, o técnico será apenas um orientador tático. Os cuidados com os fundamentos, a forma de perceber na bola e detalhes que precisam ser corrigidos ficarão sob a responsabilidade dos assistentes de treinamento” (MEDINA, *Zero Hora*, 13/04/1997, Esportes, p. 54).

#### 4.2.2 A intervenção da psicologia na formação de jogadores

A introdução de um trabalho fundamentado na psicologia no processo de formação e qualificação de atletas inicia-se na gestão de Medina na coordenação técnica do SC Internacional a partir de 1997.

O Jornal “Zero Hora” publicou matéria com a seguinte manchete: “Futuro do Inter passa por Medina: o coordenador detectou os problemas do clube e começou uma operação para torná-lo eficaz” (*Zero Hora*, 13/04/1997, Esportes, p. 54). O tema central era a contratação da psicóloga Regina Brandão, a pedido do então coordenador, para auxiliar na avaliação do grupo de jogadores. Regina Brandão ouviu os jogadores, analisou o comportamento dos mesmos para traçar o perfil de todo o grupo, tendo como finalidade auxiliar as técnicas pedagógicas do técnico Celso Roth, permitindo-o conhecer melhor o temperamento dos jogadores. A psicologia teria papel determinante até mesmo na escolha do capitão da equipe, na divisão dos quartos na própria concentração e na definição dos métodos de transmitir as instruções nos treinos e jogos.

É necessário o técnico conhecer o comportamento do atleta para aplicar métodos condizentes, e a psicologia tornaria possível a partir deste perfil que foi traçado. Seria importante conhecer a individualidade de cada atleta, pois os mesmos apresentam características diferentes. Mesmo sem citar nomes, Medina faz uma revelação: “existem jogadores com as mais diversas reações e alguns deles somente rendem o máximo à base de gritos, enquanto outros apresentam progressos ao serem interpelados com moderação” (*Zero Hora*, 13/04/1997, Esportes, p.54). As contribuições do Serviço Social e da Psicologia tornariam possível descobrir as especificidades dos atletas e lançar um programa de ação e treinamento capaz de atender às características individuais e coletivas. Era a gestação do futebol científico no SC Internacional, algo já em pleno vigor no Ajax FC e em outros grandes clubes.

#### 4.2.3 Os projetos do “Super Coordenador Técnico” João Paulo Medina

A modernização do departamento de futebol do SC Internacional teve como base inicial a criação de alguns projetos importantes, entre os quais destacamos: (1) Modernização e remodelação de todos os setores da estrutura do departamento de futebol; (2) Criação do Internacional DataCenter (o Intercenter), uma rede de informática com 14 computadores no Beira-Rio contendo programas específicos para o futebol, como jogos virtuais, modelos de técnicas, esquemas táticos, simulações de jogadas; (3) Criação do departamento de psicologia e pedagogia; (4) Cine-vídeo; (5) Construção de módulos de treinamentos específicos para as categorias de base; (6) Promoção de palestras com especialistas em futebol (técnico, atleta, pesquisador etc.) para os jogadores das categorias de base; (7) Programa de integração entre as categorias inferiores e profissional; (8) Criação de um modelo tático único para toda as categorias de base até os profissionais (Informativo Inter, 1997, n. 02).

#### 4.2.4 Novos modelos de treinamento

Ao elaborar novos módulos de treinamento, Medina consultou jogadores consagrados, especialistas em chutes fortes e de efeito, como Rivelino e Neto, visando aperfeiçoar as técnicas de chute. Utilizou também métodos de treinamentos de outros esportes coletivos.

Em 1994, Telê Santana auxiliou Medina a desenvolver a técnica de treinamento que utiliza uma cesta para ensinar e aperfeiçoar lançamentos, com o objetivo de melhorar a precisão de passes e lançamentos de longa distância. O treino com cesta se utiliza do paredão metálico que consiste basicamente em “uma espécie de paredão metálico com várias marcações e uma cesta. O jogador deve acertar as marcas na parede ou tentar colocar a bola na cesta, para aprimorar a precisão dos lançamentos” (MEDINA, *Zero Hora*, 17/05/1997, Esportes, p. 06). Esta técnica consiste em colocar cestas a certas distâncias e ordenar que os jogadores lancem bolas tentando acertá-las dentro das cestas. Com esta técnica, Telê Santana ensinou lançamentos a Raí, Palhinha, Juninho Paulista, Muller e outros jogadores do São Paulo Futebol Clube.

O treinador Guto Ferreira trouxe para o SC Internacional outros métodos de treinamentos utilizados no basquete, que havia adotado quando trabalhava no São Paulo Futebol Clube. É evidente a influência de Telê Santana e de Medina na filosofia de trabalho de Guto. Por exemplo, o uso de viseiras no rosto dos atletas com a finalidade de impedir que os mesmos olhassem para o chão. Esta técnica era comum nos treinos da equipe feminina de basquete do BCN de Piracicaba- SP. Segundo Guto, esta técnica tem o propósito de melhorar o controle de bola, sem a necessidade do jogador olhar para o chão, dando, conseqüentemente, mais velocidade e dinâmica de jogo ao time. Estas formas de treinamento significam a implantação de modelos de treinamento para desenvolver os fundamentos do futebol nas categorias de base, sendo mais um passo na consolidação do futebol científico no Beira-Rio. Neste sentido,

A idéia de utilizar viseiras entre os garotos faz parte da reformulação nos métodos de formação de jogadores no Estádio Beira-Rio. Chefiados pelo Coordenador João Paulo Medina, os treinadores das categorias inferiores procuraram desde o início do ano novas técnicas pedagógicas para o desenvolvimento de fundamentos como o passe, o lançamento e o chute a gol (CORREA, *Zero Hora*, 1997, p. 06).

A necessidade de modernizar o treinamento está em consonância com a produção social de um jogador de futebol moderno, para preencher as demandas criadas pelo futebol atual. Como afirmava Medina, “Temos que modernizar os treinos nas divisões de base. Não é mais possível usarmos as mesmas técnicas de décadas atrás” (*Zero Hora*, 17/05/1997, p. 06). Dentro desta nova perspectiva de formação de jogadores, orientada pela teoria globalista, a polivalência é um dos princípios norteadores. O coordenador Medina ressaltava que, nas categorias de base do SC Internacional, o lateral que não soubesse cruzar, o centroavante que cabeceava mal e o meia que lança com defeitos estavam com os dias contados. Ao lateral, é ensinado defender e atacar, cruzar e marcar. Ao centroavante, é cobrado que faça gols de chutes e cabeceios, bem como até mesmo contribuir com o meio campo na marcação. Portanto, as funções se diversificaram no futebol moderno, especialmente no momento de competições acirradas e altamente comercializadas.

Além das técnicas já referidas, adotou-se uma forma de adaptar o atleta, desde sua formação, à pressão da torcida adversária, na tentativa de internalizar e naturalizar esta pressão na consciência prática do jogador de futebol. Ao estudar métodos de treinamento da seleção Rússia de vôlei masculino, que treinava ao som potente de alto-falantes com gravações de xingamentos e vaias de torcidas adversárias, Medina e Guto decidiram adotá-los

no SC Internacional. Tais métodos de treinamentos fazem com que os jogadores se acostumem ao barulho das vaias de torcidas, passando a encara-las com naturalidade.

O cine-vídeo contribuiu para estudar os adversários e também para avaliar o rendimento dos jogadores nos treinos, que passaram a ser gravados. Isso permitiu analisar e corrigir jogadas, bem como estudar as estratégias dos adversários.

As mudanças nos sistemas de treinamento e gerenciamento do futebol no SC Internacional a partir de 1997 implementadas pela “super comissão técnica” coordenada por Medina são avaliadas de diferentes formas. Primeiro, vejamos o que diz um entrevistado, responsável por esse projeto de modernização (C):

O Internacional já tem uma tradição de formação de jogadores [...], o que se começou a fazer com mais intensidade em 1997 foi uma estrutura de formação desses atletas para que eles, além do desenvolvimento natural de seus talentos, eles pudessem ter condições de serem bons profissionais com uma clara consciência de seu papel, e para isso se criou uma estrutura, se ampliou a estrutura do departamento das categorias de base, do departamento de futebol do Internacional, por exemplo com a inclusão de um trabalho de serviço social, psicologia, com preocupação mais específica com a inserção desses atletas na escola, a relação deles com suas famílias, a maneira como eles se comportavam internamente no clube. [...], isso é um serviço que foi implementado, dando mais condições para que o atleta pudesse amanhã se tornar um profissional mais consciente, mas cidadão, e melhor atleta (entrevistado, C).

O entrevistado não se refere, ou melhor, não entra em detalhe, sobre os principais elementos da modernização. Percebe-se na transcrição acima, que a preocupação com a formação globalista do jogador ocupa função especial na nova política de descoberta e de produção de atletas no SC Internacional.

Consideramos necessário apresentar outra avaliação sobre esta reestruturação implementada no SC Internacional no final da década de 1990. Transcrevemos abaixo trechos de uma entrevista com um dirigente do clube: veja o que ele diz:

Olha a mudança foi positiva mas acabou tendo problemas de execução na mão do próprio Medina e da direção que o trouxe de volta. (...) Medina veio e trouxe boas idéias e contribuições que foram adotadas, não chegou a ser uma mudança radical, foi, digamos, um aprimoramento porque o Internacional tem políticas modernas de futebol já há muito tempo, especialmente depois de todo o período Beira-Rio. A distribuição de funções, a correta aplicação de uma política unificada de futebol, tudo isso é matéria anterior à vinda do Medina. O que sim ajudou foi a experiência dele, mas em compensação eu imagino que houve a hipertrofia de atribuições na sua segunda presença. Atribuiu-se ao supervisor, diretor técnico, uma competência de definir as políticas de futebol, aí foi uma competência excessiva para sua função. Essa competência de definir políticas de futebol é do vice-presidente de futebol juntamente com o presidente e não de um funcionário, ainda que da mais alta categoria como o Medina. Foram atribuídas funções demais a um coordenador técnico. A definição de políticas de

futebol deve ser exclusivamente do vice-presidente e do presidente, pois ela inclui verbas para contratações. Como pode um diretor técnico definir isto? Ela inclui a venda do passe de um jogador, como pode um funcionário definir os valores, prazos, prestações? Então, só por isso já ficava prejudicada a função de auxiliar da direção. Como auxiliar da direção no mais alto nível, Medina se revelou um quadro extremamente competente, dedicado e sério. Quando lhe deram atribuições de direção ele sofreu uma cobrança injusta, acho eu, e isso acabou prejudicando sua segunda passagem no Internacional (entrevistado, D).

O entrevistado entende que houve apenas um aprimoramento do trabalho já iniciado anos atrás no clube. Afirma também que não houve resistências internas às mudanças implantadas por Medina., “o processo de mudança foi implantado com o apoio de toda a direção e na verdade foi um aprimoramento, não houve uma mudança revolucionária. (...) Mas sem dúvidas a contribuição do Medina em 1997 foi importante e tão importante que ela foi mantida pelas direções posteriores” (entrevistado, D).

A estrutura globalista continua operando como sistema de recrutamento e preparação de atletas no SC Internacional, conforme o mesmo entrevistado referido acima:

Continua o mesmo projeto com a informatização de todo o departamento de futebol. Não apenas os aspectos administrativos pelo qual se começou, mas também os aspectos técnicos e todas as informações sobre o rendimento técnico na base de escáltico. Tudo isso passou a ser armazenado em disquetes, também o rendimento físico-atlético, informações sobre dobras cutâneas, sobre peso, peso da massa muscular, da estrutura óssea, todas essas informações passaram a ser armazenadas no sistema informatizado de tal modo a permitir o rápido acesso e conseqüentemente tomada de decisões mas fundamentadas sobre a promoção de atletas, sobre a liberação de atletas, de modo a diminuir, não a eliminar porque isso é impossível, mas a diminuir a margem de erros. Essa foi uma importante contribuição do Medina (entrevistado D).

### **4.3 A escolinha de futebol do Sport Club Internacional**

Na década de 1940, Vicente Rao, torcedor colorado e fundador da torcida “Camisa 12” do SC Internacional, convidou o professor Jofre e o descobridor de talentos Sr. Abílio dos Reis para darem aulas de futebol para a garotada no Estádio dos Eucaliptos. Isso caracteriza o nascimento da escolinha de futebol no SC Internacional. Cerca de mais ou menos 100 garotos começaram a praticar futebol ali. Na década de 1950 a escolinha já contava com mais de 300

alunos. Com o passar do tempo, foram desenvolvidas atividades extras como palestras, jogos amistosos, nascendo assim a escola de futebol do SC Internacional (OSTERMANN, 1999).

O processo de treinamento de atletas para o futebol no SC Internacional data dos anos 40 e 50, conforme depoimento de um informante:

O Internacional tem uma relação histórica com o futebol de garotos, que antigamente se chamavam “filhotes”. Eu mesmo andei no final dos anos 40 e começo dos anos 50, mas não era um futebol de competição, era um futebol recreativo, embora nada impedisse que o jogador que tivesse talento, vontade e gosto e quisesse seguir a carreira seguisse, mas não era induzido.

Eu diria que a modernização dos departamentos de futebol com vista ao aproveitamento dos amadores passou a ter feição mais definida no final dos anos 50 e início dos anos 60, quando passou a haver competição oficial de infantis, escolinha, juvenis e infanto-juvenis e júniores. Nos anos 70 passou a haver uma maior qualificação desses departamentos a ponto de hoje o Internacional ter desde as escolinhas medicinação, dentista, preparador físico, treinadores que lá são chamados de professores (entrevistado, D).

Como vimos no capítulo anterior, a escolinha de futebol surge como conseqüência do crescente processo de urbanização que a sociedade brasileira viveu nos últimos quarenta anos. É importante, como ilustração, a continuação do depoimento do nosso entrevistado:

A urbanização violenta nos últimos quarenta anos no Brasil produziu uma alteração profunda no futebol que tem aspectos negativos e positivos. Acabou com o futebol de várzea como escola de futebol. Hoje na várzea você encontra ex-jogadores, adultos, veteranos ou aqueles que desistiram do futebol profissional, ou por falta de gosto ou por falta de jeito ou por falta de tempo, esses é que estão na várzea. O que saiu dos júniores porque desistiu de seguir a carreira ou os que cumpriram a carreira e aos trinta anos vão jogar na várzea. A trinta ou quarenta anos passados era na várzea que surgiam jogadores. Hoje não, não porque em 1997 eu estava no banco, no túnel do banco do Internacional e fui entrevistado pelo repórter Luiz Carlos da Guaíba, e ele me perguntou se eu não achava demasiado o número de ex-júniores naquele time do Internacional que estava em campo, parece que eram sete, se eu achava que isso era bom ou ruim, eu disse, na verdade aqui não são sete ex-júniores, são dezoito, os onze que estão no time titular e os sete que estão no banco. E ele me perguntou surpreso, mas são todos formados no Internacional? Eu disse, são dezoito ex-júniores, alguns do Internacional, outros dos outros clubes, mas todos são ex-juniões. Eu lembro nos últimos anos de um único jogador que não é ex-júnior, que é o Fabiano Souza que foi e ainda é do Internacional, mas está emprestado agora. Ele jogava num time de fábrica, de uma fábrica de produtos de cana junto a uma fazenda de cana no interior de São Paulo, e dali foi para o Juventus. Mas veja que eu aponto um caso, uma exceção, de um jogador superdotado e que ainda assim tinha os defeitos de quem não teve a escolinha, o infantil, o juvenil e o júnior. Hoje todos de um modo geral saem dali. E você vendo aqueles clubes do interior jogar você encontra ex-júniores e juvenis da dupla Grêmio em grande quantidade. Encontra ex-júniores do Caxias e do Juventude porque os clubes maiores não têm a capacidade de reter todos os seus amadores, e às vezes escapa um jogador de grande talento, e eu lembraria dois grandes talentos colorados que começaram no Grêmio: Mauro Galvão e Cristhian. E dois ex-jogadores do Grêmio que começaram nas divisões de base do Internacional: Ortunho e Ailton Ferreira da Silva (entrevistado, D).

O depoimento acima ilustra como o SC Internacional tem enfrentado a nova realidade do futebol. Diante da diminuição dos campos de várzeas, cresce a importância da escolinha como instituição formadora de jogadores. E, segundo nosso informante, as categorias de base são a principal fonte de jogadores para os profissionais. Em outras palavras, não se encontram mais jogadores formados nas “peladas”, várzeas e nos campinhos de rua, então, ao invés de comprar em outros clubes, a prioridade é investir nas escolinhas e categorias de base para formar os próprios jogadores. A meta estabelecida é produzir no mínimo 50% dos atletas que atuam na equipe principal (a categoria profissional).

O SC Internacional tradicionalmente forma bons jogadores em suas escolinhas, que por sinal está entre as maiores e melhor estruturadas escolas de futebol do país. Mantém um programa de atividades planejado, orientação pedagógica de forma adequada para cada faixa etária. Entre as metas, estão: socialização dos jovens alunos, disciplina, respeito, amizade, recreação e ensino de técnicas futebolísticas. Os talentos descobertos na escolinha são conduzidos, por meio de seleções e testes permanentes, às categorias superiores: Infantil, Juvenil, Júnior e até Profissional. Além de jogos, treinamentos, a Escola Rubra<sup>44</sup>, como é chamada a escolinha, realiza atividades como Festa de Reencontro dos Alunos, Torneio Início, Campeonato Interno, Torcida Organizada e Criança Colorada.

Atualmente, a Escola Rubra conta com cerca de 1112 alunos de 7 a 15 anos em plena atividade, divididos em dois centros de treinamento:

**Complexo Beira-Rio** – 37 turmas – 900 alunos- 12 Professores.

**Complexo Eucaliptos** – 12 turmas – 212 alunos – 6 Professores ([www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br), acesso em 26/11/2001).

As seleções que formam a escolinha estão divididas em diversas categorias segundo critérios de idade:

Categoria 10 anos- 35 atletas; Técnico - Carlos Eduardo de Moraes; Preparador Físico - Marcos Paulo Tavares de Lima.

Categoria 11 anos - 35 atletas; Técnico - Andrey Lopes; Preparador Físico - Paulo Gilberto S. Santos.

Categoria 12 anos - 35 atletas; Técnico - Daniel Kruse; Preparador Físico - Glauber Machado Martins.

---

<sup>44</sup> Nome dado a escolinha de futebol do SC Internacional devido à cor vermelha da camisa.

Categoria 13 anos - 35 atletas; Técnico - Osmar Loss Vieira; Preparador Físico - André Volpe<sup>45</sup>(Escola Rubra, SC Internacional, 2002).

A nossa pesquisa revela que a maioria dos entrevistados passou por alguma escolinha de futebol, conforme os dados no quadro abaixo:

**QUADRO 4** - Escolinha de Futebol

<i>Escolinha</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	46	82,1
Não	10	17,9
<i>TOTAL</i>	56	100

**Fonte:** Pesquisa de Campo – 2002

A importância da escola no ensino de futebol atualmente é indiscutível, pois o futebol brasileiro entra definitivamente numa fase na qual a escolinha se consolida como espaço de ensino-aprendizagem de técnicas futebolísticas. Devido ao crescente processo de urbanização, expansão do setor imobiliário, redução dos campos de várzeas, modernização do futebol, inovações nos métodos e técnicas futebolísticas, o futebol ganhou espaço especializado para se praticar e ensinar. Assim como se têm escolas de línguas, música, computação, karatê, dança, têm-se hoje escolas de futebol.

#### **4.4 O sistema holístico de recrutamento e formação de jogadores: comparando SC Internacional e Ajax F. C.**

Faremos agora uma breve alusão à escola de formação de jogadores de futebol do Ajax FC, um conhecido time holandês que modernizou, na década de 70, seu sistema de treinamento de atletas, adotando métodos orientados numa perspectiva holística. Esta é razão pela qual desejamos compará-lo com o SC Internacional.

Com o surgimento de um mercado de transferência de jogadores, inicia-se a modernização nos mecanismos de recrutamento de atletas. O processo de recrutamento de jogadores de futebol se modernizou nas últimas décadas em praticamente todos os países, porém dentro de perspectivas diferentes. Antes da década de 70, os mecanismos eram

---

<sup>45</sup> As fontes dos dados são Escola Rubra e Departamento de Futebol do SC Internacional setor das Categorias de Base.

tradicionais, descobriam-se talentos nos jogos populares, várzeas e escolas. A utilização de procedimentos científicos era até então incipiente.

O Ajax FC montou uma eficiente forma de organização e formação de atletas. As conquistas dos anos 70 indicam tal eficiência. Nos últimos anos o Ajax FC participou de duas finais sucessivas da Copa da Europa, tendo um time com média de 20 anos. A maioria dos jogadores era formada na sua escola. Venceu três vezes consecutivas a Copa dos Campeões na década de 70, tendo um time de jovens selecionados cuidadosamente e preparados para a profissão desde a infância. “A avaliação clínica de jogadores infantis do Ajax envolve, a partir de então, uma sessão de teste anual de milhares de garotos de toda a Holanda pelos técnicos jovens do clube. Poucos são solicitados a voltar. O sucesso do Ajax continuou com a vitória na Copa dos Campeões de 1995 e uma derrota na final um ano depois” (GIULIANOTTI, 2002, p. 151). Pode-se ressaltar que desta escola saíram craques mundialmente conhecidos, como Cruyff, Van Basten, Bergkamp, Seedorf, Kluivert, Rijkaard, Güllitt e outros. A política de formação da maioria de seus jogadores em casa, o leitor deve lembrar, está presente nos planos modernizantes do clube gaúcho em estudo.

Vejam os como o processo de formação de atletas se dá neste clube. O Ajax controla uma área de cerca de 40 Km nos arredores de sua sede. A peneira ou o processo de recrutamento de atletas ocorre uma vez por ano, quando se apresentam de 1500 a 2000 jogadores. O sistema de formação de jogadores do Ajax é “uno de los sistemas más florecientes en el desarrollo de jugadores del fútbol mundial” (GRINVALD, 1998, p. 6). A eficiência deve-se, em parte, à valorização de valores culturais e educacionais dos atletas. Há uma preocupação em formar jogadores cidadãos, conscientes do mundo fora do futebol, e não apenas trabalhadores da bola. Esta é outra meta do plano de modernização do SC Internacional, como vimos anteriormente.

A perspectiva de trabalho do Ajax FC segue a teoria globalista, a mesma utilizada no trabalho de reestruturação do departamento de futebol do SC Internacional em 1997. Adiante, mencionaremos os critérios e o processo de seleção de jogadores. É por esta razão que estamos traçando este breve paralelo entre os dois clubes. O intuito é mostrar que o processo de modernização do futebol é um fenômeno global e alguns clubes se utilizam de orientações teóricas semelhantes.

O processo de avaliação de jogadores no Ajax FC pode ser assim descrito: “Cada jugador es evaluado de acuerdo con un sistema denominado *tips*, que engloba la técnica, inteligencia, personalidad y la velocidad. La evaluación de la personalidad se centra en aspectos tales como creatividad, audacia, carisma y autoconfianza” (GRINVALD, 1998, p. 6).

A escolha dos jogadores leva em conta aspectos globais, não se restringe à técnica. Personalidade e inteligência são dimensões fundamentais na formação do novo jogador de futebol. O jogador inteligente, versátil, que lê e diagnostica o jogo. Trata-se da preocupação com o trabalhador polivalente, dotado de conhecimentos múltiplos, formação multidisciplinar, uma exigência do novo mercado de trabalho, caracterizado sobretudo pela especialização flexível. O modelo de acumulação flexível constitui um fenômeno mais amplo, tendo fortes impactos no mercado de trabalho nos setores industrial e de serviços, como lembra-nos Pochmann (2001, p. 132) ao tratar do novo trabalhador exigido pelo mercado de trabalho contemporâneo.

Percebe-se preocupação com a identidade e a tradição clubísticas tanto no Ajax FC quanto no SC Internacional. É pensando na manutenção do estilo de jogo destes clubes que podemos aventar a hipótese de construção e preservação de um determinado *habitus* futebolístico típico de cada clube.

No caso do time holandês,

Hay un estilo definido, el "estilo Ajax" donde se combinan valores de disciplina y programas de entrenamientos duros con cuidado y sensibilidad hacia los jugadores. Se percibe una cultura especial, marca de la casa, que enlaza los jugadores y los aglutina alrededor de una identidad común, esto reforzado por la mentalidad de los entrenadores que piensan a largo plazo en cuanto a los jugadores y los sistemas de juego utilizados (GRINVALD, 1998, p. 6).

No time gaúcho, o processo de seleção de jogadores, seja para reforço da equipe principal ou na formação de equipes das categorias de base, há uma preocupação com a identidade, tradições e história do clube. Conforme um dos responsáveis pelas contratações de atletas,

(...) é importante perceber e preservar a identidade futebolística no sentido de respeitar o caldo cultural no qual ele está inserido, como é que são as pessoas que trabalham nesse clube, (...), e a partir daí você tem um perfil que tem que está sintonizado com o seu trabalho, na própria formação de um modelo de atleta sintonizado com essa identidade de um clube, isso o Internacional faz. (...) O trabalho todo está muito sintonizado com a identidade do clube, eu acho que isso traz vantagens porque aquela formação, ela vem carregada de emoção, o atleta se sente honrado em vestir aquela camisa do clube, e essa identificação eu acho que traz um ganho profissional bastante grande, porque além da questão profissional propriamente dita, tem essa questão afetiva, essa questão do vínculo que é muito importante para que a gente tenha um profissional completo (entrevistado C).

Na identidade futebolística do SC Internacional, aparecem traços que formam a identidade cultural gaúcha, entre eles bravura, força, valentia, coragem e vontade de luta. Trataremos do estilo de jogo com maior profundidade no próximo capítulo.

Os jogadores do Ajax FC são treinados para jogar em qualquer posição, mesmo sem esquecer de posições específicas (GRINVALD, 1998, p. 7). O futebol moderno requer profissionais versáteis, capacitados para atuar em posições diferentes conforme as necessidades do clube. Na verdade, mesmo no futebol, “O especialista já não dá conta da demanda que existe hoje no mercado de trabalho” (entrevistado C). Segundo Parreira<sup>46</sup>, o jogador de futebol moderno deve ser versátil e polivalente, pois o especialista está fadado ao desaparecimento. Talvez o último especialista do futebol brasileiro seja Romário, o especialista da área, que só exerce uma função: a de fazer gols.

O sucesso obtido pelo clube holandês nas competições se deve, em parte, ao sistema holista de desenvolvimento de jogadores talentosos, apoiado, sobretudo, em processo de seleção com base em variáveis técnicas, intelectuais, personalidade e velocidade. Estes elementos são trabalhados conjuntamente por meio de um amplo planejamento. Tudo isso dentro de uma cultura educacional e atlética própria do clube, que tem estreita relação com a identidade do mesmo. Os treinadores e demais profissionais que preparam os jogadores são comprometidos com esta cultura, buscando projetar, ao longo do tempo, o sistema de jogo e a qualidade dos jogadores. Trata-se da tentativa de internalizar valores do clube na cultura e no cotidiano dos jogadores, sendo isso responsável pela formação de um *habitus*. “Por otra parte la observación científica del talento deportivo parece ser el elemento de juicio de mayor acercamiento al máximo rendimiento, y partiendo de una perspectiva globalista podemos integrar al sujeto en su totalidad” (GRINVALD, 1998, p. 7). Esta concepção integrada possibilita ao treinador e jogador compreender melhor os condicionantes internos e externos das relações pessoais e sociais, em torno das quais se produzem e a compreensão isolada de fenômenos “[...] biomecánicos, energéticos, estructurales, funcional- anatómicos de los movimientos para poder emplearlos en el proceso de optimización del entrenamiento y rendimiento” (GRINVALD, 1998, p. 7).

Este sistema de recrutamento do Ajax é adaptado ao fator econômico do futebol holandês. Como os clubes não podem pagar altos salários como os demais clubes europeus; formar jogadores é uma solução interessante. Cabe frisar aqui que “(...) o sistema do Ajax tem êxito porque se beneficia do sistema educacional holandês, que produz jovens cidadãos

---

<sup>46</sup> Em entrevista ao autor no dia 07/12/2001.

viajados e políglotas receptivos a outras culturas” (GIULIANOTTI, 2002, p. 151). Este mesmo modelo foi adotado pela Inter de Milão. Em ambos os clubes, o segredo do sucesso reside na harmonização com valores culturais nativos dos atletas.

O time italiano valoriza três fatores básicos: escolaridade, vida em família e sucesso do clube. Os clubes da Inglaterra começaram a valorizar este modelo, mantendo relações formais com as escolas locais para educar os jovens atletas promissores (GIULIANOTTI, 2002).

Atualmente a riqueza, para montar um time, é insuficiente, por isso precisa-se formar em casa, não apenas comprar jogadores.

Podemos analisar os impactos positivos do holismo no futebol, a partir de Giulianotti, vejamos:

Uma estratégia educacional holística pós-moderna prepara os jogadores para a vida fora do futebol. Uma pesquisa realizada por Lüschen (1984; Rütter, 1991) confirma a utilidade dessa estratégia. Lüschen analisou a “cristalização de *status*” de atletas como um caminho para medir sua impossibilidade de gerar identidades sociais equilibradas. A cristalização de *status* (também conhecida como “congruência de *status*” ou “consciência”) refere-se ao relativo prestígio social de indivíduos em diversas atividades, como educação, renda, ocupação, atividades esportivas, participação em comunidades e em associações voluntárias. Lüschen descobriu que a cristalização de *status* era inversamente proporcional à realização nos esportes. Aqueles que tinham pouca cristalização de *status* em outras áreas da vida social tendiam a mergulhar em esportes como o futebol como forma de compensação. Atletas no auge de suas carreiras (de 27 a 32 anos de idade) tinham os mais baixos níveis de congruência de *status* em outras áreas da vida social, como educação ou envolvimento na comunidade. O desequilíbrio aponta para o fato de que as técnicas de treino modernas acumulam problemas não só dentro como fora do campo de futebol. Os jogadores enfrentam problemas psicossociais graves quando são obrigados a abandonar o futebol, seja por contusão, final de contrato ou aposentadoria (GIULIANOTTI, 2002, p. 152).

As técnicas modernas tradicionalmente adotadas no futebol, partindo de pressupostos tecnicistas e mecanicistas, consideram os jogadores somente como empregados, sendo por isso necessário ensinar apenas técnicas futebolísticas. Já os mecanismos de recrutamento e formação de jogadores, baseados em pedagogias holísticas pós-modernas funcionam no sentido de “(...) ajudar a preparação dos jogadores para a vida fora do futebol” (GIULIANOTTI, 2002, p. 152). Esta formação do atleta cidadão, flexível e consciente é a grande meta da filosofia globalista com a qual trabalhou o SC Internacional de 1997 a 2002 (CARRAVETTA, 2001a).

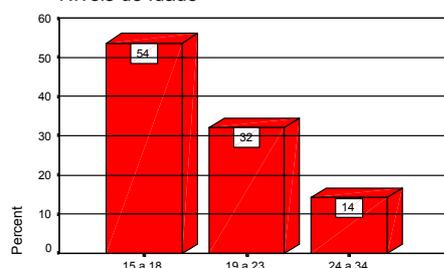
## 5 A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SPORT CLUB INTERNACIONAL

### 5.1 Elementos do processo de formação do jogador de futebol

#### 5.1.1 Idade dos jogadores

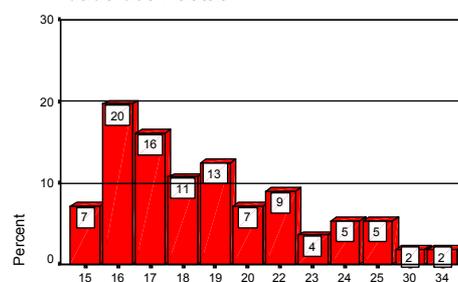
Apresentaremos a seguir as faixas de idade dos atletas. O gráfico 01 mostra a frequência de atletas em cada grupo de idade. É importante o leitor ter presente que os critérios de agrupamentos, aqui utilizados, foram arbitrariamente determinados pelo pesquisador, sendo por isso passíveis de contestações. No entanto, uma divisão rigorosa em níveis de idades está implícita na classificação dos atletas em categorias que será posteriormente apresentada.

Gráfico 01  
Níveis de Idade



Fonte: Pesquisa de Campo - 2002

Gráfico 02  
Idade dos Atletas



Fonte: Pesquisa de Campo - 2002

O leitor pode perceber, no gráfico 01, que 54% dos atletas têm de 15 a 18 anos. Com idade entre 19 e 23 anos temos em torno de 32% do total, enquanto que apenas 14% formam o grupo de atletas com idade de 24 a 34 anos.

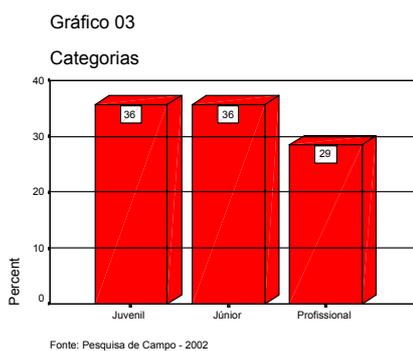
Percebe-se uma concentração no primeiro nível de idade (de 15 a 18 anos), o que se deve evidentemente ao fato de a maioria dos atletas pesquisados ser formada por membros das categorias juvenil e júnior.

O gráfico 02 indica que 20% dos atletas pesquisados, a maioria, têm 16 anos. Há também acentuada concentração de atletas com idade entre 17 e 19 anos, que corresponde à

categoria júnior, da qual entrevistamos 20 atletas. A média de idade é relativamente baixa, até porque a maioria da amostra é formada pelas duas categorias inferiores à profissional. A categoria profissional tem jogadores com idade de 19 a 34 anos. A categoria juvenil é formada por atletas entre 15 e 17 anos, enquanto que os júniores têm idade entre 17 e 20 anos.

### 5.1.2 Categorias

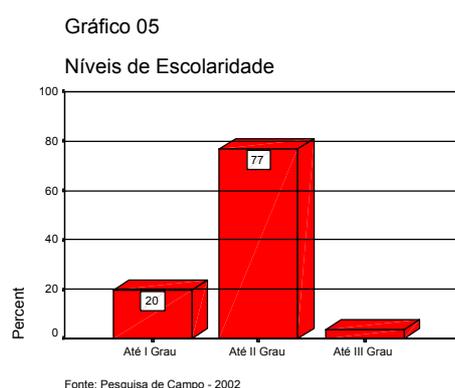
Nossa pesquisa teve a preocupação de abranger as três principais categorias de jogadores do SC Internacional. Os 56 questionários distribuíram-se da seguinte forma: 20 entre juvenis, 20 entre os júniores e 16 entre os profissionais. Em termos percentuais, o gráfico 3 ilustra a distribuição dos atletas pesquisados entre as categorias.



### 5.1.3 Escolaridade dos jogadores e dos pais

Apresentaremos agora o grau de escolaridade dos atletas e dos pais.

### 5.1.3.1 Escolaridade dos atletas



Conforme o gráfico 04, 54% dos atletas têm o II Grau incompleto como nível de escolaridade. Seguido de 23% com o II Grau completo. Estes dados ilustram, mesmo dentro de uma amostra limitada, que o discurso sobre o aumento da escolaridade do jogador de futebol no Brasil tende a se confirmar. Não encontramos registro de atletas analfabetos. Considerando-se que o saber do atleta pode ser teórico e prático, mas fundamentalmente prático, sugere-se que se pode relacionar esta mudança no nível educacional dos atletas com um movimento maior, especialmente a partir dos anos 90, de expansão de vagas nas escolas e a crescente valorização da educação no Brasil. Nos últimos anos o ensino de II Grau, denominado de Ensino Médio, recebeu maior valorização por parte da sociedade e dos governos.

O gráfico 05 mostra que 77% dos atletas têm até o II Grau<sup>47</sup> e 20% têm até o I Grau. Apenas 2,0% frequentaram curso superior. A pouca frequência de atletas com participação em cursos de nível superior deve-se, em parte, à excessiva dedicação de seu tempo ao futebol, às longas jornadas de trabalho, às viagens e às concentrações. E evidentemente, ao fato de que a profissão de jogador de futebol não requer diploma acadêmico, ou seja, não se exige que o

<sup>47</sup> É importante frisar que destes 77%, há um elevado percentual de atletas que cursam ou cursaram o II Grau através de Cursos Supletivos. Trata-se de uma forma rápida de recuperar tempo perdido, e assim melhorar o nível de escolaridade. Infelizmente não podemos informar o leitor o número preciso de atletas que frequentaram e/ou

atleta seja graduado ou bacharel em futebol, até porque as universidades e institutos de ensino superior não dispõem de currículos especializados na formação de jogadores profissionais de futebol dentro de Escolas de Educação Física. Aqui está uma das especificidades da profissão de jogador de futebol. Trata-se de uma profissão de trabalhadores não-diplomados.

Alguns atletas têm consciência da importância da escolaridade mesmo para eles que atuam no futebol. Um dos atletas entrevistados ofereceu o seguinte depoimento sobre a importância da escolaridade para o jogador de futebol:

Acho que tem influência até mesmo no aspecto tático. O jogador que estuda tem melhor capacidade de entender os esquemas e orientações. O jogador que sabe decifrar as coisas, que sabe aonde se posicionar, sabe também observar o adversário melhor, então um bom estudo tem importância também neste sentido. É sempre bom que o jogador tenha um bom estudo. Acho que a gente tem que ter um estudo porque o futebol não é só dentro de campo, a gente tem que estudar os adversários fora de campo, e estudar as nossas táticas também, então o futebol não é só decidido dentro de campo, mas sim fora de campo estudando muito os adversários (Atleta 01).

O depoimento acima é tributário de um discurso de valorização da escolaridade, e com isso de uma formação mais ampla do jogador de futebol, presente no sistema globalista/holístico de recrutamento e formação de jogadores adotado pelo SC Internacional a partir de 1997. Este busca a harmonização entre valores culturais nativos do jogador e o clube. As técnicas educacionais holísticas cultivam e produzem uma individualidade amplamente desenvolvida e intelectualizada dos jogadores. “Uma estratégia educacional holística pós-moderna prepara os jogadores para a vida fora do futebol” (GIULIANOTTI, 2002, p. 152). Há preocupação em resolver problemas psicossociais que os atletas enfrentam fora do futebol com a finalidade de evitar que o rendimento em campo seja afetado. Na verdade, o indivíduo (jogador) está inserido num contexto maior do que o futebol.

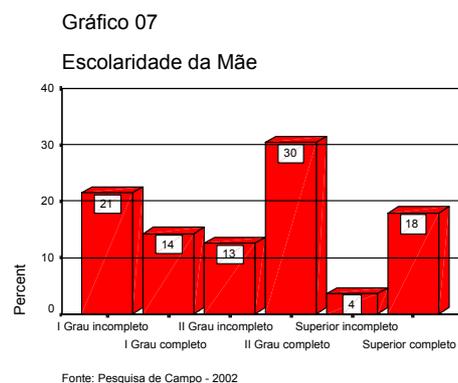
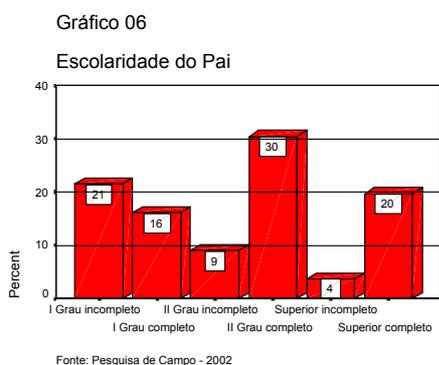
Vejamos agora eventuais tendências de relações entre o nível de escolaridade dos atletas, o período de entrada no SC Internacional e a passagem ou não por escolinha de futebol. O período estudado no SC Internacional está dividido em três: (1) período Pré-Medina, atletas que ingressaram antes de 1997, anterior à gestão de Medina na coordenação do departamento de futebol do SC Internacional; (2) período Medina, refere-se ao período de 1997 a 2001, e (3) o período Pós-Medina, refere-se ao ano de 2002.

A tabela 01 (ver anexo, p. 190) revela que dos jogadores que passaram por escolinha, 81% tem até o II Grau e apenas 16,7% deles têm até o I Grau. Entre os que têm até o II Grau, percebe-se que há uma concentração no período Pós-Medina (41,25%) e Pré-Medina (35,3%). No geral, temos 40,5% de atletas Pós-Medina, 33,3% Pré-Medina e 26,2% do período Medina. Isso, é bom que se diga, entre os atletas que passaram por alguma escolinha de futebol.

Entre aqueles que não passaram por escolinha, a frequência maior está entre os jogadores que têm até o II Grau, dos quais 66,7% são do período Pós-Medina.

### 5.1.3.2 Escolaridade dos pais dos jogadores

A maioria dos pais (30%) tem o II Grau completo, seguido de 21% com o I Grau incompleto. Cerca de 20% têm curso superior. Isso ilustra um pouco do processo de elevação do nível sócio-econômico das famílias de jogadores de futebol. Na verdade, se tomarmos o nível de escolaridade como parâmetro, pode-se sugerir a hipótese de que a classe média tende a ser a fração social que mais empresta jogadores (garotos) ao futebol. Veremos mais aspectos relacionados a esta discussão quando apresentarmos o grau de escolaridade das mães e o nível de renda da família de origem dos atletas. Temos consciência de que nível de escolaridade é um indicador insuficiente para definir a classe social a que pertence o jogador de futebol.

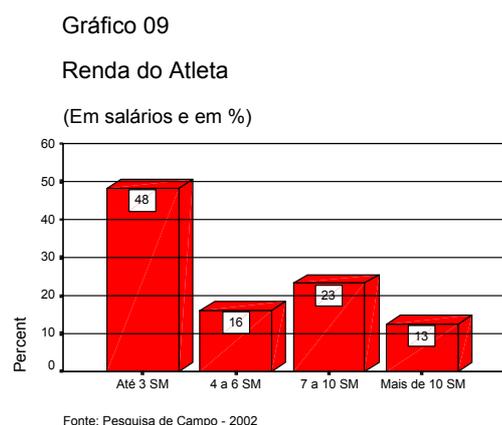
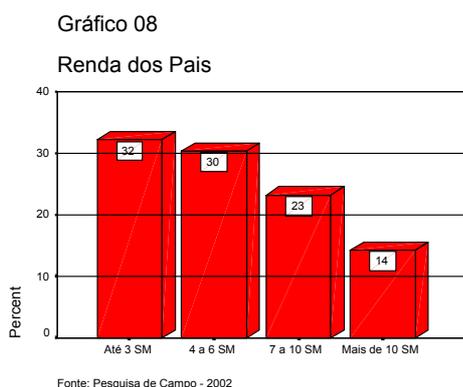


O gráfico 07 mostra que o nível de escolaridade das mães dos atletas não se diferencia muito do dos pais. 30% das mães têm o II Grau completo e 21% não concluíram o I

Grau. Em relação ao nível superior, percebe-se que as mães apresentam menor escolaridade (18% delas têm nível superior completo) do que os pais (20%).

#### 5.1.4 Renda familiar e do jogador

Neste item, apresentaremos o nível de renda dos atletas e de suas famílias. Nosso objetivo é informar o leitor sobre a faixa salarial dos jogadores de futebol, destacando as diferenças em relação aos seus pais, e deste modo, fornecer subsídios para uma discussão acerca da eventual mobilidade social via futebol.



Cerca de 32% dos pais têm renda de 1 a 3 salários mínimos, sendo este o grupo maior. O menor grupo é aquele que apresenta o maior nível de renda, ou seja, somente 14% têm renda acima de 10 salários mínimos. Pegando a renda como *proxi*, é válido salientar que a origem social dos atletas, na sua maioria, continua sendo as classes populares. Entretanto, temos plena consciência de que a amostra com a qual trabalhamos aqui é limitada, o que impede-nos de fazer maiores inferências sobre a existência ou não de uma recente elevação do nível sócio-econômico e da origem do jogador de futebol brasileiro.

Se somarmos os dois grupos de maior renda, temos 38% (de 7 a mais salários mínimos), como parcela dominante, e 32% com renda entre 1 e 3 salários mínimos. Percebe-

se um equilíbrio neste aspecto, visto que há ainda o menor grupo com 30% de renda entre 4 e 6 salários mínimos.

O leitor pode consultar o nível de renda dos atletas no gráfico 09. Nele, temos a seguinte distribuição: a grande massa de jogadores (48%) ganha de 01 a 03 salários mínimos. Neste grupo, estão incluídos atletas das três categorias pesquisadas. Talvez isso explique em parte o fato de este ser o maior grupo, pois muitos atletas das categorias juvenil e júnior não são remunerados. Por isso, esta média salarial deve ser tomada exclusivamente tendo como referente a presente pesquisa, sem pretensões de generalização.

Entretanto, o grupo de maior renda (mais de 10 salários) é o menor de todos, porém é bastante significativo, pois soma 13% do total, seguido daquele que compreende atletas com renda entre 07 e 10 salários (23%). O grupo de maior renda está acima da média nacional. Conforme dados da Folha de São Paulo (31/01/2002), apenas 3,56% dos jogadores profissionais em todo o Brasil recebe de 5 a 10 salários mínimos. A parcela de profissionais que ganha de 10 a 20 salários é cerca de 3,17% do total de jogadores registrados na Confederação Brasileira de Futebol. Isso revela que a média salarial nacional é baixa, bem diferente do que a mídia divulga. Na verdade, a grande maioria (42,62%) dos jogadores de futebol no Brasil ganha por volta de 1 salário mínimo. Aqueles que ganham de 1 a 2 salários mínimos formam 39,55% dos profissionais da bola no Brasil. Então, podemos afirmar que a média salarial constatada na pesquisa está bem acima da média nacional.

O cruzamento da renda familiar com a renda do atleta nos permite constatar uma tendência de que não houve mobilidade social através de futebol<sup>48</sup>. Isso se tomarmos como parâmetro a faixa salarial. O quadro 05 indica que praticamente não há diferenças substanciais quando comparamos a renda da família com a renda do atleta. A maioria dos atletas que ganha acima de 10 salários mínimos (57,1%) tem origem em famílias com esta mesma renda (50%). Já os jogadores que ganham menos são também de origens de famílias de renda baixa. Isso é válido para os grupos de renda de até 3 salários e de 4 a 6 salários. O leitor pode conferir melhor no quadro abaixo.

#### **QUADRO 05 - Renda do Atleta e Renda Familiar**

---

<sup>48</sup> Para uma análise sobre o mito mobilidade social via futebol ver Vieira (2001) e Rosenfeld (1993).

Renda familiar	Até 3 SM	4 a 6 SM	7 a 10 SM	Acima de 10 SM	TOTAL
Renda do Atleta					
Até 3 SM	11 40,7%	11 40,7%	2 7,4%	3 11,1%	27 100%
	61,1%	61,1%	15,4%	37,5%	48,2%
4 a 6 SM	3 33,3%	2 22,2%	3 33,3%	1 11,1%	9 100%
	16,7%	11,8%	23,1%	12,5%	16,1%
7 a 10 SM	3 23,1%	4 30,8%	6 46,2%		13 100%
	16,7%	23,5%	46,2%		23,2%
Acima de 10 SM	1 14,3%		2 28,6%	4 57,1%	7 100%
	5,6%		15,4%	50%	12,5%
TOTAL	18 32,1%	17 30,4%	13 23,2%	8 14,3%	56 100%
	100%	100%	100%	100%	100%

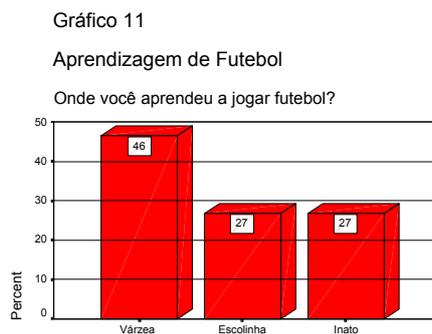
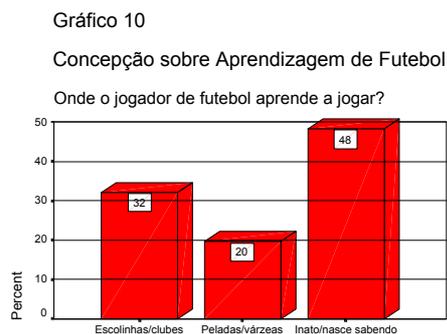
Fonte: Pesquisa de Campo – 2002

### 5.1.5 Concepção dos jogadores sobre aprendizagem de futebol

O processo de ensino-aprendizagem de futebol é um dos mais importantes aspectos da formação do jogador de futebol. Tendo isto em mente, cabe destacar três dimensões que dão conta do processo de aprendizagem e internalização de técnicas corporais e futebolísticas. Trata-se das escolinhas, dos campinhos de “peladas” e várzeas e da questão inata do futebol.

Antes de entrar na análise da concepção dos atletas sobre as instituições mais importantes no processo de ensino-aprendizagem do futebol, é necessário lembrar o leitor aqui de que, ao longo deste trabalho, defendemos a tese de que a formação do jogador de futebol constitui-se por meio da incorporação de um *habitus* (sistemas de disposições duráveis que geram práticas e representações, objetivando regras e padrões de comportamento, formando, assim, esquemas de ação, lembrando aqui o conceito de Bourdieu (1996, p. 202-311), de disciplinamento (no sentido utilizado por Foucault, 1987) permanente através de treinamentos e controle sobre o atleta, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas dos jogadores, além do lapidamento de atributos naturais (dom e vocação). É, portanto, um processo de aquisição de conhecimentos e habilidades relacionadas ao futebol, o que na sociologia do trabalho significa formação profissional (CATTANI, 1997).

A respeito da instituição na qual se aprende a jogar futebol, temos no gráfico 10 as respostas, em percentagens, acerca da concepção dos atletas sobre aprendizagem de futebol.



Mesmo diante do movimento de modernização dos sistemas de jogo e dos modelos de treinamento no futebol brasileiro, percebe-se que a crença de que o jogador brasileiro já nasce feito (o futebol é inato) é muito presente. Para 48% dos atletas o jogador de futebol já nasce sabendo jogar, futebol não se aprende, é um atributo natural do brasileiro. Conforme palavras de um informante: “... acho que é o dom, vem de dentro, se ele não tiver o dom de jeito nenhum ele vai se tornar jogador de futebol” (Atleta 01). Mesmo o dom sendo importante na formação do jogador de futebol, o disciplinamento, os treinamentos e o processo de aprendizagem de técnicas futebolísticas são indispensáveis.

Consideramos ilustrativo o depoimento de um entrevistado de Vieira (2001, p. 231) sobre aprendizagem de futebol: “... aprender, aprender mesmo eu já nasci com isto, mas minhas primeiras peladas foram com o pessoal da rua lá onde eu morava no interior, clube não freqüentava não, mas nas peladas eu sempre tava, criança sabe como é vive atrás de bola...” (entrevistado n. 2). Isso reforça o discurso da positividade da cultura brasileira, especialmente da mestiçagem, que emergiu na primeira década do século XX, com Freyre (1964) e Rodrigues Filho (1964). Ambos os autores defenderam que o futebol é inato, sendo uma virtude de nossa mestiçagem. Eram os negros e mestiços os privilegiados com este “saber” natural, através do qual conseguiriam ascensão social facilmente. Esta vocação natural do brasileiro para o futebol estaria relacionada à nossa formação sócio-cultural. É dentro deste instigante debate, porém complexo, que se insere o futebol-arte como construção teórica e expressão do “nacional”, símbolo do estilo de jogar futebol e da identidade brasileira.

O leitor deve ficar atento para o fato de que estamos apresentando a concepção dos atletas sobre “onde se aprende a jogar futebol?”. Este primado pela questão inata é de inteira responsabilidade dos atletas, que muitas vezes expressam idéias fundamentadas essencialmente em suas experiências e práticas futebolísticas. Não se pode cobrar dos

jogadores grandes elaborações, pois eles não conseguem traduzir sua “consciência prática” (GIDDENS, 2000), ou seja, seu capital futebolístico (experiência, vivência, conhecimento de técnicas futebolísticas) em “consciência discursiva”. Com isso, não estamos querendo dizer que o jogador de futebol não é um ser reflexivo, inteligente. Nosso intuito é mostrar que o discurso fortemente arraigado acerca do futebol como elemento natural do brasileiro se deve também às tradições e ao senso comum, canais privilegiados de propagação de lendas e mitos.

As escolinhas de futebol são instituições formais de ensino-aprendizagem de futebol. Trata-se de “uma forma comum e necessária para que um pretendente a jogador ingresse no clube” (VIEIRA, 2001, p. 231). Da mesma forma que os cursinhos pré-vestibulares preparam seus candidatos para ingressar nas universidades, dando-lhes o “saber necessário” à aprovação nos testes, as escolinhas ensinam futebol e preparam os atletas para os testes nos clubes.

Para 32% dos atletas o futebol é ensinado nas escolinhas. Este dado revela que está em fase de consolidação, no imaginário do jogador de futebol, a idéia de que futebol é um saber, um conhecimento adquirido em escolas. Esta visão tenderá a crescer cada vez mais nos próximos anos, considerando-se que as escolinhas de futebol encontram-se em expansão no país, além do uso de dispositivos e conhecimentos científicos na formação de jogadores e na preparação de esquemas táticos no futebol moderno. Entendemos que isso contribui para consolidar o futebol como um saber formal no Brasil.

Para 20% dos atletas o futebol se aprende nas ruas, nas peladas e nos campos de várzeas. A este respeito, é importante frisar o seguinte depoimento: “...aprender mesmo, eu aprendi com os amigos lá da comunidade, eles sempre me chamavam pra jogar lá, eles não tinha condição nenhuma tinha que jogar pra esquecer e não fazer bobagem, foi lá que aprendi no campinho junto com a molecada...” (entrevistado n.1) (VIEIRA, 2001, p. 230-231). Nas palavras do atleta, percebe-se que ele aprendeu a jogar futebol na sua comunidade, junto aos amigos, fora de escolinhas de futebol. Mas além disso, fica patente que o futebol é uma alternativa ao crime, drogas, podendo cumprir esta função de desviar os jovens de “maus caminhos”. Neste sentido, é um mecanismo socializador e civilizatório, o que nos lembra novamente Elias (1992a) sobre a função civilizatória do esporte moderno. Esta é uma perspectiva muito divulgada pela imprensa, que cultiva demasiadamente esta função do esporte na sociedade brasileira.

É sabido que as peladas foram predominantes na formação de jogadores brasileiros até a década de 70. Trata-se de verdadeiros “celeiros de craques” (GUEDES, 1977). Muitos jogadores famosos aprenderam em peladas e campos de várzeas, como Romário, Ronaldinho. No caso do SC Internacional podemos citar Tesourinha, entre outros.

Ao tratarmos da mesma questão de forma específica, as respostas mudaram consideravelmente. A pergunta colocada foi: Onde você aprendeu a jogar futebol? O gráfico 11 é revelador a este respeito. A importância da várzea como espaço de aprendizagem de futebol cresce consideravelmente. A grande maioria (46%) dos jogadores respondeu que aprendeu a jogar nos campos de várzeas. Na questão anterior era a alternativa menos freqüente. Isso nos surpreende, sendo um paradoxo difícil de explicar.

É também surpreendente o fato de que a escolinha e a questão inata aparecerem com a mesma importância, ambas em 27% das respostas. De acordo com a visão dos atletas, se aprende a jogar futebol nas várzeas, mas isso não impede de o atleta freqüentar escolinha. Antes de ingressar nas escolinhas, muitos atletas jogavam em campos de várzeas. Da mesma forma que, mesmo que o atleta tenha nascido sabendo jogar, isso não o impede de freqüentar escolinhas de futebol e nem de se aperfeiçoar nas “peladas” e jogos de várzeas, pois nestes espaços se adquirem um conjunto de técnicas corporais (MAUSS, 1974) fundamentais ao futebol. Ao invés de tratar estas questões a partir de uma abordagem dicotômica, optamos por buscar compreender as possibilidades de complementaridades. Muitos jogadores iniciam mesmo nas brincadeiras, em jogos de escolas, ruas e peladas, depois entram nas escolinhas oficiais de formação de jogadores.

Quando se trata de uma pergunta específica, as respostas variam em relação à concepção geral sobre aprendizagem de futebol. A tabela 02 (p. 191), ilustra algumas tendências de relações entre as variáveis categoria e concepção sobre aprendizagem de futebol. Percebe-se que cresce a valorização da várzea (46,4%) e cai a importância da questão inata (26,8%).

Entre os juvenis, temos a seguinte distribuição: 60,% aprenderam a jogar na várzea e 25% aprenderam a jogar futebol na escolinha. A várzea é ainda mais considerada entre os júniores, com 65% contra 30% da questão inata. A escolinha continua sendo o mais importante para os profissionais (56,3%) contra 37,5% do inato. Percebe-se que esta categoria não muda de opinião.

A tabela 03 (p. 191) indica possíveis variações entre a concepção geral de aprendizagem de futebol e categorias.

Com relação à categoria juvenil, percebe-se que predomina a visão acerca do futebol como algo inato ao brasileiro (40%), bem acima das escolinhas (35%) e das várzeas (25%). Nossa hipótese era de que esta categoria valorizasse mais as várzeas como local de aprendizagem de futebol. Isso acontece somente quando comparamos o valor da várzea entre

as três categorias, sendo 45,5% para os juvenis, 27,3% entre os júniores e 27,3% para os profissionais.

A categoria júnior valoriza ainda mais a questão inata (70%) no processo de aprendizagem de futebol. Entre os profissionais a escolinha é a mais valorizada, com 50% contra 31,3% do futebol como algo inato ao brasileiro. Nesta categoria os atletas são mais maduros, têm uma opinião melhor formada sobre esta questão. Talvez este seja um dos motivos porque a escolinha recebe mais atenção.

Uma leitura geral, em coluna, revela que a concepção predominante entre os jogadores entrevistados é que o futebol não se aprende a jogar, é inato, (48,2%), entretanto pode ser aprendido nas escolinhas 32,1%, ou ainda, nas várzeas (19,6%).

A tabela 04 (p. 192), mostra o período de ingresso no SC Internacional, passagem por escolinha e a concepção sobre aprendizagem de futebol. Sugerimos que a tabela seja lida como indicadora de tendências ao invés de relações absolutas entre as variáveis trabalhadas.

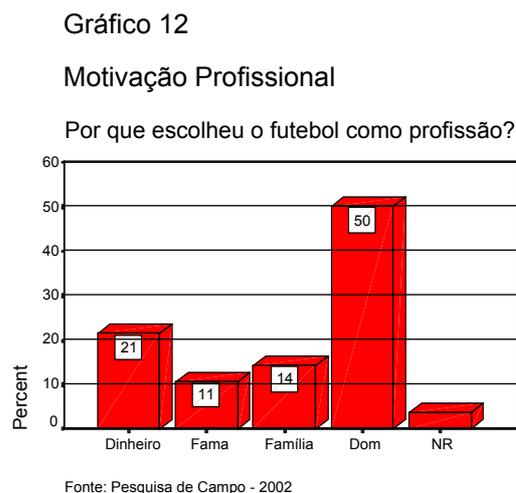
Entre os atletas que entraram no SC Internacional no período Pré-Medina, 87,5% deles passaram por escolinha. Destes, 42,9% defendem que se aprende a jogar na escolinha e a mesma percentagem defende que o futebol é inato, ou seja, o jogador já nasce sabendo jogar futebol. Com isso, pode-se sugerir que mesmo não sendo a escolinha o principal espaço de aprendizagem de futebol, ela é freqüentada também por aqueles que consideram o futebol como algo inato no Brasil. Na verdade, a questão inata é mais expressiva do que a escolinha, sendo 50%, contra 35,7%.

Entre os atletas que entraram no período Medina, temos um dado surpreendente, é a indicação de que as peladas são mais valorizadas (46,7%) contra 26,7% das escolinhas e 26,7% da crença do futebol como algo inato.

No período pós-Medina predomina a do futebol como algo inato (61,9%) e a escolinha (33,3%). Nos surpreende também o fato de que 81% dos que defendem a questão inata terem passado por escolinhas de futebol.

#### 5.1.6 Motivação profissional

Na tentativa de explicitar as fontes sociais das motivações profissionais dos jogadores entrevistados, mostraremos através do Gráfico 12 as respostas mais significativas sobre o que mais os motivou para o futebol. É bom o leitor ter em mente que as informações do gráfico estão em termos percentuais.



A crença no dom para ser jogador de futebol é o principal motivador dos atletas entrevistados, aparecendo com 50%. Trata-se da chamada motivação intrínseca, aquela que vem de dentro do atleta, sendo por isso a mais original e valorizada pelos técnicos e professores que trabalham nas categorias de base do SC Internacional. Quando perguntamos a um atleta por que ele deseja ser jogador de futebol, sua resposta foi: “Todo mundo tem essa vontade de ser jogador de futebol. É um sonho de muitos garotos. Além da vontade, Deus me deu o dom. Eu exerço esta profissão porque gosto mesmo”. Nesta mesma entrevista, perguntado sobre a orientação profissional que teve, afirmou que: “Sempre tive vontade própria de ser jogador, mas a família me incentivou muito” (Atleta, 02).

A este mesmo respeito é ilustrativo o depoimento de outro atleta: “Ser jogador de futebol no Brasil é sonho de todo garoto. Através do futebol pode se tornar famoso, e eu sempre gostei de jogar futebol, tenho paixão pela profissão”. Posteriormente ele afirma que: “A família foi o que mais me incentivou” (Atleta, 01).

A motivação material, ou seja, prêmios, bichos e dinheiro, significa motivação extrínseca, aquela que vem de fora do indivíduo, sendo antes de tudo uma construção social. Neste tipo se insere o dinheiro, a fama, os prêmios e outras recompensas.

O dinheiro é o segundo motivador mais importante para o futebol na concepção dos atletas entrevistados (21%). Estes atletas entraram no futebol para enriquecer. Isso se deve em parte ao discurso dominante na sociedade, muito reforçado pela mídia, de que o futebol é um ótimo canal de ascensão social, bem como uma das profissões que oferece melhores salários. Isso deve ser analisado criteriosamente, pois a percentagem de atletas que recebem salários elevados é mínima no futebol brasileiro. Para ter uma idéia sobre a distribuição salarial extremamente desigual no futebol brasileiro, convidamos o leitor a consultar o quadro abaixo:

**QUADRO 06** - Número de Jogadores registrados no Brasil por Faixa Salarial em 2001 (em Salários Mínimos)

Faixa salarial	Até 1 sm	De 1 a 2 sm	De 2 a 5 SM	De 5 a 10 SM	De 10 a 20 sm	Mais de 20 sm	TOTAL
Nº de Atletas	8.705	8.080	1.502	727	648	766	20.428
%	42,62	39,55	7,35	3,56	3,17	3,75	100,0

**Fonte:** Folha de São Paulo (31/01/2002).

Retomando os dados do gráfico 12, observa-se que a família é um forte incentivador para o futebol, aparecendo com 14%. Aqui está um dado interessante que nos coloca uma série de questionamentos. Primeiro, em outros estudos sobre futebol, Araújo (1980) e Vieira (2001), a família aparece como principal motivador para o futebol. No nosso caso, aparece apenas em terceiro lugar. Para muitas famílias, ter um filho jogador de futebol é esperança de melhorar de vida, ganhar dinheiro, conquistar ascensão social. Então, incentivar seus filhos a ingressarem no futebol se configura como um projeto de vida coletivo. A explicação que temos no momento, muito precária evidentemente, reside no fato de que nosso questionário apresentava um conjunto de alternativas como enriquecer, fama, seleção brasileira, crença no dom e família. Talvez a variável “dom” tenha sido inoportuna, visto que este apareceu na maioria das questões, tendo ela centralidade na nossa pesquisa. Isso deve ter influência nas respostas específicas às motivações para o futebol.

A fama também é um forte indutor, sendo o principal motivo para 11% dos atletas pesquisados.

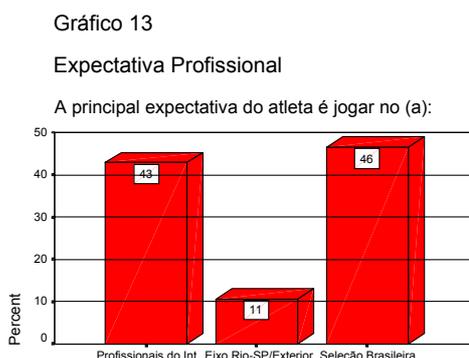
A tabela 05 (p. 193) revela que a crença no dom para ser jogador de futebol (50%), a intenção de enriquecimento através do futebol profissional (21,4%) e a família (14,3%) são os principais indutores ao futebol. Se observarmos como estes indutores variam em relação às categorias, podemos adiantar algumas explicações provisórias.

Na categoria juvenil, assim como nas demais, a tendência é que a crença no dom (60%) é predominante entre os motivadores profissionais. Entre os júniores, a crença no dom aparece como principal motivação pelo futebol para 50% dos atletas. De certo modo, não se perceber grande diferença entre estas duas categorias.

Entre os profissionais, observamos maior equilíbrio entre a confiança em enriquecer através do futebol (37,5%) e a crença no dom para ser jogador de futebol (37,5%).

### 5.1.7 Expectativa profissional

Em relação à principal expectativa profissional, temos os seguintes dados no gráfico 13. Jogar na seleção brasileira é a principal expectativa de 46% dos atletas entrevistados. Entre estes estão jogadores de praticamente todas as categorias, porém cabe ressaltar que a maioria esmagadora dos profissionais apontou a seleção como principal projeto profissional. Jogar nos profissionais do SC Internacional é o mais importante objetivo profissional de 43% dos entrevistados. A explicação para isso reside no fato de que para a maioria dos atletas juvenis e júniores, visto que estão nestas fases, é comum o principal sonho ser atuar nos profissionais do clube formador. Para 11% dos atletas jogar no futebol do eixo Rio-São Paulo e/ou no futebol do exterior é o principal objetivo em termos profissionais. Esta percentagem revelou-se pequena.



Fonte: Pesquisa de Campo - 2002

A tabela 06 (p. 193) destaca a distribuição da expectativa profissional nas três categorias pesquisadas. Primeiro, percebe-se que jogar na seleção é a principal expectativa de 46,4% dos atletas, enquanto que se profissionalizar no SC Internacional é o objetivo maior de 42,9% dos entrevistados. Entre os juvenis, observamos que 65% dos jogadores têm como projeto profissional principal se tornarem profissionais no SC Internacional. Já entre os júniores, temos 55% que almejam jogar nos profissionais do SC Internacional e 40% que têm a seleção brasileira como primeira expectativa da carreira futebolística.

Para os profissionais, como era esperado, e evidentemente por serem profissionais, desejam realmente jogar na seleção brasileira (93,8%). No entanto, esperávamos que o futebol do exterior e do eixo Rio-São Paulo fosse mais almejado por parte dos atletas, especialmente desta última categoria. Pois, entende-se que, muitas vezes, trabalhar no futebol paulista ou carioca representa maiores possibilidades de ser convocado para jogar na seleção brasileira, bem como de elevar o salário e/ou conseguir uma transferência para o futebol do exterior.

Com a finalidade de encontrar algum tipo de relação entre nível de escolaridade e expectativa profissional dos jogadores, realizamos cruzamentos com estas duas variáveis, inserindo a variável escolinha de futebol. Na tabela 07 (p. 194) percebemos que entre os jogadores cuja principal expectativa profissional é jogar nos profissionais do SC Internacional, 75% deles têm até o II Grau como nível de escolaridade, e 25% cursaram até I Grau. 88,9% dos atletas que almejam os profissionais do SC Internacional e que tem até o II grau passaram por escolinha de futebol. Estes dados revelam tendências interessantes que suscitam novas investigações.

Os atletas que têm o futebol do exterior ou do eixo RJ/SP como principal expectativa profissional é numericamente inexpressivo, sendo somente 06. Destes, 83% freqüentaram escolinhas de futebol.

Com relação aos atletas que têm na seleção brasileira suas maiores expectativas, temos o seguinte quadro: 85% com escolaridade até o II Grau passaram por escolinha. Daqueles com apenas o I Grau, 75% também freqüentaram escolinhas de futebol. Portanto, percebe-se que 80,8% dos atletas com expectativa na seleção nacional passaram por escolinha de futebol e apenas 19,2% não passaram por estas instituições de ensino de técnicas futebolísticas.

Entre os jogadores que passaram por escolinha, percebe-se que a seleção brasileira é a principal expectativa profissional (45,7%), seguida dos profissionais do SC Internacional (43,5%).

O que é expressivo é que 43,2% dos atletas que têm até o II Grau e que passaram por escolinha têm nos profissionais do SC Internacional seu maior projeto profissional. Com esta mesma escolaridade, temos 45,9% dos jogadores que almejam a seleção brasileira como o topo da carreira profissional.

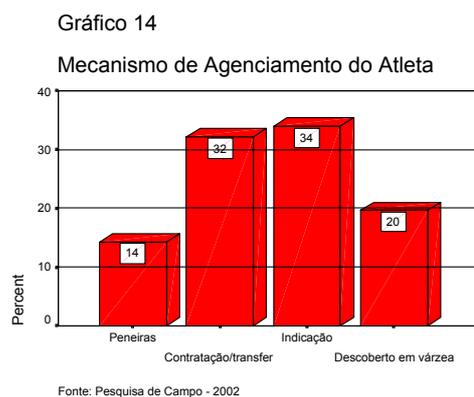
Entre aqueles jogadores que não participaram de escolinhas (10 atletas no geral), 60% têm até o II Grau. A sua maioria tem por objetivo principal jogar na seleção brasileira (50%).

## 5.2 Mecanismos de seleção e agenciamento de jogadores

O processo de agenciamento de jogadores pode ser realizado através de três modalidades principais: (a) peneira, (b) indicação e (c) contratação. O primeiro é mais tradicional e democrático, privilegia o talento e a habilidade do atleta. No entanto, apresenta baixo aproveitamento, o que tem levado à sua recente perda de importância. Cabe ressaltar que o aproveitamento de atletas que são testados nas peneiras é muito pequeno, o que tem sustentado a idéia de que é necessário abandonar este procedimento seletivo. Tomando como exemplo as peneiras realizadas no São Paulo Futebol Clube, Toledo destaca que

Embora seja uma via de muito apelo popular, teoricamente de fácil acesso à carreira de jogador de futebol, estatisticamente menos de 1% dos jogadores do São Paulo passaram por uma peneira no clube. Em 1995, por exemplo, de 3.500 garotos que se aventuraram nas 'peneiras' do São Paulo, cinco foram aproveitados. No ano de 1996, apenas dois permaneceram no clube num universo de mais de 4.000 garotos. O que não garante que cheguem às outras categorias (TOLEDO, 2002, p. 93).

Em 1999 o São Paulo testou cerca de 20 mil garotos, deles apenas 02 (dois) continuaram treinando no clube nas categorias de base, segundo João Fernandes, diretor técnico do São Paulo (Placar, 07/08/2001, p. 38-9). Portanto, conclui-se que nas peneiras é muito difícil encontrar um jogador promissor. Atualmente é muito difícil encontrar um jogador bom entre 14 e 15 anos que não tenha alguma ligação com clubes ou empresários.



Os principais mecanismos de agenciamento dos atletas são indicação (34%), contratação (32%), descoberto/recrutamento em várzea (20%) e as peneiras (14%). A indicação é mais freqüente entre os atletas juvenis. A contratação é o principal mecanismo de aquisição de atletas para a equipe profissional, através da qual são realizadas grandes transações.

Uma leitura geral da tabela 08 (p. 194) nos indica que os mecanismos principais de agenciamento de atletas são transferências (32,1%), indicação (32,1%), peneiras (14,3%) e descoberto em várzeas (14,3%). Entre as transferências incluem-se compras e empréstimos de atletas.

Na categoria juvenil temos 45% de atletas que ingressaram no SC Internacional via indicações de jogadores, empresários ou dirigentes. Cerca de 35% dos jogadores foram descobertos em várzeas, isso é bastante expressivo diante de um momento de comercialização de jogadores cada vez mais novos. Os dados mostram que as transferências por meio de compras de passes ainda são pequenas entre as categorias iniciais. Entre os júniores, a maioria entrou no SC Internacional por meio de indicação (35%) e 30% foram comprados. Aqui já é bem mais acentuada a prática de comercialização de jogadores. Dos profissionais, como era de se esperar, a transferência é o mecanismo predominante (56,3%). De fato, os jogadores nesta categoria são comprados ou emprestados, não se encontram jogadores feitos sem ligação com clubes ou empresários.

As peneiras são um mecanismo cada vez mais em desuso, pois se trata de um meio pouco produtivo (TOLEDO, 2002).

### 5.2.1 Seleção de talentos para categorias de base: as peneiras

Os jogadores talentosos são descobertos em idade precoce por olheiros e especialistas em várzeas, bairros, ligas, escolinhas e comunidades. Os olheiros buscam aqueles jovens que apresentam potencial para melhorar seu desempenho técnico e físico e dotados de habilidade. Os clubes investem em escolinhas de iniciação, dividindo os garotos em categorias específicas (escolinhas de 10 a 13 anos; pré-infantil de 14 anos; infantil de 15 anos; juvenil de 16 e 17 anos; e júnior de 18, 19 e 20 anos).

Atualmente, a maioria dos clubes utiliza fundamentos científicos para identificar os jogadores talentosos, deixando de lado a experiência e o empirismo, predominantes até os anos 70.

A seleção e a busca de atletas para as categorias de base constitui um processo permanente nos clubes, buscando atender necessidades coletivas e individuais. Os critérios gerais de seleção são: destreza, leitura de jogo, visão, interpretação, nível de potência, velocidade, estado emocional e combatividade.

Outros critérios são relevantes também, como: (1) capacidade coordenativa, (2) índice de lesões, (3) facilidade para assimilar esquemas e conhecimentos de treinamento, (4) disposição de treinamento, (5) histórico comportamental (CARRAVETTA, 2001a, p.78).

### 5.2.2 Seleção para reforço da equipe profissional: as contratações

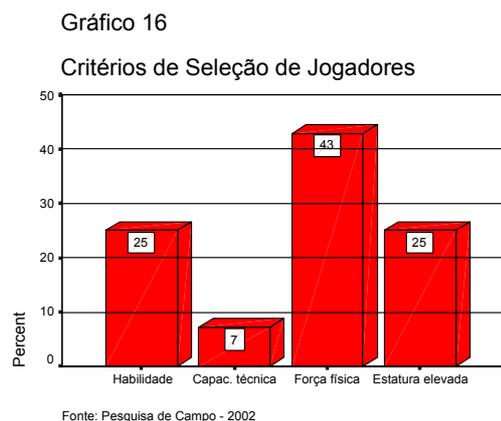
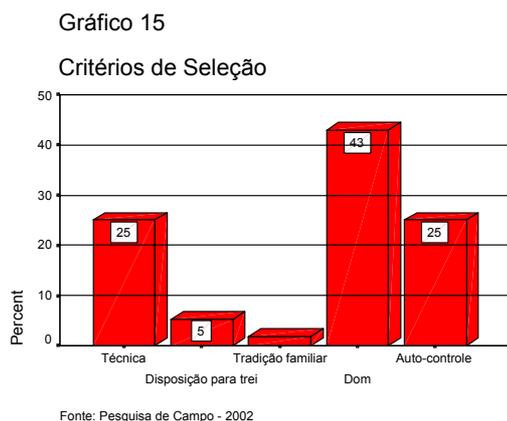
O treinador analisa o atual grupo e solicita reforços conforme sua convicção, finanças do clube e a qualidade do elenco. Recomenda jogadores com determinadas qualidades adequadas ao seu estilo de jogo e às características da competição. É evidente a preocupação com a identidade do clube, e com isso, com a manutenção de um *habitus* clubístico que incorpora tradições e história do time. Este é um traço que marca a filosofia de trabalho globalista do SC Internacional (CARRAVETTA, 2001a) e do Ajax FC (GRINVALD, 1998).

A seleção pode ser feita por profissionais credenciados que pesquisam no mercado, avaliam a situação financeira do clube, as características físicas e técnicas e táticas dos atletas exigidas pelo treinador, potencial de evolução e um histórico da conduta do atleta. Trata-se do

tipo de agenciamento de atletas por “contratação”. Por este meio, geralmente o atleta já chega pronto, formado nas categorias de base de outros clubes, e aí assina um pré-contrato profissional, depois se compra seu passe, sendo que ele é observado por cerca de três meses para ser dispensado ou contratado em definitivo. Pode ser ainda negociado com outro time menor ou maior. Neste caso, ou seja, por meio de contratação, o aproveitamento é de 80% (TOLEDO, 2002, p. 93).

### 5.2.3 Concepção dos jogadores sobre os critérios para se tornar jogador de futebol

Analisaremos agora a concepção dos atletas sobre os principais critérios de seleção.



O gráfico 15 mostra que 43% dos atletas consideram o dom como o aspecto mais importante no processo de seleção de jogadores. Trata-se de um atributo fundamental para alguém se tornar jogador de futebol, e também para se ter sucesso na carreira. A técnica e o auto-controle são igualmente importantes segundo 25% cada.

O gráfico 16 apresenta dados referentes aos aspectos considerados na seleção de jogadores. Notam-se algumas diferenças em relação o gráfico anterior. Possuir força física é o primeiro critério para 43% dos atletas. Este dado é revelador do estilo do SC Internacional, pois sua identidade é caracterizada basicamente pela força e dedicação em campo, bem como pela disciplina e aplicação dos esquemas táticos, algumas vezes com tendências defensivas.

Os dados também mostram o primado da força sobre a habilidade. Esta aparece como principal critério para 25% dos atletas, tendo a mesma importância que a estatura elevada (25%).

O entrevistado 01 enfatizou o comportamento do atleta fora de campo como sendo elemento importante na carreira de jogador de futebol. Além de preparo físico, habilidade, estatura, idade:

Hoje em dia, primeiramente tem que ser um profissional correto, porque atualmente não se depende só de habilidade, você tem que ter um extra-campo muito bom, acho que isso vale muito para ser um jogador de futebol hoje. ... acho que o comportamento fora de campo hoje é muito valorizado, os maiores jogadores são também excelentes fora de campo, se cuidam. O jogador tem que ter muito preparo físico para superar os 90 minutos, e está sempre correndo bem (Atleta 01).

Para outro atleta, os critérios de seleção mais importantes são: “preparo físico, habilidade, estatura, idade, é o conjunto deles, todos são relevantes”. Em outro momento da entrevista, referindo-se ao que é mais importante para se tornar jogador de futebol, o nosso entrevistado disse que: “Olha, talento e habilidade muita gente tem. Acho que o principal é a força de vontade, é está disposto a enfrentar, suportar todo tipo de dificuldade que aparece que são muitas” (Atleta, 02). Estas dificuldades inerentes à carreira de jogador de futebol estão ligadas aos sacrifícios aos quais faremos alusão mais adiante. É dentro desta concepção de que existem muitas dificuldades e que é necessário amor e dedicação ao futebol, que inserimos a noção de vocação (WEBER, 1968) como elemento essencial na formação de jogador de futebol, ou seja, é preciso ter o dom, considerar o futebol como uma causa, que tem valor em si, uma forma de proporcionar sentido à vida.

A tabela 09 (p. 195) indica a concepção dos atletas acerca dos principais critérios considerados na seleção de jogadores, bem como a importância de cada um para alguém se tornar jogador de futebol profissional.

Primeiro, cabe aqui apresentar os fatores mais representativos. O dom (42,9%) aparece como o principal. Portanto, possuir o dom é fundamental para alguém se tornar jogador de futebol profissional. Isso está em consonância com outros aspectos já mencionados que valorizam demasiadamente o dom. O dom parece ser mais importante para os atletas júniores (41,7%), profissionais (33,3%) e juvenis (25%).

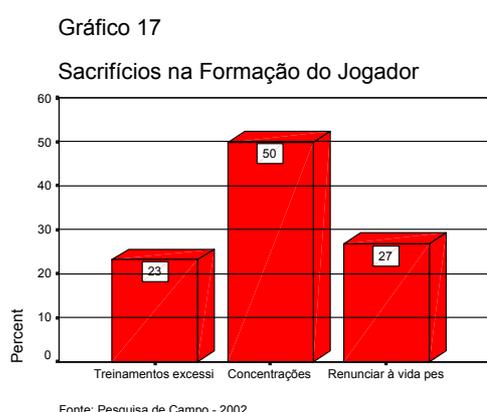
Ser disciplinado, possuir auto-controle (25%) é o segundo critério apontado como mais importante na seleção de jogadores de futebol. É importante frisar que este dado é muito expressivo como um todo, porém se concentra basicamente na categoria juvenil. Logo, sugere-se que os atletas de menor idade e com pouca experiência consideram que o auto-

controle é mais importante na definição da carreira de jogador de futebol, sendo considerado até mais relevante do que o dom.

### 5.3 Poder e controle no processo de formação do jogador de futebol

#### 5.3.1 Sacrifícios na formação do jogador de futebol

A respeito dos principais sacrifícios na formação do jogador de futebol, podemos perceber que as concentrações aparecem com 50% das opiniões dos atletas. Em segundo lugar vem a separação da família e a renúncia à vida pessoal (27%). Os treinamentos são o terceiro maior sacrifício (23%).



A lógica do sacrifício é inerente aos treinamentos esportivos. Nestes o corpo é visto como objeto manipulável e operacionalizável, comparável a uma máquina. Então, sendo o corpo comparável a uma máquina, deve-se lembrar que possui peças substituíveis, reparáveis em caso de problemas de funcionamento.

Uma análise profunda desta questão pode nos levar a entender que o jogador perde parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida em decorrência do crescimento do controle que os clubes assumem sobre o mesmo. Isto continua sendo substancial mesmo depois da abolição do passe, pois os treinamentos e as concentrações consomem muito tempo da vida dos jogadores. Portanto, o processo de formação do jogador de futebol é especial,

exige enormes sacrifícios por parte do atleta. Isso precisa ficar evidente para combater o discurso do senso comum segundo o qual a vida de jogador de futebol é moleza, formada por jogos, brincadeiras, apenas por momentos agradáveis. Os sacrifícios mencionados anteriormente podem ajudar-nos a explicar as razões porque a grande maioria dos jogadores de futebol no Brasil tem origem nas classes menos abastadas, médias e populares. Pois, segundo Medina (2001)<sup>49</sup>, os jovens de famílias ricas mostram menor disposição em se submeterem ao conjunto de exercícios, esforços e sacrifícios inerentes ao mundo do futebol, especialmente ao futebol profissional. Esta tese, para ter credibilidade, requer outros estudos empíricos mais acurados, o que não pode ser feito nos limites do presente trabalho, e nem está dentro dos nossos propósitos. Entretanto, acreditamos que há realmente lógica nesta tese.

As concentrações (50%) são o principal sacrifício na formação e na carreira do jogador de futebol. Só isso já caberia um estudo específico a seu respeito. Infelizmente não podemos aprofundar estas questões no presente trabalho. Renunciar à vida pessoal (26,8%) aparece como o segundo maior sacrifício para os entrevistados. Os treinamentos (23,2%) são o terceiro maior sacrifício na vida do jogador de futebol. Estes dados o leitor poderá encontrar na tabela 10 em anexo (p.195).

O leitor pode observar que as concentrações são o maior sacrifício apenas nas categorias juvenil (55%) e júnior (60%). Estes consideram também que renunciar à vida pessoal (30%) é um grande esforço, um verdadeiro sacrifício. Diferentemente desta, a categoria juvenil (25%) considera que os treinamentos também são um sacrifício. Para 37,5% dos atletas profissionais, os treinamentos constituem o principal esforço na carreira do jogador de futebol.

É importante frisar que a profissão de jogador de futebol exige realmente sacrifícios. Com isso, resta-nos analisar quais seriam os maiores, bem como eles são enfrentados pelos atletas.

É ilustrativo o depoimento de um dos nossos entrevistados. Primeiro ele afirma que: “... acho que o jogador de futebol hoje em dia tem que ser extra-campo muito bem de cabeça, se cuidar, porque como você falou a gente trabalha com o corpo, então se a gente não cuidar dele, se sair a noite, beber e comer coisas ruins, então a gente não vai a lugar nenhum. É preciso um cuidado grande extra-campo para render em campo” (Atleta 01). Isso ilustra um pouco os cuidados com os quais convivem os atletas. Trata-se de um amplo controle social. O

---

<sup>49</sup> Entrevista concedida ao autor em 24/11/2001.

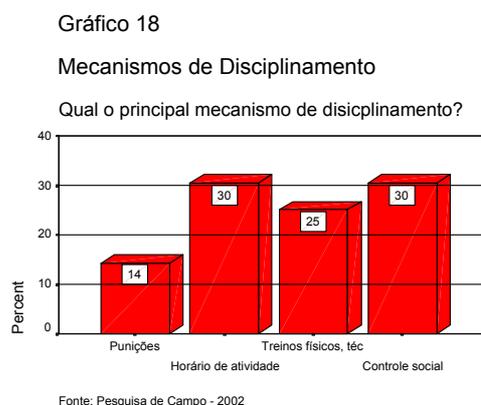
futebol demanda uma conduta mais ampla do que as atividades de preparação para o jogo. É um controle da alma e do corpo, tal como lembra Foucault (1987, 1989).

Além de sacrifícios, pode-se evocar alguns aspectos educativos do futebol, sendo esta a dimensão que se assume, aqui, como civilizatória. Vejamos a opinião de um atleta sobre isso: “No futebol a gente aprende muito. A gente aprende a obedecer horários certos, comportamentos corretos, então tudo isso nos ensina a gente ser um cara responsável acima de tudo. Então a gente sabe que aqui no Internacional não se forma, não se cria apenas jogador de futebol, mas pessoas com muitas responsabilidades. Cidadãos responsáveis” (Atleta, 01).

### 5.3.2 Mecanismos de disciplinamento do jogador de futebol

O leitor já deve ter percebido que um dos fios condutores deste trabalho é a idéia de que a formação do jogador de futebol consiste num processo de disciplinamento, o qual é paradoxalmente, repressivo e civilizatório. Constitui um contínuo processo de aquisição de técnicas, conhecimentos e habilidades.

Alguns dos mecanismos disciplinadores podem ser classificados como dispositivos modernos.



Tomando como base a concepção dos jogadores sobre os principais mecanismos que disciplinam e ao mesmo tempo, produzem e modelam os corpos dos jogadores, pode-se observar que o controle social é o principal dispositivo de disciplinamento. Isso, obviamente, para 61% dos atletas. Por controle social entendam-se regras e normas inerentes à organização

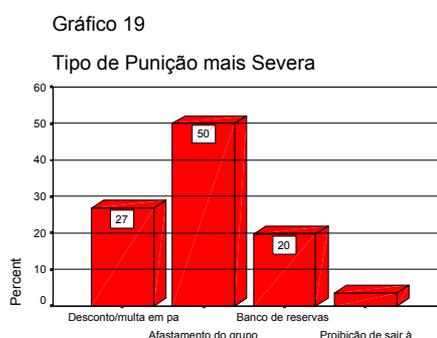
do clube, horário de atividades, proibições de sair à noite, de dar entrevistas sem autorização, além de outras questões. Com isso, podemos cogitar que o atleta é controlado pelo clube, sendo subordinado aos interesses maiores. Este poder transcende ao futebol.

O conjunto de treinamentos físicos, técnicos e táticos é outro mecanismo disciplinador, sendo o principal para 25% dos entrevistados. Trata-se de uma preparação e formação do corpo do atleta para render o máximo em campo, tornando o corpo dócil e rentável em termos econômicos. Aqui podemos fazer alusão à abordagem de Foucault (1987, 1989) acerca da docilidade de corpo moderno. Os treinamentos objetivam colocar o atleta em “forma”, aumentar o rendimento do jogador em campo, tornando-o mais produtivo.

A repressão é o terceiro mecanismo de disciplinamento, sendo o primeiro para 14% dos atletas. Cabe aqui especificar melhor o que se entende por repressão. Trata-se de punições. Estas geralmente são sanções diretas, como multas por atrasos aos treinos, multas quando o atleta recebe o terceiro cartão amarelo sem justificativa ou é expulso. Entre as punições está também o afastamento do grupo, colocar o jogador para treinar separado. O banco de reservas é entendido também como punição, às vezes quando o jogador se desentende com o técnico ou quando não consegue render o esperado.

### 5.3.3 Punições

Neste tópico, analisaremos as punições aplicadas aos jogadores de futebol. Primeiro, vejamos o que os jogadores entendem como principal punição sofrida pelo atleta.



No gráfico 19 o afastamento do grupo é a punição mais severa para 50% dos atletas entrevistados. Neste caso, se trata de colocar o atleta para treinar só, ou até mesmo nem ser escalado para o banco de reservas. Isso ocorre com bastante frequência quando o time muda de técnico, pois geralmente há mudanças nos esquemas táticos e na filosofia de trabalho. Então cada técnico escolhe atletas com perfil adequado ao seu time, aqueles que não atendem às suas exigências são deixados de lado.

As multas são punições freqüentemente utilizadas. Trata-se de um aspecto importante do futebol moderno, sendo um mecanismo de controle e domínio sobre o atleta. A cartilha do jogador-disciplinar utilizada por alguns clubes brasileiros a partir da década de 90 contempla a multa como dispositivo de punição e, conseqüentemente, de disciplinamento do jogador. Grandes clubes adotaram a cartilha disciplina, como Palmeiras, Flamengo, Corinthians e SC Internacional (TOLEDO, 2002, FLORENZANO, 1998).

O banco de reservas é um tipo de punição aplicada aos jogadores. Para 20% se trata da mais severa das punições. Muitas vezes ser colocado no banco significa obscurecer os horizontes da carreira, tendo eventuais prejuízos para o futuro do atleta. Uma possível conseqüência pode ser a desvalorização de seu passe, e até do salário, pois os atletas que atuam como titulares têm mais visibilidade e, assim, maiores chances de crescimento no mundo futebolístico. É a partir destes pressupostos que se pode elaborar uma explicação para o fato de banco de reservas ser considerado um tipo de punição.

As concentrações são uma forma tradicional de controle do clube sobre o jogador.

Ao indagar sobre qual a maior punição aplicada ao jogador, obtivemos as seguintes respostas. O leitor pode observar na tabela 11 (p. 196, em anexo) como os atletas se pronunciaram acerca das mais severas punições no futebol. Primeiro, vale ressaltar que o afastamento do grupo (50%), descontos e multas (26,8%) e o banco de reservas (19,6%) são os principais tipos de punições.

A variação entre as categorias é a seguinte. Os juvenis (60%) tendem a considerar que o afastamento do grupo é a maior punição aplicada ao jogador. Entre os júniores esta visão é mais acentuada (65%). Para 43,8% dos atletas profissionais os descontos e as multas em parte do salário aparecem como a maior punição. Isso se deve ao fato de que se trata de uma prática freqüente, sendo sempre aplicada quando eles perdem treinos, atrasam ou se comportam mal. O banco de reservas, como era de se esperar, aparece como a principal punição para 31,3% dos profissionais. Nenhum jogador deseja o banco de reservas, pois este alude também à idéia de inutilidade, desprestígio.

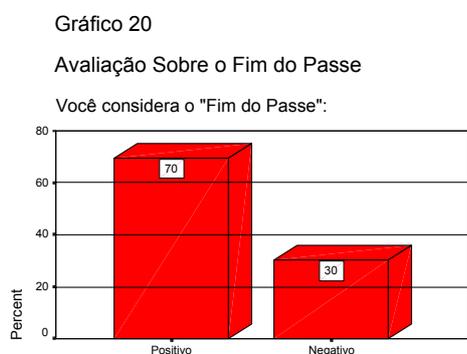
### 5.3.4 O passe como mecanismo de controle: a visão dos jogadores sobre o fim do passe

Um dos temas mais relevantes nas discussões acerca da modernização do futebol brasileiro nas últimas décadas é o fim do “passe”. A Lei Pelé, denominação dada à Lei nº. 9.615/03/1998, estabelece que os atletas profissionais de futebol, de qualquer idade, terão liberdade de assinar contratos com os clubes que oferecerem melhores propostas. O vínculo que garantia ao clube a força de trabalho do atleta, permitindo até mesmo vendê-lo, está abolido. Ao término de cada contrato, o atleta profissional tem liberdade de procurar outra entidade desportiva ou permanecer na mesma em caso de acerto de ambas as partes.

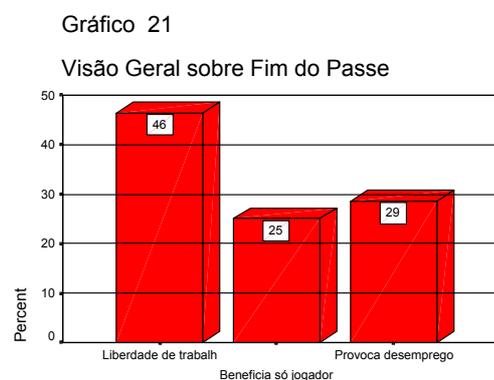
Numa linguagem simplista, pode-se dizer que esta lei veio rever a condição de mercadoria a que estava submetido o jogador de futebol. Este deixa de ser patrimônio do clube para se tornar empregado, trabalhador da bola, dotado de liberdade.

Muitas controvérsias e discussões vieram à tona após a promulgação da referida lei, porém não se tem um consenso sobre suas reais conseqüências no futebol brasileiro. Não há estudos que apontem claramente os impactos que terá no mercado futebolístico brasileiro. Sabe-se que deve mudar a política de formação de jogadores por parte dos clubes.

Vejamos o que pensam os jogadores entrevistados sobre o fim do “passe”. O gráfico 20 apresenta duas visões antagônicas. Para 70% dos atletas o fim do “passe” é positivo. Estes acreditam em futuras melhoras no futebol, diferentemente dos 30% de pessimistas que avaliam negativamente o mesmo fenômeno.



Fonte: Pesquisa de Campo - 2002



Fonte: Pesquisa de Campo - 2002

Tentando captar melhor a avaliação dos atletas sobre os impactos do fim do “passe”, a pesquisa, por meio de questionário fechado, sugeriu algumas alternativas. Vejamos, em termos percentuais, como estas alternativas foram recebidas pelos atletas.

O gráfico 21 revela que o fim do “passe” representa liberdade de trabalho para 46% dos jogadores. Trata-se de um dado significativo, manifestando otimismo quanto ao processo de modernização das leis trabalhistas no universo do futebol. Entre estes otimistas, a maior parcela é formada pelos atletas profissionais, os que mais sentem diretamente as conseqüências da nova legislação.

Por outro lado, percebe-se que 29% dos atletas são pessimistas em relação ao futuro do mercado futebolístico nacional com a entrada em vigor do fim do “passe”. Segundo eles, o fim do “passe” significa desemprego. Os jogadores perderão o vínculo com o clube e ficarão mais facilmente esquecidos do mercado, podendo abreviar a duração da carreira. O que é lastimável, porém possível de acontecer mesmo.

Há uma parcela significativa de jogadores que avaliam o fim do “passe” da seguinte forma: beneficiará apenas jogadores famosos (25%).

Alguns cruzamentos foram realizados tomando como categoria chave a concepção sobre o fim do “passe”.

A tabela 12 (p. 197, ver anexo) apresenta, em termos de tendências, eventuais relações entre escolinha de futebol, renda familiar e a concepção dos atletas sobre o fim do “passe”.

Os jogadores provenientes de famílias com renda entre 1 a 3 salários mínimos na sua maioria passaram por escolinhas de futebol (66,7%). Destes, 50% consideram que o fim do “passe” provoca desemprego no futebol, enquanto que para 25% dos atletas o fim do “passe” significa liberdade de trabalho e benefício apenas para jogadores famosos é o que pensa 25% dos jogadores. Portanto, dentro do universo de atletas com menor renda familiar, a visão predominante sobre o fim do “passe” é desemprego (44,4%) e liberdade de trabalho (38,9%).

Podemos observar que 56,3% dos atletas que passaram por escolinha e que tem renda familiar de 4 a 6 salários mínimos consideram que o fim do “passe” beneficiará apenas os jogadores famosos. 25% dos atletas que passaram por escolinha e com este mesmo nível de renda familiar avaliam que o fim do “passe” proporcionará liberdade de trabalho no futebol.

Para 61,1% dos atletas que passaram por escolinha, com renda familiar acima de 7 salários consideram que o fim do “passe” dará liberdade de trabalho aos jogadores de futebol. Mesmo não tendo passado por escolinha, todos os atletas com esta mesma renda familiar têm também esta mesma concepção.

A tabela 13 (p. 198, ver anexo) é bem mais detalhista e informativa do que a anterior. Indica o que as três categorias avaliam e pensam sobre as conseqüências do fim do “passe”. A opinião predominante é de que os atletas ganharão mais liberdade de trabalho (46,4%). Outras opiniões são importantes, como a possibilidade de beneficiar apenas os jogadores já consagrados no futebol (25%) e de se tratar do fim de uma garantia de emprego (25%), que na prática seria desemprego. Para 40% dos atletas juvenis o fim do “passe” beneficiará apenas os jogadores famosos. Isso explica porque eles consideram o fim do “passe” negativo. Como se sabe, nesta categoria o mercado futebolístico não oferece grandes possibilidades, praticamente não há remuneração, nem competições muito valorizadas. Tendo isto em mente, pode-se afirmar que são raros os atletas juvenis já famosos. Nesta mesma categoria, uma significativa parcela, algo em torno de 30%, considera que o fim do “passe” dará liberdade de trabalho aos jogadores de futebol.

Os júniores avaliam que o fim do “passe” implica em liberdade de trabalho (45%) e desemprego (35%). Trata-se de uma visão positiva, porém bastante cautelosa, reforçando a resposta anterior, em que 75% deles responderam que o fim do “passe” é positivo. A avaliação mais otimista é aquela defendida pelos atletas profissionais. Segundo 68,8% dos jogadores profissionais, liberdade de trabalho será o principal resultado do fim do “passe”. Isso é interessante e reforça o argumento anterior de que mais de 90% dos profissionais avaliam positivamente o fim do “passe”.

Vejamos o depoimento de um atleta sobre o fim do “passe”, onde se percebe muito pessimismo e cautela:

Depende, acho que a Lei do “Passe” é muito boa para quem já tem seu nome feito no mercado do futebol, porque ele vai ficar livre, vai para o time que quiser. Mas para jogadores do interior que não tem seu nome feito, que ainda não jogou em equipes boas como a equipe do Inter, vai ser muito ruim porque eles não têm seu nome feito, então vão ter que correr atrás de clubes, eu acho que para esses jogadores mais humildes, mais simples, vai ser muito ruim (Atleta 01).

Por outro lado, alguns atletas apresentam visão otimista em relação aos impactos provocados pelo fim do “passe”. Vejamos um deles:

Será melhor não só para o jogador, mas para o clube também, porque o jogador fica na obrigação de estar sempre bem, sempre trabalhando para que consiga sempre contrato, sempre clubes interessados e com certeza vai ser bom para o jogador e para o clube. Essa lei faz com que o jogador trabalhe e fique sempre em boas condições para que sempre tenha portas abertas e clubes interessados, porque pode ser que ele fique desempregado e esquecido do mercado (Atleta, 02).

Apresentaremos outras opiniões sobre o fim do passe para que o leitor possa perceber como se trata de uma questão ainda muito controversa. Veja algumas:

“O fim do passe é negativo porque muitos jogadores encerrarão a carreira” (Atleta, 11).

“Positivo, ele se torna dono dele mesmo” (Atleta, 23).

“Negativo, alguns jogadores ficam sem clube de futebol onde trabalhar” (Atleta, 26).

“Negativo, alguns ficam desempregados” (Atleta, 28).

“Negativo, porque prejudica a maioria dos atletas e favorece apenas os grandes jogadores” (Atleta, 15).

“Você mesmo negocia o seu passe” (Atleta, 14).

“Livre comércio” (Atleta, 21).

“Positivo, é onde o jogador vê qual lugar é melhor para ele trabalhar” (Atleta, 01).

Como se percebe, as opiniões se dividem entre liberdade de trabalho e desemprego. No entanto, é necessário ressaltar que os impactos que a nova legislação trabalhista terá no mercado de trabalho e na política de formação de jogadores nos clubes ainda são desconhecidos. A lei que garante o fim do “passe” tem pouco mais que um ano de vigência, e além do mais, vem sendo constantemente desrespeitada por parte de empresários e dirigentes de clubes. Portanto, é preciso aguardar mais para se poder fazer uma análise mais consistente.

#### 5.4 O sistema holístico e o novo jogador de futebol no SC Internacional

##### 5.4.1 Os novos modelos de treinamento, o cine-vídeo, a psicologia e o serviço social

O sistema globalista de recrutamento, treinamento e formação de jogadores adotado no SC Internacional a partir de 1997 apresenta algumas características importantes que merecem ser analisadas.

A tabela 14 (p. 198), mostra possíveis diferenças entre os modelos de treinamento orientados pelo sistema globalista em relação a outros sistemas. Trata-se da opinião dos jogadores sobre as técnicas de treinamento no SC Internacional pós-1997. Para 67,9% dos jogadores entrevistados, no SC Internacional se recebe formação ampla (globalista), os

treinamentos são elaborados a partir de estudos científicos. Enquanto que para 26,8% dos atletas não existem diferenças substanciais entre os modelos de treinamentos do SC Internacional em relação aos outros clubes.

Mesmo sem nos deter numa análise estritamente quantitativa, buscaremos apontar algumas tendências a partir da tabela 15 (p. 199). Foram colocados alguns dos aspectos que formaram a nova estrutura do departamento de futebol no SC Internacional, sob coordenação de João Paulo Medina. Entre todos elementos presentes na tabela, os apontados como mais importantes são serviço social (30,9%), treinos com cesta e paredão metálico (25,5%), psicologia (20%) e gravação dos treinos (12,7%). Os juvenis responderam serviço social e treinos com cesta e paredão metálico como sendo as mudanças mais relevantes no novo departamento de futebol. Para os júniores o serviço social apresenta-se como a inovação mais importante. Já os profissionais apontaram a psicologia e os novos modelos de treinamentos com cesta e paredão metálico como inovações positivas dentro da modernização globalista.

Ao avaliar os resultados do sistema globalista de recrutamento e formação de jogadores de futebol, os atletas revelaram que o que melhor funcionou foi a dimensão técnica, tática e física (50%) e o sistema de formação global, ou seja, os serviços de formação extra-campo (11%). Neste último, pode-se apontar serviço social, psicologia, cine-vídeo, informatização do departamento de futebol, entre outros. A tabela 16 (p. 199) informa que os jogadores juvenis consideraram que melhorou realmente a parte de preparação física, técnica e tática, além da dimensão emocional, especialmente com o auxílio da psicologia e do serviço social. A maioria da categoria júnior (40%) tem a mesma concepção da maioria dos juvenis (70%). Os profissionais apontaram como resultados melhores a formação globalista/auxílio extra-campo (45,5%) e os aspectos físico, técnico, tático e emocional (21,4%).

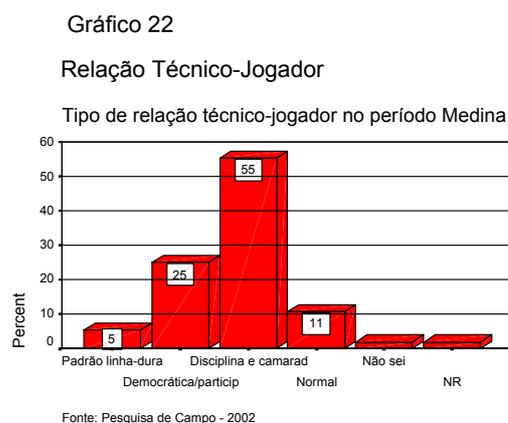
A tabela 17 (p. 200) mostra como os atletas receberam o projeto modernizante implementado no SC Internacional a partir de 1997. Percebe-se que a participação do atleta na definição do esquema de jogo (44,6%) consiste na mudança que mais agrada aos atletas, seguida das palestras, e serviços social e de psicologia (35,7%). Isso sugere que houve de fato mudança não apenas na dimensão técnica, mas sobretudo no aspecto das relações humanas e na dimensão educativa inerente ao processo de formação do jogador, o qual é antes de tudo um processo civilizatório. Aqui se pode aludir às abordagens de Elias (1992a) e de DaMatta (1994) que enfatizam a dimensão pedagógica do esporte. Esta mesma dimensão pode ser encontrada em outros autores, como Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), que mostram a importância do esporte enquanto formador de atitudes, valores, regras, comportamentos e, também, com papel relevante no processo civilizador ocidental.

Para 60% da categoria juvenil as palestras e o serviço de psicologia formam os elementos mais importantes da modernização do departamento de futebol. O padrão de relação democrático e a participação do atleta na definição de esquemas de jogo é o que mais agrada a 50% dos atletas júniores neste mesmo projeto modernizante. Sobre este mesmo aspecto, os profissionais têm pensamento semelhante, pois 50% deles responderam a mesma alternativa.

#### 5.4.2 Relação técnico-jogador

Os atletas acreditam que a relação técnico-jogador melhorou com o processo de modernização no departamento de futebol do SC Internacional.

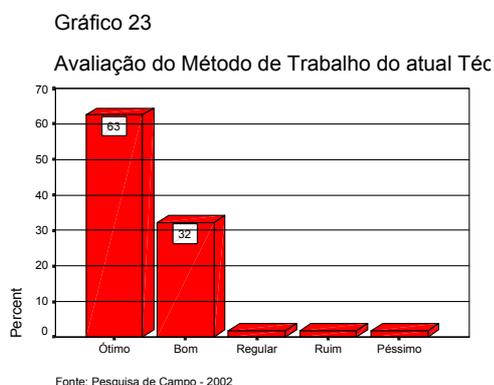
No gráfico 22 o leitor encontra informações referentes aos tipos de relação técnico-jogador segundo os entrevistados.



Conforme 55% dos atletas a relação é de disciplina e camaradagem. Trata-se de um clima de amizade e trabalho, compreensão mútua e respeito. Já para 25% dos atletas predomina um tipo de relação democrático e de participação do atleta na definição dos esquemas táticos. Parece que este tipo de relação insere-se na perspectiva globalista de formação e recrutamento de jogadores, onde se busca produzir um jogador inteligente, participativo, e acima de tudo, um cidadão consciente de seu papel (CARRAVETTA, 2001a e 2001b), o mesmo modelo que é dominante no Ajax FC (GRINVALD, 1998, GIULIANOTTI, 2002). A cognoscitividade do atleta é bem mais trabalhada do que na filosofia de trabalho orientada pela teoria mecanicista.

### 5.4.3 Esquemas táticos

Com a finalidade de analisar a concepção dos atletas sobre eventuais alterações no método de trabalho do atual técnico do SC Internacional, indagamos da seguinte forma: Como você avalia o método de trabalho do atual técnico do SC Internacional? Cerca de 63% responderam que se trata de um ótimo método de trabalho, e 32% apontaram que é bom.



Uma avaliação mais detalhista, e evidentemente mais específica, nos permitiu captar o esquema tático predominante no SC Internacional no primeiro semestre de 2002, momento no qual o técnico Guto Ferreira estava no comando da categoria profissional. Confira os dados no gráfico 24.

Sobre os esquemas táticos, as respostas obtidas foram: 36% afirmaram que a orientação tática é jogar de acordo com a competição, ou seja, montar esquemas para cada adversário. Na linguagem do futebol seria “jogar com o regulamento”. Com isso, pode-se sugerir que o treinador é flexível, busca adequar sua equipe aos diferentes contextos e momentos vividos pelo clube. Talvez este seja um indício da fase pós-moderna do futebol (GIULIANOTTI, 2002). No entanto, considera-se que trabalhar com a tática de análise de Giulianotti, sociólogo holandês que pesquisa o futebol a partir de três fases: tradicional, moderna e pós-moderna, não é adequada para nossos objetivos.

Para 27% dos atletas não houve mudança na filosofia de trabalho, continuam os mesmos esquemas táticos. Já 23% responderam que agora se vive o famoso futebol-total,

aquele mesmo que fez sucesso no Ajax FC e na seleção holandesa na década de 70. Trata-se de um esquema onde todos se movimentam e não há posição definida, os atletas, além de bem preparados fisicamente, precisam ser polivalentes. Nos anos 70, o técnico Rubens Minelli tentou se aproximar deste tipo de esquema, formando um dos maiores times do SC Internacional, capaz de ganhar três títulos brasileiros, chamava-se máquina vermelha. Investigar a influência do futebol holandês no time do SC Internacional na década de 70 pode ser um empreendimento interessante, e aqui sugerimos aos interessados na análise social do futebol tal empresa como uma agenda de pesquisa.

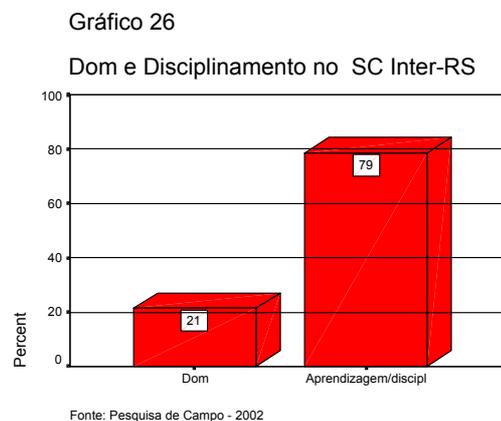
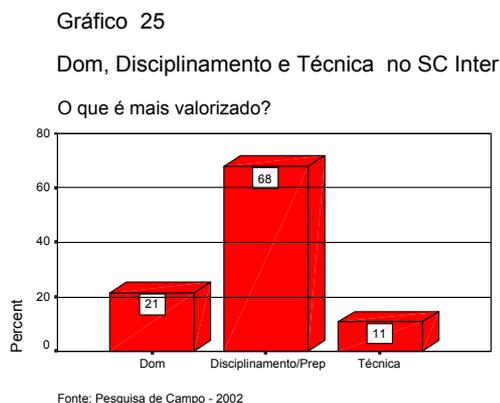
#### 5.4.4 Dom e aprendizagem

Durante este trabalho tentou-se evitar abordagens dicotômicas e simplistas. O leitor deve ter percebido que um argumento fortemente defendido ao longo do trabalho é o de que o processo de formação do jogador de futebol consiste no aperfeiçoamento do dom, no disciplinamento e no ensino de táticas e técnicas futebolísticas ao atleta. Entende-se que tal processo implica numa formação profissional específica. O dom e a vocação para o futebol não excluem a aprendizagem nem o disciplinamento. Por isso, trabalha-se com o pressuposto, de certo modo weberiano, segundo o qual o dom e a vocação são pontos de partida para qualquer carreira profissional. Da mesma forma que o cientista alemão ou americano dedica-se à ciência orientado pela vocação, sem menosprezar a academia e o aprendizado, assume-se, aqui, que o jogador de futebol mesmo possuindo o dom recebe uma formação específica, através da qual internaliza regras e aprende a se comportar dentro de campo, ou seja, a jogar futebol.

Os atletas tendem a apresentar visões dicotômicas quando indagados sobre dom, técnica e aprendizagem. Apresentaremos no próximo gráfico como os atletas avaliam a importância destes aspectos no processo de formação de jogadores de futebol no SC Internacional.

Os dados do gráfico 25 apenas confirmam o que nossa hipótese sugeria. O disciplinamento/preparação/aprendizagem aparece como elemento mais valorizado na concepção de 68% dos entrevistados. Estes entendem que o SC Internacional é tradicionalmente um clube onde a disciplina tem valor fundamental, bem como a aplicação

tática. O dom é mais valorizado segundo 21% dos pesquisados. A técnica aparece em terceiro lugar, sendo valorizada apenas por 11% dos jogadores.



O gráfico 26 revela posições mais simplistas. Trata-se de um simples agrupamento das categorias disciplinamento e técnica, pois se entende que ambas guardam certas semelhanças, portanto, são passíveis de aproximação. Percebe-se que o dom continua em segundo plano, com 21% e a aprendizagem/disciplinamento com 79%. Não se sabe ao certo se estes dados nos permitem enveredar num debate dicotômico e reducionista, porém interessante, sobre futebol-arte e futebol-força, evocando dois grandes paradigmas de pensamento do futebol brasileiro. Parece que a valorização do disciplinamento e da aplicação tática em detrimento do dom, arte e improviso, significa a adoção do futebol-força. Neste, a preparação física tem função notável, sendo decisiva para conseguir bons resultados.

O dom seria característico daqueles clubes que adotam o futebol-arte? Evidentemente que não necessariamente. Mas, tendo este modelo em mente, poder-se-ia dizer que o SC Internacional seria adepto do futebol moderno, de escola, ou seja, o futebol-força, muito ancorado em modelos europeus e de países como Uruguai, Argentina e Paraguai. Se aceitarmos este argumento, facilmente justificaremos o primado do disciplinamento/treinamento sobre o dom. Entretanto, esta questão é muito mais complexa, e assim, inesgotável num trabalho dessa natureza.

Damo (2002a) adota este esquema de análise para discutir a questão regional, a identidade regional gaúcha. No entanto, não se pretende realizar discussão semelhante, pois a

presente pesquisa tem alcance limitado. Mesmo assim, considera-se relevante e necessário um estudo específico que permita comparar estilo de jogo entre clubes de alguns estados brasileiros. Talvez este seja um dos nossos futuros empreendimentos, até porque a sociologia do futebol necessita de estudos sobre estilo de jogo e estética no futebol.

A tabela 18 (ver anexo, p. 200) indica que a concepção sobre dom e aprendizagem no SC Internacional varia conforme a categoria do atleta. Percebe-se que 75% dos atletas juvenis acreditam que a disciplina e o processo de preparação física é o elemento mais valorizado. Sobre este aspecto, a categoria júnior tem visão semelhante, cerca de 70% deles responderam a mesma alternativa. Este dado revela a tradição neste clube gaúcho em valorizar a preparação física e a disciplina tática, caracterizando seu estilo de jogo marcado sobretudo pela força e marcação. Podemos classificar o seu estilo futebolístico, ou *habitus*, como futebol-força, sinônimo de futebol moderno, orientado por esquemas táticos rígidos. Esta classificação não exclui a habilidade, o dom e a arte de alguns jogadores que jogaram e/ou que atuam no SC Internacional.

A categoria profissional apresenta concepção diferente das categorias anteriores. Para 56,3% dos atletas profissionais, a disciplina e a preparação são os elementos mais valorizados no SC Internacional. Desta mesma categoria, 37,5% acreditam que o dom é mais importante do que a disciplina e a técnica. O que pode ser explicado por uma certa tentativa de valorização de atributos naturais dos profissionais, reforçando o argumento de que o jogador é um gênio, nasce sabendo jogar futebol.

#### 5.4.5 A construção do *habitus* futebolístico do SC Internacional

Historicamente o futebol do Rio Grande do Sul é caracterizado pela disposição de luta, força, marcação e muita disciplina. E evidentemente, um futebol onde os clubes valorizam mais a preparação física e a aplicação tática. Portanto, a “escola gaúcha” (TOLEDO, 2002) de jogar futebol apresenta peculiaridades que a diferencia em muito das escolas “carioca”, “paulista”, “baiana”. A valentia e a força são traços da identidade gaúcha, parecem atributos historicamente valorizados pelos gaúchos. Levando em conta o que foi dito acima, pode-se dizer que o futebol é também um excelente tema para se discutir a identidade regional. Esta é uma tarefa que Damo (2002a, p. 131-132) empreendeu, em parte, na sua dissertação de mestrado em antropologia social. Ele discute que razões culturais e geográficas

podem explicar o estilo gaúcho de jogar futebol, ressaltando ainda que se trata muito mais de um culto às tradições do que a forma como realmente os times do sul jogam em campo. O isolamento geográfico do Rio Grande do Sul em relação aos estados onde se pratica um futebol diferente, fundado mais na habilidade individual do que na preparação física e na aplicação tática, como Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia deve ser levado em conta como variável explicativa das peculiaridades regionais. Além disso,

Outros fatores como o clima hostil – frio, chuvoso, etc. -, por extensão, os gramados enlameados do interior do Estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isso teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro (DAMO, 2002a, p. 132).

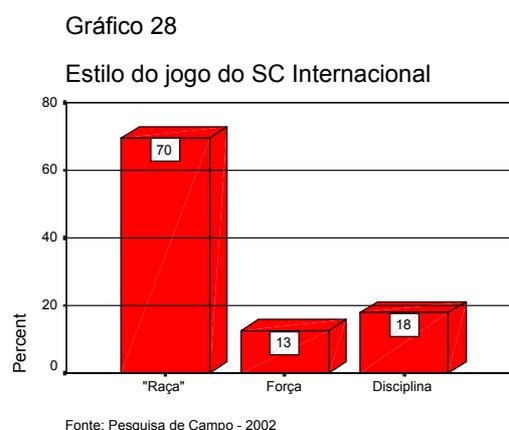
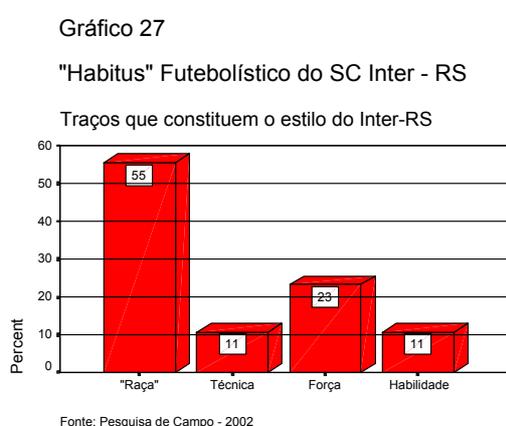
Os técnicos e jogadores dos times gaúchos lembram que para se obter sucesso no campeonato estadual, especialmente quando se referem aos clubes do interior do estado, é necessário força, vontade e muita preparação física, pois os campos ruins do interior e as constantes chuvas são obstáculos à habilidade e ao jogo leve. Com isso, procuram justificar o primado pela força e preparação física. A proximidade de países como Argentina, Uruguai e Paraguai é constantemente evocada pelos especialistas para explicar o estilo gaúcho de jogar futebol.

No entanto, mesmo que o futebol dos pampas seja reconhecido como diferente, para alguns até oposto ao estilo brasileiro de jogar, conhecido como “futebol-arte”, não se pode esquecer dois fatos na história do nosso futebol interessantes para se pensar estas questões: (1) Trata-se do II Campeonato Pan-Americano, realizado no México em 1956, no qual a seleção gaúcha representou o Brasil e conquistou o título; (2) Nas Olimpíadas de Los Angeles, realizadas em 1984, o time do SC Internacional representou a seleção brasileira, tendo conquistado a medalha de prata, sendo vice-campeã. Desta equipe participaram Dunga e Gilmar, atletas formados no SC Internacional (DAMO, 2002a, OSTERMANN, 1999, BRAGA, 2000). Caberiam alguns questionamentos sobre as razões destes acontecimentos.

Voltando ao debate específico sobre o estilo de jogo do SC Internacional, desejamos ressaltar que procuraremos entender o estilo deste clube como sendo formado pelas tradições, identidades, práticas e representações de suas formas de jogar. Os esquemas táticos são colocados em prática somente quando os atletas os internalizam, incorporam em seus corpos, tornando-os disposições e esquemas de ação. Sendo assim, sugerimos a tese de que os atletas incorporam um determinado *habitus*, ou seja, regras, normas e representações necessárias para atingir determinado fim, sendo elas orquestradas coletivamente, o que lembra o conceito

de Bourdieu trabalhado por Miceli (1999, p. XL). Com isso, defende-se o argumento de que algumas formas de jogo constituem um *habitus*, o qual é incorporado pelos atletas ao longo dos treinamentos e exteriorizados nos jogos. Os atletas são agentes da estrutura social (esquemas/estilo de jogo do clube) e criadores desta (BOURDIEU, 1999).

Os gráficos 27 e 28 ilustram os principais traços que caracterizam o estilo de jogo do SC Internacional, ou seja, seu *habitus* futebolístico segundo os atletas.



Com a finalidade de definir um estilo de jogo e a identidade do SC Internacional, elaboramos algumas questões referentes aos aspectos que melhor caracterizam este clube. Estas questões serão fundamentais quando tratarmos especificamente da construção de um *habitus* futebolístico típico do mais popular time gaúcho.

O gráfico 27 apresenta quatro dos principais traços que constituem a identidade futebolística do SC Internacional. A valentia, força de vontade, disciplina, típicos da identidade gaúcha, e conseqüentemente da escola gaúcha de futebol, podem ser entendidas como "raça". Esta é o que melhor caracteriza o estilo do SC Internacional segundo 55% dos entrevistados. Outros aspectos revelados pelo gráfico são condizentes com o que havíamos dito acima, sendo elementos que sintetizam o padrão de jogo do clube em estudo: força (23%), técnica (11%) e habilidade (11%).

Com o objetivo de sintetizar melhor esta mesma questão, organizamos o gráfico 28. Percebe-se que os dois traços que mais caracterizam os SC Internacional são "raça" (70%) e disciplina (18%). Estas respostas eram esperadas. Antes de prosseguir é necessário definir melhor estas duas categorias. Por "raça", entende-se no futebol empenho, força de vontade,

dedicação. Portanto, “raça” significa um pouco de paixão e empenho em campo para perseguir a vitória. Esta paixão não é exatamente o amor à camisa nem a devoção ao clube. Mas, “[...] se refere à disposição que todo jogador precisa ter para lutar o máximo possível pela vitória das ‘cores’, quaisquer que elas sejam” (ARAÚJO, 1980, p. 51). Raçudo é aquele jogador que luta, é herói, joga mesmo contundido, arrisca sua forma física para jogar pelo seu time. “Raça” está ligada também à coragem. “Raça” pode se tornar violência quando levada ao extremo.

Disciplina significa obediência aos esquemas, atender ao técnico e fazer o que foi ordenado. Trata-se basicamente da aplicação tática, do jogo em conjunto, onde o grupo é maior do que o indivíduo. Disciplinamento também significa aprendizagem de técnicas futebolísticas através dos diferentes tipos de treinamentos pelos quais passam os jogadores.

Os atletas tendem a apresentar concepções diferentes acerca deste *habitus* colorado<sup>50</sup>. Para uma análise mais detida, aconselhamos o leitor consultar a tabela 19 (ver anexo, p. 201), na qual é possível visualizar o que cada categoria considera o principal traço típico do SC Internacional.

“Raça” é a principal característica do SC Internacional para 75% dos jogadores da categoria juvenil. Esta mesma opinião é ainda mais expressiva entre os júniores (90%). Entre os profissionais percebe-se mudança em relação às categorias já mencionadas. 50% da categoria profissional responderam que a disciplina é o primeiro traço que marca a identidade e o estilo de jogo do SC Internacional, seguido de 37,5% de atletas que consideram a “raça” mais importante. A valorização da “raça” como característica da identidade futebolística do SC Internacional pelas categorias juvenil e júnior pode ser atribuída ao clima de trabalho intenso vivido pelos atletas, onde a vontade de vencer e a dedicação em campo são cultuadas em demasia. Com isso, os atletas acabam internalizando estes valores. No que se refere à categoria profissional, a crença na “raça” como índice da identidade do SC Internacional é expressiva, porém menos do que nas categorias anteriormente referidas. Pode-se sugerir que isso se deve ao fato de a categoria profissional ser constituída por atletas formados em outras escolas de futebol, onde outros valores são mais cultivados. A questão da disciplina é atualmente muito valorizada em praticamente todos os times de futebol.

---

<sup>50</sup> Nome atribuído ao SC Internacional devido suas cores.

## CONCLUSÃO

Começamos o presente trabalho a partir de um balanço histórico e sociológico acerca do futebol no Brasil, examinando a produção sociológica, com destaque para temas pioneiros, autores iniciais e recentes na emergente sociologia do futebol brasileiro. Percebemos que é crescente o número de pesquisadores nas ciências sociais brasileiras que se dedicam à temática do esporte, sendo o futebol um tema privilegiado.

Nosso objetivo era exatamente contribuir com esta sociologia do futebol e do esporte em geral. Como sociólogo, procuramos desnaturalizar a vida social. No caso específico da presente pesquisa, a tarefa residiu em revelar que o jogador de futebol passa por um processo de formação profissional, marcado pela aquisição de habilidades, técnicas e conhecimentos como qualquer outro profissional, ao contrário do que se pensa ser apenas um despertar de atributos naturais.

Recapitulando, no primeiro capítulo deste trabalho realizamos um balanço histórico e sociológico sobre o futebol brasileiro. Destacamos também a introdução do futebol na agenda de pesquisa das ciências sociais, enfatizando os primeiros autores, a produção recente, os temas e autores mais importantes, as correntes teóricas e alguns desafios teóricos e metodológicos enfrentados pelos sociólogos do futebol.

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico utilizado na investigação sobre o processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional, tendo a sociologia do esporte, a teoria social e a sociologia do trabalho como pilares.

O terceiro capítulo tratou da profissionalização e da modernização no futebol brasileiro. Destacou algumas mudanças na legislação e na organização do futebol. Discutiu também os impactos do futebol científico no Brasil, enfatizando os Centros de Treinamentos, os manuais de conduta e as escolinhas de futebol.

No quarto capítulo, analisamos o processo de modernização no SC Internacional, com destaque para a reestruturação do departamento de futebol no ano de 1997. Discutimos o futebol científico no Beira-Rio, a intervenção da Psicologia na formação de jogadores, os novos modelos de treinamento implementados na gestão de João Paulo Medina na coordenação técnica do futebol no SC Internacional, o sistema globalista de formação e recrutamento de jogadores e a escolinha de futebol.

O quinto capítulo teve por objetivo principal analisar o processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional. Entre os aspectos abordados estão os níveis de idade dos atletas, nível de renda dos atletas e de suas famílias, grau de escolaridade, motivação e expectativas profissionais, concepção dos jogadores sobre aprendizagem de futebol e sobre o fim do “passe”, os mecanismos de seleção e agenciamento de jogadores, os critérios para se tornar jogador de futebol, os mecanismos de disciplinamento dos atletas e os principais sacrifícios na formação do jogador de futebol, as punições, a avaliação dos jogadores sobre os novos modelos de treinamentos implantados em 1997, a relação técnico-jogador, os esquemas táticos, a importância do dom e da aprendizagem na formação do jogador de futebol e os elementos que formam o *habitus* futebolístico do SC Internacional.

Nossa hipótese é de que a formação do jogador de futebol consiste num processo de aprendizagem e disciplinamento teórico-prático em treinamentos físicos, técnicos e táticos. Consiste também na identificação e no aperfeiçoamento das aptidões naturais do jogador combinado com um contínuo processo de aprendizagem técnica, de uma formação globalizante. Concluímos que a vocação e o dom, assim como são importantes para o cientista, são pontos de partida fundamentais na carreira de jogador de futebol, porém insuficientes para formar o jogador. É necessário que o jogador frequente escolas especiais e que receba treinamentos de técnicas futebolísticas.

O condicionamento físico e o disciplinamento do corpo são elementos da formação profissional no futebol, a qual constitui a incorporação de um *habitus* típico de cada time. No caso do SC Internacional, percebemos que o *habitus* é formado pela “raça”, disciplina, força, coragem e valentia e outros elementos. Trata-se de aspectos que caracterizam a identidade regional. Com isso, podemos afirmar que a sociedade e a cultura, dentro das quais se encontra o clube, contribuem decisivamente na formação de sua identidade futebolística.

Os resultados da pesquisa confirmaram praticamente todas as hipóteses iniciais.

Vimos que a habilidade, a força física, a estatura elevada, a capacidade técnica e a disposição de treinamentos são os principais critérios para se tornar jogador de futebol.

Com relação ao grau de escolaridade dos jogadores, realizamos constatações importantes. A maioria (54%) dos jogadores entrevistados tem escolaridade média até o II Grau incompleto, sendo que 23% têm o II Grau completo. Apenas 2,0% dos jogadores frequentaram curso superior. A pouca frequência de atletas com participação em cursos de nível superior se deve, em parte, à excessiva dedicação de seu tempo ao futebol, às longas jornadas de trabalho, às viagens e às concentrações. E evidentemente, ao fato de que a profissão de jogador de futebol não requer diploma acadêmico, ou seja, não se exige que o

atleta seja graduado ou bacharel em futebol, até porque as universidades e os institutos de ensino superior não dispõem de currículos especializados suficientes para formar jogadores de futebol profissionais dentro de escolas de educação física.

Com relação ao nível de renda, verificamos que cerca de 32% dos pais têm renda de 1 a 3 salários mínimos, sendo este o grupo maior. O menor grupo é aquele que apresenta o maior nível de renda familiar, ou seja, somente 14% dos pais dos atletas têm renda acima de 10 salários mínimos. Tomando como exemplo o primeiro grupo, é válido salientar que a origem social dos atletas, na sua maioria, continua sendo as classes populares. O grupo de atletas com maior nível salarial é pequeno, este porém fica acima da média nacional em termos percentuais. Na verdade, o grupo de maior renda (mais de 10 salários) é o menor de todos, porém é bastante significativo, pois soma 13% do total, seguido daquele que compreende atletas com renda entre 07 e 10 salários (23%). Este grupo está acima da média nacional. Conforme dados da Folha de São Paulo (31/01/2002), apenas 3,56% dos jogadores profissionais em todo o Brasil recebe de 5 a 10 salários mínimos. A parcela de profissionais que ganha de 10 a 20 salários é cerca de 3,17% do total de jogadores registrados. Isso revela que a média nacional é baixa. Na verdade, a grande maioria (42,62%) dos jogadores de futebol no Brasil ganha por volta de 1 salário mínimo. Aqueles que ganham de 1 a 2 salários mínimos formam 39,55% dos profissionais da bola. Então, podemos afirmar que a média salarial constatada na pesquisa está bem acima da média nacional.

O cruzamento da renda familiar com a renda do atleta nos permite visualizar que não houve, de fato, mobilidade social através de futebol<sup>51</sup>. Isso se tomarmos como parâmetro a faixa salarial. Praticamente não há diferenças substanciais quando comparamos a renda da família com a renda do atleta. A maioria dos atletas que ganha acima de 10 salários mínimos (57,1%) tem origem em famílias com este mesmo nível de renda (50%). Já os atletas que ganham menos são também de origem de famílias de baixa renda. Isso é válido para os grupos de renda de até 3 salários e de 4 a 6 salários.

No entanto, a mobilidade social por intermédio do futebol é um problema que merece estudos aprofundados e específicos, pois muito mais do que uma realidade, é um verdadeiro mito. Desmistificar esta questão deve fazer parte da agenda de pesquisa da sociologia do futebol brasileiro. Atualmente apenas um sociólogo está investigando esta questão. Trata-se de Jairo Vieira (2001), que vem realizando estudos sobre o racismo e as possibilidade de mobilidade social no futebol carioca.

---

<sup>51</sup> Para uma análise sobre o mito da mobilidade social via futebol ver Vieira (2002, 2001) e Rosenfeld (1993).

Defendemos a tese de que a formação do jogador de futebol constitui-se por meio da incorporação de um *habitus* (sistemas de disposições duráveis que geram práticas e representações, objetivando regras e padrões de comportamento, formando, assim, esquemas de ação), (conceito que buscamos em BOURDIEU, 1996, p. 202-311), de disciplinamento (conceito elaborado por FOUCAULT, 1987) permanente através de treinamentos e controle sobre o atleta, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas dos jogadores, além do lapidamento de atributos naturais (dom e vocação).

Com relação ao processo de aprendizagem de futebol, percebe-se que a idéia segundo a qual o jogador brasileiro já nasce feito (o futebol é inato) é muito presente entre os atletas pesquisados. Para 48% dos atletas o jogador de futebol já nasce sabendo jogar, o futebol não é aprendido, é um atributo natural do brasileiro.

Para 32% dos atletas pesquisados o futebol é ensinado nas escolinhas. Este dado revela que está em fase de consolidação, no imaginário do jogador de futebol, a idéia de que futebol é um saber, um conhecimento adquirido nas escolas. Esta visão tenderá a crescer cada vez mais nos próximos anos, considerando-se que as escolinhas de futebol encontram-se em expansão no país, além do uso de dispositivos e conhecimentos científicos na formação de jogadores e na preparação de esquemas táticos no futebol moderno. Entendemos que isso contribui para consolidar o futebol como um saber adquirido em escolas.

Mas, para 20% dos atletas o futebol se aprende nas ruas, nas “peladas” e nos campos de várzeas. São atletas educados segundo padrões tradicionais que continuam valorizando a rua e as “peladas” como instituições de ensino-aprendizagem de futebol.

Com relação à categoria juvenil, se verifica que predomina a visão acerca do futebol como algo inato ao brasileiro (40%), bem acima das escolinhas (35%) e das várzeas (25%). Nossa hipótese era de que esta categoria valorizasse mais as várzeas como local de aprendizagem de futebol. Isso acontece somente quando comparamos o valor da várzea entre as três categorias, sendo (45,5%) para os juvenis, (27,3%) para juniores e (27,3%) para os profissionais.

A categoria júnior valoriza ainda mais a questão inata (70%). Entre os profissionais a escolinha é a mais valorizada, com (50%) contra (31,3%) da crença no futebol como algo inato. Nesta categoria os atletas são mais maduros, têm uma opinião melhor formada sobre esta questão, talvez este seja um dos motivos porque a escolinha é mais significativa.

A identificação das fontes sociais das motivações para o futebol é um subproduto deste trabalho. Por isso, cabe aqui destacar algumas questões referentes às principais motivações profissionais dos atletas entrevistados.

A crença no dom para ser jogador de futebol é o principal motivador dos atletas entrevistados para o futebol, aparecendo com 50% das preferências. Trata-se da chamada motivação intrínseca, aquela que vem de dentro do atleta, sendo por isso a mais original e valorizada pelos técnicos e professores que trabalham nas categorias de base do SC Internacional.

O dinheiro (21%) foi apontado como o segundo elemento motivador para o futebol. 21% dos atletas entraram no futebol para enriquecer. Isso se deve em parte ao discurso dominante na sociedade, muito reforçado pela mídia, de que o futebol é um ótimo canal de ascensão social, bem como uma das profissões que oferece melhores salários. Isso deve ser analisado criteriosamente, pois a percentagem de atletas com elevados salários é mínima no futebol brasileiro, algo já mostrado neste trabalho.

Resumindo, a crença no dom (50%), a confiança em enriquecer através do futebol (21,4%) e a família (14,3%) são os principais indutores ao futebol. Se observarmos como estes indutores variam em relação às categorias, podemos tecer algumas explicações provisórias.

Na categoria juvenil, assim como nas demais, a concepção predominante é de que o dom (60%) é fundamental para alguém se tornar jogador de futebol. Entre os júniores, a crença no dom para ser jogador de futebol aparece como principal motivação profissional para 50% dos atletas. De certo modo, não se percebe grandes diferenças entre estas duas categorias.

Entre os profissionais, observamos maior equilíbrio entre a intenção de enriquecer (37,5%) e a crença no dom (37,5%).

No que se refere às expectativas profissionais dos jogadores entrevistados, constatamos que jogar na seleção brasileira, na categoria profissional do SC Internacional, no futebol do eixo Rio-São Paulo e no futebol do exterior são as principais expectativas.

Jogar na seleção brasileira é a principal expectativa de 46% dos jogadores pesquisados. Entre estes estão jogadores de praticamente todas as categorias, porém cabe ressaltar aqui que a maioria esmagadora dos profissionais apontou a seleção como principal projeto profissional. Jogar nos profissionais do SC Internacional é o mais importante objetivo profissional de 43% dos entrevistados. A explicação para isso reside no fato de que a maioria da amostra é formada por atletas juvenis e júniores. Nestas fases é comum o principal sonho ser atuar nos profissionais do clube formador. Para 11% dos atletas jogar no futebol do eixo Rio-São Paulo e/ou no futebol do exterior é o principal objetivo em termos profissionais. Esta percentagem revelou-se pequena.

Primeiro, percebe-se que jogar na seleção é a principal expectativa de 46,4% dos atletas, enquanto que se profissionalizar no SC Internacional é o objetivo maior de 42,9% dos entrevistados. Entre os juvenis, observamos que 65% têm como projeto profissional principal se tornarem profissionais no SC Internacional. Já entre os júniores, temos 55% que almejam jogar nos profissionais do SC Internacional e 40% que têm a seleção brasileira como primeira expectativa da carreira.

Entre os profissionais, como era esperado jogar na seleção brasileira é o principal objetivo profissional de 93,8% dos atletas. No entanto, esperávamos que o futebol do exterior e do eixo Rio-São Paulo fosse mais almejado por parte dos atletas desta categoria. Pois, entende-se que, muitas vezes, trabalhar no futebol paulista ou carioca representa maiores possibilidades de ser convocado para jogar na seleção brasileira, bem como de elevar o salário.

Em relação aos mecanismos de agenciamento de atletas, nossa pesquisa fez constatações interessantes que merecem ser retomadas aqui.

Os principais mecanismos de agenciamento dos atletas são indicação (34%), contratação (32%), descoberto/recrutamento em várzea (20%) e as peneiras (14%). A indicação é mais freqüente entre os atletas juvenis. A contratação é o principal mecanismo de aquisição de atletas para a equipe profissional, através do qual são realizadas grandes transações.

Na categoria juvenil temos 45% de atletas que ingressaram no SC Internacional via indicações de jogadores, empresários ou dirigentes. Cerca de 35% deles foram descobertos em várzeas, isso é bastante expressivo diante de um momento de comercialização de jogadores cada vez mais novos. Os dados mostram que as transferências por meio de compras de “passes” ainda é pequena entre as categorias iniciais. Entre os júniores, a maioria entrou no SC Internacional por meio de indicação (35%) e 30% deles foram comprados. Aqui já é bem mais freqüente a prática de comercialização de jogadores. Nos profissionais, como era de se esperar, a transferência é o mecanismo predominante (56,3%). De fato, os jogadores nesta categoria são comprados ou emprestados, não se encontram jogadores feitos sem ligação com clubes ou empresários.

Nesta pesquisa, procuramos apreender a concepção dos atletas sobre os principais critérios de seleção. É significativo o fato de que 43% dos atletas entrevistados consideram o dom como o aspecto mais importante no processo de seleção de jogadores. Trata-se de um atributo fundamental para o jogador de futebol ter sucesso na sua carreira. A técnica (25%) e o auto-controle (25%) são igualmente importantes.

Primeiro, cabe aqui apresentar os fatores mais representativos. O dom (42,9%) aparece como o principal. Portanto, possuir o dom é fundamental para alguém se tornar jogador de futebol profissional. Isso está em consonância com outros aspectos já mencionados que valorizam demasiadamente o dom. O dom parece ser mais importante para os atletas júniores (41,7%), profissionais (33,3%) e juvenis (25%).

Ao longo da pesquisa, pudemos constatar que o processo de formação do jogador de futebol e a profissão de jogador de futebol em si comportam alguns sacrifícios que lhes são inerentes.

A respeito dos principais sacrifícios na formação do jogador de futebol, pudemos perceber que as concentrações (50%) são o principal sacrifício na formação e na carreira do jogador de futebol. Só isso já caberia um estudo específico a seu respeito. Infelizmente não podemos aprofundar estas questões no presente trabalho. Renunciar à vida pessoal/separação da família (26,8%) aparece como o segundo maior sacrifício para os entrevistados. Os treinamentos (23,2%) são o terceiro maior sacrifício na vida do jogador de futebol.

Um dos fios condutores desta pesquisa é a premissa de que o disciplinamento constitui um dos elementos centrais na formação do jogador de futebol. Nesta investigação, identificamos alguns dispositivos utilizados no disciplinamento do jogador de futebol no SC Internacional. O controle social é o principal dispositivo de disciplinamento. Para 61% dos atletas entrevistados. Por controle social entenda-se regras e normas inerentes à organização do clube, horário de atividades, proibições de sair à noite, de dar entrevistas sem autorização, além de outras questões. Com isso, podemos cogitar que o atleta é controlado pelo clube, sendo subordinado aos interesses maiores. Este poder transcende ao futebol.

Os treinamentos físicos, técnicos e táticos são outros mecanismos disciplinadores (25%). São formas de preparação e formação do corpo do atleta para o futebol.

As punições são dimensões do disciplinamento dos jogadores de futebol. Vejamos os principais tipos de punições apontados pelos atletas entrevistados.

O afastamento do grupo é a punição mais severa para 50% dos atletas entrevistados.

O banco de reservas é um tipo de punição aplicada aos jogadores. Para 20% se trata da mais severa das punições. Muitas vezes ser colocado no banco significa obscurecer os horizontes da carreira, tendo eventuais prejuízos para o atleta.

É válido ressaltar que o afastamento do grupo (50%), descontos e multas (26,8%) e o banco de reservas (19,6%) são os principais tipos de punições.

Vejamos agora os dados relativos ao fim do “passe”. Para 70% dos atletas o fim do “passe” é positivo. Estes acreditam em futuras melhoras no futebol, diferentemente dos 30% de pessimistas que avaliam negativamente este fenômeno.

O fim do “passe” representa liberdade de trabalho para 46% dos atletas pesquisados. Trata-se de um dado significativo, que manifesta otimismo quanto ao processo de modernização das leis trabalhistas no universo do futebol. Entre estes otimistas, é verdade que a maior parcela é formada pelos atletas profissionais, os que mais sentem diretamente as conseqüências da nova legislação.

Percebe-se que 29% dos atletas são pessimistas em relação ao futuro do mercado futebolístico nacional com a entrada em vigor da lei que estabelece o fim do “passe”. Segundo eles, o fim do “passe” significa desemprego. Os jogadores perdem o vínculo com o clube e ficam mais facilmente esquecidos do mercado, podendo abreviar a duração da carreira.

Há uma parcela significativa de jogadores (25%) que avaliam o fim do “passe” como algo que beneficiará somente os jogadores famosos.

Nossa pesquisa indica o que as três categorias avaliam e pensam sobre as conseqüências do fim do “passe”. A opinião predominante é de que os atletas ganharão mais liberdade de trabalho (46,4%). Outras opiniões são importantes também, como a possibilidade de beneficiar apenas os jogadores já consagrados no futebol (25%) e de se tratar de o fim de uma garantia de emprego (25%), que na prática seria desemprego. Para 40% dos atletas juvenis o fim do passe beneficiará apenas os jogadores famosos. Isso explica porque eles consideram o fim do “passe” negativo. Como se sabe, nesta categoria o mercado futebolístico não oferece grandes possibilidades, praticamente não há remuneração, nem competições muito valorizadas. Tendo isto em mente, podemos afirmar que são raros os atletas juvenis já famosos. Nesta mesma categoria, uma significativa parcela, algo em torno de 30%, considera que o fim do “passe” dará liberdade de trabalho aos jogadores de futebol.

Os júniores avaliam que o fim do “passe” implica em liberdade de trabalho (45%) e desemprego (35%). Trata-se de uma visão positiva, porém bastante cautelosa, reforçando a resposta anterior, onde 75% deles disseram que o fim do passe é positivo. A avaliação mais otimista sobre esta mesma questão é a defendida pelos atletas profissionais. Segundo 68,8% deles liberdade de trabalho será o principal resultado da lei do passe. Isso é interessante e reforça o argumento anterior de que mais de 90% dos profissionais avaliam positivamente o fim do passe.

Estas são as principais constatações que obtivemos ao longo da pesquisa. É claro que muitos aspectos necessitam de aprofundamento, bem como de investigações abrangendo maiores universos empíricos.

Podemos aqui enumerar algumas questões que ficaram abertas e que merecem outras análises: (1) o nível sócio-econômico e educacional do jogador de futebol brasileiro. É necessário verificar se houve realmente ou não crescimento no nível sócio-econômico e educacional do jogador brasileiro; (2) comparar as especificidades da formação do jogador de futebol em diferentes “escolas” de futebol do Brasil, tais como a “escola” carioca, paulista, baiana, mineira e pernambucana. Isso para revelar como varia a valorização da aprendizagem/disciplinamento e da concepção do futebol como algo inato ao brasileiro; (3) os impactos do fim do “passe” no futebol brasileiro. Desvendar algumas das conseqüências do fim do “passe” no mercado de trabalho do futebol brasileiro e nas políticas de formação de jogadores deve ser um dos objetos da sociologia do futebol. Tal questão será objeto da nossa próxima pesquisa, na qual pretendemos investigar a modernização e os impactos do fim do “passe” no futebol brasileiro (2001-2005), tendo o futebol gaúcho e paulista como universo empírico. Buscaremos analisar como a exportação de jogadores brasileiros para clubes europeus, acelerada após o fim do “passe”, impactou e redefiniu o mercado futebolístico nacional. Pretendemos ainda investigar as políticas de recrutamento e formação de jogadores no futebol brasileiro após o fim do “passe”, e verificar eventuais alterações no sistema de mobilidade de jogadores após o fim do “passe”, em escala nacional e mundial; (4) investigar por quê o modelo globalista não rendeu títulos ao SC Internacional pode ser um empreendimento interessante. Talvez o investimento em categorias de base e a contenção de gastos com contratações de jogadores famosos possam explicar isso, visto que os resultados de trabalhos que valorizam as categorias de base são a longo prazo. Da mesma forma que procurar verificar como o sistema globalista foi adotado em outros clubes brasileiros e quais seus resultados; (5) analisar as mudanças recentes nos padrões de treinamentos no futebol brasileiro e seus impactos sobre o estilo nacional de jogar futebol. Há uma lacuna na literatura sociológica sobre o futebol referente à estética e estilos de jogo. No nosso entender, é possível sociologizar estas questões. Os treinos táticos são expressões da modernização do futebol, bem como uma necessidade da comercialização do futebol.

Para concluir, podemos ressaltar que a sociologia do futebol brasileiro é um projeto em construção. Já é significativo o número de estudiosos nas ciências sociais brasileiras que se dedicam à análise do fenômeno futebolístico.

Ao investigar o processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional, acreditamos estar contribuindo com a sociologia do futebol brasileiro e do esporte em geral e, assim, inserindo uma nova temática nas suas agendas: o futebol como trabalho.

Nossa principal conclusão é a de que o dom e a vocação são pontos de partida da formação do jogador de futebol. Na verdade, diferentemente da teoria culturalista defensora do futebol como algo inato ao brasileiro (FREYRE, 1957, 1964 e 1971a, RODRIGUES FILHO, 1964), a presente pesquisa revelou que o jogador de futebol passa por um processo de formação profissional, marcado pela aquisição de habilidades, disciplinamento, técnicas e conhecimentos tal como ocorre em outras profissões. Formar jogadores de futebol é um empreendimento essencialmente pedagógico, ao contrário do que se pensa ser somente um simples despertar e dilapidar os atributos naturais dos atletas.

O modelo globalista de reestruturação do departamento de futebol implementado no SC Internacional tinha como proposta romper com a perspectiva mecanicista de trabalho que fragmenta as ações na formação do jogador de futebol. O objetivo era também romper com concepções de trabalho positivistas e autoritárias que concentram o saber e o poder na figura do treinador. Na verdade, a perspectiva multidisciplinar preocupou-se com a formação do jogador como um todo, indo além da dimensão técnica, o que em outras palavras significa formar atletas cidadãos, inteligentes, polivalentes.

Esta perspectiva se chama globalista porque tem amplas pretensões, busca integrar diferentes áreas de conhecimentos: medicina, fisiologia, psicologia, serviço social, sociologia, informática e várias outras no auxílio da produção do futebol. Dotar o jogador de uma consciência de que o futebol está inserido em estruturas sociais mais amplas, num universo político, institucional, econômico, social e cultural significa formar um profissional ciente de seus direitos e deveres, bem como da importância do mundo fora do futebol. Portanto, está implícita a idéia de tornar os jogadores mais reflexivos, mais atuantes fora de campo, seja na definição de horários e tipos de treinos, na determinação de políticas salariais, seja na discussão sobre esquemas táticos ou sobre os impactos do fim do “passe” no mercado de trabalho. Estes são alguns dos aspectos mais importantes do modelo globalista.

A avaliação dos jogadores sobre as inovações que o modelo globalista proporcionou no SC Internacional, entre 1997 e 2002, é ilustrativa das potencialidades de um trabalho multidisciplinar aplicado ao futebol.

Pudemos perceber que 67,9% dos jogadores entrevistados responderam que no SC Internacional se recebe formação ampla (globalista), preocupada com o desenvolvimento de outras dimensões do ser humano.

Outros aspectos apontados como mais importantes foram serviço social (30,9%), treinos com cesta e paredão metálico (25,5%), psicologia (20%) e gravação dos treinos (12,7%). Tudo isso contribuiu para melhorar consideravelmente as dimensões física, técnica e tática dos atletas.

Na verdade, os jogadores receberam muito bem o projeto modernizante implementado no SC Internacional. A participação do atleta na definição do esquema de jogo (44,6%) consistiu na mudança que mais agradou aos jogadores, seguida das palestras e serviços social e de psicologia (35,7%).

Podemos salientar que houve mudança não apenas na dimensão técnica, mas principalmente no aspecto das relações humanas e na dimensão pedagógica inerente ao processo de formação do jogador, concebido também como um processo civilizador. Neste sentido, é válido evocar a possibilidade de articulação entre a teoria globalista e as abordagens de Elias (1992a) e de DaMatta (1994) que enfatizam a dimensão pedagógica do esporte.

Em síntese, a formação do jogador de futebol consiste num processo de aprendizagem e disciplinamento teórico-prático, em treinamentos físicos, técnicos e táticos. O disciplinamento do jogador ocorre através de dispositivos especiais. Tais dispositivos podem ser entendidos no sentido abordado por Foucault (1987, 2001). A incorporação de um *habitus* (BOURDIEU) também faz parte da formação técnica e social do jogador de futebol. Tal incorporação se dá via disciplinamento e treinamentos que buscam educar o atleta nas diferentes esferas. É por isso que assumimos que a formação do jogador é também um processo civilizatório, tal como aponta Elias (1992a).

Em suma, a formação do jogador de futebol orientada pela teoria globalista constitui um processo de identificação e aperfeiçoamento de atributos naturais do atleta combinado com um processo de aprendizagem técnica e tática de uma formação globalizante. Concluimos que a vocação e dom, assim como são importantes para o cientista, são pontos de partida fundamentais na carreira de jogador de futebol, porém insuficientes para formar o jogador. É necessário que o jogador frequente escolas especiais e que receba treinamentos de técnicas futebolísticas. Portanto, o jogador de futebol brasileiro não nasce feito, é produzido socialmente, ou seja, é formado, pois passa por um processo de formação profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. *Tiempo libre. Consignas*. Buenos Aires: Editora Amorroutu, 1973.
- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANTUNES, F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. (Dossiê Futebol).
- ARAÚJO, J. R. **Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1996.
- ARAÚJO, R. B. de. **Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.
- BALANDIER, G. El Cuerpo con ‘Cuerpo Político’. In: BALANDIER, G. **Modernidad y poder - el desvío antropológico**. Madrid: Júcar, 1988, p. 23-60.
- BASBAUM, L. **História sincera da República: de 1889 a 1930**. São Paulo: Contexto, 1986.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 17.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- BITENCOURT, M. L. F. **Herói, vilões e cidadãos: futebol e cidadania**. Porto Alegre, 1998. mimeo.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectivas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BRAGA, K. **Inter 90 Anos de Paixão**. Porto Alegre: JA Editores, 2000.
- BROHM, J. M. Sociología política del deporte e la civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva. In: BROHM, J. M **Deporte, cultura y represión - Colección Punto y Línea**. Barcelona, Gustavo Gili, 1972.
- BRUNORO, J. C. e AFIF, A. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Editora Gente, 1997.

CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. (Dossiê Futebol).

\_\_\_\_\_. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CALLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Ed. Cotovia, 1991.

\_\_\_\_\_. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CÂNDIDO, A A Revolução de 1930 e a Cultura. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 4, abril de 1984, São Paulo.

CARONE, E. **A segunda República**. São Paulo: Difel, 1978.

CARRAVETTA, É. S. **O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001a.

\_\_\_\_\_. A busca de um novo paradigma para organização técnica e funcional do desporto de elevado rendimento. **Lecturas: educación física y deportes**, revista digital, Buenos Aires, año 5. n. 25, set. 2001b. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/futbol>>. Acesso em 14 out. 2001b.

CASTRO, R. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CATTANI, A. D. Formação profissional. In: CATTANI, A.. (Org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

CESAR, B. T. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UNICAMP, Campinas, 1982.

COIMBRA, D. e NORONHA, N. **A História dos Grenais**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, (dossiê futebol), n.22, jun./jul./ago de 1994.

\_\_\_\_\_. Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. *et al.* (Orgs.). **O universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakhotheke, 1982.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a, (Coleção academia).

\_\_\_\_\_. **O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol**. In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002, Caxambu/MG. *Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia acerca dos lugares, das redes e dos saberes disponibilizados para a formação de atletas profissionais de futebol a partir do Rio Grande do Sul**. Projeto de Pesquisa. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2002c.

\_\_\_\_\_. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH/PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1998.

DIENSTMANN, C. & DENARDIN, P. E. **Um século de futebol no Brasil: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze**. Porto Alegre: GRAFICAPLUB, 1999.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca de excitação**. Lisboa: Difel, 1992a.

\_\_\_\_\_. Introducción. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992b, pp. 31-81.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FLORENZANO, J. P. **Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Musa Editora, 1998, (Musa Antropologia).

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREYRE, G. Futebol brasileiro e dança. In: FREYRE, G. **Seleção para jovens**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971a.

\_\_\_\_\_. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1971b.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1957.

FRIEDMANN, G. e NAVILLE, P. (Orgs.). **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, 1973, Volume I.

GARGANTA, J. Futebol e Ciência. Ciência do Futebol. **Lecturas: educación física y deportes**, revista digital, Buenos Aires, n. 4, 2001. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/futbol>>. Acesso em 15 set. 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, A. e PIERSON, C. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

GIL, G. O Drama do 'futebol-arte': o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n.25, ano 9, junho de 1994.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GRIFI, G. **História da educação física e do esporte**. Porto Alegre: D.C. Luzzatto editores, 1989.

GRINVALD, R.C. Fútbol: Detección y Desarrollo Del Talento Deportivo. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, revista digital, año 3, n. 10, Buenos Aires, mayo 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/futbol>>. Acesso em 19 jul. 2002.

GUAZZELLI, C. A. B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da 'província de chuteiras'. **Anos 90**, Revista do PPGH da UFRGS, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

GUEDES, S.L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói/RJ: EDUFF, 1998.

\_\_\_\_\_. O salvador da Pátria – considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. **Pesquisa de Campo**, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Rio de Janeiro, nº 1, 1995.

\_\_\_\_\_. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Pinakhotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. **O futebol brasileiro – instituição zero**. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.

GUTTMAN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HERSCHMANN, M. e LERNER, K. **Lances de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Editora perspectiva, 1980.

INTER 80, **gigante da felicidade**, Porto alegre: Internacional, s.d.

JESUS, G. M. Futebol e territorialidade da segregação racial em Porto Alegre. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.49-75, nov. 1998.

\_\_\_\_\_. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Revista do PPGH da UFRGS, Porto Alegre n.11, julho de 1999.

KRAUSHE, V. **Música popular brasileira: da cultura de roda à música de massa**. São Paulo: Brasiliense, 1983, v. 79 (Coleção Tudo é História).

LASCH, C. A degradação do esporte. In: LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: 1983.

LEI Nº 9.615, 24/03/1998 – **Senado Federal**, Brasília-DF, 1998.

LEITE, M. de P. Trabalho e sociedade em transformação. **Sociologias**, Revista do PPGS/UFRGS, Porto Alegre, ano 2, n.4, jul/dez, 2000, pp.66-87.

LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVINE, R. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: WITTER, J. S. (Org.). **Futebol e cultura**. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1974, pp. 01-36.

LOPES, J. S. L. Futebol Mestiço. **Ciência Hoje**, Revista da SBPC, São Paulo, v.24, n. 139, junho 1998.

\_\_\_\_\_. Esporte, emoção e conflito social. **MANA- Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, outubro de 1995.

\_\_\_\_\_. e FAGUER, J. P. L'Invention du style brésilien:sport, journalism et politique au Brésil. **Actes de la Recherche Sciences Sociales**, École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 103, jun/1994, pp.27-35.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

MACHADO, I. J. de. Futebol, clãs e nação. **Dados - Revista de Ciências Sociais - IUPERJ**, Rio de Janeiro, v.43, n.1, 2000.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, n. 47, 1981.

\_\_\_\_\_. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1974, pp. 209-233.

MASSAD, R. F. Ética e descontrolado no futebol brasileiro. **Textos Graduandos**, Departamento de Sociologia – UnB, Brasília, , v.3, n. 4/5, p. 61-64, jan./dez. 1997.

MATTOS, C. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAZZONI, T. **História do futebol brasileiro**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

\_\_\_\_\_. **Problemas e aspectos do nosso futebol**. São Paulo: Edições A Gazeta, 1939.

MEDINA, J. P. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, W. (Org.). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1996, pp.141-158.

MELANI, R. Futebol e razão utilitária. In: COSTA, M. R. *et ali.* (Orgs.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Editora Musa, 1999.

MENEZES, J. M. **Malhando os corpos: estética e usos do corpo na musculação – uma análise de valores e tendências sociais**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UFMG, Belo Horizonte, 2001.

MENDES, L. **As táticas do futebol brasileiro: da pelada ao Pelé**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A, 1963.

MENDES JÚNIOR, A, e MARANHÃO, R. **História do Brasil: a era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1981, volume 4.

MICELI, S. Introdução: a força do sendo. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

MOURA, G. A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. O lugar teórico da Sociologia do Futebol. **Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol- UERJ**, n. 2, 1995.

MURRAY, B. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

NEGREIROS, P. J. L. C. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. São Paulo: PEPGH/PUC-SP. Tese de doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998a.

\_\_\_\_\_. Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40. **Mutus Corporis**, Revista do PPG em Educação Física da UGF, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 76-107, nov. 1998b.

OLIVEN, R. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis/SC: Letras contemporâneas, 1996.

OSTERMANN, R.C. **Meu coração é vermelho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

\_\_\_\_\_. e CABRAL, C. P. **O admirável futebol brasileiro – a história da evolução das grandes passagens do futebol brasileiro**. Porto Alegre: Edição Gaúcha/Gráfica e Editora Jornalística S.A, 1970.

PARREIRA, C. A. Treinamento Técnico-Tático. **I Seminário Interno de Metodologia de Treinamento**, InterCenter: Centro de Informação e Formação em Futebol, Sport Clube Internacional. Porto Alegre, outubro de 2001.

PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: GOL, 1968.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PILZ . Sociologia do esporte na Alemanha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, FGV, v. 13, n. 23, 1999.

PIMENTA, C. A M. Novos processos de formação de jogadores de futebol e fenômeno das ‘escolinhas’: uma análise crítica do possível. **Peligro de Gol: estudos sobre deporte y sociedad em América Latina**. ALABARCES, Pablo (compilador). Colección Grupos de Trabajo de CLACSO, Grupo de Trabajo: Deporte y Sociedad, Buenos Aires: CLACSO, abril del 2000.

**PLACAR**, Revista Placar, 07/08/2002.

**PLACAR**, Peneiras: como virar um jogador de futebol.n.1191, Editora Abril, 07/08/2001.

**PLACAR**, revista Placar, n. 207, 08/03/1974.

**PLACAR**, Revista Placar, 13/10/1972.

POCHMANN, M. **O Emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolhe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas/SP: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1988.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES, F. X. F. Futebol e teoria social: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro. **Ciências Sociais Unisinos**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências

Sociais/Centro de Ciências Humanas – UNISINOS, São Leopoldo-RS, n. 160, v. 38, jan/jun 2002a.

\_\_\_\_\_. **A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho.** In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002, Caxambu/MG. *Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, 2002b.

\_\_\_\_\_. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002).** Projeto de Pesquisa. PPGS/UFRGS, Porto Alegre: UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. Por uma sociologia do futebol brasileiro. **Jornal O Mossoroense**, Mossoró-RN, 23/04/2000. Caderno Idéias.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993.

SANTOS, J. R.. **História política do futebol brasileiro.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEBRELI, J. J. **Fútbol y masas.** Buenos Aires: Galerna, 1981.

SEMINÁRIO INTERNO DE METODOLOGIA DE TREINAMENTO. SC Internacional, Porto Alegre, outubro de 2001.

SHILLING, C. **The body and social theory.** London: Sage publications, 1993.

**SPORT CLUB INTERNACIONAL**, Porto Alegre, s.d. mimeo.

TINHORÃO, J. R. **Música popular: do gramofone ao Rádio e TV.** São Paulo: Ática, 1981.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

\_\_\_\_\_. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, 2º semestre de 2001, pp. 133-165.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol.** São Paulo: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TURNER, B. **Regulating bodies - essays in medical sociology.** London and New York: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. **El cuerpo y la sociedad - exploraciones en teoría social.** México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

VIEIRA, J. J. **Trajatórias, perspectivas e realidade dos jogadores profissionais de futebol do Rio de Janeiro.** Texto encaminhado para comunicação na 23ª ABA, Gramado/RS, 16-19 jun. 2002 (mimeo).

\_\_\_\_\_. **Paixão nacional e mito social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001. Tese de Doutorado em Sociologia.

VIDA COLORADA. **Sport Club Internacional.** Porto Alegre, 1997.

VINNAI, G. **El fútbol como ideología.** Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 1978.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações.** São Paulo: Cultrix, 1968.

WEIS, K. La función del juego de pelota entre los antiguos mayas: el juego cultural de una cultura desarrollada de la edad de piedra. LÜSCHEN, G. & WEIS, K. **Sociología del deporte.** Valladolid: Minón, 1979, p. 98-113.

OUTRAS FONTES:

JORNAIS:

Diário Popular – 09/01/1996.

Gazeta Esportiva – 16/11/1986; 17/10/1996; 23/01/1997.

Folha de São Paulo, São Paulo, Cadernos de Esportes, 04/04/1977; 09/01/1996; 31/01/2002; 03/03/2002.

O Globo, Rio de Janeiro, Esportes, 20/02/1996.

Tribuna do Norte, Natal-RN, Caderno de Esportes, 24/02/2002.

Zero Hora, Porto Alegre, Cadernos de Esportes, 04/01/1997; 07/01/1997; 31/01/1997; 13/04/1997; 17/05/1997; 10/08/1997; 01/02/2000; 18/06/2000; 19/06/2000; 25/06/2000; 04/02/2001; 28/09/2001; 10/12/2001.

Informativo Inter, n. 2, 1997.

Intercenter-Centro de Informação e Formação em Futebol, SC Internacional, Porto Alegre, outubro de 2001.

Vida Colorada: Sport Club Internacional, Porto Alegre, 1997.

SITES:

[www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br)

[http://www.senado.gov.br/NJUR.Filtro?\\_Lei](http://www.senado.gov.br/NJUR.Filtro?_Lei)

[www.edfdeportes.com](http://www.edfdeportes.com)

## ANEXOS

**TABELA 01: Níveis de escolaridade \* Período no SC  
Internacional \* Escolinha de futebol**

		Período no Inter			Total
		Pré-Medi na	Medina	Pós-Me dina	
Sim	Até I Grau	1 14,3% 7,1%	3 42,9% 27,3%	3 42,9% 17,6%	7 100,0% 16,7%
	Até II Grau	12 35,3% 85,7%	8 23,5% 72,7%	14 41,2% 82,4%	34 100,0% 81,0%
	Até III Grau	1 100,0% 7,1%			1 100,0% 2,4%
	Total	14 33,3% 100,0%	11 26,2% 100,0%	17 40,5% 100,0%	42 100,0% 100,0%
Não	Até I Grau	1 33,3% 50,0%	2 66,7% 50,0%		3 100,0% 30,0%
	Até II Grau	1 16,7% 50,0%	1 16,7% 25,0%	4 66,7% 100,0%	6 100,0% 60,0%
	Até III Grau		1 100,0% 25,0%		1 100,0% 10,0%
	Total	2 20,0% 100,0%	4 40,0% 100,0%	4 40,0% 100,0%	10 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 02: Categoria e Concepção de Aprendizagem de Futebol**

	Onde você aprendeu a jogar futebol?			Total
	Várzea	Escolinha	Inato	
Juvenil	12	5	3	20
	60,0%	25,0%	15,0%	100,0%
	46,2%	33,3%	20,0%	35,7%
Júnior	13	1	6	20
	65,0%	5,0%	30,0%	100,0%
	50,0%	6,7%	40,0%	35,7%
Profissional	1	9	6	16
	6,3%	56,3%	37,5%	100,0%
	3,8%	60,0%	40,0%	28,6%
Total	26	15	15	56
	46,4%	26,8%	26,8%	100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 03: Categoria e Aprendizagem Geral de Futebol**

	Concepção sobre aprendizagem de futebol			Total
	Escolinhas	várzeas	Inato/nasce sabendo jogar	
Juvenil	7	5	8	20
	35,0%	25,0%	40,0%	100,0%
	38,9%	45,5%	29,6%	35,7%
Júnior	3	3	14	20
	15,0%	15,0%	70,0%	100,0%
	16,7%	27,3%	51,9%	35,7%
Profissional	8	3	5	16
	50,0%	18,8%	31,3%	100,0%
	44,4%	27,3%	18,5%	28,6%
Total	18	11	27	56
	32,1%	19,6%	48,2%	100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 04: Aprendizagem de futebol \* Passagem por escolinha \* Período no SC Internacional

		Passou por escolinha de futebol?		Total
		Sim	Não	
Pré-Medi na	Escolinhas	6 100,0% 42,9%		6 100,0% 37,5%
	Peladas	2 100,0% 14,3%		2 100,0% 12,5%
	Inato	6 75,0% 42,9%	2 25,0% 100,0%	8 100,0% 50,0%
	<b>Total</b>	14 87,5% 100,0%	2 12,5% 100,0%	16 100,0% 100,0%
Medi na	Escolinhas	4 100,0% 36,4%		4 100,0% 26,7%
	Peladas	4 57,1% 36,4%	3 42,9% 75,0%	7 100,0% 46,7%
	Inato	3 75,0% 27,3%	1 25,0% 25,0%	4 100,0% 26,7%
	<b>Total</b>	11 73,3% 100,0%	4 26,7% 100,0%	15 100,0% 100,0%
Pós-Medi na	Escolinhas	5 71,4% 29,4%	2 28,6% 50,0%	7 100,0% 33,3%
	Peladas	1 100,0% 5,9%		1 100,0% 4,8%
	Inato	11 84,6% 64,7%	2 15,4% 50,0%	13 100,0% 61,9%
	<b>Total</b>	17 81,0% 100,0%	4 19,0% 100,0%	21 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 05: Categoria do Atleta \* Motivação Profissional

		Por quê deseja ser jogador de futebol?				Total	
		Enriquecer	Jogar na seleção brasileira	Incentivado pela família	Dom		NR
Categoria do Atleta	Juvenil	3 15,0% 25,0%	2 10,0% 33,3%	3 15,0% 37,5%	12 60,0% 42,9%	20 100,0% 35,7%	
	Júnior	3 15,0% 25,0%	2 10,0% 33,3%	3 15,0% 37,5%	10 50,0% 35,7%	2 10,0% 100,0%	20 100,0% 35,7%
	Profissional	6 37,5% 50,0%	2 12,5% 33,3%	2 12,5% 25,0%	6 37,5% 21,4%		16 100,0% 28,6%
Total		12 21,4% 100,0%	6 10,7% 100,0%	8 14,3% 100,0%	28 50,0% 100,0%	2 3,6% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 06: Categoria do Atleta \* Expectativa Profissional

		Expectativa profissional			Total	
		Se profissionalizar no inter	Jogar futebol no eixo Rio-São Paulo	Jogar na Seleção Brasileira		Jogar no exterior
Categoria do Atleta	Juvenil	13 65,0% 54,2%	2 10,0% 100,0%	3 15,0% 11,5%	2 10,0% 50,0%	20 100,0% 35,7%
	Júnior	11 55,0% 45,8%		8 40,0% 30,8%	1 5,0% 25,0%	20 100,0% 35,7%
	Profissional			15 93,8% 57,7%	1 6,3% 25,0%	16 100,0% 28,6%
Total		24 42,9% 100,0%	2 3,6% 100,0%	26 46,4% 100,0%	4 7,1% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 07: Níveis de Escolaridade \* Expectativa Profissional \* Escolinha de futebol**

		Expectativa Profissional			Total
		Profissionais do Inter - RS	Eixo Rio-SP/Exterior	Seleção Brasileira	
Sim	Até I Grau	4 50,0% 20,0%	1 12,5% 20,0%	3 37,5% 14,3%	8 100,0% 17,4%
	Até II Grau	16 43,2% 80,0%	4 10,8% 80,0%	17 45,9% 81,0%	37 100,0% 80,4%
	Até III Grau			1 100,0% 4,8%	1 100,0% 2,2%
	Total	20 43,5% 100,0%	5 10,9% 100,0%	21 45,7% 100,0%	46 100,0% 100,0%
Não	Até I Grau	2 66,7% 50,0%		1 33,3% 20,0%	3 100,0% 30,0%
	Até II Grau	2 33,3% 50,0%	1 16,7% 100,0%	3 50,0% 60,0%	6 100,0% 60,0%
	Até III Grau			1 100,0% 20,0%	1 100,0% 10,0%
	Total	4 40,0% 100,0%	1 10,0% 100,0%	5 50,0% 100,0%	10 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 08: Categoria e Mecanismo de Agenciamento**

	Agenciamento do atleta					Total
	Peneiras	Transferido /Comprado	Indicado por dirigentes/jogadores	Descoberto em várzeas	Indicação da família	
Juvenil	1 5,0% 12,5%	3 15,0% 16,7%	9 45,0% 50,0%	7 35,0% 63,6%		20 100,0% 35,7%
	3 15,0% 37,5%	6 30,0% 33,3%	7 35,0% 38,9%	3 15,0% 27,3%	1 5,0% 100,0%	20 100,0% 35,7%
Profissional	4 25,0% 50,0%	9 56,3% 50,0%	2 12,5% 11,1%	1 6,3% 9,1%		16 100,0% 28,6%
	8 14,3% 100,0%	18 32,1% 100,0%	18 32,1% 100,0%	11 19,6% 100,0%	1 1,8% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 09: Categoria - Critérios de seleção

	Qual o principal critério nas seleções?						Total
	Habilidade	Capacidade de técnica	Disposição para treinamento	Ter jogadores/técnicos/dirigentes ou empresários na família	Dom	Disciplinado, ter autocontrole	
Juvenil		2 10,0% 20,0%	1 5,0% 33,3%	1 5,0% 100,0%	6 30,0% 25,0%	10 50,0% 71,4%	20 100,0% 35,7%
Júnior	3 15,0% 75,0%	4 20,0% 40,0%	2 10,0% 66,7%		10 50,0% 41,7%	1 5,0% 7,1%	20 100,0% 35,7%
Profissional	1 6,3% 25,0%	4 25,0% 40,0%			8 50,0% 33,3%	3 18,8% 21,4%	16 100,0% 28,6%
Total	4 7,1% 100,0%	10 17,9% 100,0%	3 5,4% 100,0%	1 1,8% 100,0%	24 42,9% 100,0%	14 25,0% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 10: Categoria - Sacrifícios na Formação do Jogador de Futebol

	Qual o maior sacrifício na formação do jogador de futebol?			Total
	Treinamentos excessivos	Concentrações	Renunciar à vida pessoal	
Juvenil	5 25,0% 38,5%	11 55,0% 39,3%	4 20,0% 26,7%	20 100,0% 35,7%
Júnior	2 10,0% 15,4%	12 60,0% 42,9%	6 30,0% 40,0%	20 100,0% 35,7%
Profissional	6 37,5% 46,2%	5 31,3% 17,9%	5 31,3% 33,3%	16 100,0% 28,6%
Total	13 23,2% 100,0%	28 50,0% 100,0%	15 26,8% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 11: Categoria - Punições**

	Qual a maior punição aplicada ao jogador de futebol?				Total
	Desconto/multa em parte do salário	Afastamento do grupo	Banco de reservas	Proibição de sair à noite	
Juvenil	3	12	4	1	20
	15,0%	60,0%	20,0%	5,0%	100,0%
	20,0%	42,9%	36,4%	50,0%	35,7%
Júnior	5	13	2		20
	25,0%	65,0%	10,0%		100,0%
	33,3%	46,4%	18,2%		35,7%
Profissional	7	3	5	1	16
	43,8%	18,8%	31,3%	6,3%	100,0%
	46,7%	10,7%	45,5%	50,0%	28,6%
Total	15	28	11	2	56
	26,8%	50,0%	19,6%	3,6%	100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Fonte:** Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 12: Escolinha de futebol \* Visão sobre o "Fim do Passe" \* Renda Familiar

Renda Familiar		Visão sobre o "Fim do Passe"			Total
		Liberdade de trabalho	Beneficia só jogadores famosos	Provoca desemprego	
Até 3 SM	Sim	3	3	6	12
		25,0%	25,0%	50,0%	100,0%
		42,9%	100,0%	75,0%	66,7%
	Não	4		2	6
		66,7%		33,3%	100,0%
		57,1%		25,0%	33,3%
Total	7	3	8	18	
	38,9%	16,7%	44,4%	100,0%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
4 a 6 SM	Sim	4	9	3	16
		25,0%	56,3%	18,8%	100,0%
		80,0%	100,0%	100,0%	94,1%
	Não	1			1
		100,0%			100,0%
		20,0%			5,9%
Total	5	9	3	17	
	29,4%	52,9%	17,6%	100,0%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
7 a 10 SM	Sim	6	1	3	10
		60,0%	10,0%	30,0%	100,0%
		66,7%	100,0%	100,0%	76,9%
	Não	3			3
		100,0%			100,0%
		33,3%			23,1%
Total	9	1	3	13	
	69,2%	7,7%	23,1%	100,0%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
Mais de 10 SM	Sim	5	1	2	8
		62,5%	12,5%	25,0%	100,0%
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Total	5	1	2	8
62,5%		12,5%	25,0%	100,0%	
		100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 13: Categoria - Concepção sobre o Fim do Passe

	Como avalia o fim do passe?				Total
	Liberdade	Beneficiará somente jogadores famosos	Provoca desemprego	É o fim de uma garantia de emprego, porém ganho de autonomia	
Juvenil	6 30,0% 23,1%	8 40,0% 57,1%	1 5,0% 50,0%	5 25,0% 35,7%	20 100,0% 35,7%
Júnior	9 45,0% 34,6%	4 20,0% 28,6%		7 35,0% 50,0%	20 100,0% 35,7%
Profissional	11 68,8% 42,3%	2 12,5% 14,3%	1 6,3% 50,0%	2 12,5% 14,3%	16 100,0% 28,6%
Total	26 46,4% 100,0%	14 25,0% 100,0%	2 3,6% 100,0%	14 25,0% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 14: Categoria - Modelos de Treinamento no SC Internacional

	Qual a diferença entre os modelos de treinamentos do Inter em relação aos clubes onde passou?			Total
	Em outros clubes os treinos são apenas práticos	No Inter o jogador recebe formação ampla, treinos com têm base científica	Nenhuma, os clubes usam os mesmos modelos de treino	
Juvenil		17 85,0% 44,7%	3 15,0% 20,0%	20 100,0% 35,7%
Júnior	1 5,0% 33,3%	16 80,0% 42,1%	3 15,0% 20,0%	20 100,0% 35,7%
Profissional	2 12,5% 66,7%	5 31,3% 13,2%	9 56,3% 60,0%	16 100,0% 28,6%
Total	3 5,4% 100,0%	38 67,9% 100,0%	15 26,8% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 15: A Nova estrutura do departamento de Futebol do SC Internacional

	O que é mais importante na nova estrutura do Departamento de Futebol?						Total
	Centro de informática	Cine-vídeo	Psicologia	Serviço social	Gravação dos treinos	Treinos com paredão metálico e com cesta	
Juvenil			2 10,5% 18,2%	8 42,1% 47,1%	3 15,8% 42,9%	6 31,6% 42,9%	19 100,0% 34,5%
Júnior	3 15,0% 75,0%		4 20,0% 36,4%	7 35,0% 41,2%	3 15,0% 42,9%	3 15,0% 21,4%	20 100,0% 36,4%
Profissional	1 6,3% 25,0%	2 12,5% 100,0%	5 31,3% 45,5%	2 12,5% 11,8%	1 6,3% 14,3%	5 31,3% 35,7%	16 100,0% 29,1%
Total	4 7,3% 100,0%	2 3,6% 100,0%	11 20,0% 100,0%	17 30,9% 100,0%	7 12,7% 100,0%	14 25,5% 100,0%	55 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

TABELA 16: Resultados do Projeto Globalista de Modernização do Futebol

	O que melhor funcionou?						Total
	Melhorou o técnico/tático/físico/emocional	Nada acrescentou	Formação global/auxílio extra-campo	Não houve sequência	NS	NR	
Juvenil	14 70,0% 50,0%		4 20,0% 36,4%		1 5,0% 20,0%	1 5,0% 10,0%	20 100,0% 35,7%
Júnior	8 40,0% 28,6%	1 5,0% 100,0%	2 10,0% 18,2%	1 5,0% 100,0%	2 10,0% 40,0%	6 30,0% 60,0%	20 100,0% 35,7%
Profissional	6 37,5% 21,4%		5 31,3% 45,5%		2 12,5% 40,0%	3 18,8% 30,0%	16 100,0% 28,6%
Total	28 50,0% 100,0%	1 1,8% 100,0%	11 19,6% 100,0%	1 1,8% 100,0%	5 8,9% 100%	10 17,9% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 17: Aspectos mais importantes da Modernização do Futebol no SC Internacional Pós- 1997**

	O que mais agrada no trabalho proposto por Medina?					Total
	Participação do atleta na dedinição do esquema de jogo	Treinos menos puxados/pesados	Palestras e serviço de psicologia	Vídeos	NR	
Juvenil	7 35,0% 28,0%	1 5,0% 20,0%	12 60,0% 60,0%			20 100,0% 35,7%
Júnior	10 50,0% 40,0%	1 5,0% 20,0%	4 20,0% 20,0%	3 15,0% 75,0%	2 10,0% 100%	20 100,0% 35,7%
Profissional	8 50,0% 32,0%	3 18,8% 60,0%	4 25,0% 20,0%	1 6,3% 25,0%		16 100,0% 28,6%
Total	25 44,6% 100,0%	5 8,9% 100,0%	20 35,7% 100,0%	4 7,1% 100,0%	2 3,6% 100%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 18: Concepção dos Atletas sobre "Dom" e "Aprendizagem" no SC Internacional**

	Destes elementos, qual o mais valorizado no Inter?			Total
	Dom	Disciplina mento/Pre paração física	Técnica	
Juvenil	2 10,0% 16,7%	15 75,0% 39,5%	3 15,0% 50,0%	20 100,0% 35,7%
Júnior	4 20,0% 33,3%	14 70,0% 36,8%	2 10,0% 33,3%	20 100,0% 35,7%
Profissional	6 37,5% 50,0%	9 56,3% 23,7%	1 6,3% 16,7%	16 100,0% 28,6%
Total	12 21,4% 100,0%	38 67,9% 100,0%	6 10,7% 100,0%	56 100,0% 100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo – 2002.

**TABELA 19: Categoria e Marca do SC Internacional no Futebol Brasileiro**

	Quais os traços que melhor caracterizam o SC Inter-RS			Total
	"Raça"	Força	Disciplina	
Juvenil	15	3	2	20
	75,0%	15,0%	10,0%	100,0%
	38,5%	42,9%	20,0%	35,7%
Júnior	18	2		20
	90,0%	10,0%		100,0%
	46,2%	28,6%		35,7%
Profissional	6	2	8	16
	37,5%	12,5%	50,0%	100,0%
	15,4%	28,6%	80,0%	28,6%
Total	39	7	10	56
	69,6%	12,5%	17,9%	100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Fonte:** Pesquisa de Campo – 2002.